

ISSN: 1676-6288

CADERNOS PROLAM / USP



BRAZILIAN JOURNAL OF LATIN AMERICAN STUDIES

VOL. 21, N. 42, SÃO PAULO, BRAZIL
JANUARY – JUNE 2022



USP



CADERNOS PROLAM / USP - BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

PUBLICADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - PROLAM/USP. VOL. 21, N. 42
(JAN-JUN. 2022).

SEMESTRAL- ISSN 1676-6288 - INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. 1- ESTUDOS LATINO-AMERICANOS CIÊNCIA
POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2- DIREITO. 3- ECONOMIA. 4-
GEOGRAFIA. 5- HISTÓRIA. 6- PSICOLOGIA. 7- SAÚDE COLETIVA. 8-
SOCIOLOGIA.

ISSN 1676-6288



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

42

JANUARY - JUNE 2022



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

Corpo Editorial

*Editorial Board
Cuerpo Editorial*

Editores Responsáveis - N. 40

*Editors of N. 40
Editores Responsables - N. 40*
Maria Clara de Oliveira
Universidade de Coimbra
Tiago Oliveira
Universidade de Coimbra

Editoras

Editors
Maria Cristina Cacciamali
Universidade de São Paulo
Vivian Urquidi
Universidade de São Paulo

Editores Associados

*Associate Editors
Editores Asociados*
Bernardo Mançano Fernandes
Universidade Estadual de São Paulo
Camilo Negri
Universidade de Brasília
Edwin Ricardo Pitre-Vásquez
Universidade Federal de Paraná
Eduardo Guedes Pereira
University of West Indies
Félix Pablo Friggeri
Universidade Federal da Integração Latino-americana
Franco de Matos
Universidade de Brasília
Joana Fátima Rodrigues
Universidade Federal de São Paulo
Júlio César Suzuki
Universidade de São Paulo
Lincoln Secco
Universidade de São Paulo
Lucilene Cury
Universidade de São Paulo
Marilene Proença Rebello de Souza
Universidade de São Paulo
Rafael Antonio Duarte Villa
Universidade de São Paulo
Sylvia Adriana Dobry
Universidade de São Paulo
Wagner Tadeu Iglecias
Universidade de São Paulo

Editores Honorários

*Honorary Editors
Editores Honorarios*
Sedi Hirano
Universidade de São Paulo
Emir Simão Sader
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Lígia Prado
Universidade de São Paulo
Afrânio Mendes Catani
Universidade de São Paulo
Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves
Universidade de São Paulo

Estagiário

Intern
Renan Dias da Silva
Marsol Oliveira Rocha
Universidade de São Paulo

Corpo Editorial Internacional

*International Advisory Board
Cuerpo Editorial Internacional*
Ana Esther Ceceña
Universidad Nacional Autónoma de México
Andrés Donoso Romo
Universidad Playa Grande
Angel Guillermo Quinteros
Universidad de Puerto Rico
Ariel Gómez Ponce
Universidad Playa Grande
Elissa Loraine Lister Brugal
Universidade Nacional de Colombia
Enrique E. Shaw
Universidad de Córdoba
Guillermo Beatón
Universidad de la Habana
Inés María Fernández Mouján
Universidad Nacional de Mar del Plata
Jhon Williams Montoya
Universidad Nacional de Colombia
Juan Bello Domínguez
Universidad Pedagógica Nacional
Luis Carlos Jiménez Reyes
Universidad Nacional de Colombia
Nohora Inés Carvajal Sanchez
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia
Nohra Leon Rodriguez
Universidad Nacional de Colombia
Octavio Quesada García
Universidade Autónoma de México
Pablo Rocca
Universidad de la República
Raúl Bernal-Meza
Universidades Nacional del Centro
Tício Escobar
Centro de Artes Visuales
Vincent Gouéset
Université Rennes 2
Wladimir Mejía Ayala
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Editores Assistentes

*Assistant Editors
Asistentes Editoriales*
Bruno Massola Moda
Gabriel Galdino
Maria Medeiros Palazzo Rolim
Vanessa Silva
Giovanna Fidelis
Daniel Cajarville
Andréa Rosendo da Silva
Gabriela Beraldo Rodriguez
Paloma Gerzeli Pitre
Mayã Martins Correia
Marcelly Machado Cruz
Graziela Tavares de Souza Reis
Gabriele Tres Maniezo
Lisandra Marcela Oliveira da Silva
Leonardo Simões Agapito
Leandro Fontes Corrêa
Deise dos Santos Oliveira
Letícia Mourad Lobo Leite
Lucas Cotosck Lara
Helena Sabino Rodrigues Cunha
Fabiana Oliveira
Karen Marcello
Isabela Furegatti Corrêa
Ygor Pierry Piemonte Ditão
Ana Paula Dias
Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** é uma revista especializada em difundir estudos sobre a América Latina. Criada em 2002 pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), na fase inicial a ***BJLAS*** teve o objetivo de favorecer o ambiente de integração regional com publicações neste âmbito do conhecimento. Com o passar dos anos, o periódico ampliou seu universo disciplinar e hoje divulga produções científicas de nível de pós-graduação nos diversos campos das humanidades, das artes e das ciências sociais.

Para garantir o foco das publicações da Revista, os editores da ***BJLAS*** têm priorizado temáticas de impacto regional para a América Latina e trabalhos com metodologias comparativas sobre dois ou mais países deste continente. O propósito é que as publicações contribuam de modo significativo para o avanço dos conhecimentos sobre a América Latina e para a divulgação do que se produz nos diversos centros de pesquisa sobre a região, articulando assim a pluralidade de perspectivas teóricas, de linhas de pesquisa e de possibilidade de interpretação.

Tais são as motivações da linha editorial da ***BJLAS*** que incentiva seus autores a realizar análises sobre tópicos transversais em questões sociais, políticas, culturais, econômicas, jurídicas, históricas e artísticas com abordagens transdisciplinares. Por fim, a ***BJLAS*** estimula seus autores a publicar não apenas Artigos, mas também Resenhas Críticas sobre livros recentes ou de grandes obras de pensadores clássicos da América Latina, assim como Críticas de Arte e Ensaios de interpretação da realidade regional.

PRESENTACIÓN

Versión en español

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** es una revista especializada en difundir estudios sobre América Latina. Creada en 2002 por el Programa de Posgrado de Integración en América Latina (PROLAM / USP), en la fase inicial la ***BJLAS*** tuvo como objetivo favorecer el entorno de integración regional con publicaciones en este campo del conocimiento. Con los años, la revista ha expandido su universo disciplinario y hoy publica producciones científicas de posgrado en los diversos campos de las humanidades, las artes y las ciencias sociales.

Para salvaguardar la propuesta de las publicaciones de la Revista, los editores de ***BJLAS*** priorizan los temas de impacto regional para América Latina y trabajos con metodologías comparativas sobre dos o más países de este continente. El propósito es que las publicaciones contribuyan significativamente al avance del conocimiento sobre América Latina y a la difusión de lo que se produce en los diversos centros de investigación de la región, articulando así la pluralidad de perspectivas teóricas, líneas de investigación y posibilidad de interpretación.

Con tales motivaciones editoriales, la ***BJLAS*** alienta a sus autores a realizar análisis sobre asuntos transversales en temas sociales, políticos, culturales, económicos, jurídicos, históricos y artísticos con enfoques transdisciplinarios. Finalmente, a ***BJLAS*** estimula que a sus autores publiquen no solo Artículos, sino también Reseñas críticas de libros recientes o de grandes obras de pensadores clásicos de América Latina, así como Críticas de arte y Ensayos de interpretación de la realidad regional.

PRESENTATION

English version

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** is a journal specialized in disseminating studies on Latin America. Created in 2002 by the Latin America's Integration Graduate Program – Prolam/USP, in the initial phase ***BJLAS*** aimed to promote the environment of regional integration with publications in this field of knowledge. Over the years, the journal has expanded its disciplinary universe and today publishes graduate scientific productions in the different fields of the humanities, arts and social sciences.

To ensure the focus of the journal's publications, ***BJLAS*** editors have prioritized issues of regional impact for Latin America and works with comparative methodologies on two or more countries of the continent. The purpose is that these publications contribute significantly to the advancement of knowledge about Latin America and to the dissemination of what is produced in the various research centers on the region, thus articulating the plurality of theoretical perspectives, research lines and alternative ways of interpretation.

Such are the motivations of the ***BJLAS*** editorial line that encourages authors to carry out analyzes on cross-cutting approaches on social, political, cultural, economic, legal, historical and artistic issues with transdisciplinary perspectives. Finally, ***BJLAS*** stimulates authors to publish not only Articles, but also Critical Reviews of recent books or of great works by classical thinkers from Latin America, as well as Art Critics and Essays to interpret regional reality.

Editoras ***Editoras***

Maria Cristina Cacciamali 
Universidade de São Paulo

Vivian Urquidi 
Universidade de São Paulo

Editores convidados ***Guest Editors***

Lúcio Fernando Oliver Costilla 
Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo 
Universidad Javeriana de Colombia

Por uma integração descolonizada (Carta às leitoras e aos leitores)

Por una integración descolonizada (Carta a los y los lectores)

For a decolonized integration (Letter to the readers)

Vivian Urquidí

Maria Cristina Cacciamali

Bruno Massola Moda

01

Cultura e integração regional: caminhos para pensar a descolonização do poder na América Latina

Cultura e integración regional: caminos para pensar la descolonización del poder en América Latina

Culture and regional integration: paths to think about the decolonization of power in Latin America

Valéria Graziano

Lia Calabre

Mónica Guariglio

16

La banda sonora del conflicto en Colombia: reconstruyendo la historia a partir de la música de sus juventudes

A trilha sonora do conflito na Colômbia: reconstruindo a história a partir da música de suas juventudes

The soundtrack of the conflict in Colombia: reconstructing history from the music of their youth

Andrea del Pilar Lozano Bohórquez

37

La lucha no es por el poder, sino un llamado a la organización de los pueblos: María de Jesús Patricia Martínez, primera mujer indígena por la candidatura presidencial en México

A luta não é pelo poder, mas um chamado à organização dos povos: María de Jesús Patricia Martínez, primeira mulher indígena para a candidatura presidencial no México

The struggle is not for power, but a call to the organization of the peoples. María de Jesús Patricia Martínez, first indigenous woman for the presidential candidacy in Mexico

Waldo Lao Fuentes Sánchez

63

Memórias da escuridão: caminhos da mineração de um Schindler na Bolívia

Memorias oscuras: caminos mineros de un Schindler en Bolivia

Dark memories: mining paths of a Schindler in Bolivia

Ana Carla Barros Sobreira

86

Aspectos de la migración siria en Argentina: análisis según el modelo teórico-analítico para la lingüística de la migración de Eva Gugenberger

Aspectos da migração síria para a Argentina: análise segundo o modelo teórico-analítico de Eva Gugenberger para a linguística da migração

Aspects of syrian migration in Argentina: analysis according to Eva Gugenberger's theoretical-analytical model for the linguistics of migration

Carolina Y. Andrada-Zurita

111

A Política externa do programa CBERS nos governos Dilma e Bolsonaro

La política exterior del programa CBERS en los gobiernos de Dilma y Bolsonaro

The foreign policy of the CBERS program in the governments of Dilma and Bolsonaro

Matheus Marculino dos Santos

129

O lugar da cultura na integração regional sul-americana: uma análise do MERCOSUL cultural no contexto do regionalismo pós-liberal

El lugar de la cultura en la integración regional sudamericana: un análisis del MERCOSUR cultural en el contexto del regionalismo posliberal

The place of culture in south american regional integration: an analysis of MERCOSUR cultural in the context of post-liberal regionalism

Valéria Teixeira Graziano

Mónica Guariglio

151

A cultura no MERCOSUL: análise dos desdobramentos das cúpulas sociais nas reuniões de ministros da cultura (2006-2015)

La cultura en el MERCOSUR: análisis de los desdoblamientos de las cumbres sociales en las reuniones de ministros de cultura (2006-2015)

The culture in MERCOSUR: an analysis of the developments of the mercosur social summits in the meetings of ministers of culture (2006-2015)

Maria Camila Osorio Ortiz

Tereza Maria Spyer Dulci

Yaskara Weit Urruth

177

A cultura na agenda da CELAC a partir de uma perspectiva teórica descolonizadora

La cultura en la agenda de la CELAC a partir de una perspectiva teórica descolonizadora

Culture on CELAC's agenda from a decolonizing theoretical perspective

Carolina Albuquerque Silva

203

Circulación de personas y patrimonio cultural en el MERCOSUR como dimensiones para la consolidación de una comunidad regional

Circulação de pessoas e patrimônio cultural no MERCOSUL como dimensões para a consolidação de uma comunidade regional

Circulation of people and cultural heritage in MERCOSUR as dimensions for the consolidation of a regional community

Giulia Barão

Marysol Rodríguez

228

La politización de lo étnico: las culturas indígenas del Abya Yala como base de la superación del capitalismo

A politização do étnico: as culturas indígenas do Abya Yala como base para a superação do capitalismo

The politicization of the ethnic: Abya Yala indigenous cultures as the basis for overcoming capitalism

Felix Pablo Friggeri

266

Riqueza e desafios das políticas públicas de cultura: o programa Cultura Viva e os diálogos com a América Latina

Riqueza y retos de las políticas públicas de cultura: programa Cultura Viva y diálogos con América Latina

Wealth and challenges of culture public policy- the Cultura Viva program and dialogues with Latin America

Lia Calabre

289

Entrevistas / Conferência

Interviews

/ Conference

O papel das políticas culturais no projeto de integração regional dos governos progressistas do século XXI: alcances, limites e horizontes

315

El rol de las políticas culturales en el proyecto de integración regional de los gobiernos progresistas del siglo XXI: alcances, límites y horizontes

The role of cultural policies in the 21st century progressive governments' regional integration project: scope, limits and horizons

Raihana Falleiros

Rede latino-americana de teatro em comunidade: reflexões sobre cultura viva comunitária e integração regional contra-hegemônica na América Latina entrevista - Adriano Mauriz, Edith Scher e Luis Vasquez

336

Red latinoamericana de teatro en comunidad: reflexiones sobre cultura viva comunitaria e integración regional contrahegemónica en América Latina entrevista - Adriano Mauriz, Edith Scher y Luis Vasquez

Latin American network of community theater: reflections on community living culture and counter-hegemonic regional integration in Latin America interview - Adriano Mauriz, Edith Scher and Luis Vasquez

Eduardo Salles Ulian

Valéria Teixeira Graziano

Conferencia de David Choquehuanca Céspedes en el Primer Conversatorio del Curso de Posgrado y Extensión Universitaria Migración, Territorio y Derechos Humanos en tiempos de incertidumbre: una mirada desde los sistemas complejos, 1 de julio de 2020

363

Conferência de David Choquehuanca Céspedes no Primeiro Diálogo do Curso de Pós-Graduação e Extensão Universitária Migração, Território e Direitos Humanos em tempos de incerteza: um olhar a partir de sistemas complexos, 1º de julho de 2020

Conference by David Choquehuanca Céspedes in the First Conversation of the Postgraduate Course and University Extension on Migration, Territory and Human Rights in times of uncertainty: a look from complex systems, July 1, 2020

Rodrigo Ávila Huidobro

RESENHA / Book Review / Reseña

La memoria utópica del Inca Garcilaso

386

A memória utópica do Inca Garcilaso

The utopian memory of Inca Garcilaso

Edwin Cruz Rodríguez

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Por uma integração descolonizada Carta às leitoras e aos leitores

A **Brazilian Journal of Latin American Studies** tem o prazer de apresentar sua edição 42 com novidades no conteúdo e na proposta editorial. Além dos artigos e das resenhas semestrais que oferecem análises e interpretações sobre a América Latina e o Caribe nos diversos campos das ciências sociais e humanidades, esta nova edição da **BJLAS** inclui um bloco temático de artigos sobre **Relações Internacionais e Cultura**, além de entrevistas e, inclusive, uma Conferência magistral sobre o tema.

Deste modo, a **BJLAS** abre espaço para novos formatos de análises e diálogos transversais de saberes, harmonizando-nos com os desafios da descolonização epistêmica.

Na edição 42 da **BJLAS**, a Cultura é levada ao debate Político entre os Estados da região e é transformada em estratégia de diálogo entre os países que buscam um modo particular de solidariedade e de maior autonomia regional. Para tal, o cenário dos artigos apresentados é dos

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. *E-mail:* vurquidi@usp.br

² Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidad de Nueva México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programas de Pós-graduação Integração da América Latina *E-mail:* cciamali@uol.com.br

³ Doutorando pelo Programas de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. *E-mail:* bruno.moda@hotmail.com

governos progressistas latino-americanos – a ‘*onda rosa*’ - das primeiras décadas do século XXI.

Neste desafio, a **BJLAS** contou com a colaboração de três pesquisadoras do campo das relações internacionais e da cultura, a doutora em História, Lia Calabre, da *Universidade Federal Fluminense* (Brasil), a doutoranda em relações internacionais Valéria Teixeira Graziano, da *Universidade de Salamanca* (Espanha), e a graduada em Direito, Mónica Guariglio, da *Universidade de Buenos Aires*. As pesquisadoras propõem um desafio central para as relações internacionais, qual seja discutir “[Cultura e Integração Regional: caminhos para pensar a descolonização do poder na América Latina](#)”. Nas palavras das pesquisadoras,

[e]mbora a cultura e a diversidade cultural tenham sido incorporadas como princípios orientadores de projetos regionais nas mais distintas áreas, a não ruptura com o modelo de desenvolvimento historicamente adotado nos projetos de integração regional - baseado na ideia de progresso econômico e na exploração infinita da natureza e da vida, assim como a incorporação acrítica de discursos e concepções hegemônicas que permeiam a cooperação internacional - resultou em continuada violência contra povos indígenas, camponeses e comunidades tradicionais e, conseqüentemente, na exclusão dos povos, saberes e cosmovisões diversos dos projetos de integração.

A **BJLAS** assume neste número 42, o desafio de pensar a integração regional a partir da cultura, em que esta atua como uma arma consistente contra a herança colonial e o neoliberalismo.

Depois dos textos do bloco temático, e em harmonia com o propósito de fazer dialogar a política e a cultura, a **BJLAS** traz um segundo conjunto de artigos que completam esta edição com experiências locais, porém com relevância regional. Trata-se de experiências que advêm do México, da Colômbia, da Argentina e da Bolívia, atestando quanto a força material e espiritual das culturas está nas bases das resistências silenciosas e dos grandes *estallidos* sociais.

Em “**A trilha sonora do conflito na Colômbia: reconstruindo a história a partir da música de suas juventudes**”, Andrea del Pilar Lozano Bohórquez, licenciada em Relações Internacionais e mestre em Estudos

Culturais pela *Universidad de Rosario (Argentina)*, reconstrói a história política - e conflitiva - da Colômbia a partir da música de suas juventudes. A memória auditiva da autora se remonta aos anos 1940, com a música camponesa que anuncia o início da *Violência bipartidista*, e termina em 2021, quando uma explosão de ritmos e estilos musicais, ouvidos nas ruas durante as manifestações do Paro Nacional, cria o cenário triunfal do Pacto Histórico.

A mobilização política nascida no *México Profundo* é o cenário do artigo **“A luta não é pelo poder, mas um chamado à organização dos povos. María de Jesús Patricia Martínez, primeira mulher indígena para a candidatura presidencial no México”**. Esta análise retrata a organização histórica dos povos indígenas mexicanos e suas tentativas por vencer os empecilhos para consolidar, inicialmente, suas autonomias e, agora, uma candidatura indígena, sob o comando de Marichuy, uma mulher zapatista. O artigo é do antropólogo Waldo Lao Fuentes Sánchez, doutor pelo *Programa de Pós-graduação Integração da América Latina da USP (Brasil)*. No texto, o autor entrelaça os relatos e as descrições de tentativas frustradas por vencer a formalidade legal da democracia liberal, por uma lado, e por outro oferece testemunhos vivos da criatividade, da dignidade e da postura ética das organizações indígenas, e sua disposição autonomista contra as barreiras de nossos modelos de democracia.

Da seara das migrações surge o registro original do próximo artigo, em **“Memórias da escuridão: caminhos da mineração de um Schindler na Bolívia”** da doutoranda em Linguística, Ana Carla Barros Sobreira, da *Universidade Estadual de Campinas (Brasil)*. A autora retrata as histórias ocultas e as figuras não visíveis, mas presentes, na narrativa escrita e nas imagens fotográficas de Mauricio Hochschild, um dos magnatas da mineração na Bolívia pré-revolucionária. Nas intersecções das linguagens expostas num museu ferroviário nos Andes, a autora analisa o modo sutil como o empresário teria protegido judeus exilados e fugitivos dos horrores do nazismo alemão, entre os anos de 1938 e 1939. A pesquisadora enriquece

o artigo com ilustrações fotográficas próprias de seu percurso particular e único na memória dessas trevas.

Também a partir do campo da linguística e dos estudos migratórios vem o trabalho sobre a imigração síria para a Argentina, fenômeno registrado entre os anos de 2011-2020. O desafio deste artigo é principalmente epistêmico: **“Aspectos da migração síria para a Argentina: análise segundo o modelo teórico-analítico de Eva Gugenberger para a linguística da migração”** é uma aposta intelectual de interpretar os dilemas culturais e linguísticos que envolvem a chegada de imigrantes de civilizações distintas à da região. O caso estudado, dos sírios na Argentina da última década, expõe não apenas um drama político e humanitário atual nas relações internacionais, como oferece bases sólidas para estudos novos sobre as migrações em diálogo com a sociolinguística e a cultura. O estudo foi realizado por Carolina Y. Andrada-Zurita, pesquisadora da *Universidad de Rosario* (Argentina)

O último artigo deste número sobre cultura e integração regional é do mestrando em Relações Internacionais, Matheus Marculino dos Santos, da *Universidade de Rio de Janeiro*. No estudo sobre **“A política externa do Programa CBERS nos governos Dilma e Bolsonaro”**, o pesquisador habilmente analisa e compara dois momentos da política externa do Brasil, a partir das políticas para tecnologia espacial dos governos Dilma Rousseff e Jair Bolsonaro, para construir a segunda geração dos satélites CBERS (*China-Brazil Earth-Resources Satellite*). A análise aponta as principais implicações políticas e econômicas do projeto em cada mandato, e as estratégias realistas adotadas pelos governos para cumprir os acordos firmados com a China.

Com a certeza de que as provocações dos nossos autores trarão contribuições para os modos de pensar a América Latina e o Caribe, queremos dar ocasião agora para que as leitoras e os leitores da **BJLAS** acompanhem as palavras das organizadoras deste espaço temático sobre

Cultura e Integração Regional: Caminhos para pensar a Descolonização do Poder na América Latina.

Antes porém de finalizarmos, propomos uma viagem para a quimera e ilusão do *Buen Gobierno* pela leitura da resenha do livro “**La memoria utópica del Inca Garcilaso**”. O livro resenhado é do filósofo franco-colombiano Alfredo Gómez-Muller, e é apresentado pelo cientista político Edwin Cruz Rodríguez da *Universidad Nacional de Colombia*. Com as memórias do Inca Garcilaso de la Vega, encerramos uma edição que coloca a Cultura como componente central da Política, com suas expectativas, seu vanguardismo, suas frustrações, ousadias e a reinvenção constante de suas utopias.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199757](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199757)


Recebido em: 02/07/20222

Aprovado em: 02/07/20222

Publicado em: 03/07/20222

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Por una integración descolonizada

Carta a los y los lectores

La **Brazilian Journal of Latin American Studies** se complace en presentar su 42^a edición con nuevos contenidos y propuesta editorial. Además de los artículos y las reseñas semestrales que ofrecen análisis e interpretaciones sobre América Latina y el Caribe en los diversos campos de las ciencias sociales y las humanidades, esta nueva edición de la **BJLAS** también incluye un bloque temático de artículos sobre **Relaciones Internacionales y Cultura**, así como entrevistas y una Conferencia magistral sobre el tema.

De esta forma, la **BJLAS** abre espacio para nuevos formatos de análisis y diálogos transversales de saberes, armonizándonos con los desafíos de la descolonización epistémica.

En la 42^o edición de la **BJLAS**, la Cultura se lleva al debate Político entre los Estados de la región y se transforma en una estrategia de diálogo entre países que buscan una forma particular de solidaridad y mayor autonomía regional. Para ello, el escenario de los artículos presentados es el

¹ Doctora en Sociología por la Universidade de São Paulo y Postdoctora en el Centro de Estudos Sociais de la Universidade de Coimbra. Es profesora adjunta de la Universidade de São Paulo en el Curso de Gestão de Políticas Públicas y en los Programas de Postgrado Integración de América Latina, y de Estudios Culturales. E-mail: vurquidi@usp.br

² Doctora en Economía por la Universidade de São Paulo y Postdoctora en el Instituto de Tecnología de Massachusetts y en la Universidad de Nueva México. Es profesora titular de la Universidade de São Paulo en la Facultad de Economía y Administración, y en el Programa de Postgrado Integración de América Latina. E-mail: cciamali@uol.com.br

³ Investigador de Doctorado en el Programa de Postgrado Integración de América Latina de la Universidade de São Paulo. E-mail: bruno.moda@hotmail.com

de los gobiernos progresistas latinoamericanos -la 'ola rosa'- de las primeras décadas del siglo XXI.

En este desafío, la **BJLAS** contó con la colaboración de tres investigadores en el campo de las relaciones internacionales y la cultura, la doctora en Historia, Lia Calabre, de la *Universidad Federal Fluminense (Brasil)*, la investigadora de doctorado en relaciones internacionales Valéria Teixeira Graziano, de la *Universidad de Salamanca (España)*, y la Licenciada en Derecho, Mónica Guariglio, de la *Universidad de Buenos Aires*. Los investigadores proponen un desafío central para las relaciones internacionales, que es discutir “**Cultura e Integración Regional: formas de pensar la descolonización del poder en América Latina**”. En palabras de las investigadoras,

[s]i bien la cultura y la diversidad cultural han sido incorporadas como principios rectores de los proyectos regionales en las más diversas áreas, al no romperse con el modelo de desarrollo adoptado históricamente en los proyectos de integración regional - basado en la idea del progreso económico y la explotación infinita de la naturaleza y de la vida, así como la incorporación acrítica de discursos y concepciones hegemónicas que permean la cooperación internacional - se redundó en la continuación de las violencias contra los pueblos indígenas, campesinos y comunidades tradicionales y, en consecuencia, en la exclusión de los diferentes pueblos, saberes y cosmovisiones de los proyectos de integración.

En la edición 42, la **BJLAS** asume el desafío de pensar la integración regional desde la cultura como arma consistente contra la herencia colonial y el neoliberalismo.

Luego de los textos de este bloque temático, y en sintonía con el propósito de generar un diálogo entre política y cultura, la **BJLAS** trae un segundo conjunto de artículos que completan esta edición con experiencias locales, cuya relevancia es regional. Son experiencias que vienen de México, Colombia, Argentina y Bolivia, que dan fe de cuánto la fuerza material y espiritual de las culturas está en la base de la resistencia silenciosa y de los grandes *estallidos* sociales.

En “***La banda sonora del conflicto en Colombia: reconstruyendo la historia a partir de la música de sus juventudes***”, Andrea del Pilar Lozano Bohórquez, Licenciada en Relaciones Internacionales y Magíster en Estudios

Culturales por la *Universidad de Rosario (Argentina)*, reconstruye la historia política - y conflictiva- de Colombia desde la música de su juventud. La memoria auditiva de la autora se remonta a la década de 1940, con música campesina que presagia el inicio de la *Violencia bipartidista*, y finaliza en 2021, cuando una explosión de ritmos y estilos musicales, escuchados en las calles durante las manifestaciones del Paro Nacional, crea el escenario del triunfo del Pacto Histórico.

La movilización política nacida en el *México Profundo* es escenario del artículo "***La lucha no es por el poder, sino un llamado a la organización de los pueblos. María de Jesús Patricia Martínez, primera mujer indígena por la candidatura presidencial en México***". Este análisis retrata la organización histórica de los pueblos indígenas mexicanos y sus intentos de superar los obstáculos para consolidar inicialmente su autonomía y, ahora, una candidatura indígena, bajo el mando de Marichuy, una mujer zapatista. El artículo es del antropólogo Waldo Lao Fuentes Sánchez, doctor por el *Programa de Posgrado en Integración de América Latina de la USP (Brasil)*. En el texto, el autor entretiene relatos y las descripciones de intentos fallidos por superar las formalidades legales de la democracia liberal, por un lado, y por otro, ofrece testimonios vivos de la creatividad, dignidad y postura ética de las organizaciones indígenas, y su disposición autónoma, frente a las barreras de nuestros modelos de democracia.

Del área de las migraciones surge el registro original del próximo artículo, en "***Memorias oscuras: caminos mineros de un Schindler en Bolivia***" de la investigadora de doctorado en Lingüística, Ana Carla Barros Sobreira, de la *Universidad Estadual de Campinas (Brasil)*. La autora retrata las historias ocultas y las figuras no visibles, pero presentes, en la narrativa escrita y en las imágenes fotográficas de Mauricio Hochschild, uno de los magnates mineros de la Bolivia prerrevolucionaria. En la intersección de lenguajes expuestos en un museo ferroviario andino, el autor analiza la forma sutil en que el empresario habría protegido a judíos exiliados y fugitivos de los horrores del nazismo alemán, entre 1938 y 1939. El investigador enriquece el

artículo con ilustraciones fotográficas de su camino particular y único en estos recuerdos de las tinieblas.

También desde el campo de la lingüísticos y de los estudios migratorios surge el trabajo sobre la inmigración siria para Argentina, fenómeno registrado entre los años 2011-2020. El desafío de este artículo es principalmente epistémico: “**Aspectos de la migración siria en Argentina: análisis según el modelo teórico-analítico para la lingüística de la migración de Eva Gugenberger**” es una apuesta intelectual para interpretar los dilemas culturales y lingüísticos que involucran la llegada de inmigrantes de diferentes civilizaciones a la región. El caso estudiado, de los sirios en Argentina en la última década, no solo expone un drama político e humanitario actual en las relaciones internacionales, sino que ofrece bases sólidas para nuevos estudios sobre la migración en diálogo con la sociolingüística y la cultura. El estudio fue realizado por Carolina Y. Andrada-Zurita, investigadora de la *Universidad Nacional de Rosario*.

El último artículo de esta edición sobre cultura e integración regional es del estudiante de Maestría en Relaciones Internacionales, Matheus Marculino dos Santos, de la *Universidad de Río de Janeiro*. En el estudio sobre “**La política exterior del Programa CBERS en los gobiernos de Dilma y Bolsonaro**”, la investigadora analiza y compara hábilmente dos momentos de la política exterior de Brasil, a partir de las políticas para tecnologías espaciales de los gobiernos de Dilma Rousseff y Jair Bolsonaro, para construir la segunda generación de satélites brasileños CBERS (*China-Brazil Earth-Resources Satellite*). El análisis señala las principales implicaciones políticas y económicas del proyecto en cada mandato, y las estrategias realistas adoptadas por los gobiernos para cumplir los acuerdos firmados con China.

Con la certeza de que las provocaciones de nuestros autores contribuirán en los modos de pensar en América Latina y el Caribe, queremos permitir ahora a las y los lectores de **BJLAS** que sigan las palabras de los organizadores de este número temático sobre **Cultura e Integración**

Regional: Caminos para pensar la Descolonización del Poder en América Latina.

Antes, sin embargo, proponemos un viaje a la quimera e ilusión del *Buen Gobierno* en la lectura de la reseña del libro “**La memoria utópica del Inca Garcilaso**”. El libro reseñado es del filósofo franco-colombiano Alfredo Gómez-Muller, y es presentado por el politólogo Edwin Cruz Rodríguez de la *Universidad Nacional de Colombia*. Con las memorias del Inca Garcilaso de la Vega finalizamos una edición que sitúa a la Cultura como componente central de la Política, con sus expectativas, su vanguardismo, sus frustraciones, osadías y la constante reinención de sus utopías.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199757](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199757)

Recebido em: 02/07/20222
Aprovado em: 02/07/20222
Publicado em: 03/07/20222



Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 
Universidade de São Paulo, Brasil

For a decolonized integration

Letter to the readers

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies*** is pleased to present its 42nd edition with new content and new editorial proposal. In addition to the articles and biannual reviews that offer analyzes and interpretations of Latin America and the Caribbean in the various fields of the social sciences and humanities, this new edition of the ***BJLAS*** includes a thematic block of articles on ***International Relations and Culture***, in addition to interviews and, including a magisterial Conference on the subject.

In this way, the ***BJLAS*** opens space for new formats of analysis and transversal dialogues of knowledge, harmonizing us with the challenges of epistemic decolonization.

In the 42nd edition of the ***BJLAS***, Culture is brought to the political debate between the States of the region and is transformed into a strategy for dialogue between countries that seek a particular form of solidarity and greater regional autonomy. To this end, the scenario of the articles

¹ PhD in Sociology from the University of São Paulo and Post-doctorate at the Center for Social Studies of the University of Coimbra. She is Associate Professor at the University of São Paulo in the Public Policy Management Course and in the Postgraduate Latin American Integration and Cultural Studies Programs. E-mail: vurquidi@usp.br

² PhD in Economics from the University of São Paulo and Post-doctorate at the Massachusetts Institute of Technology and at the Universidad de Nueva México. She is a Full Professor at the University of São Paulo at the Faculty of Economics and Administration and at the Latin American Integration Postgraduate Programs. E-mail: cciamali@uol.com.br

³ PhD candidate at the Postgraduate Integration Programs in Latin America at the University of São Paulo. E-mail: bruno.moda@hotmail.com

presented is of progressive Latin American governments - the 'pink wave' - of the first decades of the 21st century.

In this challenge, **BJLAS** had the collaboration of three researchers in the field of international relations and of culture, the doctor in History, Lia Calabre, from the *Fluminense Federal University* (Brazil), the doctoral student in international relations Valéria Teixeira Graziano, from the *University of Salamanca* (Spain), and the law graduate, Mónica Guariglio, from the *University of Buenos Aires*. The researchers will propose a central challenge for international relations, which is to discuss “**Culture and Regional Integration: Paths to think about the Decolonization of Power in Latin America**”. In the words of the researchers,

[a]lthough culture and cultural diversity have been incorporated as guiding principles of regional projects in the most different areas, the non-break with the development model historically adopted in regional integration projects, based on the idea of economic progress and the infinite exploration of nature and of life, as well as the uncritical incorporation of hegemonic discourses and conceptions that permeate international cooperation, resulted in continued violence against indigenous peoples, peasants and traditional communities and, consequently, in the exclusion of different peoples, knowledge and cosmovision from integration projects.

In this edition, **BJLAS** takes on the challenge of thinking about regional Integration based on culture, in which culture acts as a consistent weapon against colonial heritage and neoliberalism.

After the texts of the thematic block, and in harmony with the purpose of making politics and culture dialogue, **BJLAS** brings a second set of articles that complete this edition with local experiences, but with regional relevance. These are experiences that come from Mexico, Colombia, Argentina and Bolivia, attesting to how much the material and spiritual force of cultures is at the basis of silent resistance and great social upheavals.

In “***The soundtrack of the conflict in Colombia: reconstructing history from the music of their youth***”, Andrea del Pilar Lozano Bohórquez, graduated in International Relations and Master in Cultural Studies from the *University of Rosario* (Argentina), reconstructs the political

- and conflictive – history of Colombia from the music of their youth. The author's auditory memory dates back to the 1940s, with peasant music that heralds the beginning of *Violencia bipartidaria* (*Bipartisan Violence*), and ends in 2021, when an explosion of rhythms and musical styles, heard in the streets during the demonstrations of Paro Nacional, creates the triumphal scenario of the Historic Pact.

The political mobilization born in *Mexico Profundo* (Deep Mexico) is the scenario for the article “***The struggle is not for power, but a call to the organization of the peoples. María de Jesús Patricia Martínez, first indigenous woman for the presidential candidacy in Mexico***”. This analysis portrays the historical organization of Mexican indigenous peoples and their attempts to overcome obstacles to initially consolidate their autonomy and, now, an indigenous candidacy, under the command of Marichuy, a Zapatista woman. The article is by the anthropologist Waldo Lao Fuentes Sánchez, PhD from the *Graduate Program in Latin America Integration at USP* (Brazil). In the text, the author interweaves the accounts and descriptions of failed attempts to overcome the legal formality of liberal democracy, on the one hand, and on the other hand, he offers living testimonies of the creativity, dignity and ethical posture of indigenous organizations, and their autonomous disposition against the barriers of our models of democracy.

From the area of migrations comes the original record of the next article, in “***Dark Memories: mining paths of a Schindler in Bolivia***” by the doctoral student in Linguistics, Ana Carla Barros Sobreira, from the *State University of Campinas* (Brazil). The author portrays the hidden stories and figures not visible, but present, in the written narrative and in the photographic images of Mauricio Hochschild, one of the mining magnates in pre-revolutionary Bolivia. In the intersections of languages exposed in a railway museum in the Andes, the author analyzes the subtle way in which the businessman would have protected exiled Jews and fugitives from the horrors of German Nazism, between 1938 and 1939. The researcher enriches

the article with photographic illustrations of her own particular and unique journey in the memory of this darkness.

Also from the field of linguistics and migration studies comes the work on Syrian immigration to Argentina, a phenomenon recorded between the years 2011-2020. The challenge of this article is mainly epistemic: “**Aspects of Syrian migration in Argentina: analysis according to Eva Gugenberger theoretical-analytical model for the linguistics of migration**” is an intellectual bet to interpret the cultural and linguistic dilemmas that involve the arrival of immigrants of civilizations other than that of the region. The case studied, of Syrians in Argentina in the last decade, not only exposes a current political and humanitarian drama in international relations, but also offers solid bases for new studies on migration in dialogue with sociolinguistics and culture. The study was conducted by Carolina Y. Andrada-Zurita, a researcher at the *University of Rosario* (Argentina)

The last article in this issue on culture and regional integration is by the Master's student in International Relations, Matheus Marculino dos Santos, from the *University of Rio de Janeiro*. In the study on “**The foreign policy of the CBERS Program in the governments of Dilma and Bolsonaro**”, the researcher skillfully analyzes and compares two moments of Brazilian foreign policy, based on the policies for space technology of the Dilma Rousseff and Jair Bolsonaro governments, to build the second generation of CBERS (*China-Brazil Earth-Resources Satellite*) satellites. The analysis points out the main political and economic implications of the project in each term, and the realistic strategies adopted by governments to fulfill the agreements signed with China.

With the certainty that the provocations of our authors will bring contributions to the ways of thinking in Latin America and the Caribbean, we want to give the opportunity now for the readers of **BJLAS** to follow the words of the organizers of this thematic space on **Culture and Regional Integration: Paths to think about the Decolonization of Power in Latin America**.

Before finishing, however, we propose a trip to the chimera and illusion of the Buen Gobierno (Good Government) by reading the review of the book **“The utopian memory of Inca Garcilaso”**. The book reviewed is by the Franco-Colombian philosopher Alfredo Gómez-Muller, and is presented by political scientist Edwin Cruz Rodríguez of the *Universidad Nacional de Colombia*. With the memoirs of Inca Garcilaso de la Vega, we end an edition that places Culture as a central component of Politics, with its expectations, its vanguardism, its frustrations, daring and the constant reinvention of its utopias.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199757](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199757)

Recebido em: 02/07/20222
Aprovado em: 02/07/20222
Publicado em: 03/07/20222

Cultura e integração regional: caminhos para pensar a descolonização do poder na américa latina

Valéria Graziano¹ 

Universidad de Salamanca, Espanha

Lia Calabre² 

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Mónica Guariglio³ 

Universidad de Avellana, Argentina

Neste momento em que o cenário político latino-americano se caracteriza pela conformação de uma *segunda onda progressista*, marcada por uma nova guinada à esquerda em diversos países da região desde 2019, torna-se ainda mais fundamental a reflexão sobre as conquistas, limites e contradições que caracterizaram os projetos integracionistas adotados durante a primeira onda (2003-2015), de maneira a contribuir para os debates sobre os rumos da integração regional na América Latina nesta segunda década do século XXI.

Desde a eleição de Andrés Manuel López Obrador como presidente no México em 2018, governos de esquerda e centro-esquerda foram eleitos na Argentina (2019), Panamá (2019), Bolívia (2020), Peru (2021), Chile (2021), Honduras (2022) e Colômbia (2022). Cabe destacar que, em países como México e Colômbia, tais resultados eleitorais são inéditos em suas histórias. No Brasil, as pesquisas eleitorais sobre a disputa presidencial que ocorrerá no segundo semestre de 2022 indicam um possível retorno de Luiz Inácio

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidad de Salamanca, Espanha. Mestra em Estudos Culturais (USP). Mestra em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (UNB). E-mail: valeriagraziano@gmail.com

² Doutora em história. Pesquisadora e professora do PPG Memória e Acervos – FCRB; professora do PPG Cultura e Territorialidades – UFF e do MBA de Gestão e Produção Cultural da UCAM. E-mail: liacalabre@gmail.com

³ Diretora da Cátedra UNESCO "Diversidad cultural, creatividad y políticas culturales" da Universidad Nacional de Avellaneda (UNDAV), Argentina. Professora da Licenciatura em Gestión Cultural da UNDAV. Licenciada em Derecho pela Universidad Nacional de Buenos Aires (UBA). E-mail: mguariglio@undav.edu.ar / catedraunesco@undav.edu.ar

“Lula” da Silva à presidência. Ressalta-se, ademais, neste contexto político regional, as mobilizações populares que tomaram conta das ruas do Chile a partir de 2019, dando origem ao atual processo constituinte que propõe a criação de um Estado Plurinacional.

Durante o primeiro ciclo progressista, que deu origem à chamada *onda rosa* no âmbito da integração regional latino-americana, os governos eleitos alcançaram significativas conquistas econômicas e sociais tanto em âmbito nacional quanto com relação à inserção da região no sistema internacional. Tais transformações impactaram significativamente não só as agendas e estruturas de poder dos Estados nacionais, mas também as instituições e dinâmicas multilaterais regionais. Proliferaram-se, neste período, espaços e arranjos institucionais voltados à formulação e à implementação de políticas, programas e ações de integração regional. Temas como democracia participativa, inclusão social e ampliação de direitos para grupos historicamente marginalizados tornaram-se eixos estruturadores de políticas públicas e de iniciativas de cooperação regional nas mais diversas áreas e esferas nacionais e intergovernamentais.

Nesse cenário, as políticas culturais ganharam não apenas novos arranjos institucionais nos níveis nacionais e regionais, como também uma agenda renovada e ampliada, passando a incorporar questões como diversidade cultural e interculturalidade, economia criativa, plurinacionalidade, racismo, migrações internacionais, direitos indígenas, direitos culturais, políticas públicas de base comunitária, dentre outros.

Todavia, considerando que tais governos não chegaram a romper com o padrão de poder capitalista colonial moderno que constituiu os Estados modernos na América Latina, e que os processos de transição política experimentados por cada um dos países foram bastante diversos, as articulações regionais a partir da área da cultura foram marcadas por intensos embates e contradições, resultando em limites e desafios que as negociações políticas e os processos de implementação de muitos desses projetos foram revelando.

Embora a cultura e a diversidade cultural tenham sido incorporadas como princípios orientadores de projetos regionais nas mais distintas áreas, a não ruptura com o modelo de desenvolvimento historicamente adotado nos projetos de integração regional - baseado na ideia de progresso econômico e na exploração infinita da natureza e da vida, assim como a incorporação acrítica de discursos e concepções hegemônicas que permeiam a cooperação internacional - resultou em continuada violência contra povos indígenas, camponeses e comunidades tradicionais e, conseqüentemente, na exclusão dos povos, saberes e cosmovisões diversos dos projetos de integração. Dessa forma, seguiu-se reproduzindo, no âmbito da integração latino-americana, um modelo civilizatório excludente e insustentável.

Portanto, a partir de análises interdisciplinares das iniciativas de integração regional na área da cultura desenvolvidas pelos governos latino-americanos eleitos entre 2003 e 2015, o presente número temático, intitulado **“Cultura e Integração Regional: Caminhos para pensar a descolonização do poder na América Latina”**, pretende contribuir para os debates sobre o lugar da cultura nos processos emancipatórios e de descolonização do poder na região, assim como para as reflexões sobre possibilidades de construção de processos de integração regional contra-hegemônicos, que nasçam da articulação entre cultura, alternativas ao desenvolvimento, autonomia e soberania regional.

Dentre os objetivos específicos estão: (i) analisar as experiências de integração regional na área da cultura desenvolvidas a partir de arranjos e organizações multilaterais regionais - com ênfase no MERCOSUL -, no período de 2003 a 2015; (ii) analisar as contribuições, limites e contradições de tais experiências para a consolidação de políticas culturais nacionais e para a integração cultural regional; (iii) analisar as articulações e disputas simbólicas e de poder entre atores governamentais e não governamentais relacionadas às políticas e projetos de cooperação regional desenvolvidos no âmbito da cultura e/ou outras áreas que incorporaram a cultura como eixo transversal; (iv) contribuir para os debates teóricos sobre a cultura

como dimensão central e eixo estruturante para o desenvolvimento de políticas públicas e iniciativas de integração e cooperação regional que visem romper com a colonialidade do poder, assim como para a construção de alternativas ao sistema-mundo capitalista colonial moderno e aos paradigmas hegemônicos de desenvolvimento que historicamente marcaram os processos nacionais e de integração regional na América Latina; (v) contribuir para os atuais debates sobre alternativas ao desenvolvimento e integração regional contra-hegemônica na América Latina.

Desenvolvido como uma iniciativa da *Cátedra UNESCO sobre Diversidade Cultural, Criatividade e Políticas Culturais*, da Universidad Nacional de Avellaneda (Argentina), o material conta com contribuições de pesquisadores que se dedicam ao tema dentro e fora da academia, tendo parte deles participado ativamente de projetos e experiências de integração cultural durante o período analisado.

Em **“O lugar da Cultura na Integração Regional Sul-americana: uma Análise do Mercosul Cultural no contexto do Regionalismo Pós-liberal”**, Valéria Graziano, da *Universidade de Salamanca*, e Mónica Guariglio, da *Universidad Nacional de Avellaneda*, analisam os impactos das mudanças políticas na região durante a primeira década do século XXI para a integração cultural sul-americana, a partir das experiências que marcaram o MERCOSUL Cultural. Ao abordar questões teóricas relacionadas ao regionalismo, às políticas culturais e ao pensamento descolonial latino-americano, as autoras enfatizam a centralidade da cultura para a construção de um projeto de integração latino-americano contra-hegemônico, autônomo e emancipador.

No artigo seguinte, intitulado **“A Cultura no Mercosul: análise dos desdobramentos das Cúpulas Sociais nas Reuniões de Ministros da Cultura (2006-2015)”**, Maria Camila Ortiz, Tereza Spyer Dulci e Yaskara Weit Urruth, pesquisadoras da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Brasil) discutem como as propostas formuladas no

âmbito das Cúpulas Sociais do MERCOSUL (CSM) para a área da cultura foram incorporadas pela Reunião de Ministros da Cultura (RMC), propondo um debate sobre o papel das políticas culturais para o enfrentamento do problema do déficit democrático no âmbito do bloco.

Em **“A cultura na agenda da CELAC a partir de uma perspectiva teórica descolonizadora”**, Carolina Albuquerque Silva, da Universidade de Brasília (Brasil), reflete sobre o chamado regionalismo pós-liberal ou pós-hegemônico na América do Sul com base na agenda da cultura adotada pela Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), enfatizando a necessidade de incluir, no debate teórico e na construção prática, os eixos epistemológico e cultural para a superação da colonialidade do poder nos projetos de integração regional.

Em seguida, no artigo intitulado **“Circulação de pessoas e patrimônio cultural no Mercosur como dimensões para a consolidação de uma comunidade regional”**, Giulia Barão, da Universidade de Brasília (Brasil), e Marysol Rodríguez, da Universidad de Salamanca (Espanha) abordam a relação entre circulação de pessoas e promoção e proteção do patrimônio cultural no MERCOSUL, entendidos pelas autoras como eixos fundamentais para o exercício da cidadania e para a consolidação de uma comunidade regional.

Retomando o conceito de politização do étnico, Félix Pablo Friggeri, da Universidade Federal da Integração Latino-americana, defende, em **“A politização do étnico: as culturas indígenas do Abya Yala como base para a superação do capitalismo”**, que as culturas formadas na práxis da luta pela vida, principalmente os povos indígenas da região, constituem a base para a construção de projetos próprios e alternativos ao capitalismo colonial, inspirando a imaginação de uma integração contra-hegemônica na América Latina e no Caribe.

Em **“Riqueza e Desafios das Políticas Públicas de Cultura: o Programa Cultura Viva e os Diálogos com a América Latina”**, Lia Calabre, da Universidade Federal Fluminense, revisita, com base em pesquisa documental, os dez primeiros anos do Cultura Viva (2004-2014),

de maneira a analisar os processos de diálogo, “contaminação” e interação das ideias do Programa com outras políticas públicas de cultura da América Latina.

Este número temático é complementado com entrevistas realizadas com atores governamentais e não governamentais que participaram diretamente das iniciativas de integração cultural regional durante o período analisado. Em **“O papel das políticas culturais no projeto de integração regional dos governos progressistas do século XXI: alcances, limites e horizonte”**, a pesquisadora Raihana Falleiros (*Universidad de Buenos Aires*) entrevista o sociólogo e ex-Ministro da Cultura do Brasil Juca Ferreira (2008-2010; 2015-2016), com o objetivo de avaliar a atuação do país durante o ciclo progressista latino-americano no que se refere ao lugar da cultura nas agendas política, econômica e social regionais.

A segunda entrevista, **“Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade: Reflexões sobre Cultura Viva Comunitária e Integração Regional contra-hegemônica na América Latina”**, conduzida pelos pesquisadores Eduardo Ullian (*Universidade de São Paulo, Brasil*) e Valéria Graziano (*Universidad de Salamanca, Brasil*), aborda as experiências que emergem do movimento latino-americano *Cultura Viva Comunitária*, a partir das relações entre políticas culturais, integração regional e emancipação social. Para tanto, entrevistam três gestores de espaços culturais que integram a *Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade*: Edith Scher, fundadora e diretora do grupo de teatro comunitário *Matemurga*, no bairro Villa Crespo, Buenos Aires, Argentina; Luis Vasquez (Tin Tin), coordenador do *Teatro Trono*, localizado em El Alto, La Paz, Bolívia; e Adriano Mauriz, membro fundador do grupo *Pombas Urbanas*, que atua em Cidade Tiradentes, São Paulo, Brasil.

Dialogando com as reflexões apresentadas nos artigos e entrevistas, finalizamos este número temático com a **“Conferência de David Choquehuanca Céspedes no Primeiro Diálogo do Curso de**

Pós-Graduação e Extensão Universitária Migração, Território e Direitos Humanos em tempos de incerteza: um olhar a partir de sistemas complexos, 1º de julho de 2020", cuja apresentação e transcrição foi elaborada por Rodrigo Ávila Huidobro, da *Universidad Nacional de Avellaneda*.

Esperamos, dessa maneira, contribuir com o aprofundamento do debate sobre a centralidade da cultura para a construção de uma integração regional latino-americana autônoma, contra-hegemônica e emancipadora, possibilitando imaginar outros mundos possíveis para os povos de *Abya Yala*. Boa leitura!

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199759](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199759)

*Recebido em: 02/07/2022
Aprovado em: 02/07/2022
Publicado em: 03/07/2022*

Cultura e integración regional: caminos para pensar la descolonización del poder en América Latina

Valéria Graziano¹ 

Universidad de Salamanca, España

Lia Calabre² 

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Mónica Guariglio³ 

Universidad de Avellana, Argentina

En este momento en que el escenario político latinoamericano se caracteriza por la formación de una *segunda ola progresista*, marcada por un nuevo giro a la izquierda en varios países de la región desde 2019, la reflexión sobre logros, límites y contradicciones que caracterizó los proyectos integracionistas adoptados durante la primera ola (2003-2015) se vuelve aún más fundamental, con el fin de contribuir a los debates sobre los rumbos de la integración regional en América Latina en esta segunda década del siglo XXI.

Desde la elección de Andrés Manuel López Obrador como presidente de México en 2018, se han elegido gobiernos de izquierda y centroizquierda en Argentina (2019), Panamá (2019), Bolivia (2020), Perú (2021), Chile (2021), Honduras (2022) y Colombia (2022). Cabe señalar que, en países como México y Colombia, tales resultados electorales son inéditos en sus historias. En Brasil, las encuestas electorales sobre la elección presidencial que

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidad de Salamanca, Espanha. Mestra em Estudos Culturais (USP). Mestra em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (UNB). E-mail: valeriagraziano@gmail.com

² Doutora em história. Pesquisadora e professora do PPG Memória e Acervos – FCRB; professora do PPG Cultura e Territorialidades – UFF e do MBA de Gestão e Produção Cultural da UCAM. E-mail: liacalabre@gmail.com

³ Diretora da Cátedra UNESCO "Diversidad cultural, creatividad y políticas culturales" da Universidad Nacional de Avellaneda (UNDAV), Argentina. Profesora da Licenciatura em Gestão Cultural da UNDAV. Licenciada em Derecho pela Universidad Nacional de Buenos Aires (UBA). E-mail: mguariglio@undav.edu.ar / catedraunesco@undav.edu.ar

tendrá lugar en el segundo semestre de 2022 indican un posible regreso de Luiz Inácio “Lula” da Silva a la presidencia. En este contexto político regional, cabe destacar también el proceso constituyente chileno que culminará en el referéndum popular previsto para septiembre de este año y que propone la creación de un Estado Plurinacional.

Durante el primer ciclo progresista, que dio origen a la llamada *ola rosa* en el contexto de la integración regional latinoamericana, los gobiernos electos lograron importantes conquistas económicas y sociales tanto a nivel nacional como en relación con la inserción de la región en el sistema internacional. Tales transformaciones tuvieron un impacto significativo no solo en las agendas y estructuras de poder de los Estados nacionales, sino también en las instituciones y dinámicas multilaterales regionales. Durante este período, proliferaron los espacios y mecanismos institucionales para la formulación e implementación de políticas, programas y acciones de integración regional. Temas como democracia participativa, inclusión social y ampliación de derechos de grupos históricamente marginados se han convertido en ejes estructurantes de políticas públicas e iniciativas de cooperación regional en las más diversas áreas y ámbitos nacionales e intergubernamentales.

En este escenario, las políticas culturales ganaron no solo nuevos diseños institucionales a nivel nacional y regional, sino también una agenda renovada y ampliada, pasando a incorporar temas como diversidad cultural e interculturalidad, economía creativa, plurinacionalidad, racismo, migración internacional, derechos indígenas, derechos culturales, políticas públicas comunitarias, entre otros.

Sin embargo, considerando que tales gobiernos no lograron romper con el patrón de poder colonial capitalista moderno que constituyó los Estados modernos en América Latina, y que los procesos de transición política vividos por cada uno de los países fueron muy diferentes, las articulaciones regionales desde el ámbito de la cultura estuvieron marcados por intensos enfrentamientos y contradicciones, resultando en

límites y desafíos expresados en las negociaciones políticas y los procesos de implementación de muchos de estos proyectos.

Si bien la cultura y la diversidad cultural han sido incorporadas como principios rectores de los proyectos regionales en las más diversas áreas, al no romperse con el modelo de desarrollo adoptado históricamente en los proyectos de integración regional - basado en la idea del progreso económico y la explotación infinita de la naturaleza y de la vida, así como la incorporación acrítica de discursos y concepciones hegemónicas que permean la cooperación internacional - se redundó en la continuación de las violencias contra los pueblos indígenas, campesinos y comunidades tradicionales y, en consecuencia, en la exclusión de los diferentes pueblos, saberes y cosmovisiones de los proyectos de integración. De esta forma, en el ámbito de la integración latinoamericana, se siguió reproduciendo un modelo civilizatorio excluyente e insostenible.

Por ello, a partir de análisis interdisciplinarios de iniciativas de integración regional en el área de la cultura desarrolladas por gobiernos latinoamericanos electos entre 2003 y 2015, este número temático, titulado **“Cultura e Integración Regional: Caminos para pensar la descolonización del poder en América Latina”**, pretende contribuir a los debates sobre el lugar de la cultura en los procesos de emancipación y descolonización del poder en la región, así como a las reflexiones sobre las posibilidades de construcción de procesos de integración regional contrahegemónicos, nacidos de la articulación entre cultura, alternativas al desarrollo, autonomía y soberanía regional.

Entre los objetivos específicos se encuentran: (i) analizar las experiencias de integración regional en el área de la cultura desarrolladas desde los acuerdos y organismos multilaterales regionales - con énfasis en el MERCOSUR -, en el período 2003 a 2015; (ii) analizar los aportes, límites y contradicciones de dichas experiencias para la consolidación de las políticas culturales nacionales y para la integración cultural regional; (iii) analizar las articulaciones y disputas simbólicas y de poder entre actores

gubernamentales y no gubernamentales relacionadas con las políticas y proyectos de cooperación regional desarrollados en el campo de la cultura y/u otras áreas que han incorporado la cultura como eje transversal; (iv) contribuir a los debates teóricos sobre la cultura como dimensión central y eje estructurador para el desarrollo de políticas públicas e iniciativas de integración y cooperación regional que apunten a la ruptura con la colonialidad del poder, así como para la construcción de alternativas al sistema-mundo capitalista colonial moderno y los paradigmas hegemónicos de desarrollo que han marcado históricamente los procesos nacionales y de integración regional en América Latina; (v) contribuir a los debates actuales sobre alternativas al desarrollo e integración regional contrahegemónica en América Latina.

Desarrollado por iniciativa de *la Cátedra UNESCO sobre Diversidad Cultural, Creatividad y Políticas Culturales* de la Universidad Nacional de Avellaneda (Argentina), el material cuenta con aportes de investigadores que se dedican al tema dentro y fuera de la academia, algunos de los cuales han participado activamente en proyectos y experiencias de integración cultural durante el período analizado.

En **“El lugar de la cultura en la integración regional sudamericana: un análisis del MERCOSUR Cultural en el contexto del regionalismo posliberal”**, Valéria Graziano, de la *Universidad de Salamanca*, y Mónica Guariglio, de la *Universidad de Avellana* analizan los impactos de los cambios políticos en la región durante la primera década del siglo XXI para la integración cultural sudamericana, a partir de las experiencias que marcaron el MERCOSUR Cultural. Al abordar cuestiones teóricas relacionadas con el regionalismo, las políticas culturales y el pensamiento decolonial latinoamericano, las autoras enfatizan la centralidad de la cultura para la construcción de un proyecto de integración latinoamericano contrahegemónico, autónomo y emancipador.

En el siguiente artículo, titulado **“La cultura en el Mercosur: Análisis de los desdoblamientos de las Cumbres Sociales en las Reuniones de Ministros de Cultura (2006-2015)”**, María Camila Ortiz, Tereza Spyer Dulci e

Yaskara Weit Urruth, investigadoras de la *Universidade Federal da Integração Latino-Americana* (Brasil) discuten cómo las propuestas formuladas en el ámbito de las Cumbres Sociales del MERCOSUR (CSM) para el área de la cultura fueron incorporadas por la Reunión de Ministros de Cultura (RMC), proponiendo un debate sobre el papel de las políticas culturales para enfrentar el problema del déficit democrático dentro del bloque.

En **“Cultura en la agenda de la CELAC desde una perspectiva teórica descolonizadora”**, Carolina Albuquerque Silva, de la *Universidade de Brasilia*, reflexiona sobre el llamado regionalismo posliberal o poshegemónico en América del Sur a partir de la agenda cultural adoptada por la Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños (CELAC), enfatizando la necesidad de incluir, en el debate teórico y en la construcción práctica, los ejes epistemológicos y culturales para la superación de la colonialidad del poder en los proyectos de integración regional.

A continuación, en el artículo titulado **“Circulación de personas y patrimonio cultural en el Mercosur como dimensiones para la consolidación de una comunidad regional”**, Giulia Barão, de la Universidad de Brasília (Brasil), y Marysol Rodríguez, de la Universidad de Salamanca (España), discuten la relación entre la circulación de personas y la promoción y protección del patrimonio cultural en el MERCOSUR, entendido por las autoras como ejes fundamentales para el ejercicio de la ciudadanía y para la consolidación de una comunidad regional.

Volviendo al concepto de politización de lo étnico, Félix Pablo Friggeri, de la *Universidade Federal da Integração Latinoamericana* (Brasil), defiende, en **“La politización de lo étnico: Las culturas indígenas del Abya Yala como base de la superación del capitalismo”**, que las culturas formadas en la praxis de la lucha por la vida, especialmente los pueblos indígenas de la región, constituyen la base para la construcción de proyectos propios y alternativos al capitalismo colonial, inspirando la imaginación de una integración contrahegemónica en América Latina y el Caribe.

En **“Riqueza y Desafíos de las Políticas Públicas de Cultura: el Programa Cultura Viva y los diálogos con América Latina”**, Lia Calabre, da Universidade Federal Fluminense, revisita, a partir de una investigación documental, los primeros diez años de Cultura Viva (2004-2014), con el fin de analizar los procesos de diálogo, “contaminación” e interacción de las ideas del Programa con otras políticas públicas para la cultura en América Latina.

Este número temático es complementado con entrevistas a actores gubernamentales y no gubernamentales que participaron directamente en iniciativas de integración cultural regional durante el período analizado. En **“El rol de las políticas culturales en el proyecto de integración regional de los gobiernos progresistas del siglo XXI: alcances, límites y horizontes”**, la investigadora Raihana Falleiros (*Universidad de Buenos Aires*) entrevista al sociólogo y exministro de Cultura de Brasil Juca Ferreira (2008-2010; 2015-2016), con el objetivo de evaluar el desempeño del país durante el ciclo progresista latinoamericano en cuanto al lugar de la cultura en las agendas política, económica y social regionales.

La segunda entrevista, **“Red Latinoamericana de Teatro en Comunidad: reflexiones sobre Cultura Viva Comunitaria e Integración Regional contrahegemónica en América Latina”**, realizada por los investigadores Eduardo Ullian (*Universidade de São Paulo, Brasil*) y Valéria Graziano (*Universidade de Salamanca, Brasil*), aborda las experiencias que emergen del movimiento latinoamericano *Cultura Viva Comunitaria*, a partir de las relaciones entre políticas culturales, integración regional y emancipación social. Para ello, entrevistan a tres gestores de espacios culturales que forman parte de la *Red Latinoamericana de Teatro en Comunidad*: Edith Scher, fundadora y directora del grupo de teatro comunitario *Matemurga*, en el barrio de Villa Crespo, Buenos Aires, Argentina; Luis Vásquez (Tin Tin), coordinador del *Teatro Trono*, ubicado en El Alto, La Paz, Bolivia; y Adriano Mauriz, miembro fundador del grupo *Pombas Urbanas*, que actúa en Cidade Tiradentes, São Paulo, Brasil.

En diálogo con las reflexiones presentadas en los artículos y entrevistas, concluimos este número temático con la **“Conferencia de David Choquehuanca Céspedes en el Primer Conversatorio del Curso de Postgrado y Extensión Universidad Migración, Territorio y Derechos Humanos en tiempos de incertidumbre: una mirada desde los Sistemas complejos, 1 de julio de 2020”**, cuya presentación y transcripción fue preparada por Rodrigo Ávila Huidobro, de la *Universidad Nacional de Avellaneda*.

Esperamos, de este modo, contribuir a la profundización del debate sobre la centralidad de la cultura para la construcción de una integración regional latinoamericana autónoma, contrahegemónica y emancipadora, que permita imaginar otros mundos posibles para los pueblos de *Abya Yala*. ¡Buena lectura!

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199759](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199759)

Recebido em: 02/07/2022
Aprovado em: 02/07/2022
Publicado em: 0/07/2022

Culture and regional integration: paths to think about the decolonization of power in Latin America

Valéria Graziano¹ 

Universidad de Salamanca, Espanha

Lia Calabre² 

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Mónica Guariglio³ 

Universidad de Avellana, Argentina

At this time when the Latin American political scenario is characterized by the formation of a *second progressive wave*, marked by a new shift to the left in several countries in the region since 2019, reflection on achievements, limits and contradictions that characterized the integrationist projects adopted during the first wave (2003-2015) becomes even more fundamental, in order to contribute to the debates on the directions of regional integration in Latin America in this second decade of the 21st century.

Since the election of Andrés Manuel López Obrador as president in Mexico in 2018, left and center-left governments have been elected in Argentina (2019), Panama (2019), Bolivia (2020), Peru (2021), Chile (2021), Honduras (2022) and Colombia (2022). It should be noted that, in countries like Mexico and Colombia, such electoral results are unprecedented in their histories. In Brazil, electoral polls on the presidential race that will take place

¹ PhD Candidate in Social Sciences at Universidad de Salamanca. E-mail: valeriagraziano@gmail.com

² PhD in history. Professor and Researcher at Rui Barbosa Foundation and at Universidade Federal Fluminense. E-mail: liacalabre@gmail.com

³ UNESCO Chair in Cultural Policy for the Arts in Development director at Universidad de Avellana and Professor of Cultural Management at the same university. E-mail: mguariglio@undav.edu.ar / catedraunesco@undav.edu.ar

in the second half of 2022 indicate a possible return of Luiz Inácio “Lula” da Silva to the presidency. It is also worth noting, in this regional political context, the popular mobilizations that took over the streets of Chile from 2019 onwards, giving rise to the current constituent process that proposes the creation of a Plurinational State.

During the first progressive cycle, which gave rise to the so-called *pink wave* in the context of Latin American regional integration, the elected governments achieved significant economic and social achievements both at the national level and in relation to the region's insertion in the international system. Such transformations had a significant impact not only on the agendas and power structures of national states, but also on regional multilateral institutions and dynamics. During this period, spaces and institutional arrangements for the formulation and implementation of regional integration policies, programs and actions proliferated. Themes such as participatory democracy, social inclusion, and expansion of rights for historically marginalized groups have become structuring axes of public policies and regional cooperation initiatives in the most diverse areas and national and intergovernmental spheres.

In this scenario, cultural policies gained not only new institutional arrangements at national and regional levels, but also a renewed and expanded agenda, starting to incorporate issues such as cultural diversity and interculturality, creative economy, plurinationality, racism, international migration, indigenous rights, rights cultural, community-based public policies, among others.

However, considering that such governments did not manage to break with the pattern of modern colonial capitalist power that constituted the modern States in Latin America, and that the processes of political transition experienced by each of the countries were quite different, the regional articulations from the area of culture were marked by intense clashes and contradictions, resulting in limits and challenges that the

political negotiations and implementation processes of many of these projects were revealing.

Although culture and cultural diversity have been incorporated as guiding principles of regional projects in the most different areas, the non-break with the development model historically adopted in regional integration projects, based on the idea of economic progress and the infinite exploration of nature and of life, as well as the uncritical incorporation of hegemonic discourses and conceptions that permeate international cooperation, resulted in continued violence against indigenous peoples, peasants and traditional communities and, consequently, in the exclusion of different peoples, knowledge and cosmovision from integration projects. In this way, within the scope of Latin American integration, an excluding and unsustainable civilization model continued to be reproduced.

Therefore, based on interdisciplinary analyzes of regional integration initiatives in the area of culture developed by Latin American governments elected between 2003 and 2015, this thematic issue, entitled "*Culture and Regional Integration: Paths to think about the decolonization of power in Latin America* ", intends to contribute to the debates on the place of culture in the emancipatory and decolonization processes of power in the region, as well as to the reflections on possibilities of building counter-hegemonic regional integration processes, which are born from the articulation between culture, alternatives to development, autonomy and regional sovereignty.

Among the specific objectives are: (i) to analyze the experiences of regional integration in the area of culture developed from regional multilateral arrangements and organizations - with emphasis on MERCOSUR - in the period from 2003 to 2015; (ii) analyze the contributions, limits and contradictions of such experiences for the consolidation of national cultural policies and for regional cultural integration; (iii) analyze symbolic and power articulations and disputes between governmental and non-governmental actors related to regional cooperation policies and

projects developed in the field of culture and/or other areas that have incorporated culture as a transversal axis; (iv) contribute to the theoretical debates on culture as a central dimension and structuring axis for the development of public policies and initiatives of regional integration and cooperation that aim to break with the coloniality of power, as well as for the construction of alternatives to the modern colonial capitalist World-System and the hegemonic development paradigms that have historically marked the national and regional integration processes in Latin America; (v) contribute to current debates on alternatives to development and counter-hegemonic regional integration in Latin America.

Developed as an initiative of the *UNESCO Chair on Cultural Diversity, Creativity and Cultural Policies* at the *National University of Avellaneda* (Argentina), the material has contributions from researchers who dedicate themselves to the subject within and outside academia, some of whom have actively participated in projects and cultural integration experiences during the analyzed period.

In "***The place of culture in South American regional integration: an analysis of Mercosur Cultural in the context of post-liberal regionalism***", Valéria Graziano (*University of Salamanca*) and Mónica Guariglio (*National University of Avellaneda*) analyze the impacts of political changes in the region during the first decade of the 21st century for South American cultural integration, from the experiences that marked MERCOSUR Cultural. When approaching theoretical issues related to regionalism, cultural policies and Latin American decolonial thinking, the authors emphasize the centrality of culture for the construction of a counter-hegemonic, autonomous and emancipatory Latin American integration project.

In the following article, entitled ***Culture in Mercosur: analysis of the developments of the Social Mercosur Social Summits at the Meeting of Ministers of Culture (2006-2015)***, Maria Camila Ortiz, Tereza Spyer Dulci and Yaskara Weit Urruth (*Federal University for Latin American*

Integration) discuss how the proposals made within the scope of the Social Summits of Mercosur (CSM) for the area of culture were incorporated by the Meeting of Ministers of Culture (RMC), proposing a debate on the role of cultural policies to face the problem of the democratic deficit within the bloc.

In ***Culture on the CELAC's agenda from a Decolonizing Theoretical Perspective***, Carolina Albuquerque Silva (*University of Brasilia*) reflects on the so-called post-liberal or post-hegemonic regionalism in South America based on the cultural agenda adopted by the Community of Latin American and Caribbean States (CELAC), emphasizing the need to include, in the theoretical debate and in the practical construction, the epistemological and cultural axes to overcome the colonality of power in regional integration projects.

Then, in the article entitled ***Circulation of people and cultural heritage in Mercosur as dimensions for the consolidation of a regional community***, Giulia Barão (*University of Brasilia*) and Marysol Rodríguez (*University of Salamanca*) discuss the relationship between the circulation of people and the promotion and protection of cultural heritage in MERCOSUR, as understood by the authors as fundamental axes for the exercise of citizenship and for the consolidation of a regional community.

Returning to the concept of the politicization of the ethnic, Félix Pablo Friggeri (*Federal University for Latin American Integration*) defends, in ***The politicization of the ethnic: Abya Yala indigenous cultures as the basis for overcoming capitalism***, that cultures formed in the praxis of the struggle for life, especially the indigenous peoples of region, constitute the basis for the construction of alternatives projects to colonial capitalism, inspiring the imagination of a counter-hegemonic integration in Latin America and the Caribbean.

In ***Wealth and challenges of cultural public policies: the Cultura Viva Program and the Dialogues with Latin America***, Lia Calabre (*Fluminense Federal University*) revisits, based on documentary research, the first ten years of Cultura Viva (2004-2014), in order to analyze the

processes of dialogue, “contamination” and interaction of the Program's ideas with other public policies for culture in Latin America.

This thematic issue is complemented with interviews with governmental and non-governmental actors who participated directly in regional cultural integration initiatives during the analyzed period. In “***The role of cultural policies in the regional 21st century progressive governments’ regional integration project:: scope, limits and horizon***”, researcher Raihana Falleiros (*University of Buenos Aires*) interviews the sociologist and former Minister of Culture of Brazil Juca Ferreira (2008-2010; 2015-2016), with the objective of evaluating the performance of the country during the Latin American progressive cycle with regard to the place of culture in the regional political, economic and social agendas.

The second interview, “***Latin American Network of Community Theater: reflections on Community Living Culture and counter-hegemonic regional integration in Latin America***”, conducted by researchers Eduardo Ullian (*University of São Paulo*) and Valéria Graziano (*University of Salamanca*), addresses the emerging experiences of the Latin American movement *Community Living Culture*, based on the relations between cultural policies, regional integration and social emancipation. To this end, they interview three managers of cultural spaces that are part of *the Latin American Network of Community Theater*: Edith Scher, founder and director of the *Matemurga* community theater group, in the Villa Crespo neighborhood, Buenos Aires, Argentina; Luis Vasquez (Tin Tin), coordinator of *Teatro Trono*, located in El Alto, La Paz, Bolivia; and Adriano Mauriz, founding member of the *Pombas Urbanas* group, which operates in Cidade Tiradentes, São Paulo, Brazil.

In dialogue with the reflections presented in the articles and interviews, we end this thematic issue with the “***Conference by David Choquehuanca Céspedes in the First Conversation of the Postgraduate Course and University Extension on Migration, Territory and Human Rights in times of uncertainty: a look from complex systems, July 1,***

2020”, whose presentation and transcript was prepared by Rodrigo Ávila Huidobro (*National University of Avellaneda*).

We hope, in this way, to contribute to the deepening of the debate on the centrality of culture for the construction of an autonomous, counter-hegemonic and emancipatory Latin American regional integration, making it possible to imagine other possible worlds for the peoples of *Abya Yala*. Enjoy the reading!

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199759](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199759)


Recebido em: 02/07/2022
Aprovado em: 02/07/2022
Publicado em: 0/07/2022



LA BANDA SONORA DEL CONFLICTO EN COLOMBIA RECONSTRUYENDO LA HISTORIA A PARTIR DE LA MÚSICA DE SUS JUVENTUDES

*A TRILHA SONORA DO CONFLITO NA COLÔMBIA
RECONSTRUINDO A HISTÓRIA PARTIR DA MÚSICA DE SUAS
JUVENTUDES*

*THE SOUNDTRACK OF THE CONFLICT IN COLOMBIA
RECONSTRUCTING HISTORY FROM THE MUSIC OF THEIR YOUTH*

Andrea del Pilar Lozano Bohórquez¹ 

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Resumen: El presente artículo es una reconstrucción de la historia política -y conflictiva - de Colombia a partir de la música de sus juventudes. Así, apoyados en una revisión bibliográfica sobre historia y diferentes movimientos musicales, hacemos un recorrido que inicia en los años 1940, con la música campesina durante *La Violencia bipartidista*, y terminamos en el año 2021, con la explosión de ritmos que se escucharon en las calles durante las manifestaciones del Paro Nacional. En suma, lo que se pretende es revalorar el papel de la música no solo como manifestación cultural, sino como forma de lucha y, sobre todo, su importancia como fuente histórica.

Palabras clave: Música; Política; Juventud; Historia; Colombia.

Resumo: O presente artigo é uma reconstrução da história política - e conflitiva - da Colômbia a partir da música de suas juventudes. Assim, a partir de uma revisão bibliográfica sobre história e diferentes movimentos musicais, se faz um percurso que inicia nos anos 1940, com a música camponesa no período de la *Violencia bipartidista*, e termina no 2021, com

¹ Mestre en educación de la Universidad Federal del Estado de Rio de Janeiro. Socióloga e historiadora de la Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, Colombia. Actualmente participa del grupo de investigación Juventud: políticas públicas, procesos sociales y educación. Correo electrónico: lozano.andrea2@gmail.com

a explosão de ritmos que se ouviram nas ruas durante as manifestações do Paro Nacional. Em definitiva, o que se pretende, é revalorizar o papel da música não só como manifestação cultural, mas como forma de luta, e ainda mais, sua importância como fonte histórica.

Palavras-chave: Música; Política; Juventude; História; Colômbia.

Abstract: This article is a reconstruction of the political - and conflictive - history of Colombia through the music of the youth. Then, supported by bibliographical sources about history and different musical movements, we take a tour that starts in the 40's with peasant music during *La Violencia bipartidista* and finishes in 2021 with the explosion of rhythms that were heard in the streets during the national strike. In summary, what is intended is to reassess the role of music not only as a cultural manifestation, but also as a form of struggle, and even more, its importance as a historical source.

Keywords: Music; Politics; Youth; History; Colombia.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.194049](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.194049)

Recebido em: 11/01/2022
Aprovado em: 01/07/2022
Publicado em: 03/07/2022

*Me tienen arrecho con tanta juepueca preguntadera
Que qué color tiene mi bandera que si yo soy godó o soy liberal
Me tienen berraco con tanta juepueca averiguadera
Que si soy eleno que pelo si quiera, apoyo a las AUC o soy de las FARC
Me tienen mamao con tanta juepueca interrogadera
Que si yo a la tropa le abro las cercas y les doy el agua de mi manantial
Que si soy comunista, de ANAPO, de izquierda, o de la derecha
Que si imperialista, que joda arrecha, resulta querer vivir uno en paz*

(Campesino embejucao. Óscar Humberto Gómez)²

² La canción se encuentra disponible abiertamente en el youtube. Ver enlace en Gomez, Oscar. **Campesino embejucao** [2002]. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=6sZnFRauSqM>. Consultado en: 22 mar. 2022.

1. Introducción

En Colombia la música es parte fundamental de todos los escenarios donde se desenvuelve la vida. Música que ha tomado distintas formas, melodías y ritmos al nutrirse del sincretismo cultural que le otorgaron colonos europeos, pueblos indígenas y afrodescendientes, así como los influjos de migraciones internas y externas. De otro lado, tenemos un país de regiones, fragmentado no solo por su geografía, sino por los vaivenes de su política y desiguales ritmos de desarrollo, así, tenemos que cada región ha desarrollado múltiples formas de organización social basadas en su contexto cercano, lo que les dio formas de vida endógenas a zonas parcialmente autónomas, y en consecuencia, permitió la configuración de prácticas culturales heterogéneas y referentes identitarios preservados, entre otras formas, a través de la música (CASTRO ROA, 2018).

Por otro lado, hablar de Colombia también implica una necesaria referencia a una larga historia de conflictos, desde su período inicial con las guerras civiles propias de los periodos post independentistas, pasando por *La Violencia bipartidista* (1948-1958), las luchas guerrilleras, la violencia del narcotráfico en los años 80, la proliferación de grupos paramilitares; hasta la persecución, represión, silenciamiento e/o asesinato selectivo de opositores políticos o defensores de derechos humanos por bandas criminales en complicidad con agentes del Estado. Todo esto ha permeado las subjetividades de sus habitantes, y en particular, la formación de las identidades juveniles.

Así, entretejiendo esos dos universos, música y conflicto, e intentando pensar la forma en que la historia nacional entra en diálogo con las subjetividades colectivas; la propuesta es, a partir de una revisión documental sobre historia y movimientos musicales, dar cuenta de la historia política y social de Colombia a partir de su música³, y más

³ Vale aclarar que la selección sonora de este artículo no abarca la totalidad de expresiones musicales en Colombia, y que, por el contrario, representa un pequeñísimo recorte cuya selección estuvo demarcada por la memoria de la historia vivida y heredada de la propia investigadora.

específicamente, de cómo los jóvenes de cada periodo dejaron vestigios sobre los procesos violentos y conflictivos que se desarrollaban en el país. En otras palabras, vamos a reconstruir la historia violenta y conflictiva de Colombia a partir de la música de sus juventudes, en un periodo que va desde los años 1940 con *La Violencia bipartidista* y llega hasta nuestros días con nuevos clamores de cambio y esperanzas de paz. Se trata en últimas, de reconstruir la banda sonora de una nación sudamericana.

2. La violencia y la música campesina

Me dice Chucho el arriero, el que vive en los cañales
Que a unos los matan por godos, a otros por liberales
(A quien engañas abuelo, Arnulfo Briceño)⁴

Desde el campo historiográfico, se reconoce *La Violencia* en Colombia como el período comprendido entre 1948 y 1958, etapa de conflicto iniciada con el homicidio de Jorge Eliecer Gaitán el 9 de abril y que finaliza con la caída del régimen militar de Gustavo Rojas Pinilla y la posterior alianza política conocida como Frente Nacional (ORTIZ, 1994; PEÑARANDA, 2009; SÁNCHEZ, 2009).

El asesinato del caudillo liberal Jorge Eliecer Gaitán, fue el detonante que llevó a un pueblo cansado de la inestabilidad política, dada por los constantes cambios de gobierno durante el periodo de 1930-1945, a una insurrección conocida como colombianazo⁵.

Este periodo se caracterizó por la agudización de la confrontación entre los partidos tradicionales: Liberal y Conservador. Aunque dirigida ideológica y políticamente por las clases dominantes, en el plano militar era efectuada por los sectores campesinos. Así, tenemos que las guerras del siglo XIX, terminaron “*desplegándose hacia sectores, actividades y*

⁴ BRICEÑO, Arnulfo [Compositor]. **A quién engañas abuelo:** Silva y Villalba [Intérpretes], 2018. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=u6r5xiuMbMk>. Consultado en: 25 jun. 2022.

⁵ Se optó por el concepto de colombianazo y no de Bogotazo, reconociendo investigaciones posteriores que dan cuenta de las manifestaciones de insurrección popular que se dieron en las diversas regiones del país.

territorios que en principio no tenían relación con el conflicto armado, pero que terminaban articulándose con él” (URIBE, 2003, p. 29). En consecuencia, *La Violencia bipartidista*, llega y se establece formalmente en las zonas rurales a partir de los años 50.

Aparecen en elecciones unos que llaman caudillos
Que andan prometiendo escuelas y puentes donde no hay
ríos
Y al alma del campesino llega el color partidista
Entonces aprende a odiar hasta quien fue su buen vecino
(A quien engañas abuelo, Arnulfo Briceño)⁶

La pertenencia partidista estaba ligada a la tradición familiar heredada. Y la intervención de gamonales y párrocos llevó a la creación de fuertes rivalidades entre veredas, corregimientos y municipios, que, a su vez, representaban una pugna por el control electoral de las zonas rurales. De esta forma, las referencias al conflicto armado en las músicas campesinas naturalizan la intolerancia a ideologías contrarias, la relación de la explotación laboral entre los dueños de la tierra y sus trabajadores, bien como hacían apología al trabajo duro, la familia y los dogmas de la iglesia católica (CASTRO ROA, 2018).

Por otro lado, en el campo musical de los años 1940, iniciamos un proceso de desterritorialización de los ritmos locales, permitiendo la ampliación de los estilos musicales y ayudando a la construcción de referentes identitarios de tipo regional o nacional (OSPINA ROMERO, 2013). En un proceso alterno - gracias a las interacciones entre narrativas extranjeras y locales por medio del cine, la televisión y la radio -, melodías internacionales se iban mimetizando con la estética de los territorios colombianos al narrar su cotidianidad, pero manteniendo su referencia como un elemento de distinción de clase, regional y productivo. Siendo así, tenemos, por ejemplo, la predilección por el tango en las regiones cafeteras de Antioquia, Caldas, Quindío y Risaralda, que producto de las bonanzas cafeteras de los años 1930 se permitieron las primeras importaciones de

⁶ BRICEÑO, Arnulfo [Compositor]. **A quién engañas abuelo:** Silva y Villalba [Intérpretes], 2018. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=u6r5xiuMbMk>. Consultado en: 25 jun. 2022.

reproductores de vinilos; o por las rancheras en las zonas mineras y esmeralderas de Antioquia, Boyacá y Santander, que llegaron con las películas y telenovelas mexicanas, a partir de los años 1940, y que tuvieron excelente receptividad hasta los años 1980; o por el rock entre las clases medias y altas de las juventudes de las principales ciudades en los años cincuenta.

3. El frente nacional- el desarrollo canta en inglés

El Frente Nacional fue un acuerdo de paridad entre los dos partidos tradicionales, que - con el objetivo de frenar la guerra fratricida, y mantener el orden y el poder - estableció la alternancia de la presidencia⁷ y la distribución paritaria de los diferentes cargos públicos, lo que llevó a la nulidad de la participación político-democrática fuera del pensamiento liberal o conservador.

Contrario a la intención por parte de las elites, este período es caracterizado por Marco Palacios (2003) como uno de los más sectarios y con mayor fuerza destructiva, pues, como reconoce Jaramillo: “[...] aparecieron vigorizados los denominados “bandoleros” y “pájaros”: grupos de sicarios pagados por los directorios políticos que azotaron a las regiones y localidades” (JARAMILLO, 2011 p. 69).

Así mismo, Palacios (2003) extiende el fin de *La Violencia* hasta 1964, fecha en la cual se integran procesos de amnistía y reinserción de grupos armados. En este punto, es interesante observar cómo con la repartición de cargos públicos, así como de los acuerdos de perdón y olvido entre los diferentes líderes políticos, la idea de inculpación mutua entre los partidos cambió por un: “todos somos culpables”. (SCHUSTER, 2009; VALENCIA GUTIERREZ, 2012)

⁷ Dicha alternancia estuvo vigente por 16 años, con periodos de mandato de 4 años.

La violencia vivida en los campos también llevó a la migración forzosa de las zonas rurales hacia las zonas urbanas, lo que en conjunto con un crecimiento industrial que requería cada vez más mano de obra, llevó a una expansión urbana desordenada, dando origen a barrios populares que iban creando e incorporando nuevas prácticas culturales⁸.

De otro lado, el pacto frente nacionalista también coincidió con el arribo de la música anglo-americana. Entre los sectores medios y altos de las principales ciudades, comenzaron a circular modelos culturales de las sociedades industriales, lo que, sumado a una orientación ideológica ligada a ideas de progreso y modernidad propias de los países centrales, llevó a un desdén por las costumbres locales y los ritmos regionales, considerando el campesinado, la música tradicional colombiana y el costumbrismo premoderno como obstáculo al progreso cultural (CEPEDA SÁNCHEZ, 2008, p. 315).

Así, con ayuda del rock en inglés y la frontera simbólica que establece, va emergiendo un sentir de reconocimiento del derecho a ser joven, y, en consecuencia, del concepto de juventud como actor histórico⁹. En este sentido, constituye un accionar político en sí mismo, aunque alejado del imaginario común del concepto y más vinculado a las ideas desarrollistas de las urbes industriales. De esta forma, las bandas bogotanas y paisas como *The time machine*, *Los Yetis*, *The speakers*, *The flippers*, *The young beats*, entre otras, optan por una estética foránea y, desvinculándose de la tradición musical colombiana, deciden cantar en inglés, dedicándose -en principio- exclusivamente a la réplica de *covers*, en suma, optan por cantarle en inglés al desarrollo.

⁸ Para dar cuenta de este proceso desde el plano individual, y que, a su vez, implica un duplo proceso de desterritorialización y reterritorialización, se recomienda el trabajo de CARPETA, et al. (2017).

⁹ Es importante aclarar que el rock constituía un fenómeno exclusivamente urbano que se desarrolló por el interés de algunos jóvenes que contaban con estudios universitarios, hablaban un idioma diferente al español, tenían dinero suficiente para comprar instrumentos y vivían en un barrio de elite en las principales ciudades (CEPEDA SÁNCHEZ, 2008).

4. 60's y 70's - entre la música protesta y la música insurgente

Entre los años 1960 y 1970 surgieron y crecieron movimientos sociales, bien como se fundaron las guerrillas de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia - FARC -, Ejército del pueblo (1964), Ejército de Liberación Nacional - ELN - (1964), Ejército Popular de Liberación - EPL - (1967) y Movimiento 19 de abril - M-19 - (1974). Empieza, así, un proceso de transición de *La Violencia bipartidista* hacia la subversiva, el cual el Grupo de Memoria Histórica localiza en el período comprendido entre 1958 y 1986:

La violencia se alimentó de la inequidad social y económica que, junto a los rencores de la violencia partidista y el monopolio democrático instaurado por el Frente Nacional (1958-1974), incentivaron las resistencias armadas propuestas por las comunidades campesinas y algunos intelectuales del país (CENTRO NACIONAL MEMORIA HISTÓRICA, 2013, p. 112).

En el mismo sentido, la Comisión de Estudios sobre la Violencia, de 1995, explica que *La Violencia bipartidista* de los años 1950 retó el crecimiento del sistema político, creando un ambiente conflictivo de insurrección. Escenario en el cual surgen fuerzas campesinas que ya no demandan la simple apertura del sistema político vista como sustitución de poder, sino que exigen su capacidad de transformación.

Al respecto, Franco (2003) nos hablan de la militarización de la política y la relativa despolitización de la vida social, donde los grupos armados de las organizaciones de resistencia campesina en diferentes regiones del país y el enfrentamiento entre los partidos políticos tradicionales y sus soportes armados, llevaron a un proceso de bandolerización, que acabó siendo el puente, o cadena de transmisión, entre los dos tipos de violencia.

En un proceso alterno, durante los años 1960 y 1970, dada la necesidad de incorporar a la clase media en la consolidación del

capitalismo, se dio una expansión del sistema universitario. Aquí, jóvenes de diversas procedencias asumieron un compromiso tanto académico como político, que, en un contexto marcado por el surgimiento de diversos movimientos sociales alrededor del mundo - hizo de las universidades hervideros de ideas políticas e inconformismo juvenil - y es que ser de izquierda a finales de los 1960 y comienzos de los 1970 era una marca de identidad en la juventud colombiana, donde ideas y vocabulario marxista permeaban la vida cotidiana (MIÑANA BLASCO, 2020). Las fronteras entre las diversas tendencias de izquierda nunca fueron muy claras, pero tenían en común la concepción del arte como forma de lucha, así, principalmente el teatro y la música, adquirieron un impulso y un aire renovador.

En consecuencia, este periodo se caracterizó por la exploración entre las sutiles y complejas relaciones de los referentes ideológicos, así como los estéticos y musicales, es decir, la relación entre arte y política. Así, el descontento de las juventudes en diferentes partes del mundo generó movilizaciones estudiantiles y movimientos contraculturales donde la música jugó un papel fundamental. Rock, himnos revolucionarios, hipismo, psicodelia, *neofolk*, entre otras expresiones, hicieron parte de diversos movimientos. Surge así la Nueva canción latinoamericana¹⁰, a la vez que, se crean un sin número de grupos que circulaban más ampliamente entre huelgas sindicales, mítines campesinos, tomas de tierra indígenas, actos universitarios y otros escenarios donde a través de la copla, la décima y las canciones, se expresaban críticas sociales y políticas.

En Colombia, se da la articulación de cinco procesos diferenciables pero interconectados: el nadaísmo¹¹, la protesta comercial¹², la música

¹⁰ La nueva canción latinoamericana tuvo a chilenos, argentinos y cubanos como sus máximos exponentes. Nombres como Víctor Jara, Inti-Illimani, Quilapayún, Mercedes Sosa, Silvio Rodríguez, y Pablo Milanés son referentes de este movimiento.

¹¹ El Nadaísmo fue una corriente cultural, cuyo carácter estético y social manifestaba un rechazo a las tradiciones literarias, culturales y políticas del momento. Entre rock y literatura, manifiestos y poemas, estos jóvenes ciudadanos, hijos de padres asalariados, expresaban su desarraigo hacia las manifestaciones de lo correcto, y se presentaban como incrédulos ante los discursos de los movimientos políticos, a la vez que entendían las situaciones de violencia como resultados de juegos de poder donde participan la clase política, la iglesia, la fuerza pública, la familia y cada institución de la sociedad que reproducía valores y antivalores.

¹² Artistas como el cantautor santandereano Pablus Gallinazo y el dúo de hermanos adolescentes Ana y Jaime hacen parte de este grupo, pues grabaron comercialmente, aparecieron en programas de televisión y compitieron en diversos festivales.

andina suramericana, la música de las comunidades de base ligada a la teología de la liberación y, por fin, la música de protesta militante.

Así se gestó una transformación en la percepción y las prácticas en torno a la música colombiana. A propósito, Miñana Blasco nos explica que:

Hasta mediados de la década de los setenta el término “música colombiana” se asociaba a los bambucos, pasillos y danzas urbanas interpretados por duetos vocales, o grupos instrumentales. (...) La canción colombiana, nació en las ciudades. La hicieron los poetas cultos, de moda. Diez años después este término se había ampliado inmensamente y allí cabían rajaleñas, guabinas a capela, redovas, porros chocoanos, bullerengues, entre otros ritmos (MIÑANA BLASCO, 2020, p.2).

Sobre los temas abordados, tenemos letras contra las injusticias, contra la guerra, y la exhortación de la revolución armada, mitificando figuras como el Che Guevara y Camilo Torres. Los objetivos eran claros: establecer un diálogo latinoamericano, crear conciencia y expresar abiertamente el apoyo tanto a la revolución cubana cuanto a la resistencia vietnamita. Así, la canción protesta colombiana de los años 1970 apoyaba abiertamente a los grupos guerrilleros, que, dado su lenguaje poco poético, en ocasiones era denominada como panfletaria. Títulos como “Ya me voy pa’ la guerrilla”¹³, “Cuba sí, Yankis no”¹⁴, e “Himno a Marquetalia”¹⁵ hacían parte de los cancioneros de la época.

De otro lado, con la intención de construir una estética popular junto al pueblo, se crea el movimiento de la Nueva Cultura, con Jorge Veloza como su máximo exponente, que, con ritmos populares, expresaba un acercamiento al vocabulario y sensibilidad del campesinado cundiboyacense como forma de reivindicarlo. Sus letras nacían a partir de las experiencias campesinas que se intercambiaban a través de programas radiales o de la observación directa.

¹³ FERNANDEZ, Joselito; VILARIÑO, Idea; MARTÍ, José [compositores]. **Ya me voy pa’ la guerrilla**: Los Olimareños [intérpretes], 2006. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=Ki3UOAF1fg> . Consultado em 20 jun. 2022.

¹⁴ GOMEZ ROA, Alejandro. **Cuba sí, Yankis no**: Stormy six, 2014. Disponible en: <https://albaciudad.org/2014/09/fallecio-en-bogota-el-compositor-de-cuba-si-yanquis-no/> . Consultado en: 20 jun. 2022.

¹⁵ GOMEZ ROA, Alejandro. **Himno a Marquetalia**.

Esta intención llevó a la ampliación del repertorio, con la integración de música indígena, canciones latinoamericanas y campesinas colombianas que se reproducían en cancioneros, se cantaban en las carpas de los huelguistas, en actos escolares, en marchas, en tomas de tierras, en barrios populares y en conciertos de la mayoría de los grupos vinculados a la izquierda.

5. Entre el ruido y el beat de los sin futuro

En el panorama de los años 1980, vemos una expansión del conflicto armado, un alto grado de desfragmentación social, nuevas alianzas entre mafias narcotraficantes y grupos armados¹⁶ (ORTIZ, 1991), y múltiples tensiones sociales alimentadas por la incompetencia de los gobiernos en el manejo de las fluctuaciones monetarias. Tenemos entonces un cúmulo de intentos fallidos de construcción de paz en un contexto marcado por el narcotráfico, el desarrollo del paramilitarismo, el recorte de políticas sociales por presión del banco mundial y el ascenso del neoliberalismo, e ineficacia y represión del estado en el marco de políticas anti-izquierda. (CAMACHO e.t. al, 2013)

A su vez, tenemos el panorama de un país que se desangra en una guerra fratricida producto, no solo del terrorismo del narcotráfico y la posibilidad de exterminio como forma de hacer política (ORTIZ, 1991), sino por la proliferación de imágenes de violencia que alimentan la idealización de la corrupción y la idea de *menor esfuerzo*. Ello llevó a que fenómenos de violencia *no* política, como los ajustes de cuentas, riñas y delincuencia común fuesen principales causas de homicidios en el país durante la década. (PECAUT, 1997) Asistimos entonces a un cambio en los valores estéticos, producto de una cultura de consumo que se nutre del discurso

¹⁶ Desde mediados de los años 1980, los grupos guerrilleros que no negociaron el cese del fuego con el Gobierno fueron perdiendo mucho apoyo popular, debido, principalmente, a sus incursiones en el narcotráfico y el secuestro.

televisivo *mafioso*, muchas veces *absurdo* y fantasioso, y que se arraiga en las profundidades de la cultura colombiana, manifestándose en el uso indiscriminado de violencia, la atracción profunda por el uso de armas, carros blindados, masacres, y las modificaciones corporales a través del uso generalizado de cirugías plásticas (TAUSSIG, 2014).

Aquí nos encontramos con uno de los tantos modos como el escenario violento y conflictivo del país ha permeado lo más profundo de nuestras subjetividades. Y en este punto es preciso reconocer que hablar de la violencia implica, necesariamente, analizar una sociedad que, más allá de sus actores armados, reproduce constantemente las estructuras racistas, homofóbicas, machistas, sexistas y patriarcales.

En consecuencia, como resistencia a la fragmentación social que vivía el país, pero a su vez, como rechazo a los valores tradicionales, jóvenes, principalmente de sectores urbanos marginales, decidieron asumir una estética, una música y una forma de ver la vida que confrontaba abiertamente la cultura imperante. Se trataba de “unos muchachos que tenían muy claro que ellos no tenían futuro, tampoco tenían pasado, no veían sombra ni reflejo, vivían en un presente ansioso, al borde de la experiencia de la muerte” (GUTIÉRREZ GARCÍA, 2016, p.3). Surgen así dos culturas urbanas: el *punk* y el *hip-hop*, movimientos contraculturales, pues emplean una variedad de tácticas para desestabilizar y transformar desde dentro los mensajes dominantes propios del consumo capitalista (URIBE SARMIENTO; RODRIGUEZ CORTÉS, 2017). En el mismo sentido, trascienden elementos nacionalistas, pues se constituyen como una resistencia cultural que va más allá de las delimitaciones del Estado-Nación y revaloriza el barrio y la calle como escenarios que crean solidaridades no solo al interior de los mismos, sino en relación con los escenarios que los marginados hacen suyos en cualquier parte del mundo. En suma, se trata de una juventud sin perspectivas de futuro, que desconfía de la política tradicional y su institucionalidad, y por eso despotrica de su historia y su nación. Agresividad recibida que corporifican, ya sea por medio de pantalones

anchos o de crestas, a la vez que alzan una voz de denuncia sobre sus propias realidades.

Hip-hop

Entendemos por *hip-hop* una forma de arte y movimiento urbano que:

“Se expresa a través del RAP -un canto que se desarrolla a través del fraseo rápido-, del DJ -la mezcla de sonidos a través de una consola-, del Break Dance -baile que adquiere tintes acrobáticos- y del grafiti -las “pintas” en las paredes de la ciudad-” (URIBE SARMIENTO; RODRIGUEZ CORTÉS, 2017, p.133).

En los años 1980, las imágenes de *break dance*¹⁷ llegaron con el auge de películas sobre *hip-hop* en Estados Unidos de América, cargadas de imágenes detalladas de cantantes, pinchadiscos y artistas del grafiti, permitiendo la cohesión e identidad de una cultura emergente foránea, pero que, a la vez, y por definición misma, se iba nutriendo de las experiencias personales y reales de sus actores.

Por eso, para esa primera generación de raperos, no se trataba de una moda sino de un ataque contra todo lo establecido. Su inspiración no era otra cosa que el gas que producía de forma natural una sociedad en avanzado estado de descomposición. (...) realidad teñida de sangre y fuego, el mismo de las ollas donde el bazuco ardía en medio de jornadas de tristeza y agonía, y de los fierros de quienes ajusticiaban a ladrones y vagabundos mientras las autoridades miraban a otra parte (GARCÍA, 2019, p.2).

Así, a partir de sus letras, el hip-hop puede ser clasificado en dos vertientes: El hip-hop conciencia, que constituye una crítica al orden social excluyente y violento, y el hip-hop gangsta, que narra las experiencias crudas de las calles y que para algunos se constituye en una “celebración” de la violencia. (URIBE SARMIENTO; RODRIGUEZ CORTÉS, 2017)

El *punk*, a su vez, es un movimiento cultural que se expresa por medio de una estética ligada a los suburbios obreros londinenses, donde nació a principios de los años 1970, y que se expresa por medio del cuerpo, del arte y de la música. Bracho Díaz (2021) adopta la estructura musical del

¹⁷ El *Break dance* o *breakin* es una danza propia del movimiento *hip-hop*. Se caracteriza por la respuesta corporal a los *beats* que van marcando la música.

rock y le incorpora la velocidad, los gritos y la crudeza del sentir del caos urbano, del salvajismo y de la crisis social que se vive en las calles. Así, no solo se constituye como un mecanismo de desahogo y libertad para la juventud, sino como una forma de protesta frente a la sociedad, el mundo y el elitismo del rock.

En su interior encontramos diversas tendencias, que van desde la concepción nihilista y autodestructiva, hasta el *punk* activista y propositivo, por lo cual está en interacción constante con movimientos contestatarios, artísticos y políticos, principalmente el anarquismo. Así como crea y participa de diversos colectivos: feminismo, antiespecismo, antifascismo, entre otros, todos bajo la idea del “hazlo tú mismo”.

A Colombia llegó gracias a las clases medias y altas que tenían contacto con las influencias culturales de Europa y Estados Unidos, pero fue entre las clases populares de las grandes urbes donde tuvo su acogida, principalmente Bogotá y Medellín, siendo esta última, el epicentro del movimiento en sus fases iniciales. Y es que Medellín sufría por entonces la arremetida más violenta de su historia por cuenta del auge del narcotráfico que encontraba entre la juventud de las comunas, la carne de cañón perfecta. El narcotráfico se convirtió así en una alternativa económica viable, remplazando el vacío político y económico de un estado deficiente, a la vez que desarrolló el fenómeno del sicariato, asesinos a sueldo que encontraban un sentido de identidad y pertenencia a su banda, así como un sustento económico. (BLANCO HINCAPIE, 2019; RESTREPO, 2005; BRACHO DIAZ, 2021)

El *punk* y el sicariato surgieron de los mismos sectores, pero los *punks* prefirieron afianzar sus vidas en la concepción de una lucha antisistema, anticapitalista y anticonsumista, elementos que riñen directamente con la idea de obtención de dinero a cualquier precio. Si, por un lado, el *punk* enfrenta al sistema, y rechaza su opresión, su desigualdad y su violencia; el sicariato por su parte, se nutre y alimenta las estructuras del sistema, reafirmando jerarquías sociales, dinamizando la economía

capitalista a través del narcotráfico, reproduciendo idearios de consumismo y ostentación, así como defendiendo el estatus quo y sus valores tradicionales: familia, religión y violencia política. (BLANCO HINCAPIE, 2019; RESTREPO, 2005; BRACHO DIAZ, 2021)

Nuestro Dios es el dinero
y sin él el hambre está,
toca que antes te asesinen sin poderlo disfrutar
lo deseas, lo acaricias y por él la vida das
el sistema lo ha creado y tú lo conservarás
Dinero: angustias
Dinero: problemas
Dinero: sistema
(Dinero, Peste Mutantex)¹⁸

Sobre los temas que aborda el *punk*, Andrea Restrepo (2005) nos habla de tres momentos. Inicialmente, el discurso se centró en la negación al proyecto moderno y sus consecuencias, así como un desprecio por el hombre, que se manifestaba en la triada: naturaleza-mente-muerte (RESTREPO, 2005). En un segundo momento, el discurso se hizo local, nutriéndose de la cotidianidad, la violencia, y la pobreza; persistía la misantropía, pero ahora se exponía a los culpables con nombre propio. La tercera etapa es la del agotamiento, que lleva a distintas concepciones sobre el significado del *punk*, para algunos se trataba de una reivindicación de cambio y lucha social; para otros, la muerte se hacía la única salida posible.

En cuanto a la estética, el cuerpo del *punk* se convierte en una forma de lucha en sí misma. Cabellos largos y coloridos, pantalones ajustados o faldas cortas - pintadas o rotas -, taches, ganchos, cadenas, colores oscuros; jeans sucios, chamarras de cuero, tatuajes, piercings y botas de obrero, se convierten en símbolos de sus orígenes populares, de su afinidad por las luchas antisistema, de su consecuente anticonsumismo y de su inconformismo frente a los valores y las apariencias preestablecidas. En últimas, el *punk* quiere incomodar, agredir visualmente.

¹⁸ PESTE MUTANTEX [compositor e intérprete]. **Dinero:** Peste Mutantex, [1988]. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=HbfCNOVfvc>. Consultado en: 23 mar. 2022.

Ahora bien, entre el *punk* y el hip hop podemos encontrar diferencias visibles en cuanto a la estética y la música, pero ambos fueron blanco de la represión policial y del fenómeno de “limpieza social” que veían en dichas expresiones culturales y su relación con las drogas, una forma de delincuencia juvenil. Así mismo, huyen del destino que les demarca hacer parte de una guerra que no eligieron, por eso también le cantan a la desmilitarización y contra el servicio militar.

Tanto *punks* como hip-hoppers, crearon a partir del caos, vieron lo bello en lo paupérrimo y sacaron su inspiración de la violencia (RESTREPO, 2005). Sus músicas son altamente democráticas, para rapear no se necesita más que observación e inventiva, y para hacer un *punk* no se hace necesario ser un virtuoso de la música. Sus conciertos iniciaron en el anonimato de los barrios, pero poco a poco comenzaron a tomar los lugares públicos como espacios de confrontación, donde además se intercambiaban música, fanzines¹⁹, libros e ideas. En ellos, se crea una atmósfera de libertad y desahogo donde la distancia entre el artista y su público se quiebra; quien quiera sube a la tarima y grita, o freestalea²⁰, a la vez que el músico baja y poguea, o hace acrobacias a lo *break dance*. Sin embargo, y como algo paradójico, en sus fases iniciales, cada barrio se ajustaba a leyes internas, haciendo que *punkeros* o *hip-hoppers* de barrios distintos pudieran enfrentarse a muerte.

De otro lado, a partir de diversos procesos que se vienen dando desde los años 1980, se han ido desarrollando nuevas iniciativas de participación juvenil desde la música, que han dado origen a algunos de los mayores festivales del mundo, como *Rock al parque*, *Hip-hop al parque*, el *Altavoz*, el *Grita rock*; o reconocimientos como el premio *Mensajeros de la verdad* recibido por *La Etnnia* en el Fórum Universal de las Culturas de 2004, reconociendo su trabajo por “mejorar las condiciones de vida en barrios y centros urbanos desfavorecidos”(GARCIA, 2019 p.4). Todo lo cual

¹⁹ Los fanzines son una publicación independiente y autogestionada donde se expone poesía, crítica social, noticias, pequeños artículos, entre otros elementos de interés de la cultura punk.

²⁰ Del inglés freestyle, freestalar hace parte de una práctica dentro de la cultura hip-hop que consiste en la improvisación sobre una base o pista.

se viene recogiendo en políticas de juventud a nivel local, regional y nacional.

Así mismo, estos géneros y movimientos, se han ido acercando a las músicas regionales, sus territorios y problemáticas. *Kombilesa Mi*, en San Basilio de Palenque, o *Linaje Originarios*, de la etnia emberá chamí, son ejemplo de hip-hop cantado en lenguas indígenas, o canciones como “Somos Pacífico”, de *Chocquibtown*, representan formas de unir el hip-hop y la música tradicional colombiana. Por su parte, bandas clásicas de punk como *Polikarpa y sus viciosas* o *Fértil Miseria* no solo han resaltado el papel de la mujer, sino que sus trabajos con colectivos feministas y población desplazada, hablan de esa fuerza juvenil que trasciende lo netamente musical²¹.

6. Nuevos aires de paz (re)descubriendo la música Fariana

En el 2016 se firma un acuerdo de paz entre el Estado colombiano y la guerrilla de las FARC. Nuevos horizontes de investigación y comprensión se abren con la intención de entender y estudiar otras caras de Colombia, me refiero tanto a las regiones olvidadas tras décadas de conflicto, como a las personas que durante años fueron consideradas los enemigos de la nación. En ese sentido, el posconflicto representa la oportunidad del trabajo conjunto de excombatientes y academia en un intento por reescribir la historia a partir de la memoria y destruir prejuicios en el acercamiento de los unos a los otros. (BOLÍVAR, 2006; QUISHPE, 2020)

En ese (re)descubrir al otro, nos encontramos con la música fariana²², una ventana a través de la cual podemos ver el espectro social de la cotidianidad y el pensamiento guerrillero, otro ángulo de la vida insurgente

²¹ Para ver un compilado de la historia musical de *Polikarpa y sus Viciosas*, se recomienda el álbum *Hijas de la rebeldía*, disponible en: <https://www.polikarpaysusviciosas.com/es-co>. En el caso de *Fértil Miseria* puede consultarse la nota que hace la revista shock sobre los temas de la banda, disponible en: <https://www.shock.co/musica/fertil-miseria-punk-contra-el-machismo-la-injusticia-y-la-autoridad>. Consultado en: 25 jun. 2022.

²² Por música fariana entendemos la música que se creó y circula en el seno de las FARC-EP.

que humaniza y redibuja la vida de una persona, que más allá del campo de batalla, también baila, escucha música, canta, y recrea actividades culturales que le son propias a su trayectoria biográfica y a la región donde se encuentra. Por eso, su música integra todo tipo de ritmos, desde vallenatos, salsas, cumbias y merengues, pasando por trovas, corridos, hasta llegar al reggae, el rap y el reggaetón, dejando vestigios de producciones muy elaboradas y complejas, o simples y eficientes para transmitir un discurso.

En los años 1980, las FARC tienen una expansión y un crecimiento político militar en diferentes regiones del país. Aquí se hizo necesario cohesionar y extender la visión guerrillera entre las personas que iban ingresando, y al plan de formación político y militar se integró el elemento cultural. (QUISHPE, 2020) Todos los mandos debían tener una hora de trabajo cultural con sus tropas. La música se convirtió en un elemento esencial que ayudaba a motivar las tropas, transmitir ideologías o simplemente contar historias relacionadas con sus contextos. Estas canciones, grabadas de forma clandestina en los propios campamentos guerrilleros, circulaban en radios clandestinas que operaban en las diferentes regiones, acompañando comunicados, noticias y partes de guerra.

Rafael Quishpe (2019), identifica dos corrientes dentro de la música fariana a partir de sus usos. Hacia adentro, los guerrilleros hacían uso de la música para fortalecer ideológicamente, enseñar contenidos en las horas de estudio de una forma didáctica - como historia nacional y de las FARC, entrenamientos básicos, o la forma correcta de limpiar un arma -, fortalecer la cohesión social con prácticas alrededor de la música - orquestas, composiciones, cantar, grabar, tocar, bailes de integración, etc. -, y elevar la motivación y la moral entre los combatientes. Una práctica común era el trabajo de músicos de diferentes frentes que iban a cantarle a los compañeros en los hospitales móviles, donde se hacían obras culturales

para animarlos. Aquí el filtro de las canciones pasaba por la militancia y los jefes superiores, que aprobaban o no las canciones que podían circular.

Hacia fuera la intención era dispersar las ideas hacia un público más amplio, fortalecer la relación entre la guerrilla y los civiles acompañando bazares o cumpleaños en los pueblos donde contaban con el apoyo de la base social. En consecuencia, se hacían análisis políticos, culturales y militares a nivel regional y nacional, donde se establecía no solo el contenido y tema de las canciones, sino el género musical que más “pegaba” en un determinado contexto.

Los temas que abordan en sus letras son muy variados. Relatan, de forma romántica y a veces dramática, las motivaciones de su lucha, las reflexiones que hacen sobre la guerra, su estilo de vida fuera de combate, su relación con el entorno, e ideas de paz y reconciliación, a la vez que exaltan a sus líderes²³.

Con el fin de las FARC como grupo armado y su paso a la vida civil y participación política, muchos de sus músicos y cantantes, decidieron continuar con la carrera artística, tal es el caso de Black Esteban y Martín Batalla, quienes hoy le cantan a una Colombia en paz, a la continuación de una lucha ya no armada y al prohibido olvidar. Por su parte, Julián Conrado, apodado como “el cantante de las FARC” (PACIFISTA, 2019) hizo uso de su música para continuar su lucha, ahora desde la esfera política y la participación democrática, lo que le ayudó a convertirse en el hoy alcalde de Turbaco, Bolívar.

²³ Una importante fuente es el cancionero (QUISHPE, 2019) elaborado en un trabajo conjunto entre investigadores de la Universidad del Rosario y excombatientes de las FARC. En él se recopilan canciones sobre tres temas centrales: geografía, vida cotidiana, paz y reconciliación.

7. Consideraciones finales: llenando las calles al sonido de la protesta social

Hay ríos de sangre, en la calle, en la calle
Gritos desesperados de una madre, de una madre
No sé cómo ese llanto los deja vivir, con las manos llenas de sangre
se van a dormir
Si aquí la gente para, el Estado dispara, fue la orden del para
(Aquí la gente para, el Estado dispara. Lianna, Briela Ojeda y La Muchacha)²⁴

Como mencionamos al inicio de este artículo, la música es parte esencial de la vida diaria en Colombia. A su vez, nuestra historia conflictiva nos ha exigido la construcción de constantes iniciativas de paz. La protesta social y el trabajo de base también han sido constantes de la historia nacional, y la música no escapa de estos escenarios. El periódico *El País* escribió sobre las protestas del 2019²⁵ un artículo con el titular: *Las protestas en Colombia tienen banda sonora*. (TORRADO, 2019) Y es que cualquier observador o participante de una manifestación o protesta en Colombia, se encontrará con una gran riqueza cultural y musical que habla de sus regiones, de sus tradiciones y que grita y canta a través de las más variadas melodías las crudas problemáticas y clamores de un pueblo donde la fiesta y el baile se unen a la denuncia y la lucha. “Colombia suena. Con su deslumbrante diversidad de ritmos. Es un país donde la música congrega” (TORRADO, 2019 p. 1) mencionaba dicho artículo. Para el mismo, Iván Benavides comentaba: “Hay algo interesantísimo, y es la estetización de la protesta: múltiples formas de protestas diversas que más que a una militancia corresponden a una expresión orgánica y libre de las ciudadanías”. (Ibíd., p.1)

Había una vez un infiltrao
Que lo tenían identificado
Todo el mundo lo conocía, le decían el infiltrao
Lo conocían los Misak, lo conocían los Wayuú, lo conocía todo el parche LGBTIQ

²⁴ LIANNA; BRIELA OJEDA; LA MUCHACHA. **Aquí la gente para, el Estado dispara:** Lianna, Briela Ojeda y La Muchacha, [2021]. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=XCVVqVmg19g>. Consultado en: 23 mar. 2022.

²⁵ Las protestas del 2019, también conocidas como Paro Nacional 21N, fueron una serie de manifestaciones que tuvieron lugar -de forma no consecutiva- entre noviembre del 2019 y febrero del 2020 por parte de distintos sectores en contra de las medidas económicas, sociales y ambientales; así como el incumplimiento de los acuerdos de paz, el asesinato de líderes sociales y diversos casos de corrupción durante el gobierno de Iván Duque.

¡El que no salte es el infiltrao!
[...]
Había una vez un presidente
Que era un escándalo, que era un escándalo
Mataba niños inocentes
Gobierno vándalo, gobierno vándalo
Lo decían los estudiantes, lo decían los camioneros, lo decían las
caleñas, lo decían los comuneros
¡El que no salte es el infiltrao!
(El Infiltrao, Edson Velandia)²⁶

Han surgido así iniciativas de bandas sinfónicas, batucadas, gaiteros, rockeros y de la población en general, que no necesita más que un sartén para salir a la calle y exigir cambios al sonido de la música. También se han creado colectivos como *El Paro Suena*, promoviendo el lema “La música resiste”, o de grupos no binarios, que por medio del Vogue se enfrentan a la policía con danza, música y mucha creatividad.

Por otra parte, en un proceso que venía desde antes, pero que se masificó a partir de los años 2000, vemos una explosión de ritmos que combinan lo más tradicional de la música colombiana con lo más moderno de la producción musical actual. Así, hoy encontramos en las fiestas *underground*, y también en las más comerciales, grupos de jóvenes que mezclan cumbia y champetas con electrónica, o san juanitos y carranga con rock, en un intento por rescatar las tradiciones sonoras criollas, pero a la vez, darles un toque que demarque la identidad juvenil actual, no sin dejar los temas sociales de denuncia y expresión.

En suma, podemos decir que la música, en sus múltiples formas, resiste a los intentos por homogeneizar la realidad, nos demuestra que existen otras versiones del pasado, de la cotidianidad; que la manera como se percibe la política, la vida, el orden social, y la muerte, son variopintas. Que la música trasciende lo netamente sonoro y guarda en sí misma una estética, una simbología y un arte que se convierte en una fuente ineludible de la historia.

²⁶ VELANDIA, Edson [compositor e intérprete]. **El infiltrao**: Edson Velandia y Adriana Lizcano [coro], 2021. Disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=_g2-50dk990. Consultado en: 23 mar. 2022.

En este artículo, quisimos mostrar un pequeñísimo recorte de las formas como las juventudes colombianas, a lo largo de una historia cargada de conflicto, han encontrado en la música una forma de expresión, una válvula de escape, pero también una herramienta de lucha, que a la vez que instrumentalizan, los constituye y los diferencia, otorgándoles un rasgo de identidad.

Son muchas las expresiones, grupos musicales, ritmos y regiones que se nos escapan en este artículo, la música caribeña, la salsa, la música llanera, y tantos otros que configuran esa geografía y diversidad del pueblo colombiano, pero valga este escrito para despertar y recoger viejas y nuevas investigaciones sobre el tema.

Colombia hoy sigue en la lucha por reescribir su pasado y forjar su futuro, pese al dolor y el desconcierto ante la brutal represión del Estado. Los jóvenes, indígenas, trabajadores, mujeres, afros, LGBTQI, y todos aquellos que exigen un cambio, continúan cantando, pintando, bailando, exigiendo y construyendo una nueva visión de país; y es que “Una revolución sin baile no es una revolución que merezca la pena”²⁷.

8. Referências

BOLÍVAR, Ingrid Johanna. **Discursos emocionales y experiencias de la política: Las FARC y las AUC en los procesos de negociación del conflicto (1998-2005)**. Director de Maestría. Zandra Pedraza. 2006. 2002f. Maestría en Antropología Social, Departamento de Antropología, Universidad de Los Andes, Bogotá, 2006.

BLANCO HINCAPIÉ, Duban Alexis. **El Punk en Medellín: historia de un movimiento auto marginado (1980 - 1995)**. Asesor de Tesis de Grado: Dr. Juan Sebastián Gomez Gonzales. 2019. 133f. Tesis de Grado en Historia de la Facultad de Ciencias Sociales y Humanas. Universidad de Antioquia. Medellín, 2019. Disponible en: https://bibliotecadigital.udea.edu.co/bitstream/10495/13503/1/BlancoDuban_2019_PunkMedellinHistoria.pdf . Consultado en: 25 jun. 2022.

BRACHO DÍAZ, Daniel Leonardo. **El punk como fenómeno contracultural de la contemporaneidad y su paso por Medellín, Colombia en las dos últimas décadas del siglo XX**. Directora de tesis grado: Dra. Catalina Castrillón Gallego. 2021. 108f. Tesis de grado. Universidad Pontificia

²⁷ Frase original de la película V de Vendetta, del director australiano James McTeigue, producido en 2005.

Bolivariana. Medellín, 2021. Disponible en: <https://repositorio.uniandes.edu.co/bitstream/handle/1992/9087/u271235.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Consultado en: 25 jun. 2022.

CAMACHO, Álvaro; et al. Colombia en los 80: hacia una caracterización de la coyuntura histórica en Colombia. **Boletín socioeconómico**, n. 160, set. 2013. Disponible en: <http://hdl.handle.net/10893/5333> . Consultado en: 17 jun. 2022.

CARPETA, Mabel Martínez et al. Territorialidades en transición: pobladores desplazados por la violencia del conflicto armado colombiano y la resignificación de su territorio. **Psicología USP**, vol. 28, n. 2, p. 165-178, mayo - ago. 2017. Disponible en: <https://doi.org/10.1590/0103-65642017a001> . Consultado en: 19 jun. 2022

CASTRO ROA, Diana Paola. Música en el tiempo y el silencio: narración del conflicto armado a través de la música popular. **Amerika. Mémoires, identités, territoires**, v. 18 2018. Disponible en: <https://journals.openedition.org/amerika/9051>. Consultado en: 6 jun. 2021.

CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA. **¡Basta ya! Colombia: memorias de guerra y dignidad**. Informe General Grupo de Memoria Histórica. Bogotá: Centro Nacional de Memoria Histórica/DPS, 2013. p. 139. Disponible en: <https://babel.banrepcultural.org/digital/api/collection/p17054coll2/id/37/download>. Consultado en: 4 jun. 2021.

CEPEDA SÁNCHEZ, Hernando. Los jóvenes durante el frente nacional. Rock y política en Colombia en la década del sesenta. **Tabula Rasa. Revista de humanidades**, n. 9, p. 313-333, 2008. Disponible en: <https://www.revistatabularasa.org/numero09/los-jovenes-durante-el-frente-nacional-rock-y-politica-en-colombia-en-la-decada-del-sesenta/>. Consultado en: 4 jun. 2021.

FRANCO, Saul. Momento y contexto de la violencia en Colombia. **Revista cubana de salud pública**, v. 29 n. 1, p. 18-36, 2003. Disponible en: <http://scielo.sld.cu/pdf/rcsp/v29n1/spu04103.pdf>. Consultado en: 7 abr. 2022.

GARCIA, Chuky. Una historia del rap y el “hip-hop” en Colombia. **Revista Arcadia (Semana)**, v. 167. 1 oct. 2019. Disponible en: <https://www.semana.com/impresaportada/articulo/una-historia-del-hip-hop-y-el-hip-hop-en-colombia-por-chucky-garcia/78248/>. Consultado en: 6 jun. 2021.

GUTIÉRREZ GARCÍA Federico. El poema punk de los sin futuro. **The lighting mind** [online]. 12. dic. 2016. Disponible en: <https://www.thelightingmind.com/el-poema-punk-de-los-sin-futuro/>. Consultado en: 8 jun. 2021.

JARAMILLO, Jefferson. **Las comisiones de estudio sobre la violencia en Colombia**: tramas narrativas y ofertas de sentido temporal para comprender la violencia. Directora de tesis: Dra. Nora Rabotnikof, 2011. 457f..

Tese Doctoral en Ciencias Sociales, . Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, México, 2011.

MIÑANA BLASCO, Carlos. Más allá de la protesta. Música militante en Bogotá en los años setenta y la transformación de la “música colombiana”. **Trashumante. Revista Americana de Historia Social**, n. 15, p. 150-172, 2020. Disponible en: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/4556/455662846007/html/index.html>. Consultado en: 10 jun. 2021.

ORTIZ SARMIENTO, Carlos Miguel. Historiografía de la violencia. In: TOVAR ZAMBRANO, Bernardo (org.). **La historia al final del milenio: Ensayos de historiografía colombiana y latinoamericana**. Bogotá, Colombia: Editorial Universidad Nacional, 1994. p. 371-424

ORTIZ SARMIENTO, Carlos Miguel. Violencia política de los ochenta: elementos para una reflexión histórica. **Anuario colombiano de historia social y de la cultura**, p. 245- 280, 1991. Disponible en: <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/71079> Consultado en: 18 jun. 2022.

OSPINA ROMERO, Sergio. Los estudios sobre la historia de la música en Colombia en la primera mitad del siglo XX: de la narrativa anecdótica al análisis interdisciplinario. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, v. 40, n. 1, p. 299 – 336, ene. / jun. 2013. Disponible en: <http://www.scielo.org.co/pdf/achsc/v40n1/v40n1a11.pdf>. Consultado en: 7 abr. 2022.

PACIFISTA. Así fue como ‘El Cantante de las Farc’ se convirtió en alcalde de Turbaco. **Pacifista!**, 28 oct. 2019. Disponible en: <https://pacifista.tv/notas/como-cantante-farc-volvio-primer-exguerrillero-fariano-elegido-alcalde-playlist-incluida-julian-conrado/> Consultado en: 21 jun. 2022.

PALACIOS, Marco. **Entre la legitimidad y la violencia en Colombia: 1875-1994**. Bogotá: Editorial Norma, 2003.

PECAUT, Daniel. Presente, pasado y futuro de la violencia en Colombia. **Desarrollo Económico**, v. 36, n. 144, p. 891-930, 1997. Disponible en: <https://www.jstor.org/stable/3467131> Consultado en: 18 jun. 2022

PEÑARANDA, Ricardo. La guerra en papel. Balance de la producción sobre la violencia en los años noventa. In: SÁNCHEZ, Gonzalo; PEÑARANDA, Ricardo (comp.). **Pasado y Presente de la Violencia en Colombia**. Medellín: La Carreta Editores, 2009. p. 33-46.

QUISHPE, Rafael. (org.). **Entre fusiles y acordeones: Cancionero de música fariana**. Bogotá: CAPAZ / Instituto Colombo alemán para la paz, 2019. Disponible en:

https://www.instituto-capaz.org/wp-content/uploads/2020/03/paz-pagina-x-pagina-comprimido_compressed.pdf. Consultado en: 7 abr. 2022.

QUISHPE, Rafael. Corcheas insurgentes: usos y funciones de la música de las FARC-EP durante el conflicto armado en Colombia. **Izquierdas**, n. 49, p. 554-579, abril 2020. Disponible en: <https://repositorio.uniandes.edu.co/bitstream/handle/1992/34689/u808304.pdf?sequence=1>. Consultado en: 7 abr. 2022

RESTREPO, Andrea. Una lectura de lo real a través del punk. **Historia crítica**, n. 29, p. 9-37, ene. / jun. 2005. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/41392106_Una_lectura_de_lo_real_a_traves_del_Punk. Consultado en: 7 abr. 2022.

SÁNCHEZ, Gonzalo. 2007. Los estudios sobre la violencia: balance y perspectivas. In: SÁNCHEZ, Gonzalo; PEÑARANDA, Ricardo (comp.). **Pasado y Presente de la Violencia en Colombia**. Medellín: La Carreta Editores. 2009. p. 17-32.

SCHUSTER, Sven. Las políticas de la historia en Colombia: el primer gobierno del Frente Nacional y el "problema" de La Violencia (1958-1962). **Iberoamericana**, v. 9, n. 36, p. 9 - 26, dic. 2001. Disponible en: <https://www.jstor.org/stable/41676964>. Consultado en: 18 jun. 2022.

TAUSSIG, Michael. **Belleza y violencia: Una relación aún por entender**. Ed. Universidad del Cauca, Popayán: 2013.

TORRADO, Santiago. Las protestas en Colombia tienen banda sonora. **Diario El País**. 2019. Disponible en: TORRADO, Santiago. Las protestas en Colombia tienen banda sonora. **Diario El País**. 2019. Disponible en: https://elpais.com/internacional/2019/12/03/billete_a_macondo/1575339547_024917.html. Consultado en: 21 jun. 2022.

URIBE, María Teresa. Las guerras civiles y la negociación política: Colombia, primera mitad del siglo XIX. **Revista de Estudios Sociales**, n.16, p. 29-41, oct. 2003. Disponible en: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/25636?lang=fr>. Consultado en: 21 jun. 2022.

URIBE SARMIENTO, John Jairo; RODRÍGUEZ CORTES, Astrid Bibiana. Poder y resistencia: Problematización desde el Hip-Hop Bogotano. **Reflexión política**, v.19, n. 38, p. 132-142, 2017. Disponible en: <https://revistas.unab.edu.co/index.php/reflexion/article/view/2844/2357>. Consultado en: 1 abr. 2022.

VALENCIA GUTIERREZ, Alberto. La Violencia en Colombia de M. Guzmán, O. Fals y E. Umaña y las trasgresiones al Frente Nacional. **Revista Colombiana de Sociología**, v.35 n.2, p. 15-33, 1 jul./dec. 2012. Disponible en: <https://journalusco.edu.co/index.php/entornos/article/view/1262/2485>. Consultado en: 18 jun. 2022.

DISCOGRAFÍA:

BRICEÑO, Arnulfo [Compositor]. **A quién engañas abuelo:** Silva y Villalba [Intérpretes], 2018. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=u6r5xiuMbMk>. Consultado en: 25 jun. 2022.

FERNANDEZ, Joselito; VILARIÑO, Idea; MARTÍ, José [compositores]. **Ya me voy pa' la guerrilla:** Los Olimareños [intérpretes], 2006. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=Ki3UOAFt1fg> . Consultado em 20 jun. 2022.

FERTÍL MISERIA [Compositor e intérprete], **Punk contra el machismo, la injusticia y la autoridad** [2020]. Disponible en: <https://www.shock.co/musica/fertil-miseria-punk-contra-el-machismo-la-injusticia-y-la-autoridad> . Consultado en: 20 jun. 2022

Gomez, Oscar [compositor e intérprete]. **Campesino embejucao** [2002]. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=6sZnFRauSqM>. Consultado en: 22 mar. 2022.

GOMEZ ROA, Alejandro. **Cuba sí, Yankis no: Stormy six**, 2014. Disponible en: <https://albaciudad.org/2014/09/fallecio-en-bogota-el-compositor-de-cuba-si-yanquis-no/> . Consultado en: 20 jun. 2022.

GOMEZ ROA, Alejandro. **Himno a Marquetalia**. s.l, s.d.

LIANNA; BRIELA OJEDA; LA MUCHACHA [compositoras e intérpretes]. **Aquí la gente para, el Estado dispara:** Lianna, Briela Ojeda y La Muchacha, 2021 (2:12 min). Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=XCVVqVmg19g>. Consultado en: 23 mar 2022.

PESTE MUTANTEX [compositor e intérprete]. **Dinero:** Peste Mutantex, [1988]. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=HbfCNOVfevc>. Consultado en: 23 mar. 2022. .

POLIKARPA Y SUS VICIOSAS [compositora e intérprete]. **Hijas de la rebeldía**, 2020. Disponible en: <https://www.polikarpaysusviciosas.com/es-co>. Consultado en: 20 jun. 2022

VELANDIA, Edson [compositor e intérprete]. **El infiltrao:** Edson Velandia y Adriana Lizcano [coro], 2021. Disponible en: https://www.youtube.com/watch?v=_g2-50dk990. Consultado en: 23 mar. 2022.



**LA LUCHA NO ES POR EL PODER, SINO UN LLAMADO A
LA ORGANIZACIÓN DE LOS PUEBLOS.**

**MARÍA DE JESÚS PATRICIA MARTÍNEZ, PRIMERA MUJER
INDÍGENA POR LA CANDIDATURA PRESIDENCIAL EN
MÉXICO**

*A LUTA NÃO É PELO PODER, MAS UM CHAMADO À ORGANIZAÇÃO DOS
POVOS. MARÍA DE JESÚS PATRICIA MARTÍNEZ, PRIMEIRA MULHER
INDÍGENA PARA A CANDIDATURA PRESIDENCIAL NO MÉXICO*

*THE STRUGGLE IS NOT FOR POWER, BUT A CALL TO THE ORGANIZATION
OF THE PEOPLES. MARÍA DE JESÚS PATRICIA MARTÍNEZ, FIRST
INDIGENOUS WOMAN FOR THE PRESIDENTIAL CANDIDACY IN MEXICO*

Waldo Lao Fuentes Sánchez¹ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumen: El presente artículo aborda la ardua tentativa del Congreso Nacional Indígena (CNI), del Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) y de una parte de la sociedad civil de consolidar la postulación de la indígena y médica tradicional María de Jesús Patricia Martínez - conocida como Marichuy - como candidata presidencial en las elecciones de 2018 en México. Describimos brevemente el surgimiento en 1994 del EZLN, que consiguió visibilizar las luchas y las demandas de los pueblos indígenas del país, y destacamos el trabajo que realizan las mujeres indígenas zapatistas tanto en la lucha por sus derechos, como en las diversas áreas del quehacer autónomo en sus comunidades en resistencia. Concluimos que las instituciones y la burocracia electoral impidieron, por medio de una serie de

¹Licenciado en Etnología por la ENAH en México, realizó su maestría y doctorado en el Programa de Posgraduación en Integración de América Latina de la Universidad de Sao Paulo - PROLAM-USP. Hace parte del Grupo de Trabajo "Pueblos indígenas, autonomías y derechos colectivos" de CLACSO. Correo electrónico: waldolao@gmail.com

irregularidades, la posibilidad de que Marichuy apareciera en la boleta electoral como candidata independiente.

Palabras Claves: Marichuy, Mujeres Candidatas Indígenas, EZLN, Autonomía, Elecciones en México.

Resumo: Este artigo trata da difícil tentativa do Congresso Nacional Indígena (CNI), do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e de parte da sociedade civil para consolidar a candidatura da indígena e médica tradicional María de Jesús Patricia Martínez - conhecida como Marichuy - à presidência no México nas eleições de 2018. Descrevemos brevemente o surgimento em 1994 do EZLN, que conseguiu dar visibilidade às lutas e demandas dos povos indígenas do país, e destacamos o trabalho realizado pelas mulheres indígenas zapatistas tanto na luta por seus direitos, bem como nas diversas áreas de atuação nas comunidades autônomas em resistência. Concluimos que as instituições e a burocracia eleitoral impediram, por meio de uma série de irregularidades, a possibilidade de Marichuy aparecer nas urnas como candidata independente.

Palavras-chave: Marichuy, Mulheres Candidatas Indígenas, EZLN, Autonomia, Eleições no México.

Abstract: This article addresses the arduous attempt of the National Indigenous Congress (CNI), the Zapatista Army of National Liberation (EZLN) as well as a section of civil society to consolidate the nomination of the Indigenous woman and traditional physician María de Jesús Patricia Martínez - known as Marichuy - as a presidential candidate in the 2018 elections in Mexico. We briefly describe the emergence in 1994 of the EZLN, which managed to give visibility to the struggles and demands of indigenous people, and we highlight the work carried out by indigenous Zapatista women both in the struggle for their rights, as well as in the various aspects of autonomous tasks within their communities in resistance. We conclude that through a series of irregularities, the institutions as well as electoral bureaucracy prevented the possibility of Marichuy appearing at the polls as an independent candidate.

Keywords: Marichuy, Women Indigenous Candidates, EZLN, Autonomy, Elections in Mexico.

1. La clandestinidad y la organización de las mujeres indígenas: La Ley Revolucionaria Indígena.

El surgimiento del Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN), el primero de enero de 1994, sacudió al México de los de abajo. La insurrección armada consiguió colocar en la mesa del debate nacional los problemas de los pueblos indígenas. El país amaneció la madrugada del año nuevo, con la noticia que más de 3.000 indígenas mayas habían tomado la ciudad de San Cristóbal de las Casas y otras cabeceras municipales del Estado de Chiapas (Ocosingo, Altamirano, las Margaritas, Oxchuc, Huixtán y Chanal). Los rebeldes hacen pública su Primera Declaración de la Selva Lacandona² y con un ¡Ya Basta!, le declaran la guerra al Estado, expresando en once puntos sus demandas³. También hacen pública una serie de leyes revolucionarias⁴, en las que incluyen una que llama la atención: la Ley Revolucionaria de Mujeres.⁵

Esta Ley que contiene diez puntos, hace referencia a una serie de aspectos que podrían parecer elementales - pero que son radicales para una realidad arraigada en un sistema patriarcal. En ella, las zapatistas exigen: acceso a la salud, educación, trabajo, poder elegir su pareja y cuántos hijos quieren tener, no ser maltratadas, así como tener el derecho a participar en la comunidad ocupando cargos en la lucha. Estas demandas marcan una otra relación de género en las comunidades - desde la

²La Primera Declaración de la Selva Lacandona, publicada en 1993, puede ser consultada en: COMANDANCIA GENERAL (1993).

³Las demandas son: trabajo, tierra, techo, alimentación, salud, educación, independencia, libertad, democracia, justicia y paz.

⁴Las leyes son: la ley de Impuestos de Guerra, ley de Derechos y Obligaciones de los Pueblos en Lucha, ley de Derechos y Obligaciones de las Fuerzas Armadas Revolucionarias, ley Agraria Revolucionaria, ley del Trabajo, ley de Industria y Comercio, ley de Seguridad Social, Ley de Justicia

⁵La Ley Revolucionaria de las Mujeres, publicada en 1993, puede ser encontrada en la página del EZLN (1993):

participación política y la toma de decisiones comunitarias, como en los aspectos de la vida familiar. La Ley fue producto del recorrido y consenso intercomunitario realizado a cargo de la Comandanta Ramona, la Mayor Ana María y otras insurgentas, que escucharon, discutieron y, entre todas, la fueron formulando para volverla un marco referencial de sus derechos. La capitana zapatista Isabel, fue una de las insurgentas que participó en la organización y cuenta cómo fue el proceso:

“para que naciera eso [La Ley], pasamos una gran etapa nosotras como comisarias políticas... teníamos que caminar de lejos, llegas de lejos, comer poco, caminar más, platicar más, sacrificarse más [...] Hacer conciencia en los hombres y buscar la forma de cómo también como organización hacer que quede una ley. Así fue como nació, platicando, desahogando, analizando. No es algo de fuera, sino es algo de dentro, que es lo que sufrimos dentro de la familia, dentro de la comunidad, con los papás, con el marido, con los hijos”⁶.

La Ley fue posible, porque “cada una de las regiones redactó su propio borrador de la Ley; posteriormente, estos borradores fueron recopilados y distribuidos a todas las regiones para su revisión, y luego se recopilaron nuevamente”. (KLEIN, 2019, p. 97- 98). Entre todas, dice la mayor Ana María (del pueblo Tzotzil), “se fueron juntando las opiniones de las mujeres de cada pueblo y entonces, las que sabemos escribir, lo escribimos”⁷. Una vez escrito, su desafío es hacer efectiva la Ley en la práctica. Esta Ley fue aprobada el 8 de marzo de 1993, antes del levantamiento armado. En una carta⁸ dirigida a algunos medios informativos, el Subcomandante Insurgente Marcos reafirma la importancia de este momento:

A *Susana* le tocó recorrer decenas de comunidades para hablar con los grupos de mujeres y sacar así, de su pensamiento, la "Ley de Mujeres". [...] A *Susana* le tocó leer las propuestas que había juntado del pensamiento de miles de mujeres indígenas. Empezó a leer y, conforme avanzaba en la lectura, la asamblea del CCRI se notaba

⁶ Entrevista concedida a Hilary Klein (2019, p. 97) el 27 de junio de 2008.

⁷ Entrevista concedida a Guiomar Rovira (1997, p. 115)

⁸ La carta fue dirigida al columnista Álvaro Cepeda Nei, del periódico *La Jornada*, y al periódico *Tiempo*, de San Cristóbal de las Casas. Ver MARCOS (1994).

más y más inquieta. [...] Al final dejó un silencio pesado. Las "leyes de mujeres" que acababa de leer *Susana* significaban, para las comunidades indígenas, una verdadera revolución. [...] las compañeras responsables empezaron a aplaudir y hablar entre ellas. Ni qué decir que las leyes "de mujeres" fueron aprobadas por unanimidad. [...] Esa es la verdad: el primer alzamiento del EZLN fue en marzo de 1993 y lo encabezaron las mujeres zapatistas. No hubo bajas y ganaron. Cosas de estas tierras.

Ese mismo día, fue cuando el Comité Clandestino Revolucionario Indígena – C.C.R.I del EZLN, decidió que sería en la madrugada del primero de enero de 1994, cuando surgirían públicamente. Un día por demás importante en la historia del movimiento zapatista.

Con su surgimiento, el zapatismo se depara con un nuevo elemento que no hacía parte de sus cálculos, una parte de la sociedad civil ocupa plazas y realiza marchas en apoyo a los indígenas, exigiendo un inmediato alto al fuego. La presión social es decisiva para poner un alto a la guerra. El Comandante Moisés, en una de las primeras entrevistas realizadas, comenta: "la fuerza del pueblo se impuso [...] si no podemos disparar nuestras armas ¿qué vamos a hacer? Fue así que nuestros compañeros de los comités, del comité clandestino, decidieron que había que hablar con la gente, para ver cómo teníamos que seguir la lucha. Ahora sí entrábamos a lo nacional".⁹

Como una forma de resolver pacíficamente el conflicto - de una guerra que ya había durado doce días - se realizan entre los zapatistas y el gobierno los *Diálogos en San Andrés Sacamch´* de los Pobres - conocidos como los Acuerdos de San Andrés Larráinzar - con la finalidad de reconocer constitucionalmente los derechos de los pueblos indígenas. Se preparan cuatro mesas de trabajo, en relación con los siguientes temas: I. Derechos y Cultura Indígenas. II. Democracia y Justicia. III. Bienestar y Desarrollo. IV. Derechos de las Mujeres Indígenas. Los *Diálogos* acontecieron entre octubre de 1995 y septiembre de 1996. Sin embargo solo se firmaron los acuerdos referentes a la primera mesa el 16 de febrero de 1996. La segunda

⁹ Entrevista concedida a Yvon Le Bot (1997 p. 242).

mesa quedó inconclusa y las otras dos pendientes por falta de interés y compromiso por parte del gobierno.

Al calor de los Diálogos, el 3 de enero de 1996 – previo a la firma de los primeros acuerdos, el EZLN convocó a los pueblos indígenas de México a participar del Foro Especial de Derechos y Cultura Indígena, generando un espacio de discusión con la finalidad de ir afinando los temas que serían firmados con el gobierno. En ese evento, queda claro que uno de sus ejes centrales es la demanda por autonomía: “cada pueblo indio dará a su autonomía la forma, contenido, alcances que quiera y pueda, en el plano de la comunidad, el municipio, la región autónoma y el pueblo en su conjunto” (FNI *apud* Navarro, 1998, p.139).

2. Surge el Congreso Nacional Indígena y dos mujeres indígenas toman la Tribuna en la Cámara de Diputados.

En la clausura del Foro se proponen crear el Congreso Nacional Indígena (CNI), que surgiría algunos meses después, el 12 de octubre de 1996 en la Ciudad de México, con la presencia de indígenas provenientes de varias regiones del país, acompañados de la delegada del EZLN, la Comandanta Ramona, que pronuncia una de las frases que sintetiza de modo profundo su rechazo contra la exclusión social que viven los pueblos indígenas “¡Nunca más un México sin nosotros!”. Desde su formación el CNI funcionará como un espacio de encuentro y acción entre los pueblos, su lema los define como: “Somos asamblea cuando estamos juntos y red cuando estamos separados” (VERA HERRERA, 2006).

La falta de compromiso por parte del gobierno en la firma de los Acuerdos llevó a los zapatistas a realizar una Caravana Nacional, conocida como la *Marcha del Color de la Tierra*. La Caravana salió el 24 de febrero del 2001 de la Selva Lacandona (Estado de Chiapas, al suroeste del país), pasando por trece estados de la República hasta llegar a la Ciudad de México. Uno de los momentos más representativos de esta Marcha,

aconteció el 28 de marzo, en la Tribuna de la Cámara de Diputados del Congreso de la Unión - sobre la Comisión de asuntos Indígenas LVIII Legislatura, donde participan por parte del EZLN: la Comandanta Esther, el comandante David, el comandante Zebedeo y el comandante Tacho, así como tres integrantes del CNI, Juan Chávez, María de Jesús Patricio Martínez y Adelfo Regino Montes. En la Tribuna, la comandanta Esther afirma:

La palabra que traemos es verdadera. No venimos a humillar a nadie. No venimos a suplantar a nadie. No venimos a legislar. Venimos a que nos escuchen y a escucharlos. Venimos a dialogar. [...] Nosotros somos Zapatistas. No traicionaremos la confianza y fe que muchos en este parlamento y en el pueblo de México pusieron en nuestra palabra. Quienes apostaron a prestar oído atento a nuestra palabra respetuosa, ganaron. Quienes apostaron a cerrar las puertas al diálogo porque temían una confrontación, perdieron. Porque los zapatistas traemos palabra de verdad y respeto. (ESTHER, 2001, p. 5- 6).

Después de la participación de los comandantes, María de Jesús Patricio Martínez, más tarde conocida como “Marichuy”, en su discurso, exige el reconocimiento de los Acuerdos de San Andrés, como el respeto de sus territorios:

Esta existencia como pueblos, en cada una de nuestras comunidades, en cada uno de nuestros ejidos y municipios, se encuentra sustentado en nuestra tierra y territorio, desde que la propia tierra nos vio nacer. Esta tierra y territorio a la que afanosamente le quieren dar dueño, quitando al dueño primero y verdadero. Esta tierra y territorio que junto con nosotros fue tomada por el conquistador, que con sangre recobramos para formar este México nuestro que ahora nos niega. (MARICHUY, 2001, p. 23).

No obstante, en el *Diario Oficial* del 14 de agosto de 2001¹⁰, el gobierno publicaría la aprobación por unanimidad de la reforma constitucional en materia de Derechos y Cultura Indígena, conocida como la “ley *light*”, que en realidad era una contrarreforma que no respetaba el

¹⁰ El Decreto modificado por el presidente Vicente Fox Quesada (2000-2006) está disponible en: DOF (2001).

espíritu original de la firma de los Acuerdos de San Andrés, lo que representaba una traición para los pueblos indígenas. Entre los cambios encontramos:

El solo hecho de negar a las comunidades el estatuto de entidades de derecho público, y definirlas como de “interés público” [...] Sustituir las naciones de tierras y territorios por “lugares” [...] Eliminar el concepto de “pueblo” y sustituirlo por el de “comunidades” [...] Limitar la posibilidad de que los pueblos indígenas tengan sus propios medios de comunicación. (LÓPEZ Y RIVAS, 2014, p. 44-46).

La contrarreforma fue rechazada por los zapatistas, por el CNI y por otras organizaciones sociales - tanto dentro como fuera del país. El gobierno perdía la oportunidad “de establecer condiciones para constituir un nuevo Estado, en el que los pueblos pudieran reconstituirse y todos, individuos y pueblos, pudieran vivir dignamente, de acuerdo con la propia cultura, creencias y aspiraciones”. (LÓPEZ BÁRCENAS, 2016).

En respuesta al rechazo, precisamente el 8 de agosto del 2003, día de las conmemoraciones del natalicio del General Emiliano Zapata¹¹, los zapatistas deciden reorganizar su territorio y dar nacimiento a las Juntas de Buen Gobierno (JBG) y a sus cinco Caracoles¹² -como espacios administrativos de autogobierno bajo el *mandar-obedeciendo* -¹³ que representan tres niveles: el regional, municipal y comunitario.

Así los "Caracoles" serán como puertas para entrarse a las comunidades y para que las comunidades salgan; como ventanas para vernos dentro y para que veamos fuera; como bocinas para sacar lejos nuestra palabra y para escuchar la del que lejos está. Pero sobre todo, para recordarnos que debemos velar y estar pendientes de la cabalidad de los mundos que pueblan el mundo. (MARCOS, 2003a)

¹¹ Emiliano Zapata Salazar (1879-1919), conocido como el Atila del Sur, fue uno de los líderes de la Revolución Mexicana de 1910.

¹² Informaciones sobre el nacimiento de las JBG son ofrecidas en el comunicado del EZLN. Verifique en Marcos (2003b).

¹³ Los principios zapatistas, son: “*Mandar Obedeciendo*”: Servir y no servirse, Representar y no suplantar, Construir y no destruir, Obedecer y no mandar, Proponer y no imponer, Convencer y no vencer, Bajar y no subir. Los principios y su sentido pueden ser encontrados en LOS 7 PRINCIPIOS DEL ZAPATISMO (2020).

Las comunidades, hacen efectivos en la práctica, los Acuerdos de San Andrés, ejerciendo una autonomía *sin permiso del Estado*. Una autonomía o autonomías¹⁴, que abarcan todos los aspectos de la vida comunitaria. En el acto inaugural, la Comandanta Esther reafirmó, que la lucha de los pueblos debe ser en torno de crear procesos autónomos, sin tener que esperar nada del Estado.

Ya es momento de aplicar y actuar en todo el país de México la Autonomía de los pueblos indígenas, [nadie puede pedir permiso] para formar sus municipios autónomos. Como nosotros lo estamos haciendo y practicando, no pedimos permiso. Aunque el mal gobierno no lo reconoció, para nosotros es nuestra ley y nos defendemos con ella. (ESTHER, 2003).

El protagonismo de las mujeres zapatistas es y ha sido fundamental desde la concepción en la clandestinidad del EZLN en la década de los años 80. No solo por su participación en el Comité Clandestino Revolucionario Indígena (CCRI), sino como aún lo hacen actualmente, en la organización de diversos espacios de participación colectiva, en los trabajos como promotoras de educación, salud, parteras, hueseras, en el rescate de la medicina tradicional, en el funcionamiento de las diversas cooperativas, en los trabajos colectivos, como locutoras, en la participación del Banco Autónomo de Mujeres Zapatistas (BANAMAZ), donde crean fondos económicos - realizando préstamos a bajos intereses - y por último, en la toma de decisiones como autoridades en las JBG. Es decir, son partícipes en todas las áreas de la vida autónoma comunitaria. Las palabras de la zapatista Andrea, Coordinadora de Salud (Marez Francisco Gómez) resume su lucha: “Ahora queremos que funcione nuestra autonomía, tenemos nuestros derechos como mujeres, lo que vamos a hacer ahora es construir, hacer el trabajo, ya que nuestra obligación [es] seguir adelante”. (PARTICIPACIÓN, 2013, p.38)¹⁵.

¹⁴Hacemos referencia en el sentido plural, pues consideramos que es un proceso múltiple y diverso, en el sentido que cada comunidad hace efectivos los acuerdos producidos en sus asambleas, en relación con sus necesidades, por lo tanto, lo que sucede en una comunidad, no necesariamente sucede en la otra.

¹⁵Para más informaciones y relatos sobre la participación de las mujeres en las comunidades zapatistas, recomendamos la edición de los libros “La libertad según l@s Zapatistas”. Los Cuatro libros pueden encontrarse

Entre los días 9 y 14 octubre del 2016, el CNI realiza su Quinto Congreso¹⁶, que aconteció en las instalaciones del Centro Indígena de Capacitación Integral (Cideci – Unitierra), en la ciudad de San Cristóbal de las Casas, en Chiapas. El 12 de octubre, el EZLN hace público el Comunicado *Que Retiemble en sus Centros la Tierra*¹⁷, en el que conmemoran las dos décadas de existencia del CNI y afirman que: “En nuestros pueblos nos construimos cada día en las

resistencias por detener la tempestad y ofensiva capitalista que no cesa sino que se vuelve cada día más agresiva y se ha convertido en una amenaza civilizatoria”. Enumeran 27 conflictos que afectan a las comunidades indígenas del país, haciendo un llamado a la resistencia y rebeldía desde abajo y a la izquierda. Y anuncian:

nos declaramos en asamblea permanente y consultaremos en cada una de nuestras geografías, territorios y rumbos el acuerdo de este Quinto CNI para nombrar un concejo indígena de gobierno cuya palabra sea materializada por una mujer indígena, delegada del CNI como candidata independiente que contienda a nombre del Congreso Nacional Indígena y el Ejército Zapatista de Liberación Nacional en el proceso electoral del año 2018 para la presidencia de este país. (EZLN, 2016).

Al día siguiente, frente al desconcierto que habría provocado la propuesta, el comandante Moisés reitero: “Escúchenlo bien, entiéndanlo bien, ahora es la hora del CNI. Que a su paso retiemble en sus centros la tierra, que en su sueño se derrote el cinismo y la apatía, que en su palabra se levante la de quién no tiene voz”¹⁸. En las vísperas de un año electoral, frente a la posible y real victoria del candidato del partido de Morena, Andrés Manuel López Obrador, la noticia incomodaba, no faltaron las voces que aseguraron: los indígenas le están haciendo el juego a la derecha.

El CNI por su parte inicia una amplia consulta con sus bases¹⁹, que dura desde octubre a mayo. El 28 de mayo del 2017, durante la Asamblea

en el sitio de la Radio Zapatista Sudcalifornian@ en la siguiente página: <https://rzsud.org/material-de-la-escuelita-zapatista/>.

¹⁶ El segundo Congreso aconteció en 1998 en México -Tenochtitlán, el Tercero en el 2001, en la ciudad de Nurío, en Michoacán, el Cuarto en el 2006 en San Pedro Atlapulco en el Estado de México.

¹⁷ El comunicado puede ser encontrado en EZLN (2016).

¹⁸ Entrevista concedida a Yvon Le Bot (1997 p. 22).

¹⁹ El CNI está formado por 523 comunidades, representando a 43 grupos indígenas de 25 estados del país.

Constitutiva del Concejo Indígena de Gobierno (CIG)²⁰, hacen público el comunicado “Llegó la hora”.

Por acuerdo de nuestra asamblea constitutiva del Concejo Indígena de Gobierno, decidimos nombrar como vocera a nuestra compañera María de Jesús Patricia Martínez del pueblo náhuatl, cuyo nombre buscaremos que aparezca en las boletas electorales para la presidencia de México en el año 2018, que será portadora de la palabra de los pueblos que conformaran el C.I.G, que a su vez altamente representativo de la geografía indígena de nuestro país. Entonces pues, no buscamos administrar el poder, queremos desmontarlo desde las grietas que sabemos, somos capaces”. (CNI; EZLN, 2017).

A sus 54 años, María de Jesús Patricia Martínez - Marichuy, es elegida de forma directa por las comunidades indígenas como su vocera - portadora de la palabra de los pueblos. A partir de ese momento, comienza todo un largo proceso organizativo y burocrático, para conseguir que su nombre aparezca en la boleta electoral como candidata independiente a la presidencia de la República

3. Marichuy: la vocera de los pueblos.

María de Jesús Patricia Martínez es una mujer indígena perteneciente al pueblo náhuatl²¹. Nació en Tuxpan, en el Estado de Jalisco, el 23 de diciembre de 1963. Madre de tres hijos, tiene una larga historia en la lucha y organización de los pueblos indígenas, es médica tradicional y dirige desde sus inicios la casa de salud Calli Tecolhuacateca Tochan, o la Casa de los antepasados, donde promueve mediante la herbolaria los saberes que heredó su madre y su abuela. También ha impartido cursos de medicina tradicional en la Universidad de Guadalajara.

Marichuy hace énfasis en que su papel es como vocera y no como candidata, en el sentido de que su mandato obedece a la decisión de los pueblos, a un derecho colectivo de un cargo político, y no a un derecho

²⁰El CIG está formado por 71 concejales y una vocera.

²¹ En México existen 68 pueblos indígenas.

individual: “en el mundo indígena se trata de un servicio gratuito, un sacrificio que hay que hacer para mantener la armonía del pueblo o la comunidad” (LÓPEZ BÁRCENAS, 2021). El cargo es una responsabilidad emanada de las asambleas.

En la historia del país, esta es la primera vez que una mujer indígena²² se presentará como candidata para el cargo. Consideramos que la participación de las mujeres indígenas en la política partidaria ha ido tomando cada vez más presencia en nuestro continente. Es fruto del acumulo de cuatro décadas marcadas por la irrupción y las movilizaciones sociales - que comenzaron en la década de los años 80 - principalmente en Ecuador y Bolivia - y que se fueron extendiendo en torno de un movimiento indígena²³, que va consolidando una agenda de lucha - en un sentido de unidad continental - con las acciones en contra de los 500 años de la conquista, en 1992. Los pueblos indígenas, van ganando espacio (creando nuevas organizaciones, coordinadoras y partidos políticos) y representación dentro de un lugar que no los representa desde su origen, el Estado. La función pública siempre estuvo vetada para ellos, sin embargo, cada vez más, muestran su presencia - no solo en el ámbito institucional -, en la lucha por el reconocimiento de sus derechos constitucionales.

Por mencionar tan solo algunos casos de la participación de las mujeres indígenas en nuestro continente, recientemente en Guatemala, la indígena maya Thelma Cabrera, fue candidata a la presidencia en las elecciones del 2019, como parte del partido Movimiento para la Liberación de los Pueblos (MLP). Thelma, conquistó 10% de los votos, consiguiendo posicionar su partido como la cuarta fuerza política del país. Algunos años atrás, la ganadora del premio nobel de la Paz, la indígena guatemalteca Rigoberta Menchú Túm, se presentó como candidata presidencial en las elecciones del 2007, como parte de una coalición de partidos Winaq y el partido Encuentro por Guatemala, consiguiendo tan solo un 3% de los

²²Fue solamente en 1953 cuando se reconoció a nivel federal el derecho al voto de las mujeres.

²³Nos referimos en un sentido conceptual, pues consideramos que el movimiento indígena, está formado por una diversidad de formas de acción, tendencias, demandas y estrategias.

votos - quedando en quinto lugar. En su segundo intento, en las elecciones del 2011, Rigoberta obtuvo tan sólo 3.2% de los votos.

Al sur del continente, en Brasil, la indígena Sonia Bone Guajajara, Coordinadora Ejecutiva de la Articulación de los Pueblos Indígenas de Brasil (APIB), en febrero del 2018, fue lanzada²⁴ como precandidata a la vicepresidencia por el Partido Socialista y Libertad (PSOL). En Belice, Froyla Tzalam, licenciada en antropología, de origen maya-mopan, con maestría en Desarrollo Social, se convirtió en la primera mujer indígena en tomar posesión como gobernadora general del país (2021).

En otros ámbitos del poder político, en Ecuador, la indígena Kichwa Nina Pacari, licenciada en Ciencias Políticas y doctora en Jurisprudencia además de una de las dirigentes más destacadas del país por el partido Pachakutik, fue nombrada ministra de Relaciones Exteriores durante el gobierno del coronel Lucio Gutiérrez (2003-2005), siendo la primera mujer indígena en ocupar el cargo de canciller en América Latina²⁵.

Recientemente, el pasado 4 de julio del 2021, en Chile, la indígena Mapuche Elisa Loncón, doctora en Lingüística, presidió la Convención Constituyente para la construcción de una nueva Carta Magna en un país donde los derechos de los pueblos indígenas se resumen a la Ley 19.253 de 1993, limitada, tan sólo, al reconocimiento de la diversidad cultural de los pueblos, en torno de: “respetar, proteger y promover el desarrollo de los indígenas”. Por lo tanto, bajo una nueva Constitución Plurinacional se abre la oportunidad, por primera vez, para el reconocimiento de derechos indígenas en torno de la autodeterminación y la autonomía de los pueblos.

En junio del 2017, en una entrevista realizada con la periodista Carmen Aristegui²⁶, Marichuy afirma la razón o el motivo de la nueva

²⁴La indígena Guajajara fue lanzada para ser candidata a vicepresidenta en la *Carta “518 Anos depois: ‘A Luta pela Mãe-Terra é a Mãe de Todas as Lutas’ - Carta por uma Candidatura Indígena, Anticapitalista e Ecosocialista à Presidência do Brasil”*. El contenido está en 518 años después (2017).

²⁵ El viraje a la agenda del Fondo Monetario Internacional del Presidente coronel Gutiérrez, ante los designios de su ministro de Economía Mauricio Pozo, y el abandono rápido de los compromisos de campaña, rompieron el diálogo de los indígenas con el gobierno. A los pocos meses de haber asumido la cancillería, Nina Pacari renunció al cargo. Aún después de las dificultades enfrentadas, considera que “al ser parte del gobierno provocábamos una ruptura de los paradigmas convencionales, trastocábamos las identidades únicas, irrumpíamos en los espacios públicos y marcábamos una simbología de la representación histórica”. (PACARI, 2007, p.154).

²⁶ La entrevista de Marichuy a la periodista Aristegui, bajo el título “Urge dar un paso más decisivo junto con más hermanos”, está publicada en el libro “¡Y retiemble en sus centros la tierra...! La propuesta indígena para México 2018” de autoría colectiva. Ver Marichuy (2018, pp. 68-70)

iniciativa: “vamos a recorrer el país pero con la mirada de la organización, no vamos a pedir que voten, vamos más allá de las elecciones, eso va a ser nuestra prioridad para recorrer el país”. (MARICHUY, 2018, p. 68). El mensaje era claro: organizar a los pueblos, visibilizar sus problemas mediante los medios de comunicación y mostrar la importancia de la participación de las mujeres en este proceso. Dos meses después, el 7 de agosto, se dio a conocer el registro de la Asociación Civil “Llegó la hora del florecimiento de los pueblos”, surge como una organización de apoyo a la vocera del Concejo Indígena de Gobierno (CIG). Entre los firmantes de la Asociación, aparecen tanto académicos, como artistas, entre ellos: Pablo González Casanova, Juan Villoro, Eduardo Matoz Moctezuma, Francisco Toledo, Magdalena Gómez, Gilberto López y Rivas, Mágara Millán, entre otros. De tal forma, comienza a construirse una red para poder realizar las tareas de difusión y propaganda. El apoyo internacional se siente más presente, con la carta recibida por parte del Movimiento de Mujeres de Kurdistán Komalén Jinén Kurdistán (KJK), como una muestra de encuentro entre luchas que cruzan mares. El mensaje que llegaba desde la Coordinación del (KJK), no solo fraterniza con las resistencias, sino que hace énfasis en la participación y el liderazgo de las mujeres en los procesos de lucha.

Nosotros en Kurdistán hemos desarrollado nuestra propia defensa de fuerzas capitalistas modernistas y los ataques de los estados colonialistas que ocupan nuestro suelo, iluminados por las experiencias de lucha de los pueblos indígenas de América Latina. [...] la compañera Marichuy no es solo la voz de los indígenas de México, sino al mismo tiempo de todas las mujeres del mundo. (KJK, 2017).

El 7 de octubre del 2017, Marichuy presentó su registro como candidata ante el Instituto Nacional Electoral (INE), para contender en las elecciones federales. Una semana más tarde, el día 15, recibió su constancia como aspirante a la candidatura independiente. Al día siguiente, comenzaría el arduo trabajo - que duraría cuatro meses - para poder juntar las firmas y entregarlas antes del 19 de febrero del 2018.

La campaña realizada por Marichuy fue muy otra, muy diferente de las convencionales, no solo porque no contaba con ningún apoyo o financiamiento de campaña por parte del INE, sino porque los diversos colectivos, brigadas y simpatizantes (más de 10 mil auxiliares), no cobraron ni un centavo. Todo aconteció en base al trabajo solidario, mutuo y voluntario. Se colocaron mesas de recolección de firmas en plazas, salidas del metro, universidades y parques, para reunir las 860 mil firmas que exige el INE, como lo muestran los requisitos en su página, para “Presidencia de la República: 1% de la lista nominal de electores en el país, distribuido en al menos 17 entidades federativas con igual porcentaje en cada una de ellas. 120 días”.²⁷

Sin embargo, el mecanismo propuesto por el INE para reunir las firmas no beneficiaba el proceso de la candidatura, ya que era necesario, por ejemplo, tener un teléfono inteligente - que es costoso -, a través del cual, mediante el uso de una aplicación, se realizaba el debido procedimiento para el reconocimiento de las credenciales electorales. Esto puede parecer fácil cuando se está en una ciudad, pero resulta casi imposible e ineficiente cuando se aplica en zonas rurales, donde el acceso al internet es mucho más limitado y donde hay comunidades que ni siquiera cuentan con electricidad. El aplicativo funcionó más como un obstáculo que como una herramienta que facilitase la recolección de las firmas. La dificultad era tan evidente que, el 18 de octubre, la Asociación Civil *Llegó la Hora del Florecimiento de los Pueblos* hizo publicó un pronunciamiento²⁸ donde denunciaba múltiples irregularidades en el proceso. Los problemas más frecuentes fueron enumerados como, por ejemplo, fallas técnicas en el uso de la aplicación, lugares de internet, normalmente abiertos, aparecían bloqueados o sin acceso cuando la candidata llegaba, el tiempo de registro que debería ser relativamente

²⁷Para conocer los requisitos para la constancia de registro como candidato(a), ver el portal del **Instituto Nacional Electoral**, disponible en: <https://portal.ine.mx/actores-politicos/candidatos-independientes/requisitos/>. Consultado en: 17 jun. 2022.

²⁸El comunicado titulado “*Pronunciamiento de la Asociación Civil ‘Llegó la hora de decidir: el destino está en nuestras manos y del pueblo de México’ sobre sabotajes y obstaculización en la obtención del apoyo ciudadano para María de Jesús Patricio Martínez*” fue enviado a los medios de comunicación y a organizaciones de la sociedad mexicana en 18 de octubre de 2017. El Congreso Nacional Indígena lo publicó el día 23 de ese mes (CNI; EZLN, 2017).

rápido - 4:30 segundos como lo aseguraba el INE - demoraba mucho más, lo que hacía lento, burocrático y cansativo el proceso. Finalmente, muchos auxiliares-gestores que se habían dado de alta en el INE – no recibieron su aviso de registro, por lo tanto, no podían ejercer la recolecta de firmas.

Marichuy comenzó su recorrido al sur del país, en el territorio zapatista. Entre los días 13 al 19 de octubre, visitó - siempre acompañada por concejales - comunidades y Caracoles en resistencia, participó de una serie de eventos organizados por mujeres zapatistas, lo que le daba ánimo e impulso para el camino que estaría por recorrer. Su primera parada, el sábado 14, fue en Guadalupe Tepeyac, un lugar en el que ella había estado en agosto de 1994, cuando los zapatistas organizaron la Convención Nacional Democrática (CND), para discutir los rumbos democráticos del país, entre representantes de los pueblos indígenas, académicos y organizaciones sociales. Ahora, 23 años más tarde, estaba presente como vocera. En el discurso de bienvenida, la Comandanta Everlida, dejó claros la posición y el sufrimiento de las mujeres indígenas, por la opresión que viven, tanto étnica, de clase y género: “Nosotras vivimos en el olvido y la marginación en la sociedad capitalista. En el campo y la ciudad es peor nuestra situación de lo que acabamos de escuchar. Sufrimos al triple por ser mujeres, indígenas y pobres. Como indígenas, en el campo nunca hemos sido tomadas en cuenta”. (LA JORNADA, 2017). La presencia de una mujer como vocera, despertaba a su paso, no solo intrigas, sino el interés en otras mujeres para participar en el proceso. Su imagen y sus palabras mostraban que era posible luchar.

Después de haber visitado las comunidades en resistencia, el primer acto masivo acontecería algunos días más tarde, el 28 de noviembre, en la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Millares de estudiantes la esperaban en la explanada de rectoría frente a la Biblioteca Central, de donde colgaba una gran manta que decía: “Venimos a hablar de cosas imposibles, porque de lo posible se ha dicho demasiado”. Marichuy se dirigió a los estudiantes y les habló de la importancia de tener una educación pública, abierta, crítica y al servicio del pueblo, con la cual fuera

posible construir nuevos horizontes. Dejó claro que su recorrido sería por la organización:

Cuando hemos dicho que nuestra lucha, que nos está llevando a recorrer los rincones del México de abajo, no es por el poder y no es tampoco por puestos públicos o votos electoreros, lo decimos porque venimos buscando algo mucho más grande e importante, venimos buscando la conciencia colectiva de abajo, esa que hemos visto nacer y florecer en los estudiantes organizados y que nos han enseñado mucho con su dignidad y determinación. (MARICHUY, 2017).

Continuó las próximas semanas, visitando plazas, universidades, parques, pero se enfocó más en las comunidades, donde le compartían los problemas locales, aprendiendo de sus resistencias en la lucha contra un sistema que pretende aniquilar a los pueblos: “la importancia de participar en ese proceso es porque los pueblos indígenas estamos cansados que este sistema nos siga destruyendo a los pueblos, a nuestras comunidades” (MARICHUY, p.68, 2018). Considera que el despojo de las tierras es la principal amenaza que sufren los pueblos, frente a la construcción de los diversos megaproyectos - que los pueblos llaman de proyectos de muerte -, y que en nombre del progreso, pretenden construir carreteras, aeropuertos, parques eólicos y turísticos o instalaciones mineras para la extracción de sus recursos. Símbolos del despojo, que no solo promueven la desorganización comunitaria, sino que generan altos índices de violencia - no son pocos los líderes comunitarios asesinados en los últimos años.

Marichuy afirma²⁹: “La gente no está dispuesta a que le sigan destruyendo su territorio, su tierra, su organización. [...] A la gente que se opone a la destrucción la asesinan, la encarcelan, la desaparecen. Las comunidades consideran que esto es para intimidar, para meter miedo y para que no se organicen”. (MUÑOZ, RAMÍREZ, 2018, p.163- 164). A partir del recorrido realizado, Marichuy reconoce que hay dolores y resistencias “en algunos lugares está más fuerte la organización y en otros está un poco más débil porque ha habido mucha represión y mucha división impuesta

²⁹ Entrevista concedida a Muñoz Ramires (2018).

desde fuera. [...] Las empresas se meten a las asambleas y desde ahí van dividiendo, pues el propósito es destruir sus propias formas de organización para seguir imponiendo”. (MUÑOZ, RAMÍREZ, 2018, p.168).

El 14 de febrero del 2018, un accidente en el camino entre San Ignacio y Vizcaíno, en Baja California Sur, marcó el final de su recorrido. La camioneta en la que viajaba Marichuy y once miembros del Concejo Indígena de Gobierno se volcó. Eloísa Vega Castro, una de las mujeres que la acompañaba, perdió la vida, algunos de los tripulantes quedaron heridos y la candidata sufrió una fractura en el brazo.

Al llegar el día del conteo de firmas, el 19 de febrero, Marichuy no obtuvo el registro deseado, pues la cifra mínima no fue posible de ser alcanzada: se recaudaron 255.864, casi un 33% de lo requerido. Entre los otros candidatos independientes que sí consiguieron estar en la boleta, estaba Jaime Rodríguez, el Bronco, que era del Partido Revolucionario Institucional (PRI); Margarita Zavala del Partido Acción Nacional (PAN) - esposa del expresidente de la república, Felipe Calderón; y Armando Ríos Piter, del Partido Revolución Democrática (PRD). De todos ellos, el INE declaró que entre el 30% y 40% de sus firmas eran duplicadas o falsas. A diferencia de Marichuy, donde el 93% de las firmas fueron válidas. Una vez más, el sistema beneficiaba a los mismos de siempre. Marichuy no apareció en la boleta, pero fue la única que hizo una campaña honesta y cumplió su propósito de visibilizar los problemas de los pueblos y hacer un llamado a la organización.

4. Algunas Reflexiones Finales.

La insurrección zapatista fue un parteaguas para los pueblos indígenas de México - en la lucha por el reconocimiento constitucional de sus derechos. Desde su irrupción pública, han realizado diversos encuentros y diálogos de los que han nacido organizaciones como el CNI - de la cual surge (recientemente) el Concejo Indígena de Gobierno - para incentivar procesos de autogobierno. La creación de los Caracoles y las JBG

en sus territorios rebeldes, son muestra del ejercicio autónomo que permea toda la vida comunitaria, donde el trabajo y la dedicación que las mujeres zapatistas han desarrollado a lo largo de casi tres décadas de lucha es reflejo no solo de su participación política -militar dentro de la estructura jerárquica del EZLN - como comandantas, tenientes, etc., sino en torno, de todas las actividades de la vida en sus comunidades.

La decisión en conjunto del EZLN y el CNI, sobre la posible candidatura presidencial de Marichuy - muestra la importancia de la participación política que las mujeres tienen y han tenido dentro del movimiento indígena. Nos parece, que el hecho de que el nombre de una mujer indígena apareciera en la boleta electoral tenía en el fondo un carácter simbólico – una estratégica, en la que se utilizaría un instrumento del Estado, para que el país entero recordara que los pueblos indígenas están presentes no como piezas de museo, sino que forman parte de un mosaico heterogéneo y multicultural de diversos proyectos, conflictos y realidades. El recorrido que Marichuy realizó a lo largo de la precampaña, con el propósito de recaudar las firmas, no era para asumir ningún cargo público o para aproximarse al poder de los de arriba, sino para visibilizar las injusticias que viven los de abajo – siendo un recorrido que captó la atención de los medios de comunicación. En ese sentido, su liderazgo estaba más vinculado a la escucha.

Consideramos que su propósito, estaba dirigido a unir las luchas de los pueblos - haciendo un llamado permanente a la construcción y a la organización contra el despojo - y colocando el énfasis en el horizonte de la lucha por la autonomía, palabras que nos hacen recordar a la Comandanta Esther en la inauguración de los Caracoles: las autonomías no necesitan permiso del Estado. Su andar entre los pueblos fue para caminar-escuchando, pero sobre todo, para ir construyendo un caminar juntos y en resistencia.

5. Referencias

518 ANOS DEPOIS (518 Anos depois: 'A Luta pela Mãe-Terra é a Mãe de Todas as Lutas' - Carta por uma Candidatura Indígena, Anticapitalista e Ecosocialista à Presidência do Brasil). **Instituto SocioAmbiental**. 1 dic. 2017. Disponible en: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/518-anos-depois-carta-por-uma-candidatura-indigena-anticapitalista-e-ecosocialista> . Consultado en: 17 jun. 2022.

CNI; EZLN (Consejo Nacional Indígena; Ejército Zapatista de Liberación Nacional), Llegó la hora,; **Enlace Zapatista**, San Cristóbal de las Casas (Chiapas), 28. mayo 2017. Disponible en: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2017/05/28/llego-la-hora-cni-ezln/> . Consultado en: 17 jun. 2022.

COMANDANCIA GENERAL. **Declaración de la Selva Lacandona: Hoy decimos ¡Basta!** Palabra EZLN. 1993. Disponible en: <http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1993.htm> . Consultado en: 17 jun. 2022.

DOF (Diario Oficial de la Federación). México: SEGOB. 14 ago. 2001. Disponible en: http://dof.gob.mx/nota_detalle.php?codigo=762221&fecha=14/08/2001 Consultado en 17 jun. 2022.

ESTHER, Comandanta. Queremos ser indígenas y mexicanos. In: COMISIÓN DE ASUNTOS INDÍGENAS LVIII LEGISLATURA. **Reunión de trabajo de las Comisiones Unidas de Puntos Constitucionales y Asuntos Indígenas de la Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión, con Delegados del Ejército Zapatista de Liberación Nacional y el Congreso Nacional Indígena**. México: Cámara de Diputados. 28 mar. 2001. Disponible en: <http://www.diputados.gob.mx/comisiones/asunindi/reunezln.pdf> . Consultado en: 17 jun. 2022.

ESTHER, Comandanta. Palabras de la Comandanta Esther a los Pueblos Indios de México. **Palabra EZLN**, Oventik (Chiapas), 9 ago. 2003. Disponible: https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2003/2003_08_09.htm . Consultado en: 17 jun. 2022.

EZLN (Ejército Zapatista de Liberación Nacional). **Ley Revolucionaria de Mujeres**. México: El Despertador Mexicano [Órgano Informativo del EZLN]. n.1. dic. 1993. Disponible en: http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1993_12_g.htm . Consultado en: 17 jun. 2022.

EZLN (Ejército Zapatista de Liberación Nacional). Que retiemble en sus centros la tierra. **Enlace Zapatista**. Chiapas, 14 oct. 2016. Disponible en: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2016/10/14/que-retiemble-en-sus-centros-la-tierra/> . Consultado en: 17 jun. 2022.

KJK (Komalên Jinên Kurdistan). Mujeres de Kurdistan a Marichuy: “los Pueblos Indígenas son el resguardo del tejido social de la humanidad”. **Espoir Chiapas**. 7 jun. 2017. Disponible en: <https://espoirchiapas.blogspot.com/2017/06/mujeres-de-kurdistan-marichuy-los.html> . Consultado en: 17 jun. 2022.

KLEIN, Hilary, Compañeras, Historias de las mujeres zapatistas, Argentina: **El Colectivo**, 2019.

LA JORNADA. Marichuy lleva su propuesta como candidata independiente a la Presidencia: “Llegó la hora de decidir: el destino está en nuestras manos y del pueblo de México” **La Jornada**, México, 23 oct. 2017. Disponible en: <https://www.jornada.com.mx/2017/10/15/politica/010n1pol> . Consultado en: 20 jun. 2022.

LE BOT, Yvon. **Subcomandante Marcos; el sueño Zapatista**. España, Plaza y Janés editores, 1997. 376 p.

LLEGO LA HORA (Asociación Civil “Llegó la hora de decidir: el destino está en nuestras manos y del pueblo de México” sobre sabotajes y obstaculización en la obtención del apoyo ciudadano para María de Jesús Patricio Martínez). **CNI [online]**, 23 oct. 2017. Disponible: <https://www.congresonacionalindigena.org/2017/10/23/pronunciamiento-la-asociacion-civil-llego-la-hora-del-florecimiento-los-pueblos-sabotajes-obstaculizacion-la-obtencion-del-apoyo-ciudadano-maria-jesus-patric/>. Consultado en: 20 jun. 2022.

LÓPEZ BÁRCENAS, Francisco. Los Acuerdos de San Andrés, proceso constituyente y reconstitución de los pueblos indígenas. **El Cotidiano**, n. 196. p. 87-94, mar. / abr. 2016. Disponible: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/325/32544732009/html/index.html> . Consultado en: 17 jun. 2022.

LÓPEZ BÁRCENAS, Francisco. Elecciones y pueblos indígenas. **La Jornada**, México, 23 abr. 2021. Disponible: <https://www.jornada.com.mx/2021/04/23/opinion/015a2pol> . Consultado en: 17 jun. 2022.

LÓPEZ Y RIVAS, Gilberto. **Autonomía de los pueblos Indígenas y Zapatismo**. México: Ocean Press y Ocean Sur, 2014.

LOS 7 PRINCIPIOS DEL ZAPATISMO. **Somoselmedio**, México, 3 mayo 2020. Disponible en <https://www.somoselmedio.com/2020/05/03/los-7-principios-del-zapatismo/>. Consultado en: 17 jun. 2022

MARCOS, Subcomandante Insurgente. El heroísmo cotidiano hace posible que existan los destellos: Carta de Marcos sobre la vida cotidiana en el EZLN. **Palabra EZLN**, Oventik (Chiapas), 26 ene. 1994. Disponible en: https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1994_01_26.htm. Consultado en: 18 jun. 2022.

MARCOS (Subcomandante Insurgente Marcos). Chiapas: la treceava estela - Tercera parte: un nombre. **Palabra EZLN**, Oventik (Chiapas), jul. 2003a. Disponible en: https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2003/2003_07_c.htm. Consultado en: 18 jun. 2022.

MARCOS (Subcomandante Insurgente Marcos). Ejército Zapatista de Liberación Nacional. **Palabra EZLN**, Oventik (Chiapas), 9 ago. 2003b. Disponible en: https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/2003/2003_08_09_d.htm. Consultado en: 17 jun. 2022.

MARICHUY (María de Jesús Patricio Martínez). “Urge dar un paso más decisivo junto con más hermanos” [Entrevista a Carmen Arístegui], pp. 68-70. In: **¡Y retiemble en sus centros la tierra...! La propuesta Indígena para México 2018**. Volumen III, México: Editorial Ce-Acatl, 6 jun. 2018.

MARICHUY (María de Jesús Patricio Martínez). Palabra de Marichuy en Ciudad Universitaria de la UNAM. **Congreso Nacional Indígena**. 28 nov. 2017. Disponible en: <https://www.congresonacionalindigena.org/2017/11/29/palabra-marichuy-ciudad-universitaria-la-unam/>. Consultado en: 17 jun. 2022.

MARICHUY (María de Jesús Patricio Martínez). Discurso en la Comisión de Asuntos Indígenas. In: COMISIÓN DE ASUNTOS INDÍGENAS LVIII LEGISLATURA. **Reunión de Trabajo de las Comisiones Unidas de Puntos Constitucionales y Asuntos Indígenas de la Cámara de Diputados del H. Congreso de la Unión, Con Delegados del Ejército Zapatista de Liberación Nacional y el Congreso Nacional Indígena**. México: Cámara de Diputados LVIII Legislatura. 28 mar. 2001. Disponible: <http://www.diputados.gob.mx/comisiones/asunindi/reunezln.pdf>. Consultado en: 17 jun. 2022.

MUÑOZ RAMÍREZ, Gloria, **Flores en el Desierto, Mujeres del Concejo Indígena de Gobierno**. México: Rosa Luxemburg Stiftung, 2018.

PACARI, Nina. **Voces Indígenas: Todo puede ocurrir**, México: UNAM/Dirección General de Publicaciones/Fomento Editorial, 2007.

PARTICIPACIÓN (Participación de las Mujeres en el Gobierno Autónomo). **Cuaderno de Texto de Primer grado del Curso de 'La Libertad según l@s Zapatistas'**. s.l. [México?], 2013. pp. 84. Disponible en: <https://chiapasbg.files.wordpress.com/2013/09/mujeres-es.pdf> . Consultado en: 17 jun. 2022.

ROVIRA, Guiomar. **Mujeres de maíz**, México: Editorial Era, 1997.

VERA HERRERA, Ramón. Congreso Nacional Indígena - Un espacio de lucha en la Otra Campaña. La Jornada [online]. **Ojarasca** [suplemento], n. 111. jul. 2006. Disponible en: <https://www.jornada.com.mx/2006/07/17/oja111-cni.html> . Consultado en: 18 jun. 2022.



MEMÓRIAS DA ESCURIDÃO: CAMINHOS DA MINERAÇÃO DE UM SCHINDLER NA BOLÍVIA

MEMORIAS OSCURAS: CAMINOS MINEROS DE UN SCHINDLER EN BOLIVIA

DARK MEMORIES: MINING PATHS OF A SCHINDLER IN BOLIVIA

Ana Carla Barros Sobreira¹ 

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Resumo: Este artigo busca retratar através de intersecções entre narrativas escritas e imagens fotográficas, a atuação de Mauricio Hochschild - um dos barões da mineração na Bolívia - na proteção de judeus exilados e fugitivos dos horrores do nazismo alemão, entre os anos de 1938 e 1939. O museu, como espaço de construção de memórias, se constituiu como fonte para a escrita deste artigo. Tendo como embasamento teórico os pensamentos de autores como Silveira; Filho (2005), Bosi (1987;1994), Didi-Huberman (2010), Pollak (1992), Palma (2015) entre outros, nos propusemos a tecer diálogos objetivando construir novos sentidos a uma história vivida, entre tantas outras, em espaços de completa escuridão.

Palavras-chave: Museu; Mineração; Nazismo; Holocausto; Memória.

Resumen: Este artículo busca retratar, a través de intersecciones entre narrativas escritas e imágenes fotográficas, el papel de Mauricio Hochschild - uno de los barones mineros de Bolivia - en la protección de judíos exiliados y fugitivos de los horrores del nazismo alemán, entre 1938 y 1939. El museo, como espacio de construcción de memorias, se constituyó en fuente para la redacción de este artículo. Teniendo como base teórica el pensamiento de autores como Silveira; Filho (2005), Bosi (1987;1994), Didi-Huberman (2010), Pollak (1992), Palma (2015) entre otros, nos propusimos tejer diálogos con el objetivo de construir nuevos sentidos a una historia vivida, entre muchas otras, en espacios de completa oscuridad.

Palabras clave: Museo; Minería; Nazismo; Holocausto; Memoria.

Abstract: This article aims to depict, through intersections between written narratives and photographs, the role of Mauricio Hochschild, one of the mining barons in Bolivia, in the protection of exiled Jews and fugitives from the horrors of German Nazism, between 1938 and 1939. As a space for the construction of memories, the museum constituted itself as a source for the writing of this article. Having as a theoretical basis the thoughts of

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada-IEL-UNICAMP. E-mail: anacalbarrossobreira@gmail.com

authors such as Silveira; Filho (2005), Bosi (1987; 1994), Didi-Huberman (2010), Pollak (1992), Palma (2015) among others, we proposed a dialog aiming to build new meanings to a history lived, among many others, in spaces of complete darkness.

Keywords: Museum; Mining; Nazism; Holocaust; Memory.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.192113](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.192113)

Recebido em: 04/11/2021
Aprovado em: 01/07/2022
Publicado em: 03/07/2022

1. Introdução

Este artigo é fruto de uma experiência pessoal baseada em uma exposição de um museu ferroviário na Cordilheira dos Andes, na Bolívia. Não sou especialista nem na História da Arte nem em Crítica da Arte, sou um sujeito que, como tantos outros, visita museus e se interessa pelas histórias que são contadas e construídas pelos turistas, através do olhar, e que refratam e refletem as mensagens que os artefatos expostos lhes transmitem. São relatos de tempos de memórias, algumas visíveis, outras escondidas na escuridão que juntas são testemunhas de tempos sombrios mas, por outro lado, humanísticos.

O Museu de *Machacamarca*, departamento de Oruro (Bolívia), é um lugar de recordações. Desde a história dos magnatas do estanho na Bolívia até a vinda de judeus refugiados da Segunda Guerra Mundial caracteriza-se por ser um espaço que dialoga com cada visitante e que conserva segredos oriundos de tempos remotos. Está repleto de sentidos que são compartilhados pelos visitantes que ao atribuírem valores e simbolismos aos artefatos expostos, fazem emergir, de suas próprias experiências subjetivas, um novo processo de construção de semioses, delas com o mundo.

O fluxo e o refluxo de sentidos que circulam no Museu de *Machacamarca* são capazes de veicular reminiscências de memórias construídas que estabelecem vias de comunicação tanto com o passado

como com o devir. Tratam-se de lembranças individuais e coletivas, como imagens remotas, talvez as mais antigas que os sujeitos conseguem evocar. Dessa forma, talvez possamos concordar com Bosi (1987) que nos leva a reconhecer que nossas lembranças, ou até mesmo as ideias que temos, não são assim tão originais,

[...] foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que nós creíamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos em nosso cabedal (p.331).

E é nessa linha de pensamento que os museus exercem seus papéis ao proporcionar processos de autorreflexividade, construindo discursos críticos e, porque não dizer, decoloniais. A ideia da temporalidade transcende, assim, os espaços do museu, e antes, se se via a diferença como indício de outro tempo (primitivo, selvagem, *démodé*), o que se pode observar na dimensão espacial do museu são transformações de narrativas, e a diferença passa a ser vista como estando no lugar do Outro, em outro local e em outro espaço, mas compartilhando um mesmo tempo histórico.

Esse processo, exige o olhar para a heterogeneidade, porque a aproximação com novas formas contextuais, a construção de outras conexões sociais e os posicionamentos políticos do sujeito, nos levam a nos olhar como sujeitos híbridos, que são afetados e que afetam as relações que mantêm com outros sujeitos híbridos realizando um processo produtivo, dinâmico, com claras agências políticas, e, parafraseando Bhabha (1990) proporcionam os Hibridismos e a Tradução Cultural².

²Bhabha (1990) introduz os conceitos de Hibridismo e Tradução Cultural visando entender melhor os efeitos dos espaços temporais, históricos e ideológicos na transição da modernidade para a pós-modernidade e, por conseguinte, para a pós-colonialidade. Pode-se observar aqui que o conceito de tempo linear totalizante era uma estratégia dominante para impor um conceito específico de tempo e de historicidade sobre outros conceitos de temporalidade e de história coexistentes de outros (os subalternos) e que foram silenciados. Dessa forma, a coexistência de outros conceitos de tempo histórico descortina a falsa construção de um conceito único e puro de tempo, e nos leva a perceber conceitos múltiplos e híbridos. A consequência disso para o analista social é abandonar o papel de legislador ou de um identificador de regras e construir um papel mais interpretativo como mediador entre contextos e culturas, entre saberes e ações localmente construídos, entre tempos e espaços, ou seja, ser um agente ativo em um processo de Tradução Cultural.

Dessa forma, este artigo, se debruça sobre uma ação decolonizadora de (re)leitura da história, não se aferrando aos fatos expostos no museu, mas tentando encontrar lacunas e vestígios, através dos artefatos que observamos, de uma história outra que, talvez, possamos (re)contar. As locomotivas a vapor, as ferramentas, os utensílios domésticos, os trens abandonados à intempérie que não entraram no espaço do museu, as casas dos trabalhadores, todos a seu modo, reverberam latências e abrem as portas para uma nova experiência do ver, tornando real o visível e o invisível. E nesse ponto, a imagem que está à nossa frente, se torna inelutável como propôs Didi-Huberman (2010) é "quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder" (p. 34).

O Museu de *Machacamarca*³ comporta uma presença distante, uma aura personificada, que constrói uma trama espacial e temporal, e aponta para intersecções entre semioses. Uma aura que segundo Benjamin (1993) "é a figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais próxima que ela esteja" (p. 101). E essa aura transmite uma dinâmica sígnica, que não trata de um fenômeno de fascinação, mas de construção da alteridade que em si carrega estranhamentos, e como delineia Palma (2015),

A arte serviu inicialmente à magia como produtora de objetos com valor de culto. A aura estaria na origem da noção de imagem-que se ligava à magia. Mas, o que está na origem nunca se esvai, não se pensa aqui em origem como um começo que se pode historiograficamente apontar, mas como a fonte de um rio, na analogia de Benjamin, a partir da qual a correnteza carrega seus sintomas [...] (p. 226).

Dessa forma, adotamos aqui uma postura crítica, dialogando com o pensamento de Didi-Huberman (2013), que ao propor a cisão do olhar os objetos do museu, entre o que se vê e o que não se vê, o artefato e a aura, a imagem e o vestígio, aceitam a imanência e experimentam o sublime (p. 158); uma espécie de sintoma daquilo que não se vê, do ausente, e assim realizam novas posturas interpretativas abertas ao aqui e ao outrora,

³ O Museu de *Machacamarca* não conta com um *site* próprio para consultas, mas para uma breve apreciação do museu o leitor deste texto poderá assistir a um pequeno filme no *link* a seguir, para que possa conhecer, mesmo que rapidamente, a grandiosidade das exposições do museu. <https://www.youtube.com/watch?v=3iyHbLBltkE>.

produzindo imagens dialéticas em um constante movimento de sentidos (DIDI-HUBERMAN, 2013).

2. O espaço do museu como experiência dialógica

É no contexto de visitas nos espaços dos museus que este texto buscou formular propostas dialógicas entre o visível e o invisível e as vozes subalternas silenciadas, descortinando processos de opressão e negação que são a lógica da colonialidade. Os estudos decoloniais consistem em dar visibilidade a processos de negação e exploração de outros seres humanos, extermínios e outras atitudes contra outros seres humanos que são eticamente e humanamente inaceitáveis.

Os museus como espaços que podem estabelecer contatos entre povos, culturas e sujeitos, ultrapassam as linhas abissais construídas pela modernidade/colonialidade, estabelecendo relações concretas que envolvem desigualdades e conflitos irreduzíveis. Como evidencia Clifford (2016), ao pensarmos nas construções das fronteiras, estas estão baseadas nos pressupostos da expansão europeia, porém quando se pensa em zona de contato busca-se,

[...] uma tentativa de invocar a co-presença espacial e temporal de sujeitos anteriormente separados por disjunções geográficas e históricas, e cujas trajetórias agora se cruzam. Ao usar o termo “contato” pretendo enfatizar as dimensões interativas, improvisadas, dos encontros coloniais, tão facilmente ignoradas ou suprimidas pelos relatos difusionistas de conquistas e dominações. Uma perspectiva de “contato” destaca como os sujeitos são constituídos e as relações que têm uns com os outros. Ela enfatiza a co-presença, a interação, inter-relacionando entendimentos e práticas, muitas vezes dentro de relações de poder radicalmente assimétricas (PRATT,2000 apud CLIFFORD, 2016, p. 37).

Ao pensarmos os museus como uma zona de contato, podemos inferir que sua organização deixa de ser uma construção de coleção para uma construção de relações entre sujeitos, políticas e ideologias que são carregadas de poder, e que evidenciam pressões e/ou concessões. Um museu em forma de coleção institucionaliza as fronteiras, enquanto

organização relacional funciona como uma construção dialógica que proporciona novas formas de narrativas.

As novas narrativas construídas e (re)construídas pelos sujeitos participantes do processo, sejam eles visíveis ou não-visíveis, humanos ou não-humanos, apresentam em seu cerne um despertar de compaixão e, por que não dizer, empatia, pelos corpos sofredores dos Outros. Dessa forma, o espaço dialógico do museu é chamado para assumir a responsabilidade diante de acontecimentos históricos, sociais e/ou culturais, que vão além da conservação de artefatos e elicitam sentimentos escondidos que os artefatos evocam, através das reações de contato.

Assim, ao dialogar com os artefatos de um museu que sobreviveram a sofrimentos no imaginário dos sujeitos, esse padecimento pelo sofrimento alheio, constitui o que Hunt (2009) delineou acerca da formulação moderna da ideia de direitos humanos. Hunt (2009) se baseia na manifestação de sentimentos de pessoas do século XVIII, indo além de documentos e tratados filosóficos produzidos na época, mas através de manifestações de sentimentos de pessoas comuns na literatura, nos romances e até em processos penais.

Os museus como espaços dialógicos de narrativas humanitárias, constituem um quadro de discursos decoloniais que proporcionam uma ação possível para a mitigação do sofrimento. E nesse contexto, se as guerras são inevitáveis, pelo menos podemos, de alguma forma, dar visibilidade às vozes das vítimas, dos subalternizados, dos excluídos e dos massacrados em genocídios como foram os judeus, ciganos, homossexuais, entre outros, na Segunda Guerra Mundial. Vale destacar também que quando nos referimos ao humanitarismo este não se resume à atuação dos sujeitos em tempos de guerra, ou seja, os museus podem evidenciar experiências de desestabilização, pois os artefatos que dialogam com os sujeitos, são elementos de base para uma tessitura narrativa e levam os indivíduos a questionar o que exatamente essas imagens nos querem mostrar.

Quando nos propomos a construir uma crítica decolonial tendo como base os espaços museológicos nos engajamos nos debates que tiveram origem sobre as matizes de poder geradas pela colonização nos campos do conhecimento, da cultura, das representações e nas constantes reestruturações ao longo das diferentes ondas de modernização e ocidentalização pelas quais a América Latina teve que passar. É nesse contexto que a opção teórica decolonial propõe um duplo procedimento,

[...] por um lado, de "desprendimento" das epistemologias ocidentais que colonizaram os saberes e as disciplinas modernas; por outro lado, de "abertura" a um pensamento-outro que inaugure uma nova forma de pensar a partir da pluralidade de pontos de enunciação geohistoricamente situados (LEÓN, 2019, p. 62).

Assim, nessa linha de pensamento objetivamos observar o espaço do museu com olhares dialógicos observando tanto a voz e o testemunho de grupos dominados, os trabalhadores das minas de estanho na mineração boliviana, ou seja, os trabalhadores salvos do regime nazista alemão como, por outro lado, observar a atuação de Mauricio Hochschild como salvador e/ou mantenedor de pensamentos hegemônicos e colonizadores. As imagens, os artefatos, os espaços, as memórias, transitam entre a complexidade dos processos colonizadores e a voz dos subalternos. E dessa forma, o desafio ao qual nos propomos a desvelar constrói uma rearticulação diversificada de visualidades e representações.

As coleções expostas em um museu como o de *Machacamarca* apresentam uma sufocante capacidade expressiva que expõe a materialidade do sofrimento humano. Seria, dessa forma, como um teste de resistência dos sentidos, pois, "o relato das crueldades da guerra é construído como ataque à sensibilidade do espectador" (SONTAG, 2003, p. 40-41). Tentaremos a partir de construções reflexivas do espaço do museu pensar o papel dual desempenhado por Mauricio Hochschild como explorador colonial e como salvador que atravessava a estrutura de elementos heterogêneos articulando diversas histórias. O desafio se constitui por fazer uma leitura dialógica sem conceitos pré-formados, mas

buscando uma nova forma do fazer decolonial com foco na dialogicidade e no não apagamento das vozes que ecoam por todos os lugares.

A visita ao Museu Ferroviário de *Machacamarca* vai além de um ato observatório, se faz necessário estarmos atentos aos vestígios, às lacunas, ler os signos, construir uma semiologia. Cada sujeito se relaciona com um vagão, cada vagão uma relação, uma imagem. E como propõe Ginzburg (1989), cada relação, uma vivência, e as formas indiciárias de conhecimento se unem, "descendentes de um antigo saber venatório, rastros pistas, sintomas, vestígios..." (GINZBURG, 1989). E nesse contexto se (re)constrói a História, através da busca da cura da dor invisível, (re)memorando através das imagens e preenchendo através de penumbras e sombras, as trilhas visuais que compõem os relatos. Assim, interpelamos reflexões fronteiriças partindo de um entre-lugar (Bhabha, 1998). Um lugar,

[...] que não é o fim, nem meio, tampouco ponto de partida; daquilo que não emerge, mas transborda, perpassa e entrelaça-se. Refiro-me, portanto, àqueles que precisam sempre lidar com as fronteiras do mundo, com as evidentes bordas do corpo: os que precisam refazer as margens do imaginário (CAETANO, 2019, p. 2).

Assumimos que não rejeitamos os diversos deslocamentos, as performances, as identidades e o pensamento de si e do outro que tecem intersecções entre os sujeitos. Pensamos nas fronteiras propostas por Anzaldúa (2007) que podem ser físicas ou simbólicas, que podem existir apenas para o opressor que as estabeleceram e que podem, através de ações subversivas, serem atravessadas pelos que por elas são oprimidos. Dessa forma, nossa escrita enxerga e dialoga com os fronteiriços, ou seja, evidencia uma decolonização da diferença, sem o paternalismo que certas tradições teóricas possam exercer tampouco essencializando identidades subalternas.

Resumindo, buscamos uma nova forma de fazer ciência que contemple os diversos olhares, sem hierarquia, quebrando os binarismos, construindo e (des)construído. E os museus nos podem proporcionar essa (des)construção quando articulam as relações de dominação sem, no entanto, reconhecer a existência de uma forma única nem principal de

opressão. Observamos o contexto em que as práticas sociais sucederam sem caminhar ao encontro de respostas prontas mas formulando pensamentos outros. Em seguida, apresentamos a fachada da entrada do museu como forma de introduzir os leitores para as visitas que realizamos. Um lugar de reflexão e autocrítica, de questionamentos outros e de construção de narrativas.

Figura 1 - Fachada do Museu de Machacamarca.



Fonte: IBOLIVIA (s/d).⁴

⁴ Disponível em: <https://www.ibolivia.org/museo-ferroviario-de-machacamarca>. Acesso em 7 de abril de 2022 .

3. Os caminhos da mineração na Bolívia: entre fortunas

As locomotivas que construíram o império dos magnatas dos minerais na Bolívia são trilhas que transportaram histórias e evidenciam narrativas humanitárias. Os trens carregaram mais que minérios, salvaram vidas de muitos judeus que até pouco tempo não tinham saído das sombras que os protegiam de seus algozes.

A história dos trens e das estações ferroviárias teve início na Bolívia a partir dos anos de 1870, e isso teve uma ligação direta com o processo de mineração. A prata promoveu a construção de diversas linhas de trens na costa do Pacífico e nas regiões do altiplano boliviano durante o século XIX. Já no século XX, a extração de estanho deu um novo impulso à construção das linhas de trem, as quais ainda hoje são conhecidas como as linhas andinas e ocidentais. Como a Bolívia não tem acesso ao mar, as linhas férreas desempenharam um papel fundamental na história da expansão econômica mineira, levando o país às margens tanto do Oceano Pacífico como do Atlântico.

Vale observar que a construção da rede ferroviária oriental teve como objetivo desenvolver a região de Santa Cruz de la Sierra e vinculá-la ao Oceano Atlântico através de linhas férreas que ligassem Santa Cruz à Argentina e ao Brasil. Todas as linhas foram financiadas pelo governo boliviano que, mais tarde, fazendo negócios com o Brasil, recebeu financiamentos para a construção de algumas linhas e, em 1953, chegou à Bolívia a primeira locomotiva brasileira.

A extração da prata e em seguida a extração de estanho deram início à construção de linhas férreas no final do século XIX até o século XX. Nesse período destacaram-se os barões do estanho como Simón Patiño (1860-1946), Victor Aramayo (1889-1981) e Mauricio Hochschild (1881-1965), que construíram suas fortunas com a exploração de minerais,

principalmente o estanho. Patiño, por exemplo, começou sua fortuna ao descobrir uma mina sumamente rica em 1900, a *Mina Salvadora*, na serra de *Llallagua* no Departamento de *Potosí*. Nos anos seguintes começou a adquirir outras minas e sua fortuna cresceu vertiginosamente. Em meados dos anos de 1910 já havia formado um complexo mineiro poderoso e constava de sua propriedade as minas de *Llallagua*, *Catavi*, *Uncía* e *Huanuni*, entre outras. E assim, como meio de transporte para os minerais que extraía das minas, construiu a linha férrea de *Machacamarca* em 1911.

O mais importante fato relacionado à mineração na Bolívia se refere à compra da fundição inglesa *Williams Harvey & Com.*, com sede em Liverpool por Patiño. Essa fundição controlava um quarto de todos os negócios de fundições e refinarias do mundo, o que o levou a ampliar ainda mais seus negócios, adquirindo minas até na Malásia. Chegou a desempenhar um dos papéis principais no *Comitê Internacional de Estanho*, um dos primeiros cartéis a controlar o preço da matéria-prima. A partir daí Simón Patiño passa a ser conhecido como O Rei do Estanho e em 1940 se encontrava entre os homens mais ricos do mundo.

4. Nem tudo eram flores:os dois lados de um *Schindler*⁵ na Bolívia

Moritz (Mauricio na Bolívia) Hochschild era um judeu alemão que nasceu em Biblis na Alemanha. Fazia parte de uma família judia dedicada à mineração durante mais de uma geração. Era o primogênito de um comerciante que tinha primos envolvidos na indústria metalúrgica, os

⁵ Optamos por usar no título e subtítulos deste artigo a expressão um *Schindler na Bolívia* embora, Mauricio Hochschild tenha recebido o título de *Schindler boliviano* como até os dias atuais é conhecido na Bolívia. A este propósito vale a pena ler *Los Infames* da escritora boliviana Verónica Ormachea (2017) e que referenciamos ao final deste texto. Trata-se de um romance que descreve as tragédias da Segunda Guerra Mundial onde aparece a figura de Mauricio Hochschild, tão conhecido na Bolívia por ter sido um dos três “barões do estanho” durante a primeira metade do século passado. A autora evidencia que Mauricio Hochschild teria viajado para a Alemanha em pleno momento da Guerra para tentar salvar alguns parentes e conhecidos. Vale observar que para um judeu ir para a Alemanha bombardeada era quase um suicídio. Hochschild teria entrado com um passaporte diplomático argentino o que lhe fez escapar do cerco das organizações de segurança alemãs. A autora relata uma faceta vigorosa e desconhecida de Hochschild que buscou resgatar os condenados à morte e dar-lhes trabalho em suas minas na Bolívia. Isso, obviamente, nos leva a pensar em Oskar Schindler do filme *A Lista de Schindler* (A LISTA, 1993) que também salvou muitos judeus durante a guerra. E é Javier Moro (2017), escritor espanhol, na apresentação do livro de Ormachea (2017), que destaca que Hochschild teve a grandeza de se tornar um verdadeiro *Schindler boliviano*.

irmãos Berthold Hochschild, que fundaram a *American Metal Company* e Zachary Hochschild, sócio da *Metallgesellschaft*.

Depois que terminou o ensino médio, estudou engenharia na Universidade de Minas e Tecnologia de Freiberg (Alemanha) e, em 1905 começou a trabalhar no complexo industrial *Metallgesellschaft*. Em seguida continuou seus trabalhos como agente da mesma companhia na Espanha e na Austrália. Fez várias viagens a América do Sul, principalmente ao Chile para manter negociações, e já de volta a Alemanha, se tornou voluntário no exército alemão realizando um trabalho burocrático na Primeira Guerra Mundial. Em 1918, se casa com Käthe Rosenbaum e, em 1919, faz sua primeira viagem como casado a América do Sul. Em 1920 nasce seu primogênito Gerardo Hochschild Rosenbaum.

Desde os tempos da universidade, Hochschild escutava rumores acerca de Simón Patiño e da fortuna que ele continuava acumulando com a venda do estanho, e em 1922, Hochschild embarca rumo à Bolívia visando construir sua fortuna. Durante as próximas décadas o nome de Hochschild se une ao de Simón Patiño e ao de Víctor Aramayo, que juntos constroem um império em torno da exploração da mineração e do comércio de estanho. O império de Hochschild se estendeu desde o Peru até o Chile e a década de 1930 foi o apogeu da influência econômica e política do grupo Moritz Hochschild na Bolívia.

Em 1938, no despontar do partido nazista na Europa, utilizando sua influência com Germán Busch (1937-1939), presidente da Bolívia na época, incentivou à Bolívia a abrir as portas aos refugiados judeus da Alemanha de Hitler. Sua história até pouco tempo se manteve oculta, porém, a partir dos anos 2000, ao começar a organizar documentos contábeis antigos da COMIBOL, a *Corporación Minera de Bolivia*, foram encontrados entre os documentos, diversos contratos de trabalho realizados pela companhia de Hochschild a judeus alemães, como por exemplo, o contrato feito com Eric

Nagel Thale, nascido em Leipzig em 1904 e que chegou a Bolívia com 32 anos, junto com sua mãe, uma senhora de 74 anos.

Por outro lado, Mauricio Hochschild, desvelou um lado sombrio quanto a sua atuação nas minas de estanho e no contexto social e político na Bolívia. Como magnata se conectou a políticos, empresários locais e autoridades bolivianas que muitas vezes eram chantageadas ou intimidadas para atender a alguns de seus pedidos. O outro lado de Hochschild como empresário opressor é descrito por exemplo por Zeballos (2021) na coluna opinião do jornal boliviano El Diario (2021). Segundo o autor, Hochschild além de dono de minas também se tornou revendedor de máquinas, ferramentas e materiais para grandes instalações industriais que ele importava da Europa. Vagões de trens, carros e outros utensílios para uso nas minas e nas cidades bolivianas também são encontradas na lista de importação de Hochschild. Aliado aos outros barões do estanho fez artimanhas visando burlar os impostos e influenciar os governantes para disponibilizar de políticas que os beneficiassem enquanto explorava os trabalhadores das minas e os mantinha com baixos salários. Em seguida apresentamos um documento de um trabalhador judeu dos arquivos da COMIBOL.

Figura 2. Documento de trabalhador judeu.

49

16

NOMBRE Walter Walter Carlos
 No. de ARCHIVO 8560 No. de Examen Médico 2276
 No. de Carnet _____ I. D. Serie _____ Sec. _____
 Estado sanitario según examen médico Hol de medicina, Baquisque
Caracas

Niudad Alemania Lug. Nacido Neunberg
 Nació año 1893 Edad 43 años Estado Caracas
 Padre Mauricio Walter (Jes)
 Madre Anna Walter (Jes)
 Oficio Minero

OBSERVACIONES
Comodidad en el trabajo
Trabaja en el grupo de 21 personas

PERSONAS QUE ESTAN BAJO SU AMPARO Y PROTECCION

Nombre	Edad	Parentesco
<u>Mania Collarte</u>	<u>3 años</u>	<u>Esposa</u>

Ingreso al trabajo { Según el interesado el: _____
 su Archivo el: _____

RETIROS

Día	Mes	Año	Motivo	Conducta
<u>5</u>	<u>Nov</u>	<u>1936</u>	<u>Pasó a la categoría de sus</u>	<u>abogado</u>

FECHAS EN QUE RECOJE SU AHORRO

Día	Mes	Año	Día	Mes	Año

FIRMA: Carlos Walter

En caso de necesidad se dará aviso a:
Mania Collarte
Casimiro #123
 Domicilio en Antofagasta

Izq. PULGARES Der.

3560 3560

Fonte: Arquivos documentos da COMIBOL (s/d).

Figura 3. Crianças judias no *Kindergarten* de Miraflores em La Paz-Bolívia.



Fonte: Arquivos documentos da COMIBOL, (s/d).

A fotografia em preto e branco mostra dezenas de crianças judias. A foto foi tirada no Jardim de Infância (*Kindergarten*) em Miraflores, um bairro na capital La Paz, no final da rua Díaz Romero e foi encontrada junto a uma carta dirigida ao magnata mineiro Mauricio Hochschild, em meio a diversos outros documentos pedindo sua ajuda para construir mais um andar na escola, visto que já haviam muitas crianças ali, e na expectativa de que muitas mais chegassem. Essas e outras crianças foram trazidas para a Bolívia para salvá-las do regime nazista entre 1938 e 1940. O trecho a seguir faz parte da carta enviada a Hochschild e é um dos muitos documentos existentes no Sistema de Arquivo Histórico (SIAH) da Empresa Mineira Boliviana (COMIBOL), que comprova que Hochschild tinha pelo menos duas faces: a do empresário mineiro e a do ser humano benfeitor.

"Como as instalações que este estabelecimento de ensino ocupa são próprias, tendo em conta a quantidade de crianças que aqui estão e querem vir, é conveniente construir mais um andar para o que se necessita de muito dinheiro. Estamos ansiosos por sua ajuda. Todas as crianças estão agradecidas", indica a carta que se encontra nos arquivos da Comibol, de El Alto.⁶

⁶ "Como el local que ocupa este establecimiento educacional es propio en vista de la cantidad de niños que están aquí y quieren venir, es conveniente construir otro piso más para eso se necesita mucho dinero.

A maior contribuição de Hochschild, destaca Bieber (1999), historiador boliviano, foi ter criado a Sociedade para a Proteção dos Imigrantes Israelitas (SOPRO) e a Sociedade para a Colonização da Bolívia (SOCOBO). A primeira organização foi destinada a obter financiamento para receber os judeus que chegavam da Europa e necessitavam do mínimo para sobreviver e, a segunda, se concentrou em iniciar um projeto agrícola na região de *Nor Yungas* em La Paz, onde foram compradas três fazendas para receber os judeus.

A COMIBOL continua organizando documentos em diversas minas as quais constavam de propriedade de Hochschild e calcula-se que entre os anos de 1939 e 1940, 9.000 judeus chegaram a Bolívia, se salvando do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Bieber (1999), a imigração para a Bolívia começou antes mesmo do início da guerra, e enquanto a Bolívia abria suas portas para os refugiados judeus, na Alemanha acontecia a Noite dos Cristais, revoltas contra os cidadãos e negociantes judeus, e a destruição de sinagogas e cemitérios.

Na Alemanha eram organizados os famosos jogos olímpicos de Berlim de 1936, milhões de jovens eram recrutados para o exército alemão. Em 3 de outubro de 1935, a Itália intimidava a Etiópia. Em 1934 na Ásia, a China começava a se preocupar com o aumento dos armamentos japoneses e nesse contexto, a Bolívia figurava como o grande mercado de estanho no mundo, um dos recursos apreciados para a produção de armamentos no planeta. Em 1935 as salas de cinema exibiam *King Kong* em La Paz e um acidente aéreo em 24 de junho de 1935 matava Carlos Gardel. Hochschild, ocultamente, era solidário com judeus alemães e proporcionava armamento, estanho e outros materiais às forças aliadas.

No contexto boliviano ideias fascistas eram disseminadas nos anos de 1933 e 1945 entre militares, comerciantes, professores, profissionais e outros alemães que viviam no país e buscavam juntar-se aos ideais do

Esperamos su ayuda. Todos los niños estaremos gratos", indica la misiva que se encuentra en el archivo de la Comibol, en El Alto (ARQUIVO COMIBOL, LA PAZ, 2000). (Tradução própria)

nacional-socialismo. Entre os simpatizantes estavam políticos, diplomatas, militantes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR, 1941), da Falange Socialista Boliviana (FSB, 1937), do Partido Socialista (fundado por Enrique Baldivieso em 1934), além de outros pró-nazistas que defendiam a Hitler em artigos que eram publicados na imprensa ou através de reuniões sociais. Quase todos os envolvidos estavam relacionados com a Embaixada Alemã na Bolívia que cumpria seu papel de recrutar adeptos e difundir as ideias do nazismo, além de cooperar na perseguição de profissionais marxistas ou de esquerda.

Vale destacar aqui que o chamado Socialismo Militar de David Toro e Germán Busch (1936-1939), período de maior destaque de Hochschild como Rei do Estanho, foram o preâmbulo de uma tendência nacional-socialista disseminado na Bolívia, inclusive com linhas antisemitas como se pode observar no primeiro programa do MNR e que culminou com o golpe de estado de 1943. A escritora Irma Lorini (2016) evidencia em seu livro *Los Nazis en Bolivia; sus militantes y simpatizantes 1929-1945* a história social e política desse período.

5. O museu de *Machacamarca*: recordações e memórias

O Museu Ferroviário de *Machacamarca* está localizado a 30 km. de Oruro, cidade a 3.800 metros de altitude no nível do mar, na Cordilheira dos Andes, na Bolívia. Na cidade de *Machacamarca* acontecia a fusão entre as linhas férreas de *Uncía e Machacamarca e Oruro-Uyuni-Antofagasta*, a primeira linha ferroviária na região, todas fazendo parte de um complexo amplo de carregamento de estanho.

Figura 4 - Fusão de trens.



Fonte: Autoria própria (out. 2021).

A área em que hoje está localizada a cidade de Oruro⁷, contribuiu significativamente para a expansão do império de Simón Patiño e Moritz (Maurício) Hochschild, e a coleção de trens que está exposta no museu são acervos importantes da história industrial e social de Oruro.

Figura 5. Mapa da localização do Museu de *Machacamarca*.



Fonte: Google Maps.⁸

⁷ É na cidade de Oruro-BO, onde estamos realizando nossa pesquisa a nível de doutoramento no âmbito do IEL-UNICAMP.

⁸ Disponível em <https://www.google.com/maps/place/Museo+de+trenes+Machacamarca/@-18.175257,-67.020768,16z/data=!4m5!3m4!1s0x0:0x7ec8e3598a803b73!8m2!3d-18.175257!4d-67.020768!hl=pt-BR>. Acesso em 7 de abril de 2022.

O museu está organizado em um enorme galpão onde expõe ferramentas, objetos de uso doméstico do cotidiano dos magnatas do estanho e veículos ferroviários importados pelos barões do estanho que foram utilizados tanto para o carregamento de trabalhadores e suas famílias como para a manutenção da vida nas minas. Podemos observar documentos de trabalhadores (inclusive judeus), cartões de ponto, máquinas para comunicação, fotografias, entre outros artefatos que compõem uma vasta coleção de documentos históricos.

Em seguida destacamos alguns artefatos que se encontram no interior do museu e que nos chamaram a atenção em nossa visita, no entanto, os leitores poderão apreciar chapas fotográficas que organizamos logo após terminado o *tour* tanto no museu como fora dele, e que disponibilizamos no *link* em nota de rodapé⁹.

1. Locomotiva a vapor de fabricação alemã-inglesa denominada Luz Mila - marca Orentein Kopper -, que era a filha caçula de Simón Patiño. Chegou a Oruro em 1913 e operou até o ano de 1964, puxando os trens entre a mina *La Salvadora* e a cidade de Oruro.

Figura 6. Locomotiva Luz Mila.



Fonte: Autoria própria (out. 2021).

2. Outra atração do museu se trata de um *Buick car in rail* que foi construído em 1938 e importado para Bolívia em 1940. O carro de luxo

⁹ https://drive.google.com/drive/folders/19cT_AjZo-ULBdF7LPNm6mi49ZaubKNZ?usp=sharing

dos magnatas era conhecido como *Al Capone* e era usado para transportá-los da cidade de *Machacamarca* até as minas nas montanhas.

Figura 7. Al Capone



Fonte: Autoria própria (out. 2021).

3. Pode-se explorar também uma locomotiva a vapor preta com listras vermelhas e amarelas fabricada nos Estados Unidos em 1944. Quanto aos seus registros, ela poderia atingir 60km. por hora.

Figura 8. Locomotiva vermelha e amarela.



Fonte: Autoria própria (out. 2021).

4. Um vagão de passageiros de primeira classe, tinha um banheiro o que era uma inovação para a época e levava 26 passageiros.

Figura 9. Vagão de passageiros.



Fonte: Autoria própria (out. 2021).

No total foram 100 fotografias, organizadas por temas, que descrevemos a seguir,

1. Vivências: as casas dos trabalhadores
2. Cotidiano: os utensílios dos magnatas
3. Recordações sobre os trilhos
4. O trabalho e as ferramentas
5. Homens e mulheres
6. Além do museu: outras memórias

Observamos aqui que o museu, chama a atenção pela disposição dos trens, e todos os artefatos expostos em sua coleção, pela conservação do ambiente, e por sua localização que ocupa quarteirões inteiros da cidade de *Machacamarca*. No entanto, fora do galpão onde está concentrada a coleção, outros vestígios nos chamaram a atenção, e que talvez, pela beleza do museu, podem ter ficado esquecidos nas estações de trens que circundam o lugar central onde o museu está localizado. São outros locais, que sem dúvida, fizeram parte da construção da memória dos imigrantes

judeus que viajaram nas locomotivas e que estão abandonados, como locais sem importância, porque não transmitem ao olhar do turista, a conservação e a beleza que se espera encontrar. Mas é aqui que a construção dos sentidos se faz mais presente.

Figura 10. Vagão de passageiros. Espaço fora do museu.



Fonte: Autoria própria (out. 2021).

As projeções que conseguimos fazer na visita ao museu estavam melhor datadas no espaço exterior. Eram as casas dos trabalhadores, seus lavabos, as cozinhas, um cabide atrás de uma porta (que certamente já havia segurado um macacão ou uma camisa), uma locomotiva de madeira ainda nos trilhos parada no tempo. Diferentes elementos de memória que nos transpuseram para os vagões de madeira que chegavam em *Auschwitz*. Sem dúvida uma memória socialmente construída, que nos questionava a cada momento e a cada descoberta. Construímos imagens do visível e do não-visível assim como de alguma forma traduzimos um não-tempo presente traçando uma linha tênue entre nossas recordações e nossos sentimentos de identidade, e porque não dizer de alteridade, pois,

Se assimilarmos aqui a identidade social à imagem em si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente é o Outro (POLLAK, 1992, p. 204).

Assim, decidimos não esquecer as formas que nos proporcionavam sentimentos outros e buscamos colocar nas imagens organizadas em pranchas, o que nosso olhar fotografou. O fluxo de sentidos que as imagens

expostas nas pranchas buscaram descobrir foi uma (re)memória de vivências não-vividas, como a poética das coisas proposta por Bachelard (1988) que se personalizou na espacialidade do lugar. A espacialidade fora do museu refletia a alma das coisas e dos humanos que estiveram (ou talvez estavam por ali), e as imagens circulavam nos meandros de nossas memórias,

[...] carreando lembranças de situações vividas outrora, permeadas por certas sutilezas e emoções próprias do ato de lutar contra o esquecimento e a finitude do ser, bem como de seus vínculos com o seu lugar de pertença (SILVEIRA; FILHO, 2005, p. 39).

Construímos uma espécie de mapeamento simbólico que revelou a construção de uma ecologia mental, porque de alguma forma, tanto o espaço nos ligou a um tempo, a pessoas e a lugares, numa experiência singular de percepções sensoriais, mobilizando muito sutilmente, convergências e dispersões dos sentidos no nosso corpo socialmente construído. E delineando o que define Silveira e Filho (2005), poderíamos ter travado uma luta contra o fantasma do esquecimento, processando mensagens e construindo semioses, isso porque,

No domínio das coleções e do artefato museal, os objetos nos remetem a um complexo processo comunicativo, seguindo por caminhos singulares que expressam vias distintas, mas não excludentes: uma é interna e de caráter subjetivo, que aponta para o "trabalho da memória" (Bosi, 1994), resguardando, ainda, certa importância didático-pedagógica e ilustrativa pela sua capacidade de estimular reflexões, nas quais tempos e espaços são realinhados, misturados, desconstruídos pelo observador (SILVEIRA; FILHO, 2005, p. 42).

E nessa construção subjetiva de símbolos, fizemos movimentos de autoreflexividade, como uma alteridade vivida que se debruçava tanto nos valores sentimentais quanto na construção documental, humanística e ética. As chapas fotográficas que organizamos buscaram revelar uma parcela de expressões culturais que tiveram como base nossos ideais de cidadania, diversidade cultural, memória e direitos humanos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadros interpretativos com os quais nos deparamos ao visitar o museu de *Machacamarca* nos levaram a perceber que o processo que media nosso olhar sobre o mundo é longo e desafiador, assim como também não é tão fácil de discutir. Compreendemos a dificuldade que se apresenta ao observar através de vários ângulos acontecimentos históricos que questionam nossa própria construção identitária.

É preciso pontuar, entretanto, que embora os acontecimentos não possam ser classificados como universais devem ser observados nos contextos em que ocorrem ou ocorreram. O papel de Mauricio Hochschild durante a Segunda Guerra Mundial suscita diversas pesquisas e divide opiniões entre os estudiosos da História da Bolívia: era ele o salvador de judeus ou um magnata opressor? Os museus que abrigam pertences do milionário, de sua família, de seus trabalhadores, de sujeitos que estiveram próximos a ele, muito mais que nos proporcionar respostas nos levam a construir reflexões outras e nos convidam a escutar as vozes silenciadas por um regime que teceu tramas em todo o mundo. E mais que trazer respostas prontas, convidamos outros pesquisadores a conhecer as histórias vividas que clamam por serem desvendadas.

8. REFERÊNCIAS

A LISTA (A lista de Schindler). Steven Spielberg (Diretor). EUA: Universal Pictures. 1993. (Filme). Disponível em: <https://rakuten.tv/pt/movies/a-lista-de-schindler>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands. La frontera. The new mestiza**. São Francisco (USA): Aunt Lute Books. 2007.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. (Trad. Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo: Brasiliense. 1993. pp. 165-196.

BHABHA, Homi. **Nation and narration**. Londres: Routledge. 1990.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.

BIEBER, León. La sociedad de protección a los inmigrantes israelitas: su aporte a la integración económica de judíos en Bolivia. 1939-1945. **Latin Studies Association**. v. 34. n.2. p. 152-178. 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2503916>. Acesso em: 16 out. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. 2ª Edição. T.A. Queiroz. São Paulo: EdUSP. 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

CAETANO, Mariana Gomes. Bordas do corpo, fronteiras do mundo: notas sobre o feminismo fronteiriço. In. LOPES, Adriana; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel (Org.) **Nó em pingo d'água - Sobrevivência, cultura e Linguagem**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2019.

CLIFFORD, James. Museus como zonas de contato. **Periódico Permanente**. n.6. fev. 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. (Trad. Paulo Neves). São Paulo: Editora 34. 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Contraponto. 2013.

DUSSEL, Enrique. **20 Tesis de política**. México: CREFAL/Siglo XXI. 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In. GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. (Trad. F. Carotti). São Paulo: Companhia das Letras. 1989. p. 143-179.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. (Trad. Rosaura Eichenberg). São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

LEÓN, Christian. Imagens, mídia e telecolonialidade: rumo a uma crítica decolonial dos estudos visuais **Epistemologias do Sul**. v.3. n.1. 2019. pp. 58-73. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2437>. Acesso 7 abril 2022.

LORINI, Irma. **Los nazis en Bolivia: sus militantes y simpatizantes 1929-1945**. La Paz: Editorial Plural. 2016.

MALDONADO-TORRES, Nelson Maldonado. On the Coloniality of Being: contributions to the development of a concept. **Estudos Culturais**. v. 21, n. 2-3, 2007. pp. 240-270. DOI 10.1080/09502380601162548.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2007.

MORO, Javier. Apresentação. In: ORMACHEA, Verónica. **Los Infames**. 1er edición. Madrid: Liber Factory/ Lord Byron. 2017.

ORMACHEA, Verónica. **Los Infames**. 1er edición. Madrid: Liber Factory/ Lord Byron. 2017.

PALMA, Daniela. A Cidade que nos olha: imagem e vestígios nos noturnos de Cássio Vasconcellos [online]. **Galáxia**. n. 29, pp. 23-236. 2015. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641255017.pdf>. Acesso em: 7 abril 2022.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. v.5 n. 10, 1992, p. 200-212

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO. 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. 2ª Edição. v. 4. São Paulo: Editora Cortez. 2008.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; FILHO, Manuel Ferreira Lima. Por uma Antropologia do objeto documental: entre a "alma das coisas" e a coisificação do objeto. **Horizontes Antropológicos**. ano 11, n. 23. jan/jun 2005. p. 37-50.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. (Trad. Rubens Figueiredo). São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

ZEBALLOS, Hernán. Mauricio Hochschild (Opini3n). **El Diario**. 19 fev. 2021. Disponível em: <https://www.pub.eldiario.net/movil/index.php?n=16&a=2021&m=02&d=19>. Acesso em: 16 abril 2022.



ASPECTOS DE LA MIGRACIÓN SIRIA EN ARGENTINA - ANÁLISIS SEGÚN EL MODELO TEÓRICO-ANALÍTICO PARA LA LINGÜÍSTICA DE LA MIGRACIÓN DE EVA GUGENBERGER¹

*ASPECTOS DA MIGRAÇÃO SÍRIA PARA A ARGENTINA -
ANÁLISE SEGUNDO O MODELO TEÓRICO-ANALÍTICO DE EVA
GUGENBERGER PARA A LINGÜÍSTICA DA MIGRAÇÃO*

*ASPECTS OF SYRIAN MIGRATION IN ARGENTINA -
ANALYSIS ACCORDING TO EVA GUGENBERGER'S
THEORETICAL-ANALYTICAL MODEL FOR THE LINGUISTICS OF MIGRATION*

Carolina Y. Andrada-Zurita² 
Universidad Nacional de Rosario, Argentina

Resumen: El presente artículo aborda el modelo teórico-analítico para la lingüística de la migración propuesto por Eva Gugenberger, en consonancia con la última migración siria acaecida en Argentina entre los años 2011-2020. El principal objetivo de este trabajo es analizar la migración siria en Argentina según ciertos aspectos elegidos del modelo de Eva Gugenberger, quien aplicó inicialmente este modelo sobre la migración gallega en Argentina, por medio del cual obtuvo datos relevantes sobre la cultura estudiada. Se emplean para esta investigación instrumentos legales tales como: la ley 25.871 y el denominado Programa Siria, los cuales permiten entender mejor la manera en que se insertan socialmente los migrantes sirios en Argentina. Este artículo pretende no solo proporcionar una mirada desde los estudios migratorios, sino también, ponerlos en diálogo con la sociolingüística. En cuanto a la metodología empleada, debemos señalar que es de tipo cualitativa y de alcance descriptivo,

¹ El presente artículo se deriva de mi tesis de grado para obtener el título de Licenciada en Relaciones Internacionales.

² Estudiante de maestría en Estudios Culturales por la Universidad de Rosario (UNR), Licenciada en Filosofía por la Universidad Nacional del Sur (UNS) y Licenciada en Relaciones Internacionales por la Universidad Siglo 21 (UES21), Argentina. E-mail: carolinavandradazurita@gmail.com

focalizada en el estudio de legislación nacional, de los programas creados para la asistencia a migrantes sirios, etc. Asimismo, se recurre a artículos y libros especializados en el área estudiada. Finalmente, entre los resultados más destacados se encuentra que efectivamente el modelo propuesto por Gugenberger puede aplicarse sobre otros procesos migratorios distintos al que ella inicialmente estudió.

Palabras clave: Eva Gugenberger; Lingüística de la migración; Migración siria; Argentina.

Resumo: Este artigo aborda o modelo teórico-analítico para a linguística da migração proposto por Eva Gugenberger, em consonância com a última migração síria ocorrida na Argentina entre os anos de 2011-2020. O objetivo principal deste trabalho é analisar a migração síria na Argentina segundo alguns aspectos escolhidos a partir do modelo de Eva Gugenberger, inicialmente aplicado à migração galega na Argentina, através do qual obteve dados relevantes sobre a cultura estudada. Instrumentos legais como a Lei 25.871 e o chamado Programa Sírio são utilizados para esta pesquisa, o que permite melhor compreensão da forma como os migrantes sírios estão inseridos socialmente na Argentina. Este artigo visa não apenas fornecer um olhar a partir dos estudos migratórios, mas também colocá-los em diálogo com a sociolinguística. Em relação à metodologia utilizada, é preciso destacar que é de abrangência qualitativa e descritiva, voltada para o estudo da legislação nacional, dos programas criados para atender os migrantes sírios, etc. Da mesma forma, são utilizados artigos e livros especializados na área estudada. Por fim, entre os resultados mais destacados está que o modelo proposto por Gugenberger pode de fato ser aplicado a outros processos migratórios diferentes daquele que ela inicialmente estudou.

Palavras-chave: Eva Gugenberger; Linguística da migração; migração síria; Argentina.

Abstract: This article approaches the theoretical-analytical model for the linguistics of migration proposed by Eva Gugenberger, in line with the last Syrian migration that occurred in Argentina between the years 2011-2020. The main objective of this work is to analyze Syrian migration in Argentina according to certain aspects chosen from the Eva Gugenberger model, who initially applied this model to Galician migration in Argentina, through which she obtained relevant data on the culture studied. Legal instruments such as: Law 25.871 and the so-called Syrian Program are used for this research, which allow a better understanding of the way in which Syrian migrants are socially inserted in Argentina. This article aims not only to provide a view from migratory studies, but also to put it in dialogue with sociolinguistics. Regarding the methodology used, we must point out that it is qualitative and descriptive in scope, focused on the study of national

legislation, programs created to assist Syrian migrants, etc. Likewise, articles and books specialized in the area studied are used. Finally, among the most outstanding results is that the model proposed by Gugenberger can indeed be applied to other migratory processes other than the one she initially studied.

Keywords: Eva Gugenberger; Linguistics of migration; Syrian migration; Argentina.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.194201](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.194201)

*Recebido em: 17/01/2022
Aprovado em: 01/07/2022
Publicado em: 03/07/2022*

1. Introducción

Eva Gugenberger es una sociolingüista austríaca nacida en Viena en 1960. Estudió las carreras de Filología Románica y Antropología Cultural y Social en la Universidad de Viena. Trabajó por 10 años en el Departamento de Romanística de la Universidad de Viena y actualmente se desempeña como profesora asistente para Lingüística Iberorrománica en la Universidad de Bremen, Alemania. Entre sus líneas de investigación se hallan: Variedad lingüística, Lengua e identidad, Lingüística de la migración, Política lingüística, contacto y conflicto de lenguas en América Latina.

Dado lo antes señalado y guiada por su interés de estudiar las consecuencias del proceso migratorio en el comportamiento lingüístico de un grupo de inmigrantes y analizar los efectos que se generan sobre la lengua de inmigración, Eva Gugenberger postula un modelo teórico-analítico para la lingüística de la migración, el cual se aplica particularmente a la migración gallega a Argentina. En dicho modelo, vincula dos conceptos claves: la aculturación y la hibridación, adoptando, a su vez, un enfoque tanto grupal como individual de la migración.

Según Gugenberger, el modelo que describe y desarrolla en su investigación no limita su aplicación a la migración gallega³, sino que

³ Para profundizar sobre el tema se recomienda la lectura de GUGENBERGUER (2000a; 2000b)

también puede ser aplicado a otros tipos de migraciones. Es por ello que en este trabajo analizaremos la migración siria acaecida en los últimos años, abarcando el período 2011-2020, y sobre la cual, por una cuestión de extensión, pondremos en relación tres de las cinco áreas que constituyen el modelo estudiado por Gugenberger, los cuales presentamos en el apartado 2 y desarrollamos en el apartado 3. Nos parece relevante hacer uso de este modelo teórico-analítico, dado el énfasis que hace el mismo en la perspectiva interdisciplinar, lo cual constituye un punto no solo de interés sino de gran relevancia en la actualidad.

Por otro lado, para poder comprender mejor cómo se gesta el proceso migratorio sirio, hemos de realizar una pequeña historización al respecto y hacer uso de un instrumento que en lo que a migración refiere es relevante: la ley 25.871, la cual ha facilitado la promoción y garantía de los derechos de los migrantes que llegan a Argentina, cuestión no menor, ya que dicha garantía de derechos incluye el acceso a la educación y, a su vez, a la realización de forma gratuita de cursos de español, para lograr una mejor inserción del migrante en Argentina.

2. Modelo teórico-analítico para la lingüística de la migración

La propuesta que postula Eva Gugenberger (2007) en torno a un modelo teórico-analítico para abordar la lingüística de la migración se divide en dos partes: por un lado, dicho modelo pone atención en la lingüística de la migración desde una perspectiva interdisciplinar; y, por el otro, pretende crear un espacio de análisis para poder abordar distintos casos de contacto lingüístico surgidos a partir de la migración. Al mismo tiempo, este modelo comprende distintas áreas de análisis que resultan importantes para poder investigar acerca de los procesos que influyen en el desarrollo lingüístico tanto del grupo como del individuo en el marco de las migraciones, haciendo hincapié, también, en las concomitancias y

relaciones que se dan entre estos. Las áreas que la autora toma en consideración son (GUGENBERGER, 2007, p. 21):

3. El marco político, social, cultural y (socio) lingüístico de la sociedad de origen y de la sociedad receptora.
4. Los factores específicos grupales e individuales antes y después de la migración.
5. La instancia intermedia cognitivo-emotivo-motivacional.
6. Las redes lingüístico-sociales.
7. Las estrategias de aculturación, incluyendo sus implicaciones lingüísticas.

Gugenberger en su investigación aplica el modelo antes mencionado a la migración gallega a Argentina; nosotros lo haremos con la migración siria acaecida durante los años 2011-2020. Pero antes de adentrarnos en nuestro propio estudio, es necesario tener en cuenta otras cuestiones en lo atinente al modelo de estudio propuesto por Gugenberger y las consideraciones que ella misma refiere antes de llevar al plano empírico su teoría.

Como bien señala Gugenberger (2007), antes de poder analizar las consecuencias que surgen del contacto lingüístico entre los inmigrantes y la sociedad receptora, no solo es necesario contemplar los procesos y factores involucrados después de la migración, sino que también es necesario tener en consideración la situación previa a la migración. Siguiendo a Berry (1990) y tomando como punto de referencia el concepto de aculturación desarrollado por este psicólogo social, la autora hace un estudio más profundo teniendo en cuenta las cuatro formas en que esta se da: asimilación, integración, segregación/separación y oscilación.

Y así, teniendo en cuenta tanto la sociedad de la cual proviene el migrante como la sociedad de destino, estas estrategias denotarán el interés por saber y hablar ambas lenguas (integración), la capacidad de adoptar la lengua de la sociedad receptora a precio de dejar de lado la propia (asimilación), la voluntad de continuar haciendo uso de la lengua propia sin contar con disposición alguna para aprender ni hacer uso de la otra (separación), y, finalmente, la evidencia de una actitud de poco interés, por parte del migrante, en aprender y hacer uso de la otra lengua, como

también, de conservar la propia (oscilación). Es necesario aclarar que, como señala la autora, en principio estas cuatro formas de aculturación se presentan como actitudes, las cuales luego pasan a constituir estrategias⁴ de aculturación en sus comportamientos.

A este concepto de aculturación lingüística, Gugenberger lo pone en estrecha relación con el concepto de hibridación para poder destacar las múltiples combinaciones que pueden llevarse a cabo entre dichas formas de aculturación, como también la dinámica que se gesta entre ellas. Según la autora, la hibridación pone el acento en “el hablante como actor creativo que en base a los recursos lingüísticos que están a su disposición crea formas híbridas mediante las cuales se reposiciona en el espacio lingüístico-social y expresa su identidad policultural lingüística”. (GUGENBERGER, 2007, p. 23)

Finalmente, debemos señalar que la relación entre hibridación y aculturación es más estrecha aún de lo que parece, dado que todas las estrategias de aculturación han de implicar una hibridación, aunque el grado de hibridez variará dependiendo de la estrategia en cuestión.

3. Algunas cuestiones en torno a las áreas constitutivas del modelo: la aplicación al caso sirio

Retomando las áreas que menciona Gugenberger (2007) en el modelo teórico-analítico señalado en el apartado anterior, creemos necesario a los fines de esta investigación explicar algunas cuestiones en torno al punto 1, es decir, “el marco político, social, cultural y (socio) lingüístico de la sociedad de origen y de la sociedad receptora”; al punto 2 “los factores específicos grupales e individuales antes y después de la migración”; y al punto 5, “las estrategias de aculturación, incluyendo sus

⁴ Cada tipo de estrategia se constituye como un tipo ideal, que no se encuentra en su forma pura en la realidad.

implicaciones lingüísticas”, que tomaremos como variables para analizar la migración siria del período 2011-2020.

En cuanto a lo que el marco político, social, cultural y (socio) lingüístico de la sociedad de origen y de la sociedad receptora respecta (punto 1), debemos tener en cuenta ciertas variables desde las cuales se analiza cada sociedad. La sociedad de origen se analiza no solo como mero grupo étnico, sino como un todo, contemplando el contexto sociohistórico, el cual pone en evidencia las circunstancias en las que se encontraba el migrante antes de partir de su tierra nativa. En el caso sirio, debemos señalar que el desplazamiento se efectúa producto de la guerra civil desencadenada en el año 2011, que provocó que más de 5 millones de personas se vieran obligadas a abandonar sus tierras a causa de la gran violencia desatada. Sin embargo, debe tenerse en cuenta que:

Años antes de que el conflicto comenzara, muchos sirios ya se quejaban de un alto desempleo en el país, de extensa corrupción, falta de libertad política y de la represión del gobierno del presidente Bashar al Asad, quien había sucedido a su padre, Hafez, en 2000. (BBC Mundo, 2018)

Esto hace notar que si bien la guerra provocó el desplazamiento de un gran número de ciudadanos sirios, ya existían otras causas que se intensificaron con el advenimiento de la guerra. Ahora bien, además del contexto sociohistórico, también se hace necesario determinar si dicha sociedad de origen se constituye como bilingüe o plurilingüe; en este caso se sabe que la lengua oficial en Siria es el árabe⁵, pero que asimismo existen diversas lenguas nativas extraoficiales y que, además del árabe, se habla turco, arameo, kurdo, armenio, circasiano e incluso checheno y griego. Otros parámetros que constituyen a la descripción sociolingüística aplicada a los casos bajo estudio son: el número de hablantes, estatus, prestigio y uso de las lenguas, tanto en la sociedad de origen como a nivel internacional, la relación de las lenguas, la política lingüística, la ideología lingüística, la estructura que posee cada lengua y lo que las diferencia, la

⁵ Se considera que la lengua árabe es no solo la lengua oficial sino la más hablada en dicho país, y que es empleada en contextos oficiales y formales, y para la vida cotidiana e informal se usan los tipos de árabes dialectales: levantino (empleado al oeste del país) y mesopotámico (en el nordeste).

forma de adquisición y estandarización, etc. Cabe aclarar que en este trabajo no serán profundizados, dada la extensión del mismo.

Por otra parte, para analizar la sociedad receptora, se consideran variables como la historia y la política de la inmigración, el grado de consolidación de la sociedad y si la inmigración receptada es masiva o no. También, se contempla la actitud de dicha sociedad respecto a la inmigración en general y hacia ciertos grupos en particular, de la que emanará la ideología de aculturación de la sociedad receptora. Asimismo, pueden incluirse factores como: la movilidad social, el grado de urbanización e industrialización, así como las posibilidades de educación, entre otros. La comparación tipológico-estructural de la lengua inmigratoria con la lengua del país receptor es un factor clave para mostrar la distancia lingüística que existe entre ellas.

La actitud del Estado⁶ receptor es muy importante, ya que las políticas lingüísticas que adopte influirán en el flujo migratorio que arribe al país. Como señala Gugenberger (2007): “Las actitudes hacia determinados grupos étnicos se manifiestan en las actitudes hacia sus lenguas”. (GUGENBERGER, 2007, p. 29)

En lo que respecta al Estado argentino, podemos decir que las migraciones de fines del siglo XIX y principios del siglo XX constituyen un gran porcentaje del basamento poblacional del país, particularmente conformado en su gran mayoría por italianos y españoles (BÉRODOT; POZZO, 2011). Sin embargo, también ha recibido otros tipos de flujos migratorios menores, pero no por ello menos significativos, como es el caso de la migración siria, en sus distintos momentos⁷. Cabe señalar, que, en cuanto a la última migración siria, en el periodo analizado 2011-2020, Argentina realizó acciones para facilitar el ingreso y permanencia de ciudadanos sirios que ingresaban al país en calidad de refugiados. Entre

⁶ La actitud que adopte el Estado no es necesariamente coincidente con la de sus pobladores, quienes, por lo general, ven a algunos inmigrantes con mejores ojos que a otros, de allí su aceptación o rechazo hacia los mismos.

⁷ Se recomienda la lectura de: Kleidermacher (2018, p. 60-62).

dichas acciones puede contarse la creación del Programa Siria a través de la disposición 3915/2014, por parte de la Dirección Nacional de Migraciones (DNM), en el año 2014⁸. El Programa Siria junto con la Ley 25.871, también llamada Ley de Migraciones, se han constituido en dos instrumentos valiosos a la hora de colaborar con la inserción del migrante sirio en Argentina.

Ahora bien, como señalamos más arriba, el punto 2 hace referencia a los factores específicos grupales e individuales antes y después de la migración. Entre dichos factores nos encontramos con factores demográficos y topográficos, factores sociopolíticos y etnoculturales, factores de estatus y factores lingüísticos.

Los factores demográficos y topográficos hacen referencia al tamaño del grupo del mismo origen y el grado de cohesión, el territorio, la distancia geográfica entre el país de origen y el de destino, la edad de migración y sexo. La edad de la migración suele constituirse como un factor importante a la hora de evaluar la adaptación del migrante. Cuanto más joven sea el individuo en cuestión, mayor será su disposición y capacidad de adaptación, dado que cuenta con una motivación primaria⁹ más fuerte *“debido a que persigue cubrir necesidades a corto y mediano plazo”* (YAÑEZ MORETTA, 2016: 73) . Nunca es igual la manera en que incorpora la lengua del país receptor un niño que un adulto. Esto se ve condicionado por la formación de la identidad que se da en la adolescencia. La mayor proporción de sirios que ha ingresado a Argentina son mujeres y hombres adultos (INDEC, 2010), lo cual se constituye en una desventaja dado que se les dificulta un poco más, en comparación con a alguien más joven, aprender y asimilar la lengua del país receptor.

Los factores sociopolíticos y etnoculturales, por su parte, incluyen la valoración social y conciencia étnica del grupo al que pertenecen los migrantes, el apoyo del país de origen, la distancia cultural entre la cultura

⁸ Ver texto de la disposición n. 3915/14 que fue publicada el 5 de septiembre de 2016 (INFOLEG, 2016)

⁹ Hablamos de la motivación primaria como proceso individual basado en el deseo de aprender y adaptarse a su entorno.

de origen y la receptora, la filiación social, cultural profesional, política y religiosa, la orientación aculturativa del grupo en su conjunto. Aquí podemos señalar que, la valoración social que se tenga de la comunidad etnolingüística a la que pertenece el migrante tendrá un rol importante en cuanto a las actitudes positivas o negativas que genere el individuo en torno a su lengua materna, lo que hará que influya en su disposición de mantener su lengua de origen en la migración. En el caso de los sirios, hay un cierto prejuicio social sobre los migrantes provenientes de países árabes, acentuado luego del 11 de septiembre¹⁰, que influye en cierto modo en que tiendan a abandonar el uso de su lengua materna para adoptar la de destino.

Por otro lado, los factores de estatus social se vinculan con aspectos de tipo económico, social y educativo. Por lo general, los migrantes que poseen nivel educativo y socioeconómico bajos, tienden a querer mejorar su situación económica y social, ante lo que se disponen a asimilar la cultura y la lengua del país receptor. En el caso sirio, teniendo en cuenta la implementación del Programa Siria, puede observarse que no todos los migrantes son personas que provienen de hogares de bajos recursos; muchos provienen de clase media o media alta, pero decidieron huir de su país por cuestiones de seguridad suscitadas por la guerra. De todos modos, en su deseo de insertarse socioeconómicamente suelen disponerse –como señalamos anteriormente– a incorporar la cultura argentina como también la lengua de dicho país. Incluso los más jóvenes se insertan educativamente en carreras universitarias de grado para poder profesionalizarse.

Finalmente, en lo que a los factores lingüísticos respecta, podemos decir que aluden a la variación interna, el prestigio de la lengua de origen en el país receptor y a nivel internacional, a la pertenencia lingüística, la distancia estructural entre la lengua de origen y la de la sociedad receptora,

¹⁰ Nos referimos aquí al 11 de septiembre de 2001, fecha en la cual se llevaron a cabo cuatro atentados terroristas suicidas propiciados presuntamente por Al Qaeda, que tuvieron como resultado casi 3.000 muertos, la destrucción total del complejo de edificios del World Trade Center y daños importantes en parte del Pentágono de EE.UU.

como también a la orientación de aculturación lingüística del grupo en su conjunto. Cabe señalar aquí que puede observarse con claridad la distancia estructural entre la lengua de origen de los sirios, el árabe –idioma oficial– y la lengua que se emplea en Argentina, el español, lo cual le aporta un mayor grado de dificultad al proceso de asimilación de la lengua.

Ahora bien, en lo que respecta al punto 5, las estrategias de aculturación, incluyendo sus implicaciones lingüísticas, seremos breves y señalaremos que los procesos y parámetros antes expuestos conducen a distintas estrategias de aculturación. En palabras de Gugenberger (2007):

Siguiendo la distinción analítica entre el nivel sociocultural y psicológico, llegamos a dos dimensiones. La primera concierne el mantenimiento y la apropiación (o rechazo) de rasgos socioculturales y su práctica en la vida diaria desde una perspectiva “exterior”. La segunda enfoca la cuestión por el estatus de identidad al que el migrante ha llegado, es decir, cómo se coloca identitariamente en el espacio entre diferentes culturas referenciales. Esa dimensión también incluye la pregunta de si el migrante se siente bien o no en su vida actual, si está contento o descontento con lo logrado y consigo mismo, cómo evalúa su historia migratoria desde su perspectiva actual. (GUGENBERGER, 2007, pp. 32-33)

Cabe destacar que, en cuanto a la colocación identitaria, debe tenerse en cuenta la relación que el migrante establece entre la lengua y su ubicación etnocultural, ya que es posible que el migrante se sienta aún miembro del grupo étnico del que proviene, pero que ya no considere la lengua de origen parte fundamental de su identidad. De manera absoluta, esto no indica que la identidad etnocultural y la lingüística sean netamente independientes, dado que la lengua es parte de la cultura y el medio a través del cual se expresa el posicionamiento etnocultural.

Ahora bien, podemos decir que, dependiendo de la estrategia de aculturación lingüística de que se trate y el estatus de identidad lingüística con el que se encuentre relacionado se generarán distintas implicaciones en el comportamiento sociolingüístico, el empleo de las lenguas en el discurso y las áreas de competencia.

4. La migración siria en Argentina: historia y recursos legales

En sus distintos periodos históricos Argentina ha alentado la migración a través de diversos instrumentos como ser la Constitución Nacional de 1853, con su reforma de 1860; pero a pesar de que en ellas se impulsaba el ingreso de inmigrantes, se privilegiaba a aquellos provenientes de países europeos, particularmente del norte de Europa. Tal carácter selectivo se encuentra presente en el artículo 25 de dicha Constitución.

Otro instrumento a tener en cuenta es la Ley de Inmigración y Colonización, conocida comúnmente como Ley Avellaneda del año 1876, la cual tuvo aportes significativos en materia de migración. Hacia 1914 se dan algunos cambios en los flujos migratorios con destino a Argentina, dado que se incrementa el ingreso de ciudadanos provenientes de países árabes, particularmente sirio-libaneses (DEVOTO, 2003). Con la aparición de estos nuevos actores en escena, surgen algunas diferencias entre los ciudadanos nativos argentinos y dichos grupos de inmigrantes, provocadas por “la lejanía asociada al exotismo de este lugar [lo que] favoreció las falsas imágenes que quedaron arraigadas hasta la actualidad” (BÉRODOT; POZZO, 2011, p. 10). A raíz de esto, puede observarse, cómo tanto sirios como libaneses son comparados y equiparados con los turcos, y, hasta incluso, se hace alusión a ellos de manera indistinta, atribuyéndoseles los mismos prejuicios y estereotipos que a los turcos¹¹. A pesar de estos obstáculos, hacia el año 1934, durante el gobierno de Agustín Pedro Justo (1932-1938), se realizan cambios en la política migratoria otorgándoles a los sirios y libaneses el mismo nivel de inmigrantes que a los europeos. Setenta años después, en el año 2004, se produce un cambio significativo a nivel nacional como regional con la Ley 25.871, la cual se convirtió en “un modelo

¹¹ Bertoni (1994) señala, que existe una mirada repleta de prejuicios en torno al turco a quien se lo considera “vago, mendigo o sucio”. Estos estigmas surgen a raíz de la falta de predisposición por parte de la aristocracia de compartir su prestigio y privilegio social.

regional para las legislaciones latinoamericanas al reconocer como punto de partida el derecho humano de migrar” (GARCÍA; NEJAMKIS, 2018, p. 2).

Al adquirir calidad de derecho humano, el derecho de migrar¹² obtiene reconocimiento tanto a nivel nacional como internacional. Debemos tener en cuenta, que en su marco normativo general, Argentina ha suscrito a una gran cantidad de tratados de Derechos Humanos como el Pacto Internacional de Derechos Civiles y Políticos, la Convención Americana sobre Derechos Humanos, la Convención para la Protección de Todos los Trabajadores Migratorios y sus Familiares (CTM), etc. Otros instrumentos de carácter internacional de los que también forma parte Argentina son: la Convención para Reducir los casos de Apatridia (Ley 26960/2014), la Convención Relativa al Estado de los Refugiados (Ley 15869/1962), la Convención sobre el Asilo Diplomático de 1954 (Ley 24056/1991), el Protocolo facultativo sobre adquisición de nacionalidad de la Convención de Viena sobre Relaciones Diplomáticas (Decreto 7672/1963), entre otros.

Además de que al derecho de migrar se le adjudique carácter de derecho humano, existe otra cuestión de gran relevancia que se da paralelamente y es el hecho de que en el año 2012 se crea en Argentina la Comisión de Refugiados. Y previamente a ello, en el año 2006 se sanciona la Primera Ley de Refugio. Ambos hechos fueron significativos para la migración siria del período 2011-2020, a la cual nos referimos en este trabajo.

5. La ley 25.871, la migración siria y la asimilación como forma de aculturación

La Ley Argentina de Migraciones N° 25.871, sancionada en 20 de enero de 2004, ha facilitado ciertas acciones en torno al proceso migratorio

¹² El art. 4 de la Ley 25.871 expresa que: “El derecho a la migración es esencial e inalienable de la persona y la República Argentina lo garantiza sobre la base de los principios de igualdad y universalidad”.

sirio en Argentina, tales como el ingreso y la permanencia de ciudadanos sirios en el país, según lo establecido en el artículo 1 de dicha Ley; resguardados a su vez, de todo acto discriminatorio, tal como se señala en el artículo 3 inc. f) (INFOLEG, 2004). Siguiendo lo establecido en el artículo 3 inc. d) y h) se garantizó el ejercicio del derecho a la reunificación familiar y a la inserción laboral, correspondientemente.

Por un lado, a la luz del artículo 5, se logró garantizar el correcto ejercicio de derechos y cumplimiento de obligaciones por parte de los inmigrantes sirios, según lo establecido en las leyes vigentes en Argentina tal y como si fueran ciudadanos nativos argentinos. Asegurar la igualdad de trato con los inmigrantes es una cuestión de gran relevancia dentro de la política migratoria aplicada. De la misma manera, en razón de lo establecido en el artículo 6, se garantizó el igual acceso a servicios de salud, educación, justicia, trabajo, empleo, seguridad social y bienes públicos.

En lo que respecta a la integración del migrante en la comunidad de destino o residencia, se facilitó el acceso a cursos de idioma español, la capacitación para funcionarios públicos y privados en materia multicultural y de convivencia para prevenir actos de discriminación, y la difusión de información relativa a derechos y obligaciones de los migrantes en Argentina. Todo esto en el marco de lo señalado en el artículo 14.

Por otro lado, mediante el artículo 23 inc. k) los inmigrantes sirios en calidad de refugiados pudieron obtener autorización para asentarse y residir en el país por dos años, contando con la posibilidad de solicitar prórroga la cantidad de veces que sea necesario, y por medio del artículo 22 inc. c) la posibilidad de solicitar residencia permanente.

Fueron muchos los beneficios proporcionados por la Ley de migraciones 25.871, pero hay dos cuestiones que nos interesan más, la garantía de la educación y la posibilidad de proporcionar cursos gratuitos de español a los inmigrantes sirios. Estos constituyen una de las mayores formas de integración que puede efectuarse en pos del migrante.

Asimismo, si tenemos en cuenta las estrategias de aculturación con anterioridad abordadas, podemos identificar el proceso migratorio sirio parcialmente con la estrategia de asimilación. Esto se debe a que la mayoría de los inmigrantes sirios jóvenes que arribaron a nuestro país han sabido adoptar la lengua española al precio de dejar de lado la suya propia. En el caso de los adultos, la estrategia de aculturación vinculada es la integración, dado que pese a las dificultades que representa para muchos aprender una nueva lengua que cuenta con una estructura totalmente diferente, la intención se halla presente. Esto quiere decir que hay un interés por saber hablar ambas lenguas, ya que el migrante en cuestión, si bien se halla dispuesto a aprender la lengua de destino, no pretende hacerlo a precio de abandonar la propia; por el contrario, pretende conservarla. Esto tiene que ver con una cuestión de preservar su identidad “la que constituye la instancia directiva y la fuente motivacional para el comportamiento del individuo en la práctica social”. (GUGENBERGER, 2007, p.25)

Para finalizar, podemos decir que el proceso de aculturación que se efectúa en un grupo migratorio, no se remite únicamente a una sola estrategia de aculturación, sino que puede verse combinado, como sucede en el caso sirio, por dos tipos de estrategias, nótese aquí: asimilación (en los jóvenes) e integración (en los adultos).

6. Conclusión

En este trabajo pretendimos mostrar la utilidad y aplicabilidad que posee el modelo teórico-analítico que propone Gugenberger, más allá del caso gallego que la autora analiza. Cabe destacar que la propia Gugenberger señala que dicho modelo puede aplicarse a otros casos y que no es hallazgo propio de esta investigación.

En líneas generales, encontramos como puntos relevantes que el grupo migratorio que se toma como objeto de estudio no puede ser analizado sin tener en cuenta su situación previa a que se efectúe la migración. Además, debe ser considerado en relación con la sociedad receptora, teniendo en cuenta la manera en cómo se insertan y se vinculan los migrantes en este nuevo territorio (y sociedad). También resulta importante la actitud que adopta el país receptor. En este caso, Argentina denota un gran interés por facilitar el ingreso, la permanencia e integración del migrante sirio a la sociedad. Esto se manifiesta en las políticas migratorias aplicadas y en el texto mismo de la ley 25.871, empleada en este trabajo. Asimismo, nos encontramos con que las estrategias de aculturación que analiza Gugenberger, que en principio parecen excluyentes entre sí, pueden darse al menos dos en simultáneo en la misma sociedad estudiada, teniendo en cuenta la división etaria que aplicamos en el caso sirio.

Finalmente, debemos señalar que este trabajo a los fines académicos para los que fue realizado es un tanto breve y no agota la investigación, sino que, contrariamente, nos permite pensar futuros interrogantes a desarrollar en próximas investigaciones.

7. Referencias

BBC MUNDO (2018). 7 preguntas para entender el origen de la guerra en Siria que lleva años desangrando al país. Disponible en: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-37451282> . Consultado en: 27 mar. 2022.

BÉRODOT, Solène; POZZO, María Isabel. **Historia de la inmigración sirio-libanesa en Argentina desde la perspectiva compleja del métissage. Aportes para una educación intercultural.** Lyon: Ince-Conicet, 2011. Disponible en:

https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/51570/CONICET_Digital_Nro.25398.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Consultado en: 31 ago. 2020.

BERRY, John. *Psychology of Acculturation*. In: BERMAN, John (ed.), **Nebraska Symposium on Motivation**, Lincoln (USA): University of Nebraska Press, 1990. p. 201-234.

BERTONI, Lilia Ana. La inmigración sirio-libanesa en América Latina. De Turquía a Buenos Aires. Una colectividad nueva a fines del siglo XIX. **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, n. 26, pp. 67-94, 1994.

DEVOTO, Fernando. **Historia de la inmigración en la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003.

GARCÍA, Lila; NEJAMKIS, Lucila. Regulación migratoria en la Argentina actual: del “modelo” regional al recorte de derechos de Autoctonía. **Revista de Ciencias Sociales e Historia**, v. II, n. 2, jul. / dic. 2018, pp. 219-241. DOI: <https://doi.org/10.23854/autoc.v2i2.55> Consultado en: 3 sept. 2020.

GUGENBERGER, Eva. Aculturación e hibrididad lingüísticas en la migración: Propuesta de un modelo teórico-analítico para la lingüística de la migración. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, n. 2 (10), v. 5, Lengua y migración en el mundo hispanohablante, pp. 21-45, 2007. Disponible en: <https://www.jstor.org/stable/41678299> Consultado en: 24 mar. 2021.

GUGENBERGER, Eva. Lengua y emigración: Dos factores aceleradores del desplazamiento de la lengua gallega en Buenos Aires. **Iberoamericana (1977-2000)**, n. 4 (80), v. 24, 2000a, pp. 43-67. Disponible en: <http://www.jstor.org/stable/41671865> . Consultado en: 14 jun. 2022

GUGENBERGER, Eva. Identidad, conflicto lingüístico y asimilación: observaciones acerca de la lengua gallega en Buenos Aires. In: NÚÑEZ SEIXAS, Xosé M. (ed.): **Galicia austral**. Buenos Aires: Biblos, 2000b.

INDEC (Instituto Nacional de Estadística y Censo de la República de Argentina). Cuadro P6. Total del país. Población total nacida en el extranjero

por lugar de nacimiento, según sexo y grupos de edad. In: **Censo 2010**. 2010. Disponible en: [http://www.cslp.com.ar/uploads/files/1f690c_poblacion%20extranjera%20censo%202010%20\(1\).pdf](http://www.cslp.com.ar/uploads/files/1f690c_poblacion%20extranjera%20censo%202010%20(1).pdf) . Consultado en: 22 mar. 2021.

INFOLEG (Información Legislativa). **Migraciones: Ley 25.871**. Buenos Aires: Ministerio de Justicia y Derechos Humanos, Presidencia de la Nación, 2020. Disponible en: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/90000-94999/92016/teexact.htm> Consultado en: 28 ago. 2020.

INFOLEG (Información Legislativa). **Programa Siria: Programa especial de visado humanitario para extranjeros afectados por el conflicto de la República árabe de Siria**. 2016. Disponible en: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/265000-269999/265236/texact.htm> . Consultado en: 30 ago. 2020.

KLEIDERMACHER, Gisele. **Perfil sociocultural de la población siria en origen**. Buenos Aires: OIM, 2018. Disponible en: https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/perfil_sociocultural_de_la_poblacion_siria_en_origen.pdf . Consultado en: 14 jun. 2022.

YÑEZ MORETTA, Patricio. El proceso de aprendizaje: fases y elementos fundamentales. **Revista San Gregorio**, n. 11, v. 1, ene. / jun. 2016, pp. 70-81. DOI: <http://dx.doi.org/10.36097/rsan.v1i11.19> . Consultado en: 28 mar. 2022.



A POLÍTICA EXTERNA DO PROGRAMA CBERS NOS GOVERNOS DILMA E BOLSONARO

LA POLÍTICA EXTERIOR DEL PROGRAMA CBERS EN LOS GOBIERNOS DE DILMA Y BOLSONARO

*The foreign policy of the CBERS program in the governments of Dilma and
Bolsonaro*

Matheus Marculino dos Santos¹ 

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O presente artigo analisa as políticas dos governos Dilma Rousseff e Jair Bolsonaro para a segunda geração dos satélites CBERS (China-Brazil Earth-Resources Satellite) mostrando quais foram as principais implicações em cada mandato e as ações adotadas para que fossem cumpridos os acordos realizados com a China. Essa parceria se destaca como um grande símbolo de cooperação Sul-Sul onde Brasil e China se uniram para o desenvolvimento conjunto de satélites de sensoriamento remoto. Ela tem as suas origens em 1988 e por mais de 30 anos serviu para que ambos pudessem monitorar os seus territórios por meios próprios. Tendo em vista isso, a pergunta a ser respondida é: de que forma o CBERS atuou na Política Externa Brasileira desses dois governos? Conclui-se que o satélite foi fundamental para o programa espacial brasileiro e para a parceria estratégica sino-brasileira. A fim de explorar esses objetivos, o estudo analisa os principais ganhos e impactos na chamada política espacial do governo Dilma e Bolsonaro.

Palavras-chave: CBERS, Política Externa; Governo Dilma, Governo Bolsonaro; Cooperação Sul-Sul.

Resumen: Este artículo analiza las políticas de los gobiernos de Dilma Rousseff y Jair Bolsonaro para la segunda generación de satélites CBERS (Satélite de Recursos Terrestres China-Brasil), mostrando las principales implicaciones en cada mandato y las acciones tomadas para cumplir con los acuerdos alcanzados con China. Esta asociación se destaca como un gran símbolo de la cooperación Sur-Sur donde Brasil y China se han unido para el desarrollo conjunto de satélites de teledetección. Tiene sus orígenes en 1988 y durante más de 30 años les ha servido a ambos para vigilar sus territorios por sus propios medios. Ante esto, la pregunta a responder es:

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGRI-UERJ); e-mail: matheus_rj96@hotmail.com

¿cómo actuó el CBERS en la Política Exterior brasileña de estos dos gobiernos? Se concluye que el satélite fue fundamental para el programa espacial brasileño y para la asociación estratégica chino-brasileña. Para explorar estos objetivos, el estudio analiza las principales logros e impactos en la llamada política espacial del gobierno de Dilma y Bolsonaro.

Palabras-clave: CBERS, Política Externa, Gobierno Dilma; Gobierno Bolsonaro; Cooperación Sur-Sur.

Abstract: This article analyzes the policies of the Dilma Rousseff and Jair Bolsonaro governments for the second generation of CBERS (China-Brazil Earth-Resources Satellite) satellites, showing the main implications in each mandate and the actions taken to fulfill the agreements made with China. This partnership stands out as a great symbol of South-South cooperation where Brazil and China have joined together for the joint development of remote sensing satellites. It has its origins in 1988 and for over 30 years it has served for both of them to monitor their territories by their own means. In view of this, the question to be answered is: how did CBERS act in the Brazilian Foreign Policy of these two governments? It is concluded that the satellite was fundamental for the Brazilian space program and for the Sino-Brazilian strategic partnership. In order to explore these objectives, the study analyzes the main gains and impacts on the so-called space policy of the government of Dilma and Bolsonaro.

Keywords: CBERS, Foreign Policy, Dilma government;, Bolsonaro government; South-South cooperation.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.192368](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.192368)

Recebido em: 09/11/2021
Aprovado em: 30/06/2022
Publicado em: 03/07/2022

1. Introdução

O satélite CBERS, sigla para China-Brazil Earth-Resources Satellite, é uma iniciativa que tem as suas origens em 1988 durante o governo de José Sarney (1985-1990), caracterizado pela redemocratização. Passados mais de 30 anos do início das suas negociações, foram lançados seis satélites em conjunto, sendo o primeiro em outubro de 1999, representado pelo CBERS-1 no mandato de Fernando Henrique Cardoso (FHC) (1995-2003), e o último em dezembro de 2019, no mandato de Jair Messias Bolsonaro (2019-atualmente) com o CBERS 4-A. Ao longo desse período, a parceria

considerada estratégica entre Brasil e China enfrentou os mais diversos percalços, que foram desde a insuficiência de recursos para a construção do satélite ao atraso no cronograma para o seu lançamento. A atuação diplomática de ambos os lados e a adoção de políticas públicas, por exemplo, para a distribuição gratuita de imagens, foram essenciais para sua continuidade e para a diminuição de discórdias inerentes a uma cooperação. Ademais, a cooperação envolvendo o CBERS tem sido um símbolo de uma parceria entre países em desenvolvimento do Sul global de caráter pacífico que procuravam estabelecer-se como players no setor espacial.

Nesse sentido, este artigo busca responder à seguinte pergunta: de que forma o CBERS atuou na Política Externa Brasileira no governo Dilma e Bolsonaro? Já a conclusão é que o satélite foi fundamental para o programa espacial brasileiro e para a parceria estratégica sino-brasileira. A fim de responder essa pergunta, este trabalho utiliza como metodologia um estudo de caso para analisar os governos Dilma e Bolsonaro e as implicações deste satélite em suas políticas externas. Há o emprego da pesquisa qualitativa como método de coleta de informações, recorrendo a autores e documentos oficiais que tratam do tema, como Brito (2011), Ribeiro (2019) e a 5ª versão do Programa Nacional de Atividades Espaciais para os anos de 2022-2031 (PNAE) (BRASIL, 2020).

Além da introdução e considerações finais, o trabalho está estruturado da seguinte forma: a primeira parte sintetizará os antecedentes do Programa CBERS no governo Lula e as suas aplicações na sua política externa para um maior protagonismo internacional. Na sequência, abordará uma análise do governo Dilma para os CBERS-3 e 4, bem como as suas principais dificuldades para a construção e desenvolvimento da segunda família do satélite. A última sessão, tratará do CBERS-4A e as incertezas do governo Bolsonaro com a análise das suas principais mudanças, especialmente na indefinição na continuidade dessa parceria emblemática.

2. Antecedentes Programa CBERS

O início da parceria CBERS ocorreu em 6 de julho em 1988 com a assinatura do protocolo entre os governos do Brasil e da China aprovando o desenvolvimento e a produção do satélite de recursos terrestres (OLIVEIRA, 2009). Isso incidiu no mesmo momento da visita do então presidente José Sarney (1985-1990) à China com o intuito de tratar temas sensíveis para romper o bloqueio tecnológico que as nações mais desenvolvidas criaram a fim de limitar a tecnologia espacial (OLIVEIRA, 2009). A principal barreira de entrada enfrentada por Brasil e China no segmento aeroespacial foi a imposição em 1987 do MTCR (Missile Technology Control Regime) pelos Estados Unidos da América (EUA) e demais membros do G-7², grupo das principais nações industrializadas do mundo.

Essa barreira tecnológica limitava a proliferação de mísseis balísticos e outros sistemas não-tripulados de transporte por meio da aplicação de controles de exportação sobre bens e tecnologias de mísseis e serviços diretamente relacionados. A criação do MTCR prejudicou o desenvolvimento de um foguete brasileiro para o lançamento de satélites ao espaço, pois a mesma tecnologia utilizada nos mísseis balísticos também é empregada nos foguetes espaciais. Sendo assim, Brasil e China se uniram a partir de uma identidade comum a fim de contornar as dificuldades impostas pelas nações industrializadas para desenvolver os seus programas espaciais de caráter civil e pacífico. Isso ocorreu de uma forma pragmática, pois, segundo Oliveira (2009), o Brasil descobriu o caminho da China numa época em que poucos atores internacionais revelavam condições de sequer vislumbrar o papel que o gigante asiático viria desempenhar atualmente.

Após o lançamento do CBERS-1 em 1999, Brasil e China acordaram, em 21 de setembro de 2000, na construção do CBERS 3 e 4 (BRITO, 2011). Isso aconteceu com a visita do então Ministro de Relações exteriores da

² Composto por Reino Unido, Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão e Estados Unidos.

China, Tang Jiaxuan, e a assinatura do Protocolo de Cooperação em Tecnologia Espacial, que focava, especificamente, no compromisso de desenvolver uma segunda geração de satélites da família CBERS, – CBERS-3 e CBERS-4 – sendo internalizada anos mais tarde pelo DECRETO Nº 6.560, DE 8 DE SETEMBRO DE 2008 (RIBEIRO, 2019).

Já no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011), a cooperação sino-brasileira atingiu uma nova fase de engajamento, marcada pelo lançamento dos seguintes satélites: CBERS-2 (2003) e 2-B (2007). Um ponto de aprofundamento nas relações bilaterais foi a expansão da participação brasileira no projeto. Enquanto a primeira geração era dividida com 70% pelo lado chinês e 30% pelo lado brasileiro, a segunda ocorreu diferente. Ela foi distribuída com 50% para cada ator, garantindo uma horizontalidade entre eles e maior ganho técnico à parte brasileira, pois assim ela poderia produzir equipamentos com grande valor agregado presentes em um satélite, por exemplo, os painéis solares e o sensor óptico que é de uso civil-militar. Isso aconteceu em novembro de 2002 através da assinatura do Protocolo Complementar ao Acordo Quadro entre Brasil e China na área espacial e garantiu direito igual a ambos os atores aos produtos ofertados pelo satélite (OLIVEIRA, 2009).

Nessa época, um forte traço de pragmatismo do CBERS consistiu na chamada Política de Distribuição de Imagens adotada pelo governo brasileiro em junho de 2004 e chinês no ano seguinte. Ela ajudou a popularizar as imagens de sensoriamento remoto por diversos setores da sociedade e no aumento das suas aplicações, entre elas, o monitoramento do solo e controle urbano (BRITO, 2011). Isso beneficiou empresas como: Petrobras, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA) e Agência Nacional de Águas (ANA) (BRITO, 2011). A utilização das imagens por essas empresas serviu para o aumento da notoriedade das aplicações que um programa espacial robusto e parcerias estratégicas no ramo podem oferecer à sociedade.

E elevou o patamar das imagens de satélites como um bem público, pois elas poderiam ser acessadas por qualquer um com acesso à internet. Houve também a iniciativa CBERS para a África, onde Brasil e China ampliaram a distribuição gratuita de imagens de seus satélites aos seus países vizinhos e para todo o continente africano (BRITO, 2011). Nesse período, o Programa CBERS se consolidou como o principal projeto científico-tecnológico entre dois países em desenvolvimento na área espacial, paradigma de sucesso da cooperação Sul-Sul (OLIVEIRA, 2009).

Esse modelo de cooperação ocorre entre atores em desenvolvimento e que enfrentam dificuldades no acesso ao espaço pela falta de domínio em tecnologias críticas e investimentos na área. Ele pode ser entendido como uma forma de cooperação horizontal que segue a atual dinâmica multipolar do Sistema Internacional e de não alinhamento com os EUA. Aqui, o Brasil se aproximou dos países da região³ ou extrarregionais a partir de uma identidade comum com o objetivo de desenvolver o seu programa espacial e aumentar a sua autonomia no monitoramento do seu território.

A cooperação envolvendo o CBERS quebrou os paradigmas tradicionais, historicamente marcados pela cooperação Norte-Sul - também chamada Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID). Ela é caracterizada por seguir os padrões da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), e por haver condicionalidades políticas, econômicas e verticalidade entre os atores. Esse é um modelo de cooperação assistencial no entendimento de que os países em desenvolvimento não têm a capacidade de alcançar a sua maturação tecnológica autonomamente.

³ Conforme Ribeiro (2019), Brasil e Argentina têm um projeto de um satélite chamado SABIA-Mar (Satélite Argentino-Brasileiro de Informações Ambientais Marinhas) para monitorar o Atlântico Sul.

3. O Governo Dilma Rousseff e os CBERS-3 e 4

Diferente do governo Lula, que enfrentou um sistema político interno e externo ao seu favor, a presidente Dilma Rousseff (2011-2016) se deparou num cenário totalmente contrário, marcado pela escassez de recursos para a realização de políticas públicas. Segundo Saraiva (2014), apesar de ter herdado as mesmas estratégias definidas de Política Externa - uma trajetória revisionista das Instituições Internacionais, uma atuação ativa em Fóruns multilaterais, colocando-se como representante dos países do Sul global e uma orientação proativa para a dimensão Sul-Americana -, Dilma encontrou um clima de grave crise econômica no Brasil e no mundo.

Esse cenário político teve reflexos nos cronogramas do programa espacial brasileiro, pois a entrega na data prevista da segunda geração de satélites CBERS foi prejudicada. Segundo Brito (2013a), os satélites CBERS-3 e CBERS-4 estavam previstos inicialmente para 2009 e 2011, respectivamente. Porém, devido a problemas técnicos pela parte brasileira, por falta de orçamentos e pelos embargos sofridos pelo ITAR⁴, o lançamento atrasou diversas vezes, comprometendo a cooperação sino-brasileira. Esses fatores colocaram em dúvida a continuidade das políticas realizadas por esses satélites no governo anterior, pois o CBERS-2B tinha encerrado as suas atividades em 2010, e sem um outro substituto, o Brasil acabou sendo afetado. A principal consequência disso foi a falta de meios para o monitoramento do território brasileiro até que um outro satélite fosse lançado, marcando assim um retorno da dependência de satélites estrangeiros norte-americanos ou europeus.

Os objetivos dessa nova geração de satélites foram: amadurecer as aplicações para o campo de sensoriamento remoto por Brasil e China com imagens de alta resolução da superfície terrestre, adquirir imagens com

⁴ Sigla para International Traffic in Arms Regulations (ITAR). É um regime unilateral dos EUA que exige a aprovação do Congresso Nacional e do Departamento de Estado para a exportação da tecnologia espacial e equipamentos de defesa (BRITO, 2011).

grande revisita e fornecer aplicações para o setor da agricultura com o mapeamento de culturas como milho e soja (EPIPHANIO, 2011). Eles eram equipados com instrumentos mais sofisticados que aumentavam a sua eficiência, a saber: Câmera Pancromática e Multiespectral (PAN) e Imageador Multiespectral e Termal (IRS) pelo lado chinês, enquanto a Câmera Multiespectral Regular (MUX), e Câmera de Campo Largo (WFI) pelo lado brasileiro (EPIPHANIO, 2011). Além disso, a distribuição de tarefas revelou o atendimento da divisão de responsabilidades entre a parte brasileira representada pelo INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e a chinesa pela CAST (China Academy of Space Technology).

O CBERS-3 foi lançado em 9 de dezembro de 2013 a partir do Centro de Lançamentos de Satélites de Taiyuan na China e contou com a presença de diversas autoridades simbolizando os dois lados. Contudo, um fator agravante na cooperação consistiu na falha no lançamento do foguete Longa Marcha 4B, que apresentou um mau funcionamento no motor segundos antes do estágio final e acabou não colocando o satélite em órbita (BRITO, 2013b).

Tendo em vista o aumento de assimetria entre o programa espacial brasileiro e chinês já nesse período, o lado brasileiro foi o mais afetado. Um dos motivos é que a China já possuía satélites de sensoriamento remoto próprios mais sofisticados para o monitoramento do seu território e ela já era conhecida internacionalmente como uma potência espacial, atrás apenas dos EUA e Rússia. Já o Brasil, perdeu⁵ um satélite em conjunto orçado em 250 milhões de dólares⁶ aos cofres públicos e todo um trabalho árduo realizado entre pesquisadores brasileiros durante anos para o desenvolvimento e emprego da sua tecnologia (RIBEIRO, 2019). Conforme Ribeiro (2019), entre 2003 e 2015, o Brasil investiu cerca de R\$ 484 milhões para os CBERS-3 e 4, sendo R\$ 426 milhões referentes ao desenvolvimento e construção dos satélites e R\$ 58 milhões às despesas de lançamento.

⁵ A perda do CBERS-3 representou ao programa espacial brasileiro a inviabilidade de monitorar o território, especialmente a região amazônica e o atendimento das mais diversas necessidades internas (RIBEIRO, 2019).

⁶ Esse custo inclui o desenvolvimento do satélite e o do veículo lançador utilizado (RIBEIRO, 2019).

Os altos investimentos para a construção e desenvolvimento do satélite e a sua perda repentina levaram a uma reflexão da agenda de cooperação sino-brasileira nos principais meios de comunicação, colocando em xeque sua existência e os benefícios reais ao Brasil (BRITO, 2013b). Isso afetou diversos temas da agenda externa brasileira, entre elas a relação com a China no campo espacial. Segundo Cervo e Lessa (2014), no período que o Brasil entrava num momento de declínio como potência emergente no cenário internacional, contrastava com o aumento da projeção econômica chinesa, caracterizado pela sua liderança na participação comercial superando os Estados Unidos.

Nesse contexto, a maior aproximação comercial e diplomática brasileira com a China ajudou ambos os atores a entrarem em consenso a respeito da cooperação envolvendo o CBERS e a sua relevância. Em novembro de 2013 foi assinado o Plano Decenal Sino-brasileiro de Cooperação Espacial (2013-2022), onde as partes se comprometeram a seguir metas em áreas prioritárias durante a década, como ciência espacial e formação de pessoal (RIBEIRO, 2019). Logo após a perda do satélite, o INPE e a CAST realizaram diversas reuniões para tratar da queda do CBERS-3 e concordaram em antecipar a montagem e o lançamento do CBERS-4. Um fator que contribuiu na sua rápida construção foram as licitações já realizadas para os seus equipamentos.

O CBERS-4 tinha as mesmas características técnicas do seu antecessor, possibilitando a sua rápida construção. O seu lançamento ocorreu com sucesso cerca de um ano depois, em 7 de dezembro de 2014 às 3h26 (horário de Brasília) a partir do Centro de Lançamento de Satélites de Taiyuan, onde ele cumpriu as suas funções na cooperação sino-brasileira de monitorar ambos os territórios e de ser uma plataforma para políticas públicas (RIBEIRO, 2019)⁷.

⁷ Vale destacar que a chegada de Michel Temer (2016-2019) ao poder não causou mudanças significativas na relação com a China e no programa CBERS.

4. O CBERS-4A e as incertezas do governo Bolsonaro

Assim como os projetos anteriores, esse último satélite lançado também seguiu as diretrizes definidas em 2002 de divisão de tarefas e investimentos de 50% para cada ator envolvido. As suas discussões tiveram origem em 2015 com a assinatura do compromisso de reforçar a cooperação espacial bilateral entre Brasil e China e lançar o sexto satélite da família CBERS, inicialmente previsto para 2018, ano em que foram celebrados 30 anos dessa parceria estratégica (RIBEIRO, 2019). A sua aprovação pelo Congresso Nacional ocorreu somente um ano depois, em 2016⁸, onde o documento mencionava a sua contribuição para o desenvolvimento tecnológico na área espacial (RIBEIRO, 2019).

Vale ressaltar que esse satélite mais recente não estava previsto nos orçamentos e planos tanto da Agência Espacial Brasileira (AEB) quanto da China National Space Administration (CNSA), a agência espacial chinesa. Mas ambas viam o projeto como um grande significado político de cooperação entre as nações em desenvolvimento, sobretudo em uma área tecnologicamente avançada e sensível como a espacial. Segundo o INPE (2020), as atividades de montagem, integração e testes (AIT) do satélite tiveram início em novembro de 2017 e foram finalizadas em abril de 2019.

O CBERS-4A foi lançado durante o mandato de Jair Bolsonaro no dia 20 de dezembro de 2019 à 00h22 (horário de Brasília), pelo foguete Longa Marcha 4B, a partir do Centro de Lançamento de Satélites de Taiyuan. O lançamento do mais recente satélite foi acompanhado pelo vice-presidente da República, Hamilton Mourão, do ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações, Marcos Pontes, representantes do INPE e CAST (INPE, 2020). O sucesso do seu lançamento manteve a continuidade da Política de Distribuição de Imagens e permitiu a sua utilização para diversos fins sem recorrer às grandes potências. Após um período de

⁸ DECRETO N° 8.908, de 22 de novembro de 2016.

comissionamento e testes de verificação dos sistemas, o satélite já estava em operação, com uma vida útil de aproximadamente cinco anos.

O mais novo CBERS é composto por três câmeras: sendo a Câmera Multiespectral (MUX) e Câmera Imageadora de Campo Largo (WFI) pelo Brasil e a Câmera Multiespectral e Pancromática de Ampla Varredura (WPM) pela China (INPE, 2019). Esta última é o principal instrumento óptico do satélite, que captura imagens com resolução panorâmica de 2 metros e resolução multiespectral de 8 metros simultaneamente. Da mesma maneira que os demais, ele opera em uma órbita sol-síncrona, recorrente e congelada a uma altitude de aproximadamente 650 km inclinação de 97,89 graus, realizando cerca de 14 voltas na Terra por dia (INPE, 2020). A característica da sua órbita garante que o satélite passe pelo Equador sempre no mesmo horário, às 10h30 da manhã, e estabelece uma ótima condição de iluminação solar para obter estudos comparativos entre as imagens observadas.

Essa parceria emblemática proporcionou ao lado brasileiro o domínio tecnológico da produção e o desenvolvimento de um satélite de sensoriamento remoto. Foi o caso do Amazônia-1, o primeiro desse segmento completamente projetado, integrado, testado e operado pelo Brasil (BRASIL, 2021). Após sucessivos atrasos⁹ e cortes de orçamento no projeto, ele foi lançado a partir de uma base indiana no início de 2021 e tem uma vida útil prevista de quatro anos (BRASIL, 2021).

A respeito do governo Bolsonaro, ele significa uma ruptura aos valores de inserção internacional em relação aos governos anteriores apresentados e uma indefinição quanto à continuidade da cooperação espacial sino-brasileira, pois desde o lançamento do CBERS-4A em 2019, houve poucas menções da parte do governo brasileiro e do chinês acerca de uma possível construção de CBERS-5 e 6. Em junho de 2021, integrantes do INPE, Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) e a CAST participaram da 17^a reunião do Comitê de Projetos Conjuntos, JPC em

⁹ O satélite Amazônia-1 começou a ser projetado em 2009, onde foi paralisado diversas vezes por insuficiência de recursos.

inglês (INPE, 2021). Ela serviu para ressaltar o valor do CBERS-4A, as suas aplicações nas duas nações e os resultados alcançados por essa parceria, entre os principais a conquista da confiança mútua e o aprofundamento da cooperação científica e tecnológica. Segundo o INPE (2021), a agência espacial chinesa demonstrou interesse em ampliar a cooperação espacial através do Plano de Cooperação Espacial China-Brasil previsto para 2023-2032, acelerar a discussão dos CBERS-5 e 6 e expandir a cooperação para mais campos da tecnologia espacial.

A maior indefinição está no lado brasileiro, pois desde a ascensão de Bolsonaro, o programa espacial sofreu com a falta de prioridade na área de observação da terra e escassez de recursos, sendo os mais afetados os funcionários civis do programa espacial brasileiro e os investimentos em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I). Como resultado, o INPE perdeu investimentos governamentais que foram direcionados ao Programa Estratégico de Sistemas Espaciais (PESE), um braço militar do programa espacial brasileiro. Um dos objetivos do governo Bolsonaro é desenvolver a utilização comercial do Centro Espacial de Alcântara (CEA) e a tecnologia para lançamento de foguetes¹⁰ em território nacional através do Veículo Lançador de Microsatélites (VLM).

Quanto a isso, um dos principais documentos norteadores do programa espacial brasileiro é o Programa Nacional de Atividades Espaciais (PNAE). De acordo com o governo brasileiro:

O Programa Espacial Brasileiro deve se voltar ao atendimento às necessidades da sociedade, com os maiores níveis de eficácia, efetividade e eficiência possíveis. É com esse objetivo que o PNAE 2022-2031 se estabelece como um instrumento do Estado brasileiro. Esta edição do PNAE consolida-se como um capítulo importante da infraestrutura nacional, uma vez que os produtos – bens, aplicações e serviços – que derivam de sistemas espaciais viabilizam praticamente todas as atividades econômicas do País. Seus impactos atingem os setores de comunicação, logística, mobilidade

¹⁰ No governo Lula e Dilma, houve a tentativa de conseguir essa tecnologia através da criação da empresa binacional Alcântara Cyclone Space (ACS), extinta em 2018.

urbana, defesa civil, mineração, meio ambiente, saúde, educação, ciências, entre outros (BRASIL, 2020, p. 14).

Em relação às parcerias internacionais, a Agência Espacial Brasileira (AEB) cita a cooperação com a China como uma parceria estratégica, e um dos principais ganhos que foi o intercâmbio para a capacitação de estudantes e pesquisadores brasileiros em programas de Mestrado e Doutorado na Universidade de Beihang, em Pequim (BRASIL, 2020). Na atual edição do PNAE publicada no Diário Oficial da União nº 247, de 31 de dezembro de 2021, adotou-se uma política de Estado de longo prazo, e não de um governo específico (BRASIL, 2020). O documento apresenta os projetos para os CBERS-5 e 6 na chamada Carteira de Admissão, ou seja, em estágios iniciais (BRASIL, 2020). Isso sinalizou a vontade das autoridades brasileiras em construir novos satélites CBERS mais sofisticados e com tecnologias que agreguem valor às necessidades espaciais de monitoramento do território nacional.

De modo semelhante, a vontade brasileira fica evidente na continuidade da cooperação no âmbito espacial nos moldes Sul-Sul, em que o Brasil e a China buscam maior protagonismo na área espacial. Um fator chave para os novos CBERS está na viabilidade técnica orçamentária do programa espacial brasileiro, pois os atuais satélites em órbita terrestre são menores, mais eficientes e mais baratos¹¹ do que a segunda geração CBERS-4 e 4-A em operação, que pesa mais de uma tonelada.

No governo Bolsonaro, houve a redefinição das relações os países sul-americanos, principalmente nos casos argentino e venezuelano, em que, por motivos ideológicos¹² a tensão se acirrou com os presidentes Alberto Fernández (2019-atual) e Nicolás Maduro (2013-atual). Vale ressaltar que, nos últimos anos, a China estabeleceu um acordo com a Argentina

¹¹ Essa nova tendência nas questões espaciais é conhecida como *New Space*. Conforme Machado e Silva (2021), esse fenômeno consiste na redução dos custos e do tamanho dos satélites. Isso veio acompanhado da maior participação de atores privados nas atividades espaciais e no aumento do número de agências espaciais ao redor do mundo.

¹² A eleição de Bolsonaro causou impactos nas relações com a China e na parceria CBERS. Essa cooperação emblemática foi contestada pela chamada ala ideológica do governo, gerando o desmonte de políticas públicas relacionadas a esse satélite.

para a construção da Estação denominada CLTC-CONAE-NEUQUÉN, concluída em 2017, onde ambos os governos atuam conjuntamente em pesquisas científicas e na exploração espacial (CARVALHO, 2021). Esse fato demonstra o engajamento do gigante asiático em se inserir nas questões espaciais da região¹³.

Somado a isso, através da antena que recebe as imagens do CBERS localizada em Cuiabá¹⁴, o Brasil é capaz de distribuir os dados do satélite aos seus vizinhos da América Latina e demais usuários nacionais (RIBEIRO, 2019). Isso é importante nas questões de segurança ao garantir a autonomia e soberania do monitoramento do território brasileiro. Ademais, demonstra a influência espacial brasileira no entorno regional ao lado da China, uma potência também nesse setor de alta tecnologia que vem ampliando o seu papel de cooperação espacial e o seu soft power na América Latina.

Já a COSBAN (Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação) é o principal mecanismo de diálogo bilateral criado em 2004, teve um papel relevante no aprofundamento da parceria estratégica sino-brasileira (RIBEIRO, 2019). Essa organização expressa a vontade da cooperação pelos dois lados e ajudou em um maior diálogo intergovernamental através de encontros entre as principais autoridades nacionais para tratar de temas comerciais, investimentos e até mesmo a área espacial. Quanto ao CBERS, ela foi importante pela criação de subcomissões na cooperação bilateral, por exemplo, a de Ciência, Tecnologia e Inovações e Cooperação Espacial (RIBEIRO, 2019).

Na ata da 5ª reunião da COSBAN celebrada entre Brasil e China em 23 de maio de 2019, o relatório da Subcomissão de Cooperação Espacial destacou a necessidade de atualização de demandas e requisitos comuns para desenvolver projetos eficientes alinhados às novas tecnologias e tendências mundiais no setor espacial (BRASIL, 2019). Um dos pleitos

¹³ Segundo Carvalho (2021), em 2016 foi publicada a segunda versão do *White Paper* da China para a América Latina, preconizando a continuidade da adoção da política de *soft power* chinês no continente e a cooperação na área espacial.

¹⁴ A cidade foi escolhida por ser o centro geodésico da América do Sul, permitindo abranger uma área de maior alcance e cobertura geográfica (RIBEIRO, 2019).

brasileiros está na construção de uma nova geração de satélites CBERS contendo a tecnologia radar¹⁵, recurso de uso dual restrito a um seleto grupo de atores, particularmente China e EUA, capaz de captar imagens através das nuvens e em ambientes noturnos. Esse equipamento é estratégico para monitorar o espaço aéreo brasileiro, o marítimo englobando a chamada Amazônia Azul e a Floresta Amazônica, pois esta última tem grande quantidade de nuvens.

Satélites de sensoriamento remoto a exemplo do CBERS são estratégicos no gerenciamento dos recursos naturais e de grandes áreas pouco povoadas, por exemplo o Deserto de Gobi para a China e a Floresta Amazônica para o Brasil, considerada a maior do mundo. Serviços fornecidos por essa tecnologia, que vão desde a meteorologia, cartografia e monitoramento ambiental são cruciais para a adoção de políticas públicas e melhor manejo do solo, principalmente ao agronegócio brasileiro. Segundo dados do INPE (2019), os novos CBERS produzem imagens nas bandas do visível e do infravermelho próximo, em média e alta resolução, que são adequadas para o monitoramento de vegetação em geral.

Ao longo dos últimos anos, essa vantagem foi responsável pela continuidade de projetos como o Programa de Cálculo do Desflorestamento da Amazônia e do Cerrado (PRODES)¹⁶ e o Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (DETER)¹⁷, fundamentais para o monitoramento desses biomas cada vez mais ameaçados por práticas extrativistas (RIBEIRO, 2019). Eles garantem a proteção dessas áreas e o controle de desastres naturais ou causados pela atividade humana, por exemplo, o aumento sazonal do nível do Rio Amazonas, o rompimento das barragens de Brumadinho em 2015 e Mariana em 2019 (RIBEIRO, 2019).

No ambiente interno, uma área seriamente afetada foi a ambiental, a partir do desmonte de instituições que auxiliavam em políticas públicas

¹⁵ Em inglês, Synthetic Aperture Radar ou SAR.

¹⁶ O PRODES é responsável pelo monitoramento por satélite do desmatamento por corte raso na Amazônia Legal e produz, desde 1988, as taxas anuais de desmatamento na região, que são usadas pelo governo brasileiro para o estabelecimento de políticas públicas (RIBEIRO, 2019).

¹⁷ Serviço de alerta de desmatamento e degradação florestal na Amazônia Legal baseado em dados de satélite de alta frequência de revisita como o CBERS (RIBEIRO, 2019).

no combate aos focos de incêndio na região amazônica e cerrado. Desde 2019, os técnicos do PRODES e DETER sofrem uma perseguição política e consideráveis cortes¹⁸ no orçamento, inviabilizando o monitoramento desses biomas e a gestão do combate aos incêndios florestais (GARCIA, 2022). Isso foi acompanhado do "apagão dos dados" coletados pelos CBERS, pois segundo Garcia (2022), os cientistas que cuidam do desmatamento no Brasil não estão na verba prevista do INPE. Os conflitos se acirraram quando o presidente Bolsonaro acusou o instituto de sobre-estimar os dados sobre o desmatamento, ocasionando a demissão do seu ex-diretor¹⁹. Entretanto, as mesmas informações foram igualmente captadas por satélites estrangeiros que têm comprovado o avanço do desmatamento nesses biomas e o negacionismo de Bolsonaro.

Em meados de 2020, o Ministério da Defesa aprovou a aquisição de um microsatélite no valor de R\$ 145 milhões, que realiza as mesmas funções do CBERS para monitorar a Amazônia (MODELLI, 2020). Segundo técnicos do INPE, o investimento milionário no novo satélite tende a gerar inconsistência nas imagens e ser menos eficiente do que os dados utilizados pelo CBERS (MODELLI, 2020). A ação do Ministério da Defesa demonstra o desprestígio do governo Bolsonaro pelo INPE – instituto que, ao longo das últimas décadas, produziu consideráveis dados espaciais de uso dual em benefício da sociedade brasileira e de outros países.

Por último, houve um descompasso entre os objetivos estratégicos do INPE, de caráter civil, e o âmbito militar, coordenado pelo Ministério da Defesa e o Programa Estratégico de Sistemas Espaciais (PESE). A aquisição de um satélite com as mesmas características para os militares demonstra o desdém do governo pelos satélites CBERS, que têm tomado medidas para se desvincular dessa parceria com a China. A atual política governamental também marginaliza toda a informação e a mão de obra altamente qualificada adquirida com a sua operação, pois agora o

¹⁸ O corte de orçamento para o INPE foi de cerca de R\$ 135 milhões em 2019 para cerca de R\$ 90 milhões em 2022, impactando assim a adoção de políticas públicas para monitorar a Amazônia e o Cerrado (PRIZIBISCZKI, 2022).

¹⁹ Ricardo Galvão, diretor do INPE entre 2016-2019 (GARCIA, 2022).

Ministério da Defesa terá que analisar as imagens de um satélite sem muito conhecimento técnico para isso.

5. Considerações finais

Ao longo do mandato de Dilma Rousseff, o Brasil enfrentou uma grave crise econômica, política e institucional. As dificuldades internas e a queda do CBERS-3 em 2013 foram fatores que afetaram a cooperação sino-brasileira, favorecendo o aumento de críticas a essa parceria. Apesar disso, a equipe brasileira responsável pelo programa CBERS conseguiu contornar as dificuldades orçamentárias e um outro satélite com as mesmas características foi lançado cerca de um ano depois, o CBERS-4. Dessa forma, os satélites CBERS foram uma das poucas metas alcançadas pelo programa espacial brasileiro na última década.

Já no governo Jair Bolsonaro, o lançamento do CBERS-4A em 2019 marcou a continuidade dos planos estabelecidos anos atrás com a China. Apesar disso, o atual governo tem sido responsável pela redução drástica de recursos financeiros para o monitoramento do território brasileiro e das pesquisas na área de sensoriamento remoto, o que tem efeitos no programa espacial brasileiro e na autonomia espacial. O atual Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações do Brasil e ex-astronauta, Marcos Pontes, tem liderado junto com Bolsonaro iniciativas espaciais agora com os EUA, e não com a China, como foi o caso da assinatura do Acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST) em 2019.

Contudo, alguns aspectos levaram à continuidade do programa CBERS, que alcançou ao longo das últimas décadas valiosos frutos no campo científico através do monitoramento do desmatamento e diplomático com uma maior coordenação entre Brasil e China para que o satélite fosse construído e operado. Quanto à pergunta de pesquisa "de que forma o CBERS atuou para a Política Externa Brasileira desses dois governos?" O governo Dilma recebeu do Brasil de Lula uma relação

amadurecida com a China, mas o declínio sistemático brasileiro na época acabou deteriorando certas políticas que estavam até então em vigor. A recessão econômica brasileira em 2014, aliada a uma forte crise política interna dificultou a implementação das parcerias realizadas tanto nas décadas anteriores quanto às assinadas no seu governo, como o Plano Decenal Sino-brasileiro de Cooperação Espacial (2013-2022) demonstrado acima. Mas mesmo assim, esse tema, com mais de 30 anos de cooperação entre os governos, recebeu a sua devida atenção entre os técnicos do INPE e a CAST, nas reuniões presidenciais e diplomáticas para encontrarem a melhor solução para o desenvolvimento do satélite e sua promoção internacional com políticas que favorecessem os dois países.

Por outro lado, a chegada de Jair Bolsonaro ao governo dificultou os entendimentos para a construção dos CBERS-5 e 6, permitindo que, cada vez mais, esse projeto de cooperação Sul-Sul seja desmontado em ações unilaterais. O satélite Amazônia-1 parece ter um potencial de substituto para a continuidade da autonomia de monitoramento do território brasileiro. Isso porque houve a intenção do governo Bolsonaro de construir o Amazônia 1-B, que até a presente data estava em desenvolvimento pelo INPE.

Dessa forma, os fatores apresentados acima comprovam que o satélite foi fundamental para o programa espacial brasileiro e para a parceria estratégica sino-brasileira. A cooperação envolvendo o CBERS garantiu ao Brasil um sistema de observação por sensoriamento remoto próprio para monitoramento do território e de acesso gratuito, o que foi um marco no segmento de satélites e na promoção do programa espacial brasileiro com um maior número de usuários e notoriedade das aplicações espaciais no nosso dia a dia. Ademais, houve a diminuição da dependência de satélites estrangeiros, que são um grande risco à segurança e autonomia do país, pois nem sempre o seu uso está disponível para atender as diversas finalidades específicas do Brasil. Esses fatores serviram para ampliar a parceria estratégica sino-brasileira, sendo a criação da

COSBAN e as suas subcomissões um grande exemplo de fomento para a continuidade da cooperação Sul-Sul na área espacial.

6. Referências

BRASIL, Governo do. MRE (Ministério das Relações Exteriores). **Portal do Governo Brasileiro**. 23 mai. 2019. Disponível em: <https://concordia.itamaraty.gov.br/detalhamento-acordo/12287?page=11&s=hina&tipoPesquisa=1>. Acesso em: 30 jan. 2022.

BRASIL, Governo do. **Programa Nacional de Atividades Espaciais (PNAE)**. 6 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/aeb/pt-br/programa-espacial-brasileiro/politica-organizacoes-programa-e-projetos/programa-nacional-de-atividades-espaciais>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL, Governo do. **Satélite brasileiro Amazônia-1 é lançado com sucesso**. 28 fev. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/transito-e-transportes/2021/02/satelite-brasileiro-amazonia-1-e-lancado-com-sucesso>. Acesso em: 26 jul. 2021.

BRITO, Lana Bauab. **Da exclusão à participação internacional na área espacial - o programa de satélite sino-brasileiro como instrumento de poder e de desenvolvimento (1999-2009)**. Orientador: Williams da Silva Gonçalves. 2011. 181p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2011.

BRITO, Lana Bauab. O futuro nebuloso da cooperação sino-brasileira na área de satélites. **Boletim Meridiano**, mar./abr. 2013a: p. 10-17. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/310831047_O_futuro_nebuloso_da_cooperacao_sino-brasileirana_area_de_satelites. Acesso em: 25 jul. 2021.

BRITO, Lana Bauab. Considerações sobre o satélite CBERS-3. **Revista Mundorama**, dez. 2013b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/310830867_Consideracoes_sobre_o_satelite_CBERS-3. Acesso em: 25 jul. 2021.

CARVALHO, Rogério do Nascimento. A base espacial Chinesa em Neuquén, Argentina. **Brazilian Journal of Latin American Studies**. v. 20, n. 39, p. 391-413, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/175034>. Acesso em: 30 jan. 2022.

CERVO, Amado Luiz; LESSA, Antônio Carlos. O declínio: inserção internacional do Brasil (2011–2014). **Revista Brasileira de Política Internacional**, jul./dez. 2014: p. 133-151. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7329201400308>. Acesso em: 20 jun. 2021.

EPIPHANIO, José Carlos Neves. “CBERS-3/4: características e potencialidades.” In: **Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR, XV**. 2011, São José dos Campos - SP, Brasil. Anais. Curitiba, PR. 2011. p. 9009-9016.

GARCIA, Rafael. Falta de recursos ameaça monitoramento do desmatamento no Cerrado. **O Globo [online]**. 24 jan. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/falta-de-recursos-ameaca-monitoramento-do-desmatamento-no-cerrado-25364964>. Acesso em: 30 jan. 2022.

INPE (CBERS - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). **CBERS 04A**. 6 dec. 2019. Disponível em: <http://www.cbbers.inpe.br/sobre/cbbers04a.php>. Acesso em: 16 ago. 2021.

INPE (CBERS - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). **Lançamento CBERS 04A**. 8 jul. 2020. Disponível em: <http://www.cbbers.inpe.br/lancamentos/cbbers04a.php>. Acesso em: 16 ago. 2021.

INPE (CBERS - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). **Brasil e China participam de 17ª reunião do Comitê de Projetos Conjuntos**. 28 jun. 2021.

Disponível em:

http://www.cbbers.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5857. Acesso em: 30 jan. 2022.

MACHADO E SILVA, Antonio. Artigo: As oportunidades do New Space; Novos foguetes e afins são desenvolvidos visando esse novo nicho de mercado, sempre tendo como meta a redução de custos relativos ao lançamento destes pequenos satélites. **MundoGeo [online]**. 30 jul. 2021.

Disponível em:

<https://mundogeo.com/2021/07/30/artigo-as-oportunidades-do-new-space/>. Acesso em: 12 mai. 2022.

MODELLI, Laís. Entenda como funcionam satélites que monitoram desmatamento na Amazônia; país tem volume de dados 'absurdo', dizem especialistas. **G1 [online]**. 24 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/08/24/como-funcionam-os-satelite-que-monitoram-desmatamento-na-amazonia-pais-tem-volume-de-dados-absurdo-segundo-especialistas.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2022.

OLIVEIRA, Fabiola de. **Brasil - China - 20 Anos de Cooperação Espacial: CBERS O Satélite da Parceria Estratégica**. São Carlos-SP: Editora Cubo, 2009. 100 p. Disponível em:

<http://mtc-m21b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21b/2014/12.19.15.27/doc/BRASIL%20-%20CHINA%2020%20ANOS%20DE%20COOPERA%C3%87%C3%83O%20ESPACIAL-compressed.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PRIZIBISCZKI, Cristiane. Mesmo com recomposição, orçamento do INPE para 2022 cai 32% em relação a 2020. **((o))eco [online]**. 17 fev 2022.

Disponível em:

<https://oeco.org.br/noticias/mesmo-com-recomposicao-orcamento-do-inpe-para-2022-cai-32-em-relacao-a-2020/>. Acesso em: 12 mai 2022.

RIBEIRO, Renata Corrêa. **Aliança tecnológica com a China na área espacial - os 30 anos do Programa CBERS (1988-2018)**. Brasília: Universidade de Brasília - Instituto de Relações Internacionais, 2019. 293p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38674>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SARAIVA, Miriam Gomes. Balanço da política externa de Dilma Rousseff: perspectivas futuras? **Relações Internacionais**, dez. 2014: p.25-35. Disponível em: http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri44/n44a03.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.



**O LUGAR DA CULTURA NA INTEGRAÇÃO REGIONAL SUL-AMERICANA:
UMA ANÁLISE DO MERCOSUL CULTURAL NO CONTEXTO DO
REGIONALISMO PÓS-LIBERAL**

*EL LUGAR DE LA CULTURA EN LA INTEGRACIÓN REGIONAL
SUDAMERICANA: UN ANÁLISIS DEL MERCOSUR CULTURAL EN EL
CONTEXTO DEL REGIONALISMO POSLIBERAL*

*THE PLACE OF CULTURE IN SOUTH AMERICAN REGIONAL INTEGRATION:
AN ANALYSIS OF MERCOSUR CULTURAL IN THE CONTEXT OF
POST-LIBERAL REGIONALISM*

Valéria Teixeira Graziano¹ 
Universidad de Salamanca, Espanha

Mónica Guariglio² 
Universidad Nacional de Avellaneda, Argentina

Resumo: Considerando a conformação, neste início de século XXI, do ciclo progressista latino-americano e do denominado regionalismo pós-liberal, bem como a evolução da política cultural internacional, o artigo aborda os impactos de tais transformações para a integração cultural sul-americana, discutindo os avanços, limites e contradições que marcaram o Mercosul Cultural entre 2003 e 2015. A partir de análise documental e de discussões teóricas relacionadas ao regionalismo, às políticas culturais e ao pensamento descolonial latino-americano, o trabalho discute questões como o discurso sobre a cultura nos âmbitos político-diplomáticos do bloco; o fortalecimento institucional e o financiamento da cultura; o desenvolvimento de projetos culturais regionais; a construção de uma diplomacia cultural regional; e os desafios relacionados à transversalidade da cultura. Embora o Mercosul Cultural tenha avançado, no período

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidad de Salamanca, Espanha. Mestra em Estudos Culturais (USP). Mestra em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (UNB). Email: valeriagraziano@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3585-0163>

² Diretora da Cátedra UNESCO "Diversidad cultural, creatividad y políticas culturales" da Universidad Nacional de Avellaneda (UNDAV), Argentina. Professora da Licenciatura em Gestión Cultural da UNDAV. Licenciada em Derecho pela Universidad Nacional de Buenos Aires (UBA). E-mail: mguariglio@undav.edu.ar / catedraunesco@undav.edu.ar.

analisado, na consolidação de um espaço privilegiado de cooperação cultural regional e de diplomacia cultural, suas conquistas foram limitadas pela baixa institucionalidade da cultura nos âmbitos nacionais e sua não priorização nas agendas políticas dos governos desse período. Desse modo, o trabalho visa contribuir para o debate sobre o lugar da cultura no desenvolvimento regional e sua centralidade para a construção de um projeto de integração latino-americano contra-hegemônico, autônomo e emancipador.

Palavras-chave: Mercosul Cultural; Cooperação Cultural Regional; Diplomacia Cultural Regional; Integração Regional Sul-Americana; Políticas Culturais.

Resumen: Considerando la formación, a principios del siglo XXI, del ciclo progresista latinoamericano y del denominado regionalismo posliberal, así como la evolución de la política cultural internacional, el artículo aborda los impactos de tales transformaciones para la integración cultural sudamericana, discutiendo los avances, límites y contradicciones que marcaron el Mercosur Cultural entre 2003 y 2015. A partir del análisis documental y de discusiones teóricas relacionadas con el regionalismo, las políticas culturales y el pensamiento descolonial en América Latina, el trabajo discute cuestiones como el discurso sobre la cultura en el esferas político-diplomáticas del bloque; el fortalecimiento institucional y el financiamiento de la cultura; el desarrollo de proyectos culturales regionales; la construcción de una diplomacia cultural regional; y los desafíos relacionados con la transversalidad de la cultura. Si bien el Mercosur Cultural ha avanzado en el período analizado para la consolidación de un espacio privilegiado para la cooperación cultural regional y la diplomacia cultural, sus logros se vieron limitados por la baja institucionalidad de la cultura en los ámbitos nacionales y su falta de priorización en las agendas políticas de los gobiernos de ese período. De esta forma, el trabajo pretende contribuir al debate sobre el lugar de la cultura en el desarrollo regional y su centralidad para la construcción de un proyecto de integración latinoamericano contrahegemónico, autónomo y emancipador.

Palabras clave: Mercosur Cultural; Cooperación Cultural Regional; Diplomacia Cultural Regional; Integración Regional Sudamericana; Políticas Culturales.

Abstract: Considering the formation, at the beginning of the 21st century, of the Latin American progressive cycle and the so-called post-liberal regionalism, as well as the evolution of international cultural policy, the article addresses the impacts of such transformations on South American cultural integration, discussing the advances, limits and contradictions that marked Mercosur Cultural between 2003 and 2015. Based on document analysis and theoretical discussions related to regionalism, cultural policies and decolonial perspectives in Latin America, the work discusses issues such as the discourse on culture in the political-diplomatic spheres of the

bloc; institutional strengthening and financing of culture; the development of regional cultural projects; the construction of a regional cultural diplomacy; and the challenges related to the transversality of culture. Although Mercosur Cultural has advanced in the period analyzed in consolidating a privileged space for regional cultural cooperation and cultural diplomacy, its achievements were limited by the low institutionality of culture at national levels and its lack of prioritization in the political agendas of the governments of that period. In this way, the work aims to contribute to the debate on the place of culture in regional development and its centrality for the construction of a counter-hegemonic, autonomous, and emancipatory Latin American integration project.

Keywords: Mercosur Cultural; Regional Cultural Cooperation; Regional Cultural Diplomacy; South American Regional Integration; Cultural Policies.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.193244](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.193244)

*Recebido em: 08/12/2021
Aprovado em: 30/06/2022
Publicado em: 03/07/2022*

1. Introdução

As mudanças políticas que caracterizaram a virada do século XXI na América Latina e que deram origem à chamada onda rosa resultaram, no âmbito da integração regional, na transição do denominado regionalismo aberto para o regionalismo pós-liberal ou pós-hegemônico. Neste mesmo período, a evolução da política cultural internacional impactou de maneira significativa as políticas públicas de cultura nacionais e regionais. Neste sentido, o trabalho tem como objetivo discutir os impactos de tais transformações para a integração cultural sul-americana, por meio da análise dos avanços, limites e contradições que marcaram o Mercosul Cultural entre 2003 e 2015. Com base em discussões teóricas nos campos do regionalismo, da cultura e das políticas culturais, bem como no pensamento descolonial latino-americano, pretende-se, ainda, discutir o lugar da cultura na integração regional latino-americana.

Para tanto, foi realizada análise documental, incluindo declarações presidenciais, decisões do Conselho do Mercado Comum (CMC) e atas da Reunião de Ministros da Cultura (RMC), bem como de outros órgãos do

bloco vinculados às temáticas sociais e de direitos humanos. Serão discutidos, de maneira específica, a retórica da cultura nos discursos político-diplomáticos do bloco; o fortalecimento institucional da RMC e o financiamento da cultura no Mercosul; o desenvolvimento de projetos de cooperação cultural regional, como o Selo Mercosul Cultural e o Sistema de Informação Cultural do Sul (SICSUR); a construção de uma diplomacia cultural regional; e os desafios relacionados à transversalidade da cultura.

Desse modo, espera-se contribuir com os debates sobre caminhos possíveis para o aprofundamento da integração cultural no âmbito do Mercosul e para sua projeção como ator relevante no contexto global, bem como com as reflexões sobre a centralidade da cultura para a construção de um projeto de integração regional autônomo e emancipador.

2. Do regionalismo aberto ao regionalismo pós-liberal

As profundas crises econômicas e sociais que marcaram a América Latina nas décadas de 1980 e 1990, somadas aos processos de redemocratização, levaram ao fortalecimento de movimentos organizados por grupos étnico-culturais historicamente subalternizados. A partir de agendas comuns em torno da chamada *globalização contra-hegemônica* (SANTOS, 2010), articularam alianças que foram fundamentais para a chegada ao poder de governos progressistas em diversos países da região no início dos anos 2000. Embora tenham sido eleitos com projetos político-ideológicos bastante distintos, a vinculação com setores populares e a compreensão comum sobre a necessidade de fortalecimento do Estado levaram à caracterização desse período como *progressismo latino-americano* ou, ainda, como *onda ou maré rosa*³.

No âmbito da integração regional, o entendimento de que a globalização neoliberal aprofundou as crises na região fez com que o chamado *regionalismo aberto* desse lugar a “nuevos modelos de regionalismo, integración y cooperación que, en general, reflejaban las

³ Sobre o progressismo latino-americano, ver Santos (2018) e Leite, Uemura e Siqueira (2018).

nuevas visiones sobre el papel del Estado, la economía, la política, las relaciones con Estados Unidos y la inserción política y económica internacional” (BERNAL-MEZA, 2013, p. 04). Para além da pauta econômico-comercial, a nova agenda de integração regional priorizou a redução de assimetrias e reforçou o vínculo entre desenvolvimento e integração regional. Ademais, buscou fortalecer a autonomia do bloco em negociações multilaterais, colocando fim ao projeto de criação de uma Área de Livre-Comércio das Américas (Alca), proposta pelos Estados Unidos, e dando origem a iniciativas que compuseram o *regionalismo pós-liberal* ou *pós-hegemônico*⁴, incluindo a União de Nações Sul-Americanas (UNASUL), a Aliança Bolivariana (ALBA) e a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC).

No que se refere ao Mercosul, o *Consenso de Buenos Aires*, firmado em 2003 entre Argentina e Brasil, é considerado um marco ao destacar a relevância das dimensões política e social para a consolidação da integração regional. A partir dessa nova orientação, o bloco investiu em agendas voltadas à transformação social, cidadania, democratização e direitos humanos. Rodríguez-Patrinós (2014) explica que o caráter político e social do Mercosul foi reforçado, ainda, pela entrada da Venezuela como membro pleno em 2012 e pelo processo de adesão da Bolívia a partir de 2015 (não concluído). A autora entende que, apesar dos desafios relacionados à sua natureza geopolítica e intergovernamental, o MERCOSUL avançou, neste período, “hacia un modelo de desarrollo integrado que jerarquiza nuevas agendas y actores, a la vez que construye y fortalece una institucionalidad regional capaz de gestionar un modelo multidimensional de integración” (RODRÍGUEZ-PATRINÓS, 2014, p. 95).

Considerando as transformações que marcaram o ciclo do regionalismo pós-liberal (SANAHUJA, 2008), analisaremos na próxima seção como estes novos contextos nacionais, regional e internacional

⁴ Conceitos adotados por diferentes autores para ressaltar a transição de uma etapa de integração econômica neoliberal para um modelo baseado no fortalecimento do papel do Estado, na priorização das agendas política e social e na construção de uma integração positiva (LO BRUTTO; CRIVELLI, 2019). Nesta pesquisa, adota-se o conceito de regionalismo pós-liberal tal como proposto por Sanahuja (2008), para quem esta nova etapa vincula-se ao retorno da agenda de desenvolvimento, definindo um pós-Consenso de Washington.

impactaram o campo das políticas culturais e a construção de uma nova diplomacia cultural regional no âmbito do Mercosul.

3. Política cultural internacional e o novo contexto regional

Neste cenário em que os governos progressistas latino-americanos buscaram reforçar o papel do Estado no desenvolvimento, as políticas culturais ganharam espaço nas agendas nacionais. O fortalecimento das políticas públicas de cultura neste período expressou-se, por exemplo, na aprovação de planos e programas de governo que estabeleceram objetivos e metas de longo prazo. Destaca-se, ainda, o fortalecimento das estruturas institucionais nacionais, incluindo a criação de ministérios de cultura em diversos países da região.

Além desse novo panorama político regional, para compreender a integração cultural latino-americana neste início de século é preciso considerar também a evolução do debate sobre cultura no âmbito da política internacional. Um marco importante neste sentido é a *Conferência Mundial sobre Políticas Culturais* (Mondiacult), realizada no México em 1982, cuja declaração final avança amplia o conceito da cultura e “expande o campo de possibilidades, competências e responsabilidades de atuação dos Estados no que se refere às suas políticas públicas para a cultura, tanto na esfera interna quanto externa” (LIMA, 2014, p.29). A partir dos anos 1990, a cultura se consolida como campo autônomo nas relações internacionais, afastando-se da concepção tradicional de diplomacia cultural vigente até então, limitada à noção de *soft power*. A adoção de concepções de políticas culturais mais abrangentes e a ampliação da agenda temática resultaram na criação de uma nova arquitetura de governança da cultura e na aprovação de instrumentos multilaterais, tais como a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural* (2001); a *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* (2005); e a *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial* (2003).

No âmbito latino-americano, o compromisso de Acapulco, firmado em 1987 pelo Mecanismo Permanente de Consulta e Concertação Política (Grupo do Rio), assumiu a integração cultural como um de seus objetivos. Em sua reunião seguinte, o grupo acordou iniciativas como a criação da Biblioteca Popular da América Latina e o Caribe, o Fundo Latino-Americano para o Desenvolvimento da Cultura e o Fundo Latino-Americano das Artes. Todavia, tais propostas não chegaram a sair do papel e as questões culturais foram perdendo espaço nas negociações seguintes (RADL, 2000). Na década de 1990, por iniciativa do Brasil, foi estabelecido um mecanismo regional que ficou conhecido como *Encontros de Ministros de Cultura e Responsáveis por Políticas Culturais da América Latina e Caribe*.

Bayardo García (2010, p.56) explica que a retomada do debate sobre políticas culturais na região na virada do século, depois de seu relativo abandono na década de 1980, relaciona-se com as ameaças que as transformações do comércio internacional representavam para as políticas culturais e os direitos culturais. As negociações na Organização Mundial do Comércio (OMC) sobre bens, serviços e propriedade intelectual, as quais previam a liberalização total do comércio internacional na Rodada de Doha (2005), impactaram de maneira decisiva os debates no seio da Unesco. Após ampla articulação internacional de governos e movimentos da sociedade civil, foi aprovada em 2001 a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*, a qual aborda a estreita relação entre diversidade cultural, desenvolvimento, políticas culturais e direitos culturais. Posteriormente, em 2005, foi aprovada a *Convenção da Unesco sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*, segundo a qual “os bens e serviços culturais comunicam identidades, valores e significados e, por isso, não podem ser considerados meras mercadorias ou bens de consumo quaisquer” (UNESCO, 2005).

As concepções ampliadas de cultura que passam a orientar a política internacional a partir da década 1990 contribuíram para a emergência de uma nova geração de políticas culturais, centradas na promoção da diversidade cultural e na sua relação com a justiça social, assim como para

sua consolidação como campo autônomo nas relações internacionais. Na América Latina, resultaram no fortalecimento da agenda da cultura nos espaços institucionais voltados à integração regional, em especial no âmbito do Mercosul, como discutiremos a seguir.

4. A agenda da cultura no MERCOSUL: dos primórdios à 2003

Embora o Tratado de Assunção, firmado em 1991, não mencione a cultura como dimensão estratégica para a integração regional, logo no ano seguinte foi criada a Reunião Especializada de Cultura (MERCOSUL/GMC/RES. n° 34/92), que realizou seu primeiro encontro três anos depois, em 1995. Neste ano, foi substituída pela Reunião de Ministros da Cultura (MERCOSUL/CMC/DEC. n° 02/95), a partir da qual foram estabelecidas quatro comissões técnicas, formando o chamado *Mercosul Cultural*. Como afirmam Wortman e Lessa (2020, p. 132), a constituição do Mercosul Cultural representa um marco importante para as políticas culturais sul-americanas, pois representa a “primeira experiência regional institucional na área da cultura”. Até então, “pouco ou quase nada existia no âmbito de uma política para as relações culturais sul-americanas” (LESSA, 2017, p. 42).

A relevância da cultura para a integração regional sul-americana está presente nos discursos dos presidentes e autoridades políticas do bloco desde os seus primórdios. No Comunicado Conjunto de 1995, os Presidentes do Mercosul “destacaron la dimensión múltiple del proceso de integración y, en particular, de sus aspectos sociales y culturales”. Neste sentido, aprovaram o *Programa de Acción del Mercosur hasta el año 2000* (MERCOSUR/CMC/DEC. n° 9/95), que incluía a cultura como uma de suas dimensões. De acordo com o documento,

El objetivo en esta área es fomentar la difusión de las manifestaciones artísticas, los valores y las formas de vida de los pueblos de los Estados-Partes, sin perjuicio de la identidad cultural

de cada uno de ellos, poniendo de relieve el patrimonio cultural común y promover el desarrollo de la cultura. Estos objetivos se alcanzarán a través de la elaboración de programas y proyectos para mejorar la difusión de las expresiones culturales y del conocimiento de la historia de la región, para la conservación y protección del patrimonio cultural y el fomento de los intercambios culturales y el apoyo a la creación artística (MERCOSUR/CMC/DEC. n.º 9/95).

No ano seguinte, em 1996, foi aprovado o *Protocolo de Integração Cultural* (MERCOSUL/CMC/DEC. n.º 11/96), sobre o qual os Presidentes expressaram “sua convicção de que o referido instrumento em muito contribuirá para estimular o intercâmbio cultural entre os Estados Partes e para divulgar a dimensão cultural do MERCOSUL no mundo”. O protocolo apresenta propostas inovadoras, como seu artigo 8, que antecipa os princípios da *cooperação cultural internacional*, eixo central da *Convenção da Unesco sobre a promoção e a proteção da diversidade das expressões culturais* (2005), ao estabelecer que “cada Estado Parte protegerá, em seu território, os direitos de propriedade intelectual das obras originárias dos outros Estados Partes, de acordo com sua legislação interna e com os tratados internacionais”. Alguns projetos recentes da RMC, como o SICSUR e o Selo Mercosul Cultural, remetem às orientações contidas neste documento fundador.

Apesar desses avanços iniciais, levaria um tempo para que estas ideias ganhassem densidade e concretude. A dimensão cultural não aparece de maneira substantiva nos comunicados presidenciais dos anos seguintes e a análise das atas da RMC deste período revelam seu perfil declaratório, baseadas essencialmente no apoio a iniciativas nacionais de cada Estado membro. Destaca-se, nas atas analisadas, a ausência de propostas de caráter regional até o ano de 2003. Somente em 2002, no contexto das discussões globais que resultaram na aprovação da *Declaração Universal da Diversidade Cultural* (2001), a cultura volta a ser mencionada pelas instâncias políticas. Naquele ano, pela primeira vez o tema da diversidade cultural aparece nos discursos presidenciais, ao reconhecerem “el valor de la identidad y de la diversidad cultural en el marco de la globalización” (MERCOSUL/CMC/ATA 02/ANEXO 2/2002). No

comunicado do ano seguinte, aparece explicitamente o posicionamento do Mercosul em defesa da adoção de uma convenção voltada ao tema, demonstrando a importância do bloco para a coordenação de posições conjuntas em negociações multilaterais, neste caso vinculadas às disputas comerciais no âmbito da OMC.

A partir de então, o Mercosul Cultural iniciou a construção de uma agenda própria, com o desenvolvimento de ações conjuntas e projetos, de fato, regionais. Para Lessa (2017, p. 29), antes da criação do Mercosul Cultural, “as relações culturais latino-americanas eram, sobretudo, de caráter bilateral, intermitentes, de indiscutível alcance, concebidas como ações diplomáticas isoladas sempre limitadas por restrições orçamentárias”. Analisaremos, na próxima seção, os principais projetos desenvolvidos neste âmbito entre 2003 e 2015, discutindo os avanços e limites para a consolidação de uma agenda de integração cultural regional.

5. Regionalismo pós-liberal: o Mercosul cultural entre 2003 e 2015

É no período de transição para o regionalismo pós-liberal que as reuniões protocolares, limitadas ao compartilhamento de informações nacionais, dão lugar a uma nova etapa do Mercosul Cultural, marcada pela ampliação de sua estrutura institucional e pela dinamização de sua agenda. A partir de 2004, pode-se notar o aumento substancial das menções às questões culturais nos comunicados dos presidentes, o que certamente se relaciona com a evolução dos debates sobre políticas culturais no âmbito internacional, mas também como reflexo das mudanças no cenário político latino-americano e seus impactos para o Mercosul Cultural.

No contexto das negociações para a criação de uma convenção sobre diversidade cultural, os presidentes do bloco aprovam a criação da Reunião Especializada de Autoridades Cinematográficas e Audiovisuais do MERCOSUR (RECAM), reconhecendo “la necesidad de adoptar políticas y medidas que garanticen el derecho de los pueblos de la región a producir y

acceder a los contenidos cinematográficos y audiovisuales que expresen nuestra identidad y diversidad cultural” (MERCOSUR/CMC/ATA 01/2004/ANEXO 02). Destaca-se, ainda, o apoio dos presidentes ao projeto desenvolvido pela RMC intitulado *Itinerário Cultural Andino/ Qhapaq Ñan*, reconhecendo “tratarse de proyecto de integración que supone un alto impacto sobre el desarrollo regional, teniendo la cultura como eje articulador” (MERCOSUR/CMC/ATA 02/2004/ANEXO 02). Assim, a relação entre cultura, desenvolvimento e direitos culturais vai sendo reforçada politicamente no âmbito do bloco. Contudo, tais declarações não se desdobraram na incorporação efetiva das políticas culturais nos projetos estratégicos e político-diplomáticas do bloco, que seguiram reproduzindo, como constatado na análise documental, uma visão bastante limitada acerca da cultura.

Apesar disso, a RMC ampliou e aprofundou os debates nos distintos campos das políticas culturais e logrou consolidar, a partir de 2003, uma dinâmica em torno de projetos comuns que levou à sua gradual consolidação como espaço estratégico de cooperação regional e de articulação de uma diplomacia cultural sul-americana.

5.1 Fortalecimento institucional e financiamento da cultura no Mercosul

Embora o estabelecimento de estruturas institucionais e de financiamento sejam centrais para a concretização da cooperação regional, somente no contexto do regionalismo pós-liberal foram aprovadas decisões voltadas ao fortalecimento do Mercosul Cultural. A primeira decisão do Conselho do Mercado Comum (CMC) neste sentido foi aprovada em 2006, mas somente a partir de 2010 são identificados avanços concretos. Neste ano, foi aprovada a proposta argentina para instalação da Secretaria Permanente da RMC naquele país (MERCOSUL/RMC/ATA N° 02/2010), que passou a funcionar em 2011. Em 2012, foi aprovada a *Estrutura Orgânica e Regulamento Interno do Mercosul Cultural* (MERCOSUL/CMC/DEC. N° 15/12

⁵), a qual responde à necessidade de “fortalecer a institucionalidade, operatividade e articulação entre as instâncias da Reunião de Ministros da Cultura”, assim como “garantir a consolidação e continuidade dos programas e projetos desenvolvidos por este âmbito”. Atualmente, integram o Mercosul Cultural: a RMC; o Comitê Coordenador Regional (CCR); a Comissão do Patrimônio Cultural (CPC); a Comissão de Artes (CA); a Comissão de Economia Criativa e Indústrias Culturais (CECIC); a Comissão de Diversidade Cultural (CDC), o Fórum do Sistema de Informação Cultural do MERCOSUL (SICSUR); e a Secretaria do MERCOSUR Cultural (SMC). A análise das atas deste período demonstra que a criação dessas comissões foi fundamental para que o Mercosul Cultural evoluísse de instância política de encontros protocolares de autoridades para um espaço de concertação e coordenação regional, a partir de discussões técnicas especializadas e do desenvolvimento de projetos de cooperação cultural.

O debate sobre a criação de um fundo comum aparece nas atas da RMC pela primeira vez em 2003. No ano seguinte, a RMC solicitou ao Fórum de Consulta e Concertação Política (FCCP) a criação de um fundo especial na Secretaria do Mercosul para receber recursos destinados à cultura (MERCOSUL/RMC/ATA n° 01/2004), mas tal proposta não avançou. Neste mesmo ano, foi criado o Fundo para a Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM) como estratégia de redução de assimetrias no plano regional (MERCOSUR/CMC/DEC n° 45/04). Considerando a baixa visibilidade da RMC na comunicação institucional do bloco, e entendendo que essa ausência da agenda da cultura refletia a visão das instâncias político-diplomáticas do Mercosul com relação ao lugar secundário da dimensão cultural em suas estratégias, a RMC propôs ao FOCEM, em seu eixo voltado ao fortalecimento institucional, o projeto *A Comunicação Institucional do MERCOSUL Cultural*, mas tal proposta tampouco avançou (MERCOSUR/RMC/ACTA 02/2010/ANEXO V). Como explica Rodríguez-Patrinós (2014, p. 99), a implementação de projetos por meio do FOCEM envolve “*un complejo entramado de procedimientos*

⁵ Atualizada pela decisão MERCOSUL/CMC/DEC. N° 22/14.

administrativos, rigurosamente burocráticos, con insuficientes niveles de coordinación y poca visibilidad a nivel nacional". Além de sua complexa estrutura burocrático-administrativa, a priorização de projetos voltados à infraestrutura regional e as limitações orçamentárias e operativas fazem com o FOCEM atenda apenas "uma parcela muito pequena das demandas por cooperação internacional dos inúmeros órgãos que compõem o bloco" (GRAZIANO; CAIXETA, 2021, p. 176).

Desse modo, a constituição de um fundo setorial voltado ao fortalecimento da cooperação cultural regional continuou a ser uma prioridade para a RMC e, em 2010, foi aprovada a criação do *Fundo MERCOSUL Cultural* (MERCOSUL/CMC/DEC. nº 38/10) para financiamento de iniciativas que "fomentem a criação, circulação, promoção, proteção e difusão dos bens e serviços culturais, bem como a diversidade das expressões culturais que efetivamente contribuam para o fortalecimento do processo de integração do MERCOSUL". Embora a decisão estabelecesse que a mesma deveria "ser incorporada ao ordenamento jurídico dos Estados Partes antes de 16/XII/2011", sua implementação não foi concluída. Como explica Graziano (2021), apenas a Argentina incorporou a norma em seu ordenamento jurídico até o presente momento, "o que reflete tanto a lentidão para a incorporação de normas relativas ao processo de integração regional pelos Estados membros quanto a não priorização da agenda cultural pelos órgãos executivos e legislativos nacionais".

5.2 Cooperação em políticas culturais e diplomacia cultural regional

Uma das iniciativas da RMC voltadas à cooperação regional que mais avançou entre 2003 e 2015 foi o *Sistema de Informação Cultural do Sul* (SICSUR), o qual visa suprir a carência de dados sobre políticas culturais na região. Desde sua criação em 2006, o projeto resultou na construção de metodologias comuns, em ações de coleta e processamento de informação e na elaboração de informes sobre contas satélites,

institucionalidade e comércio exterior de bens culturais. Neste sentido, pode-se afirmar o SICSUR tem contribuído para enfrentar “*un problema histórico citado por Arizpe ([apud] 2001, 38) y Canclini ([apud] 2000, 91), el de la inexistencia de bases regionales de información cultural que permitan articular políticas conjuntas.*” (ZAMORANO; ULLDEMOLINS; KLEIN, 2014, p. 26).

Embora seja um dos projetos mais antigos da agenda da cultura no Mercosul, o *Selo Mercosul Cultural* (MERCOSUL/GMC/RES nº 122/96), criado com o objetivo de facilitar a circulação de bens e serviços culturais, não foi implementado ainda hoje. Somente a partir de 2008 o bloco avançou na definição dos procedimentos operacionais para sua entrada em vigor (MERCOSUL/CMC/DEC.nº33/08; MERCOSUL/CMC/DEC. nº30/09). Como demonstra a análise documental, a RMC realizou, desde então, inúmeras reuniões com distintos âmbitos técnicos do bloco para discutir as especificidades dos bens e serviços culturais. Além de esbarrar nas complexas disputas comerciais que envolvem harmonização de normativas e regulações aduaneiras, tal processo demonstra a dificuldade de implementação de projetos de cooperação cultural regional quando estes demandam envolvimento de outras áreas do bloco.

No que se refere à constituição de uma diplomacia cultural regional, ressalta-se a decisão da RMC de “[...] *desarrollar estrategias del bloque MERCOSUR Cultural para la participación en organismos internacionales y multilaterales*” (MERCOSUR/RMC/ATA 02/2009). Esse reposicionamento do Mercosul Cultural no contexto internacional se explicitou em decisões conjuntas e articulações que garantiram uma melhor inserção e maior protagonismo dos países do bloco nos espaços multilaterais. Tal diplomacia se beneficiou também de um cenário regional favorável em termos de política externa, no qual os governos nacionais buscaram fortalecer as coalizões com o Sul Global. A decisão de priorizar o Mercosul Cultural como espaço de articulação diplomática resultou, por exemplo, na coordenação de posições no âmbito da UNESCO, fortalecendo a defesa de interesses do bloco tanto no processo negociador para criação da Convenção sobre

diversidade cultural quanto posteriormente, em seu Comitê Intergovernamental. Destacam-se, ademais, a atuação da Comissão da Diversidade Cultural (CDC) para apoio à implementação da Convenção pelos países da região; e da Comissão do Patrimônio Cultural (CPC) para cooperação em torno das candidaturas às listas do patrimônio mundial e imaterial. Fortaleceu, ainda, o posicionamento crítico dos países do bloco diante da desigual representação regional nos órgãos das convenções da UNESCO.

Tal estratégia regional resultou também na elaboração de uma proposta conjunta do Mercosul Cultural para o processo negociador da *Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável* (Rio+20), realizada no Rio de Janeiro, em 2012. Como resultado da *I Reunião de Altas Autoridades Sul-Americanas sobre Cultura e Sustentabilidade*, foi aprovada a *Declaração de São Paulo sobre Cultura e Sustentabilidade* (MERCOSUR/RMC/ACTA 1/2012/ANEXO 3), a qual introduziu no Mercosul Cultural o debate sobre os limites do desenvolvimento e cosmovisões como o *buen vivir/ vivir bien*, que vinham sendo articuladas pelos ministérios de cultura do Equador e da Bolívia. Propunha, ainda, a inclusão da cultura como quarto pilar do desenvolvimento sustentável. A declaração foi encaminhada às chancelarias dos respectivos países, mas a proposta não chegou a ser incorporada aos documentos preparatórios para a Conferência, refletindo os desafios para o fortalecimento da integração cultural regional diante da predominância de uma concepção de desenvolvimento que ignora o papel constitutivo da cultura e destrói a diversidade cultural.

Embora a RMC tenha acordado a necessidade de elaboração de um *Plano Estratégico de Integração Cultural do Mercosul* (MERCOSUL/RMC/ATA 1/2011) para definir objetivos e metas de longo prazo, o mesmo não foi implementado no período analisado neste trabalho. Assim, apesar desses avanços em termos de construção do Mercosul tanto como espaço de cooperação cultural regional quanto como espaço estratégico de articulação para projeção global da região no campo da política cultural

internacional, o Mercosul Cultural não chegou a consolidar uma estratégia de longo prazo, a qual poderia garantir maior continuidade às iniciativas da RMC e consolidá-la como espaço prioritário de concertação político-diplomática.

5.3 Transversalidade ou invisibilidade da cultura na agenda do Mercosul?

A priorização da dimensão social do Mercosul durante a onda rosa resultou na ampliação da estrutura institucional do bloco voltada ao desenvolvimento de projetos comuns. Para Bernal-Meza (2013, p. 08), a criação do *Programa Mercosul Social e Solidário* (2004), do Parlamento do Mercosul (2005) e das Cúpulas Sociais contribuíram para que a soberania adquirisse novos significados, estabelecendo a articulação entre “proyectos de integración y sistemas políticos democráticos; integración y paz; e integración y participación ciudadana”. Paikin (2019) entende que este processo de institucionalização das agendas sociais se aprofundou de maneira significativa no contexto da crise econômica global de 2008, o que levou ao distanciamento do debate até então muito influenciado pelo modelo europeu, centrado em temas como supranacionalidade e *déficit democrático*, para priorizar questões como o *déficit social* da integração. Neste período, foram criados o Instituto Social do Mercosul (ISM) em 2007; a Comissão de Ministros de Assuntos Sociais do Mercosul (CCMAS) em 2008; o Instituto de Políticas Públicas de Direitos Humanos do MERCOSUL (IPPDH) em 2009; e a Unidade de Apoio à Participação Social em 2010.

A partir da CCMAS, órgão de coordenação das áreas sociais do Mercosul presidido pelos ministros e autoridades nacionais de desenvolvimento social, foi aprovado em 2011 o *Plano Estratégico de Ação Social do Mercosul (PEAS)* (MERCOSUL/CMC/DEC. n° 12/11), instrumento de articulação e desenvolvimento de ações intersetoriais. Dentre seus 10 eixos, 26 diretrizes e 105 objetivos prioritários, a cultura aparece, de maneira mais

explícita, no Eixo V – *Valorizar y promover la diversidad cultural*. Este eixo está composto por duas diretrizes: (14) “Promover la conciencia de la identidad cultural regional, valorizando y difundiendo la diversidad cultural de los países del MERCOSUR, y de las culturas regionales”; e (15) “Ampliar el acceso a bienes y servicios culturales en la región y fomentar sus industrias culturales, favoreciendo el proceso de inclusión social y la generación de empleo e ingresos” (MERCOSUR/CMC/DEC. n° 12/11). Na diretriz 14, chama a atenção o fato de que, entre seus objetivos prioritários, apenas a Reunião de Ministros de Educação aparece como espaço de articulação para o fortalecimento de ações vinculadas à diversidade cultural, sem qualquer menção à RMC. É importante ressaltar, ainda, que o não envolvimento da RMC na redação inicial do documento se refletiu na desarticulação dos objetivos relacionados à cultura com relação às agendas e prioridades em debate naquele momento no âmbito do Mercosul Cultural.

A concepção de diversidade cultural limitada às políticas educacionais, em detrimento do amplo debate sobre políticas culturais voltadas à cidadania cultural e aos direitos culturais, refletiu-se na invisibilidade da RMC não apenas no PEAS, mas em outras iniciativas transversais das áreas sociais do Mercosul. Ao analisar a atuação da Comissão Permanente de Educação e Cultura em Direitos Humanos, vinculada à Reunião de Altas Autoridades sobre Direitos Humanos e Chancelarias do MERCOSUL e Estados Associados (RAADH), Baumann (2020) conclui que o tema educativo é priorizado nas linhas estratégicas e documentos do órgão e que os direitos culturais não são abordados como matéria específica. Por outro lado, percebe-se a ausência de uma estratégia consolidada da RMC para aproximação com órgãos como a RAADH e o IPPDH, fundamentais para avançar no debate sobre direitos culturais, por exemplo.

Ainda assim, a aprovação do PEAS inaugurou uma etapa de participação ativa da RMC nas reuniões da CCMAS, o que propiciou uma maior aproximação com outros atores sociais do bloco. Como resultado desse diálogo, foram desenvolvidas iniciativas como o atlas *La Diversidad*

de las expresiones culturales: Buenas Prácticas en el MERCOSUR. No âmbito da Comissão do Patrimônio Cultural (CPC), a articulação com outros órgãos concretizou-se no desenvolvimento do *Proyecto Itinerario Cultural de las Misiones Jesuíticas Moxos y Chiquitos*, na criação da *Reunión Inter-plataformas sobre Prevención y Combate al Tráfico Ilícito de Bienes Culturales*, e na criação do Comitê Técnico sobre Patrimônio e Turismo.

O desafio de incorporação da cultura em projetos estratégicos do bloco demonstra a dificuldade de compreensão acerca da transversalidade e a predominância de uma visão limitada sobre a cultura. Por outro lado, a análise documental realizada revela também as dificuldades da própria RMC para construir essa articulação de maneira permanente e estratégica com outros órgãos, o que pode ser explicado, em parte, pelas limitações enfrentadas pelos ministérios e secretarias de cultura em termos orçamentários e de gestão. Diante dos escassos recursos para a implementação de políticas culturais e das precárias estruturas burocrático-institucionais, a agenda de integração regional acaba sendo relegada à segundo plano nos âmbitos nacionais. Assim, pode-se afirmar que, embora a RMC tenha conseguido consolidar uma agenda regional de políticas culturais, suas conquistas foram limitadas tanto pela invisibilidade e não priorização de seus projetos por outras reuniões especializadas e pelas instâncias político-diplomáticas do bloco quanto pela sua própria fragilidade institucional.

6. O não-lugar da cultura na integração regional Sul-americana

Embora a priorização das agendas sociais tenha marcado o início de uma nova etapa do Mercosul no início do século XXI, os projetos políticos que conformaram o regionalismo pós-liberal (SANAHUJA, 2008) não chegaram a romper com o modelo de desenvolvimento que historicamente caracteriza a integração regional sul-americana, centrada

na ideia de progresso econômico e na exploração infinita da natureza e da vida. Desse modo, ao mesmo tempo que incorporavam reivindicações de grupos historicamente subalternizados, os projetos de integração deste período acabaram por reproduzir um padrão de poder que resulta em invasões a territórios ancestrais, expulsão forçada e outras violências (NICOLAO; JUANENA, 2014). Pode-se afirmar, portanto, que os limites que marcaram o Mercosul Cultural durante este período refletem não só os desafios que caracterizam o próprio projeto mercosulino, como sua natureza intergovernamental e sua complexa estrutura burocrático-administrativa, mas também o não-lugar da cultura nesta concepção de desenvolvimento e integração regional.

Como defende Escobar (2013), é preciso compreender o desenvolvimento tanto como um projeto econômico capitalista e imperial quanto cultural, já que é criado a partir de uma experiência particular da modernidade europeia e subordina as demais culturas e conhecimentos, aos quais são impostos princípios tais como a separação entre natureza e cultura e a primazia do conhecimento especializado com relação a outros saberes. O autor lembra que *“la creación de África, Asia y América Latina como ‘subdesarrollados’ ha involucrado un profundo proceso simbólico y material”* (ESCOBAR, 2013, p.18).

Como defende Vich (2014, p. 98), é preciso *“desculturizar a cultura”* para que seja possível compreendê-la como um novo poder e, sobretudo, *“para comenzar a tomar el poder desde la cultura”*. Ele defende que, contra toda essa lógica tecnocrática que desvincula o cultural do político, e o político do econômico, deve-se estrategicamente *“simbolizar lo político, democratizar lo simbólico”* (VICH, 2014, p. 98). É preciso, como sugere o autor, romper com a *esferização do mundo* e retomar a proposta de Raymond Williams de constituição de um *processo social total*, no qual *“la cultura no es un anexo o una esfera interesante, sino una trama donde se producen disputas cruciales sobre las desigualdades, sus legitimidades y las posibilidades de transformación”* (VICH, 2014, p. 41).

É essa compreensão da cultura como *trama* que deve ser apropriada na construção de caminhos alternativos para a integração regional, abrindo espaço para a produção de novas representações simbólicas, identitárias e sociais. Se a modernidade eurocêntrica compartimentalizou o saber e a política em esferas, uma estratégia de integração regional contra-hegemônica precisa partir justamente da compreensão de que a cultura é constitutiva e de que as esferas do econômico, do político e da cultura não existem de maneira separada. Para Vich (2014, p. 120), as políticas culturais “deben ser las encargadas de desidentificarse con el presente, de promover la descolonización, de recuperar algo del pasado y de cartografiar nuevos sentidos en la vida social”.

1. Conclusão

A emergência do chamado ciclo progressista latino-americano na virada do século XXI resultou, no âmbito da integração regional, na transição para um tipo de regionalismo pós-hegemônico ou pós-liberal. No Mercosul, essas mudanças se refletiram na ampliação das agendas políticas e sociais. Os avanços que marcaram este período foram limitados, contudo, pela não ruptura com o horizonte capitalista colonial moderno e, mais especificamente, com o modelo hegemônico de desenvolvimento historicamente adotado pelo bloco.

Como discutido, durante o período 2003-2015, o Mercosul Cultural distanciou-se do caráter protocolar que caracterizava seus encontros para se consolidar como espaço privilegiado de cooperação cultural regional e de diplomacia cultural, a partir do qual buscou fortalecer seu protagonismo em espaços multilaterais. Todavia, a baixa institucionalidade da cultura nos âmbitos nacionais e sua não priorização nas agendas de políticas públicas limitaram as conquistas do Mercosul Cultural. Além dos desafios próprios das instituições culturais da região, a predominância de uma visão limitada sobre o lugar da cultura no projeto de integração regional resultou em sua contínua invisibilidade, mesmo em projetos transversais construídos nos

âmbitos sociais do Mercosul. As instâncias político-diplomáticas do bloco seguiram reproduzindo uma visão de diplomacia cultural limitada à noção de *soft power*, reforçando o distanciamento entre a retórica política e a prática das instâncias políticas.

Além disso, a estrutura organizativa do Mercosul e sua excessiva burocracia interna são fatores que devem ser considerados na análise dos desafios e limites do Mercosul Cultural. Isso se evidencia nos entraves que a RMC enfrentou para concretizar alguns de seus principais projetos quando estes demandam decisões de outros órgãos para sua implementação, como o Selo Mercosul Cultural e o Fundo Mercosul Cultural, que não entraram em vigor ainda hoje. A intervenção direta do CMC para a criação da RECAM, aprovada e estruturada fora da órbita do Mercosul Cultural, reflete também tais desafios.

O aprofundamento da integração cultural no Mercosul deve passar pelo fortalecimento institucional e pela implementação de um fundo próprio para o Mercosul Cultural, assim como pela construção de um plano estratégico de longo prazo e pela implementação de projetos de cooperação permanentes, os quais garantiriam maior transparência nos processos decisórios e menor suscetibilidade às mudanças políticas nacionais. Deve incluir, ainda, um planejamento intersetorial e a proposição de uma agenda de políticas culturais própria, pensada desde a realidade latino-americana e articuladas às experiências dos movimentos culturais da região, potencializando a projeção do Mercosul Cultural como ator relevante no campo da política cultural internacional, e consolidando, assim, uma diplomacia cultural regional.

Para além dos desafios relacionados ao âmbito específico do Mercosul Cultural, é preciso que autoridades políticas, academia e movimentos sociais se mobilizem em torno do debate sobre a centralidade da cultura para a integração regional e sobre os horizontes civilizacionais que devem orientar tal processo. A atual pandemia do Covid-19 expõe a impossibilidade de se concretizar a justiça social e a emancipação por meio da atual concepção de desenvolvimento imposta pelo capitalismo global,

baseada na exploração infinita da natureza e em sua apropriação como recurso. A construção de um projeto de integração regional alternativo precisa partir do questionamento da racionalidade eurocêntrica, da interconexão entre cultura e natureza e de novas relações entre poderes governamentais e sociedade. É justamente a partir do fortalecimento da integração cultural e da compreensão da cultura como dimensão constitutiva e como trama social que será possível descolonizar a integração sul-americana. Para tanto, é fundamental o fortalecimento do Mercosul Cultural e o reconhecimento de seu protagonismo como espaço de articulação e fomento do diálogo intercultural entre horizontes civilizatórios, cosmovisões e culturas diversos, a partir do qual poderá emergir um projeto de integração regional verdadeiramente autônomo e emancipador, capaz de articular alianças e projetos contra-hegemônicos desde o Sul global.

8. Referências

ARIZPE, Lourdes. Cultura , creatividad y gobernabilidad. In: MATO, Daniel (ed). **Estudios latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización**. Buenos Aires: Clacso, 2001.

BAUMANN, Alfonsina. Una mirada sobre las políticas públicas del MERCOSUR en materia de cultura. **Revista Integración y Cooperación Internacional**, n. 30, ene.-jun. 2020 pp. 13-24. DOI: <https://doi.org/10.35305/revistamici.v0i30.44>

BAYARDO GARCÍA, Rubén. Políticas culturales y derechos: entre la retórica y la realidad. RIPS. **Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas**, v. 9, n. 2, 2010, pp. 55-64. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/380/38017627005.pdf> . Acesso em: 20 jun. 2022.

BERNAL-MEZA, Raúl. Modelos o esquemas de integración y cooperación en curso en América Latina (UNASUR, Alianza del Pacífico, ALBA, CELAC): una mirada panorámica. **Ibero-Online.de**, v. 12, jun. 2013. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Alemania/iai/20161117032353/pdf_1393.pdf . Acesso em: 20 jun. 2022

CANCLINI, Néstor García. **Introducción, Políticas Culturales y crisis de desarrollo: un balance latinoamericano**. In: CANCLINI, Néstor García;

BONFIL, Guillermo (eds). Políticas Culturales en América Latina. México: Grijalbo, 2000. pp. 13-61.

ESCOBAR, A. **Una minga para el postdesarrollo**: Lugar, medio ambiente y movimientos sociales en las transformaciones globales. Bogotá: Ediciones desde Abajo, 2013. Disponível em: <https://opsur.org.ar/wp-content/uploads/2010/11/escobar-2010-unaminga.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

GRAZIANO, Valéria T.; CAIXETA, Marina B. A Cooperação Sul-Sul no MERCOSUL: um caminho para a integração regional autônoma. **Brazilian Journal of International Relations**, v. 10, n. 1, p. 161-194, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36311/2237-7743.2021.v10n1.p161-194>

GRAZIANO, Valéria T. Pandemia, Emergência Cultural e a Resposta do Mercosul: Reflexões sobre o Lugar da Cultura na Integração Regional Sul-Americana. **Carta Fomerco**, v. 1, n. 7, 21 jul. 2021. Disponível em: https://www.fomerco.com.br/informativo/view?TIPO=8&ID_INFORMATIVO=230. Acesso em: 20 jun. 2022.

LESSA, Mônica L. Mercosul Cultural: caminho e perspectivas de 2003 a 2015. In: CARVALHO, Glauber; ROSEVICS, Larissa (orgs.). **Diálogos internacionais**: reflexões críticas do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Perse, 2017. p. 23-45.

LEITE, José Corrêa; UEMURA, Janaina; SIQUEIRA, Filomena. (orgs.). **O eclipse do progressismo**: a esquerda latino-americana em debate. São Paulo : Elefante, 2018.

LIMA, Paulo André Moraes. A Convenção da Unesco sobre diversidade cultural e a agenda internacional da cultural. In: **Dimensões e desafios políticos para a diversidade cultural**. MIGUEZ, Paulo, BARROS, José Márcio, KAUARK, Giuliana (orgs.). Coleção Cult. Salvador: EDUFBA, 2014. 284 pp. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16920/1/DIMENSOESDESAFIOSPOLITICOSDIVERSIDADEDECULTURAL_Repositorio.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

LO BRUTTO, Giuseppe; CRIVELLI, Eduardo. El panorama actual de la integración regional en América Latina. In: OJEDA MEDINA, Tahina; MUÑOZ; ECHART MUÑOZ, Enara (Comp.). **La cooperación Sur-Sur en América Latina y el Caribe**: balance de una década (2008-2018). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2019. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20190905075044/Cooperacion_SUR_SUR.pdf. Acesso em: 22 jun. 2022.

MERCOSUL. **MERCOSUL/CMC/DEC. n° 02/95**. Assunção, 1995.

MERCOSUL. **MERCOSUR/CMC/DEC. N° 9/95**. Punta del Este, 1995.

- MERCOSUL. **MERCOSUL/CMC/DEC. n° 11/96**. Fortaleza, 1006.
- MERCOSUL. **MERCOSUR/CMC/DEC n° 45/04**. Belo Horizonte, 2004.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/CMC/DEC. n° 33/08**. Costa do Sauípe, 2008.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/CMC/DEC. n° 30/09**. Montevideú, 2009.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/CMC/DEC. N° 38/10**. Foz do Iguaçu, 2010.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/CMC/DEC. n° 12/11**. Assunção, 2011.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/CMC/DEC. N° 15/12**. Mendoza, 2012.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/CMC/ATA 02/ANEXO 2/2002**. Brasília, 2002.
- MERCOSUL. **MERCOSUR/CMC/ATA 01/2004/ANEXO 02**. Iguazú, 2004.
- MERCOSUL. **MERCOSUR/ CMC/ATA 02/2004/ANEXO 02**. Belo Horizonte, 2004.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/GMC/RES N° 122/96**. Fortaleza, 1996.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/GMC/RES. n° 34/92**. Brasília, 1992.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/RMC/ATA 02/2010/ANEXO V**. Rio de Janeiro, 2010.
- MERCOSUL. **MERCOSUR/RMC/ATA 02/2009**. Montevideú, 2009.
- MERCOSUL. **MERCOSUR/RMC/ACTA 1/2012/ANEXO 3**. Buenos Aires, 2012.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/RMC/ ATA 1/2011**. Assunção, 2011.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/RMC/ATA N° 02/2010**. Rio de Janeiro, 2010.
- MERCOSUL. **MERCOSUL/RMC/ATA n° 01/2004**. Puerto Iguazú, 2004.
- NICOLAO, Julieta; JUANENA, Mara; ¿Hacia una mayor visibilización de las demandas de los pueblos indígenas en el MERCOSUR? **Densidades**, n. 16; set. 2014, pp. 61-82. Disponível em: https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/34902/CONICET_Digital_Nro.3596cc9d-2d81-45f3-9700-9a586ee197c1_B.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso: 20 jun. 2022.
- PAIKIN, D. La Cooperación Sur-Sur y la integración latinoamericana: una mirada desde el MERCOSUR. In: OJEDA, T.; MUÑOZ, E., E. (comp.). **La cooperación Sur-Sur en América Latina y el Caribe**: balance de una década (2008-2018) 1a ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2019. Disponível em:

http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20190905075044/Cooperacion_SUR_SUR.pdf . Acesso em: 22 jun. 2022.

RADL, Alejandra. **La dimensión cultural, base para el desarrollo de América Latina y el Caribe**: desde la solidaridad hacia la integración. Documento de Divulgación 6. Buenos Aires: BID – INTAL: mar. 2000. Disponível em: <https://publications.iadb.org/es/publicacion/14589/la-dimension-cultural-base-para-el-desarrollo-de-america-latina-y-el-caribe-desde> . Acesso em: 21 jun. 2022.

RODRÍGUEZ-PATRINÓS, Paula. El MERCOSUR: nuevas formas de cooperación y coordinación política. In: AYLLÓN, Bruno P.; OJEDA, Tahina.; SURASKY, Javier. (coords.) **Cooperación Sur-Sur**: Regionalismos e Integración en América Latina, Madrid: Editorial Catarata/IUDC (UCM). 2014. 177 pp.

SANAHUJA, José Antonio. Del “regionalismo abierto” al “regionalismo post-liberal”. Crisis y cambio en la integración regional en América Latina. **Anuario de La Integración regional de América Latina y el Gran Caribe**, n. 7, p. 11-54. 31. dec. 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/83598963.pdf> . Acesso em: 20 jun. 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza (org.). **Refundación del Estado en América Latina**. Perspectivas desde una epistemología del Sur. Lima: Instituto Internacional de Derecho y Sociedad; Programa Democracia y Transformación Global, 2010. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Refundacion%20del%20Estado_Lima2010.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

SANTOS, Fábio Luis Barbosa. **Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016)**. São Paulo: Ed. Elefante, 2018.

UNESCO. **Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (BR/2007/PI/H/1)**. Paris: Unesco 2005. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000150224?posInSet=2&queryId=ebd94a0b-c112-> . Acesso em: 20 jun. 2022.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (CLT.2002/WS/9)**. Paris: Unesco, 2001. Disponível em: https://www.ghc.com.br/files/DIVERSIDADE_CULTURAL_UNESCO.pdf . Acesso em: 20 jun. 2022.

VICH, Victor. **Desculturizar la cultura**: La gestión cultural como forma de acción política. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

WORTMAN, Ana; LESSA, Mônica Leite. Ecos do Mercosul Cultural: políticas, ideias e práticas (2003-2015). **Sul Global**, v.1 n.2: p 127-152 , 2020. Disponível

em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/download/38327/pdf> . Acesso em: 20 jun. 2022.

ZAMORANO, Mariano.; RIUS ULLDEMOLINS, Joaquim; KLEIN, Ricardo. ¿Hacia un modelo sudamericano de política cultural? Singularidades y convergencias en Uruguay, Paraguay y Chile en el siglo XXI. **European Review of Latin American and Caribbean Studies**, n. (96), p. 5–34, abr. 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23722429?seq=1> . Acesso em: 20 jun. 2022.



A CULTURA NO MERCOSUL: ANÁLISE DOS DESDOBRAMENTOS DAS CÚPULAS SOCIAIS NAS REUNIÕES DE MINISTROS DA CULTURA (2006- 2015)

*LA CULTURA EN EL MERCOSUR: ANÁLISIS DE LOS DESDOBLAMIENTOS
DE LAS CUMBRES SOCIALES EN LA REUNIONES DE MINISTROS DE
CULTURA (2006-2015)*

*THE CULTURE IN MERCOSUR: AN ANALYSIS OF THE DEVELOPMENTS OF
THE MERCOSUR SOCIAL SUMMITS IN THE MEETINGS OF MINISTERS OF
CULTURE (2006-2015)*

Maria Camila Osorio Ortiz¹ 

Tereza Maria Spyer Dulci² 

Yaskara Weit Urruth³ 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar como as propostas formuladas no âmbito das Cúpulas Sociais do MERCOSUL (CSM) para a área da cultura foram incorporadas pelas Reuniões de Ministros da Cultura (RMC). Para tal, identificamos primeiramente as propostas sobre cultura nas CSM entre 2006 e 2015. Em seguida, analisamos como as propostas resultantes das CSM para a área da cultura foram abordadas pelas RMC no mesmo período, buscando identificar projetos e ações estabelecidos a partir de tais demandas e estudar seus desdobramentos. Entre os resultados, o estudo conclui que, apesar das CSM se apresentarem como um importante espaço de participação social, há a necessidade de que existam modos mais efetivos de difusão das propostas aos órgãos do MERCOSUL, além de a tomada de decisões não ficar exclusivamente na intergovernamentalidade, pois isso dificulta a institucionalização.

¹ Graduada em Comunicação Social – Jornalismo. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: ma.camilaortiz@gmail.com

² Doutora em História. Professora do Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: tereza.spyer@unila.edu.br

³ Graduada em Relações Internacionais. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: yaskaraweit@gmail.com

Palavras-chave: Mercosul; Cúpula Social do Mercosul; Reunião de Ministros da Cultura; políticas culturais; participação social.

Resumen: Este artículo pretende analizar cómo las propuestas formuladas en el marco de las Cumbres Sociales del Mercosur (CSM) para el área de cultura fueron incorporadas por las Reuniones de Ministros de Cultura (RMC). Para ello, en primer lugar, identificamos las propuestas sobre cultura en las CSM entre 2006 y 2015. A continuación, analizamos cómo las propuestas resultantes de la CSM para el área de cultura fueron atendidas por las RMC en el mismo periodo, buscando identificar los proyectos y acciones establecidos a partir de estas demandas y estudiar su desarrollo. Entre los resultados, el estudio concluye que, si bien las CSM son un importante espacio de participación social, se necesitan formas más efectivas de difusión de las propuestas dentro de los órganos del MERCOSUR, y que la toma de decisiones no sea exclusivamente intergubernamental, ya que esto dificulta la institucionalización.

Palabras clave: Mercosur; Cumbre Social del Mercosur; Reunión de Ministros de Cultura; políticas culturales; participación social.

Abstract: This article aims to analyze how the proposals formulated in the framework of the Social Summits of Mercosur (CSM) for the area of culture have been incorporated by the Meetings of Ministers of Culture (RMC). To this end, we will first identify the proposals in the CSMs between 2006 and 2015. Next, we analyze how the proposals resulting from the CSM for the area of culture were addressed by the MRC in the same period, seeking to identify projects and actions established from such demands and study their unfolding. Among the results, the study concludes that, although the CSMs present themselves as an important space for social participation, there is a need for more effective ways of disseminating proposals to the MERCOSUR bodies, and for decision making not to remain exclusively intergovernmental, since this hinders institutionalization.

KEYWORDS: Mercosur; Social Summits of Mercosur; Meeting of Ministers of Culture; cultural policies; social participation.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.192903](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.192903)

*Recebido em: 25/11/2021
Aprovado em: 30/06/2022
Publicado em: 03/07/2022*

1. Introdução⁴

O fortalecimento dos movimentos sociais latino-americanos a partir da década de 1990 e a eleição de governos progressistas em diversos países da região no início do século XXI levaram à ampliação do debate sobre os mecanismos de participação da sociedade civil nos processos decisórios e de implementação de políticas voltadas à integração regional (DIZ; OLIVEIRA JR., 2018). No Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), fundado em 1991, tal debate refletiu-se na criação do Programa Somos MERCOSUL, de 2005, das Cúpulas Sociais do MERCOSUL (CSM), realizadas entre 2006 e 2015 e da Unidade de Apoio à Participação Social do MERCOSUL (UPS), criada em 2010 (MARTINS, 2014).

As CSM funcionaram como espaço de diálogo entre os governos e a sociedade civil e foram integradas à estrutura institucional do MERCOSUL em 2012, formalizando sua interlocução com o Grupo Mercado Comum (GMC), órgão decisório do bloco ao qual são reportados os resultados das cúpulas. Os documentos finais das CSM são formalmente encaminhados às Cúpulas de Chefes de Estado e de Governo do bloco e incorporados como anexos das declarações presidenciais. Todavia, cumpre destacar que ainda não existem mecanismos estabelecidos para o tratamento das propostas e demandas da sociedade civil nos espaços decisórios do MERCOSUL (MACHADO; MARTINEZ, 2017).

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo analisar como as propostas formuladas no âmbito das CSM para a área da cultura foram incorporadas pelas Reuniões de Ministros da Cultura do Mercosul (RMC). Para tal, identificamos primeiramente as propostas sobre cultura nas CSM entre 2006 e 2015. Em seguida, analisamos como as propostas resultantes das CSM para a área da cultura foram abordadas pelas RMC no mesmo

⁴ As traduções do espanhol e do inglês para o português são de nossa autoria.

período, buscando identificar projetos e ações estabelecidos a partir de tais demandas e estudar seus desdobramentos.

Para a realização desse artigo, como escolha metodológica, nos valem de pesquisa documental e bibliográfica (RODRIGUES, 2006, ROSA, 2016), bem como seguimos o método de pesquisa conhecido como *process tracing*, que permite monitorar o processo por meio do qual propostas da sociedade civil são incorporadas por órgãos políticos (BENNETT; CHECKEL, 2015). Já do ponto de vista teórico, nos apoiamos nos estudos sobre integração regional (MARIANO; MENEZES, 2021) e sobre regionalismo, em especial sobre a noção de “regionalismo participativo” (RAMANZINI JÚNIOR; LUCIANO, 2021). Por fim, com relação à pesquisa documental, esta foi realizada de forma exploratória e qualitativa, já no que diz respeito à pesquisa bibliográfica, esta se pautou no estudo de produções voltadas à questão da cultura no MERCOSUL.

2. A cultura nos documentos das cúpulas sociais do MERCOSUL

As Cúpulas Sociais do MERCOSUL são encontros realizados duas vezes por ano, sempre em cidades pertencentes aos países-membros do bloco. Se fazem presentes participantes individuais, representantes de organizações e movimentos sociais, assim como autoridades governamentais. Nestas reuniões, se estabelece um espaço para a discussão de temáticas pertinentes à região, nas quais os participantes se reúnem – através de comissões/grupos de trabalho, mesas de trabalho ou oficinas correspondentes às temáticas que serão abordadas em cada edição – para que possam elaborar propostas e declarações que serão levadas para as Cúpulas de Chefes de Estado e de Governo do bloco.

Em 2015 as CSM completaram dez anos da realização do seu primeiro encontro. Como referência a esse marco, a UPS encomendou um estudo que fornecesse um balanço e uma avaliação da experiência das cúpulas até

aquele momento. A pesquisa foi demandada também por conta da fragmentação, dispersão e ausência de uma sistematização das informações a respeito das CSM, o que dificultava muito o estudo, a análise e o debate público acerca destes espaços e da participação social no bloco. Este trabalho resultou em duas publicações. A primeira intitulada, “As Cúpulas Sociais do MERCOSUL - História e Acervo”, apresenta a história e os antecedentes das cúpulas, os dados de cada uma delas e seus formatos, participantes das dezoito edições, as organizações sociais que fizeram parte e os temas de trabalho (MARTINS; SILVA, 2016). A segunda, “As Cúpulas Sociais do MERCOSUL - Declarações e Documentos de Trabalho”, expõe todas as declarações, propostas e documentos de trabalho que foram elaborados pelas organizações e movimentos sociais (VAZQUEZ, 2016).

Estes dois documentos foram as fontes analisadas neste subitem para estudarmos a cultura nas CSM. Neste trabalho analisamos as declarações e os documentos referentes aos GTs/comissões, mesas de trabalho e/ou oficinas diretamente ligados à cultura ocorridos nas cúpulas de Córdoba e Brasília (2006); Assunção e Montevidéu (2007); Tucumã e Salvador (2008); Assunção e Montevidéu (2009); Isla del Cerrito, Chaco e Foz do Iguaçu (2010); Assunção e Montevidéu (2011); Mendoza e Brasília (2012); Montevidéu (2013), Caracas e Paraná (2014) e Brasília (2015). Cumpre destacar que não houve reuniões específicas sobre o campo da cultura em todas as edições das cúpulas, neste caso, trazemos as análises referentes apenas às cúpulas em que a cultura foi contemplada com reuniões específicas⁵.

O GT da Cúpula de Brasília (2006), “Educação, juventude, cultura e comunicação”, produziu uma declaração na qual o item 22 corresponde ao tema da cultura. Nele destaca-se a necessidade de priorizar ações de integração cultural para fortalecer a identidade regional. O documento também exorta os governos e parlamentos a ratificar a Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

⁵ A cultura foi tratada em reuniões específicas (GTs/comissões, mesas de trabalho e/ou oficinas) somente nas seguintes cúpulas: Brasília (2006), Assunção (2009), Foz do Iguaçu (2010), Assunção (2011), Mendoza (2012), Brasília (2012), Montevidéu (2013) e Caracas (2014).

(UNESCO) sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais. Neste ponto importa ressaltar que o texto relaciona o acesso à cultura como via de “inclusão social e construção da cidadania”. Há também a demanda por maiores recursos para a cultura, ampliação dos intercâmbios artísticos das diferentes linguagens e a “articulação de pontos de cultura e casas de cultura e das políticas de patrimônio, cultura digital, livro e leitura”. Por fim, na declaração destaca-se a necessidade de integrar “as políticas de cultura, educação, juventude e comunicação, numa plataforma de desenvolvimento sociocultural do MERCOSUL” (VAZQUEZ, 2016, p. 23-24).

Na cúpula de Assunção (2009) o tema da cultura integrou uma oficina intitulada “Integração Cultural” e, na cúpula de Foz do Iguaçu (2010), foi criada uma “Comissão de Cultura”. Por sua vez, na cúpula de Assunção (2011), o GT “Cultura, Educação Popular e Tecnologia Social” elaborou uma declaração fruto dos trabalhos realizados pela “Comissão de Cultura”, sendo a única declaração feita por uma comissão de cultura nas CSM. Entre os principais pontos destacados estão: fundação de uma TV pública do MERCOSUL Social, estabelecimento de políticas linguísticas, criação de um censo cultural regional, apoio às iniciativas da economia criativa, adoção de políticas de patrimônio material e imaterial, implantação de políticas especiais de atenção cultural e de identidade nos espaços fronteiriços e criação de fundos culturais que tenham em conta a “diversidade cultural e pluriétnica” dos países do bloco. Sobre este tema, foi proposto que o Brasil, responsável pela gestão e implementação do Fundo de Cultura do MERCOSUL (FMC), “leve em conta as assimetrias entre países e preveja exceções especiais em favor das nações menores do bloco” (VASQUEZ, 2016, p. 116).

Já na cúpula de Mendoza (2012), a comissão “Cultura e pensamento latino-americano” elaborou um relatório contendo questões a serem abordadas no âmbito da cultura em relação ao “Estado, aos Direitos Humanos, ao Trabalho e Inclusão Social” e também em relação à “Participação Cidadã”. O documento enfatiza o papel dos países-membros

do bloco na promoção das “experiências culturais comunitárias, locais, regionais e itinerantes”. Em nome da “cultura viva comunitária”, conclama os “Estados progressistas” a criarem Ministérios da Cultura e a aportarem recursos para a cultura comunitária. Ressalta a importância de reconhecer a “identidade e os saberes dos povos de terreiros, indígenas e comunidades originárias e garantir-lhes o livre acesso à água, à terra e à sua própria cultura”. Há também a defesa de empreendimentos de “Cultura Viva” e de uma versão latino-americanista acerca do tema da diversidade cultural, sendo que sua preservação deve ser incluída nas legislações e em novos programas sobre o assunto. Igualmente, existe uma ênfase no fato de que as políticas públicas para a cultura devam ser elaboradas em diálogos abertos e democráticos. Por fim, ressalta-se a necessidade de que uma nova “cultura política emancipatória e cidadã se baseie em novos paradigmas mais solidários, democráticos e cuidadosos com os bens culturais comuns”. O relatório finaliza com duas propostas: criar em todos os níveis educacionais uma base curricular comum calcada no “pensamento e na cultura latino-americana” e a “criação e fortalecimento de políticas públicas e marcos legais para promover uma cultura viva comunitária que garanta mecanismos de participação dos cidadãos, transparência e desenvolvimento local e regional” (VAZQUEZ, 2016, p. 162-165).

Na cúpula de Brasília (2012) o GT “Comunicação, Cultura e Identidade” participou da elaboração, junto com outros GTs integrados por representantes dos movimentos sociais e populares da região, de uma declaração e um documento consensuado de 20 propostas, realizados no marco do Programa Somos MERCOSUL, sob o tema central “Cidadania e Participação”, nos quais a cultura é citada conjuntamente com outras temáticas, em particular a educação e a comunicação. Das 20 propostas da Cúpula os itens 13 e 14 correspondem à “Identidade Cultural Sul-Americana”:

13. Promover políticas públicas de maior integração no campo da cultura e educação por meio da adoção do ensino das línguas portuguesa e espanhola nas escolas, fortalecimento do guarani e valorização das demais línguas dos povos originários; de uma política ativa de tradução de literatura, do intercâmbio de estudantes, da intensificação das trocas de ações culturais e fortalecimento das cadeias produtivas culturais.
14. Promover a democratização dos

meios de comunicação e ampliar o alcance da Telesur e outras iniciativas regionais que reforcem os mecanismos de comunicação popular (VAZQUEZ, 2016, p. 186).

Já na cúpula de Montevideu (2013), a oficina “Educação e Cultura” elaborou um relatório com propostas sobre o tema. Contudo, ao longo do documento, percebe-se novamente um protagonismo do âmbito da educação, sendo a cultura abordada de forma superficial. Além disso, as propostas são praticamente restritas à educação, sendo que a cultura aparece vinculada aos projetos educativos, “com conteúdos regionais, contextualizados com as culturas patrimoniais locais”. Aqui vale destacar que o texto denuncia o colonialismo e propõe a valorização das culturas milenares do continente, em particular a defesa do conceito de “bem viver” (VAZQUEZ, 2016, p. 191). E, finalmente, na última cúpula que contém uma reunião específica sobre cultura, a de Caracas (2014), temos a mesa 3, intitulada “Cultura e Pensamento próprio Nossoamericano”. Nesta edição defende-se o desenvolvimento de uma “nova consciência cultural unitária integracionista” e avalia-se que o MERCOSUL de 2004 até o ano em questão, deixou de ter uma agenda exclusivamente comercial e passou a contar com um processo de integração que inclui outras dimensões, como a cultural (VAZQUEZ, 2016, p. 205).

Após analisarmos os documentos, percebemos que das 18 CSM, apenas 8 possuem registro de reuniões sobre cultura. Destes 8, apenas 3 trouxeram propostas para a cultura (Brasília 2006, Mendoza 2012, Brasília 2012) e só 1 possui declaração realizada por uma Comissão de Cultura (Assunção 2011). O livro organizado por Martins e Silva (2016) destacou para o “Grupo Temático 4 – Cultura e Identidade”, 3 trechos de propostas em que essa temática realmente se sobressai, em 3 documentos e cúpulas diferentes. Destes 3 trechos, 2 fazem referência à cultura (Brasília 2006 – “item 22” e Brasília 2012 – “item 13”) e 1 (Paraná 2014 – “item 7”), apenas à identidade (MARTINS; SILVA, 2016). Entretanto, em nossa análise identificamos também propostas referentes à cultura na cúpula de Mendoza (2012), totalizando 3 cúpulas que trazem propostas para a cultura,

ao invés de 2 como cita o referido livro. Outro ponto observado foi a presença de 4 grupos sobre cultura sem registros relacionados por Martins e Silva (2016): “Educação, Juventude, Cultura e Comunicação”, “Integração Cultural”, “Comissão de Cultura” e “Cultura e Pensamento próprio Nossoamericano”. Contudo, no livro organizado por Vazquez (2016) não havia nenhum relatório, proposta ou referência a eles. Isso indica que, apesar dos esforços da UPS para reunir, sistematizar e publicar os documentos das CSM, parte desse material ainda não veio a público.

Os grupos e as temáticas abordadas nas CSM variam a cada edição e não necessariamente se repetem. Portanto, a cultura não estar presente como eixo temático todos os anos não é incomum. No entanto, aparecer em menos da metade das edições reflete diretamente no baixo número de propostas e declarações sobre esta temática. No âmbito das propostas, a cultura (com 4 grupos de trabalho produtivos) possui 3 trechos de documentos. Para se ter um parâmetro de comparação, em termos de propostas, o tema “Modelos de integração, modelos de desenvolvimento, negociações comerciais internacionais” apresenta 27 trechos e o tema “Estabilidade democrática, geopolítica, segurança e defesa continental” 28 trechos. Já no que diz respeito às “Declarações, Relatórios e Conclusões de Grupos de Trabalho e Comissões”, enquanto a cultura possui um documento (a “Declaração da Comissão de Cultura de 2011”), a área de comunicação possui 10 e a de meio ambiente 8. Assim, é evidente que outras temáticas são trabalhadas e pensadas em maior quantidade e profundidade do que a cultura. Esta, embora não seja necessariamente abordada como prescindível nos documentos das CSM, acaba por adquirir uma posição de menor destaque, mesmo sendo abordada dentro de outros GTs, comissões e oficinas. Além disso, nota-se uma falta de articulação da cultura com as outras áreas presentes nas CSM.

Ao analisarmos as propostas referentes à cultura em Brasília 2006, Mendoza 2012 e Brasília 2012, percebemos a abordagem de várias frentes referentes a esta temática. Pensou-se a cultura em um amplo espectro, enfatizando os projetos de integração cultural e a necessidade de

construção de uma identidade regional que considerasse a diversidade da região, colocando a cultura como um dos vetores para o desenvolvimento. Estas cúpulas trouxeram também pontos que reforçam a necessidade da ampliação de recursos e de políticas para a cultura, ressaltando a importância da democratização do acesso e da elaboração destas políticas. Outra questão abordada foi a necessidade da intensificação do intercâmbio cultural e do fortalecimento das cadeias produtivas culturais, juntamente com a ampliação das políticas de patrimônio. Além disso, o tema dos saberes e direitos dos povos originários e afrodescendentes também foi enfatizado.

Assim, embora a cultura tenha pouco destaque nas CSM se comparada a outras temáticas, nelas foram reivindicados pontos que vão além de políticas comerciais para o manejo dos bens culturais e de iniciativas que estejam submetidas à lei de mercado, pois estavam presentes propostas que dialogavam com um conceito mais amplo de cultura. Foram trazidas, por exemplo, abordagens culturais decoloniais, interculturais e integrativas, o que destaca a importância da presença da sociedade na construção de políticas públicas. Percebemos com isso uma aproximação com as demandas sociais nas discussões sobre esta área dentro das CSM, mesmo que realizadas em quantidade menor e com poucos documentos formalizados. Já no que diz respeito aos documentos, conforme indicamos anteriormente, embora tenha havido 8 encontros sobre cultura nas CSM, houve apenas 1 declaração: a “Comissão de Cultura” de Assunção (2011).

Sobre essa declaração, podemos perceber o enfoque em três pontos centrais. O primeiro é na busca de um aperfeiçoamento do funcionamento dos fundos do MERCOSUL para a cultura, visando reduzir as assimetrias dentro do bloco no que diz respeito ao setor cultural. Defende-se que os fundos sejam designados a todos os países de uma forma proporcional e que se ajustem e sejam flexibilizadas as legislações para que os projetos sejam elaborados de acordo com as necessidades dos Estados-membros. O documento ainda destaca a necessidade de os fundos serem usados para

revitalização das expressões culturais. Percebe-se também uma ênfase em relação às políticas públicas para a cultura, pois há uma demanda por políticas que incentivem a economia criativa, políticas culturais e identitárias para as regiões de fronteira, políticas que garantam acesso e promovam o desenvolvimento de materiais culturais, políticas que promovam as línguas e as tradições autóctones, e, políticas que protejam, promovam, revitalizem e fortaleçam os patrimônios materiais e imateriais da região (VASQUEZ, 2016, p. 116-117).

Destes pontos arrolados pela declaração, percebemos que além do documento abarcar a cultura em suas múltiplas dimensões, como o fizeram as propostas dos outros anos, esta apresenta medidas de caráter bastante básico e estrutural. Isso demonstra que há uma precariedade no funcionamento e na implementação de políticas públicas para o setor na região. Fica evidente que as discussões sobre o âmbito cultural ainda não estavam bem estabelecidas dentro do bloco, isso considerando que o tema da cultura já era discutido no MERCOSUL, mesmo que de forma rudimentar, desde o início da sua formação. Deste modo, observamos que apesar de haver um conteúdo abrangente sobre o campo da cultura nas propostas e na declaração, ainda julgamos baixo seu desempenho neste foro. Tal questão está diretamente relacionada com “os efeitos devastadores do status subalterno” da cultura (WORTMAN; LESSA, 2020, p. 34) dentro dos Estados-membros do MERCOSUL, o que, dadas as características do bloco de “forte dependência da vontade política dos governos” (MARIANO; MENEZES, 2021, p. 159), diz muito sobre como a cultura é abordada também dentro MERCOSUL.

Cumprir dizer que no MERCOSUL a cultura tem lugar em uma instância denominada Mercosul Cultural, que foi criada em 1992 e que se configura como um conjunto de reuniões realizadas por ministros e responsáveis pela cultura de seus Estados-membros, para discutir e implementar iniciativas de integração para este setor. No entanto, muitas das fragilidades do MERCOSUL como bloco se refletem diretamente no Mercosul Cultural, fazendo com que essa instância tenha uma

vulnerabilidade institucional. Isso resulta em um distanciamento entre o que se propõe e o que se executa. Uma evidência disso é o seu funcionamento ser centralizado nas RMC, já que não tem um órgão próprio com funcionários dedicados a este setor para propor e acompanhar a implementação das iniciativas. Esse distanciamento está muito presente nas atas das RMC e nos desenhos de projetos culturais elaborados por seus Estados-membros. Há também uma ausência de uma perspectiva regional dentro do Mercosul Cultural, o que gera desarticulação e compartimentalização das suas iniciativas (BORJA, 2011a).

O Mercosul Cultural se consolida com essas características não somente pelo status subalterno que a cultura assume em muitas instâncias, como também por conta de um longo processo institucional do próprio MERCOSUL. O bloco enfrenta, desde sua formação, a difícil construção de um consenso sobre os objetivos que se pretende alcançar com seu processo de integração (MARIANO; MENEZES, 2021). Como reflexo disso, a dinâmica do MERCOSUL se concentrou em uma agenda negociadora de curto prazo, “que ora mostra--se focada nos temas comerciais, ora na lógica de maior pluralidade temática – mas ainda dentro de uma perspectiva mais informal e sem capacidade decisória” (MARIANO; MENEZES, 2021, p. 155-156). Neste cenário, iniciativas referentes à cultura ora tem destaque, ora são postas para segundo plano, o que dificulta a criação de uma política cultural para o bloco, que seria um caminho concreto para a implementação de projetos e iniciativas culturais para a região.

Como reflexo dessas fragilidades institucionais e organizacionais do MERCOSUL, a burocracia passa a ser uma característica muito presente no bloco e, por sua vez, no Mercosul Cultural. Na medida em que se pretende manter a soberania dos Estados frente ao processo de integração, as instâncias do MERCOSUL acabam não tendo capacidade impositiva, sendo necessário que todas as decisões políticas e projetos do bloco sejam incorporadas aos regulamentos nacionais, enrijecendo e dificultando o processo integrativo (MARIANO; MENEZES, 2021). Neste sentido, a

burocracia enfrentada para implementar políticas e projetos culturais aos regulamentos nacionais de Estados tão desiguais e que lidam com a cultura de forma particular dentro de seus territórios é uma questão que dificulta a resolução de alternativas práticas para o setor cultural na nossa região.

3. Das cúpulas às RMC

Criada pelo Conselho do Mercado Comum (CMC) em 1995, a Reunião de Ministros da Cultura é destinada a “promover a difusão e conhecimento dos valores e tradições culturais dos Estados do MERCOSUL, assim como a apresentação ao dito Conselho de propostas de cooperação e coordenação no campo da cultura” (MERCOSUL, 1995). A partir da segunda RMC realizada em Brasília (1996), foi aprovado o “Protocolo de Integração Cultural”, que estabeleceu os princípios e as diretrizes das ações culturais do bloco. Porém, embora houvesse um discurso que buscava valorizar o setor cultural, os primeiros encontros das RMC versavam sobre iniciativas e projetos desconexos entre si e sem continuidade no tempo (BORJA, 2011a).

Assim, mesmo promovendo a pesquisa de temas históricos e culturais em comum, a abordagem generalista das questões culturais não se apresentava como uma ferramenta clara contra as desigualdades. Todavia, com a retomada e ampliação de temas não-comerciais a partir dos anos 2000, foram criadas políticas ampliadas que não se limitavam a um caráter meramente comercial, possibilitando revisar o “Protocolo de Integração Cultural” que reunia outros temas, resultando na “Declaração de Integração Cultural do MERCOSUL” em 2008 (RMC, 2008a).

A partir de uma visão unificada das práticas do *process tracing*, entendendo-as como “a análise de evidências sobre processos, sequências e conjunturas de eventos dentro de um caso para fins de desenvolvimento ou teste de hipóteses sobre mecanismos causais que possam explicar causalmente o caso” (BENNETT; CHECKEL 2015, p. 7), foram coletados fatos relevantes – nas atas das RMC (2006 a 2015), disponíveis na página oficial do

MERCOSUL – de maneira indutiva e sistemática para a formulação dos mecanismos causais preliminares que, posteriormente, foram comprovados segundo sua plausibilidade.

Com base na literatura sobre o Mercosul Cultural e a atuação da RMC no bloco (RMC 2006a, 2006b, 2007a, 2007b, 2008a, 2008b, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2013, 2014, 2015a, 2015b), observamos como mecanismos causais relevantes três questões principais: a cultura vista como acessória ao processo de integração econômica, tornando as RMC “pouco significativas e restritas ao campo da legislação” (SOARES, 2011, p. 306); o aumento dos espaços de negociação sem poder de decisão (Reuniões de Ministros, Reuniões Especializadas, Subgrupos de Trabalho) posto que as três instituições decisórias (CMC, GMC e Comissão do Comércio do MERCOSUL – CCM) aglutinam a tomada de decisões e a informação a respeito do processo de integração (CAETANO; VAZQUEZ; VENTURA, 2009) gerando disfuncionalidades nos programas regionais para a cultura; e “a ideologia dos governos nacionais como principal fator explicativo tanto do aumento histórico quanto da diminuição contemporânea da participação social neste bloco” (RAMANZINI JÚNIOR; LUCIANO, 2021, p. 22), apesar do incremento do desenvolvimento de canais de participação da sociedade civil no regionalismo, especialmente a partir da primeira década dos anos 2000.

A etapa seguinte do *process tracing* foi confrontar estas reflexões indutivas com as evidências através de uma análise exploratória das propostas formuladas no âmbito das CSM – catalogadas nos dois tomos referenciados na primeira parte deste artigo – onde foram classificados os principais temas tratados em cinco eixos: afrodescendentes, comunicação, cultura e identidade, direitos humanos, verdade e memória e povos originários/indígenas (ver matriz 1). Isto deu o ponto de partida para a escolha do *tema* como unidade de registro para realizar a análise categorial, descobrindo os núcleos de sentido e a frequência de aparição (MORAES, 1999) nas 18 atas analisadas das RMC (2006 a 2015). Esta primeira análise

categorial serviu para apresentar um panorama geral exploratório da quantidade de categorias a serem avaliadas, inclusive optou-se pela construção de categorias por temas tratados da forma mais ampla possível, com maior detalhe, independentemente de que posteriormente pudessem ser agrupadas algumas delas sob assuntos mais amplos. A coleta das atas foi realizada mediante uma busca na base de dados da página oficial do MERCOSUL⁶.

Cabe destacar que a adoção de técnicas de codificação automatizadas ou de contagem de palavras foram descartadas, pois implicava privilegiar os métodos quantitativos sobre os qualitativos. Levando em conta o baixo número de atas (18 = 97 páginas) em relação à quantidade de anos analisados (10), procurou-se uma análise de conteúdo para adentrar nas acepções dos textos das atas extraindo significados temáticos relacionando a frequência da citação dos temas (eixos/propostas CSM) para medir o peso atribuído (CHIZZOTTI, 2011).

Assim, foi feita uma triangulação entre o resultado dessa análise categorial das atas das RMC, os eixos de trabalho das CSM e as propostas das CSM citadas no subitem anterior. Depois de estabelecer a linha de tempo dos processos pesquisados (2006 a 2015), as categorias teóricas extraídas da literatura foram ampliadas com as categorias identificadas nas propostas das CSM, logo foram traçados cinco eixos a partir dos quais se identificaram os planos, projetos ou programas registrados nas atas das RMC, procurando assim os nexos causais dos processos sociais levantados nas CSM (ver matriz 1).

Por meio da matriz são apresentadas as relações dos planos, programas ou projetos identificados na categorização dos *temas* das atas com as propostas das CSM dentro de cada eixo. Cada correlação encontrada foi marcada com a cor cinza, procurando identificar até que ponto a participação social na área da cultura teve desdobramentos em projetos ou ações abordados pelas RMC (VAZQUEZ, 2016). Também buscamos

⁶ Página oficial do Mercosul: "Reuniones y documentos oficiales" <https://documentos.mercosur.int/>

identificar se existe eco das propostas sociais e quais planos, programas ou projetos gerados estabelecem espaços de diálogo e de interconexão e constroem institucionalidades que ampliam os temas e garantem a inclusão de diversos setores.

A partir da categorização das atas, foram identificados 106 *temas* que reúnem sugestões, ações, planos, programas ou projetos que perpassam pelo intercâmbio de políticas nacionais sobre cultura; perspectivas de integração; cooperação técnica; diversidade cultural; corredores culturais; economia da cultura; patrimônio cultural; compatibilidade entre as legislações nacionais objetivando a livre circulação de bens e serviços culturais e o incentivo à cultura, além de apoiar o uso dos meios de comunicação para a difusão da diversidade cultural e garantir o acesso à produção artística e cultural. Desse número, apenas 21 confluem nas propostas de participação social, apresentados na matriz 1, estruturada em cinco eixos provenientes dos 23 estudados por Martins e Silva (2016), os quais contemplam 6 das 7 declarações finais das CSM, tendo como intuito vislumbrar os enfoques na dimensão cultural desde a participação social.

Ao analisarmos as atas das RMC percebemos algumas ideias recorrentes, como assumir a integração cultural a partir do conceito de diversidade (proteção e promoção da diversidade calcada na Convenção da UNESCO de 2006); criar espaços onde a sociedade seja protagonista e beneficiária dos processos culturais (incluindo os grupos étnicos subalternizados); estabelecer políticas que considerem a cultura como suposto básico para uma efetiva transformação social (cidadania cultural), entre outras.

No entanto, isso não é sinônimo da existência de uma sistematização de dados sobre a integração cultural. Ademais, nota-se um entrave no acesso aos diversos níveis de debate promovidos nas RMC, dificultando conhecer de fato os resultados ou desdobramentos dos planos, programas ou projetos.

A matriz nos leva a constatar uma heterogeneidade nas temáticas abordadas. Além disso, encontramos avanços no que diz respeito às políticas culturais, como é o caso da proposta do “Programa Mercosul Audiovisual” (RMC, 2008b) ou do “Projeto Pontos de Cultura” (RMC, 2012). Não obstante, os mesmos não se constituem como políticas consistentes através de estratégias horizontais que considerem as viabilidades sociopolíticas e econômicas dentro de uma cooperação regional. As 21 categorizações das atas confluem 76 vezes nas propostas das CSM, desse número a maioria pertence ao eixo Cultura e Identidade (42), seguido por Comunicação (17), Povos Originários/Indígenas (12), Afrodescendentes (4) e Direitos Humanos, Verdade e Memória (1). Entretanto, apesar de que o número das categorizações mais que triplicou em relação às confluências, os textos das atas, na maioria dos casos, evidenciam que as iniciativas ficam no campo das sugestões, do apoio a eventos e propostas que não têm continuidade, “o fato de não haver uma instância para dar prosseguimento às atividades (...) faz com que estas sejam sempre postergadas em benefício das atribuições que os técnicos exercem nacionalmente” (BORJA, 2011b, p. 11).

É importante destacar que é no Comitê Coordenador Geral (CCG), instância técnica, que são definidos acordos, negociações e as formas de viabilização no plano formal na mesa de negociação do Mercosul Cultural, e a RMC dentro da instância política se perfila como um encontro formal com escassa discussão (PALLINI, 2001). Precisamente por isso as reuniões prévias tanto do CCG, como das comissões técnicas, constituem as bases de negociação dos países envolvidos. No entanto, percebemos, através da categorização, que os desdobramentos das comissões nas RMC acabam

ficando mais no campo das declarações de interesse do que em efetivos projetos de integração. Algumas das causas são, por exemplo, o não desenvolvimento de órgãos autônomos, ficando a autoridade dentro de organismos intergovernamentais conformados por representantes dos Estados-membros. A isto soma-se a débil institucionalização do MERCOSUL e a não participação constante dos mesmos atores sociais e de profissionais especializados que possam dar continuidade às propostas. O que percebemos no trabalho compilado por Martins e Silva (2016) e nas atas das RMC (2006 a 2015) é que não existe um modo claro e constante de transmissão das conclusões do trabalho realizado nas CSM às RMC.

Como exemplo, trazemos a Comissão da Diversidade Cultural, cuja segunda reunião foi realizada em 2014, na cidade de Buenos Aires. Ao analisarmos sua ata encontramos questões relativas à diversidade cultural – temática presente em várias propostas das CSM mencionadas no subitem anterior –, nas quais se ressalta a necessidade de abrir um debate teórico e filosófico sobre o entendimento de “Diversidade Cultural”, além de informar que “os pontos de cultura e políticas similares não são suficientes e implicam o risco de apresentar uma visão parcial e fragmentária da realidade cultural dos países do MERCOSUL” (CDC, 2014). Frente a isto, há propostas que ficam na instância protocolar nas agendas dos governos, sem priorizar a integração entre os Estados-membros, e a cultura acaba sendo reduzida a dimensões de patrimônio ou indústrias culturais, “sem ser considerada um elemento transversal no desenvolvimento social” (PALLINI, 2001).

Neste sentido, vemos que predominam nos discursos das atas elementos de retórica frente a realizações concretas. Como já afirmamos anteriormente, há pouca institucionalização do Mercosul Cultural. As declarações são bem-intencionadas, mas têm pouca praticidade, com reduzidas iniciativas efetivamente executadas. Para Janira Borja, isso seria resultado do “deslocamento entre voluntarismo político e a efervescência retórica” (BORJA, 2011a, p. 97). Além disso, cumpre enfatizar as assimetrias sistêmicas inerentes ao bloco, especialmente o modelo de integração intergovernamental do MERCOSUL, que propicia o diálogo, mas dificulta a

institucionalização (MARIANO; MENEZES, 2021, RAMANZINI JÚNIOR; LUCIANO, 2021).

Isso nos leva a questionar que tipo de participação pública está se dando e qual o impacto real da participação social. Igualmente, nos perguntamos sobre o papel das políticas culturais no que se refere ao enfrentamento do problema do déficit democrático dentro do MERCOSUL (BAPTISTA; SIMAN, 2021). Acreditamos que não chega a ser uma participação significativa que se configura como estratégia necessária para a expansão e o aprofundamento das instituições regionais. Dita participação continua representando um desafio, sobretudo considerando que ela se refere à concretização do diálogo com a sociedade civil e suas demandas.

Segundo Cecília Alemany e Beatriz Leandro (2006), há alguns obstáculos para a participação, como a alta rotatividade dos representantes e a falta de recursos financeiros. Isto é perceptível na lista geral das 341 Organizações da Sociedade Civil (OSC) participantes das CSM, realizada por Martins e Silva (2016), na qual podemos perceber que a maior parte esteve presente na edição do seu respectivo país, ou seja, uma única vez. Neste sentido, com relação à cultura, houve a participação de 27 OSC, das quais 22 pertencem ao Brasil, 2 ao Uruguai, 2 à Venezuela e 1 ao Paraguai; e das 27, 13 participaram da II CSM, 8 da VI, 5 da XV, 2 da VII, 2 da XVI, 1 da V e 1 da XIII, totalizando um número maior de participações que de OSC, posto que somente três delas estiverem presentes em mais de uma cúpula.

Já nas RMC, a partir das atas, percebemos que a participação de ministros, vice-ministros, secretários e subsecretários da cultura, ao longo dos anos estudados, equivale a 58%; 16% são de representantes pertencentes aos Ministérios/Secretarias da Cultura, vinculados a cargos de diretoria, subsecretaria e assessoria. E 28% dos representantes dos países presentes nas reuniões têm outros cargos não vinculados diretamente à cultura, como embaixador, cônsul, chefe de assuntos internacionais e encarregado de negócios de embaixada. Segundo a lista de assinaturas das atas categorizadas, nos anos de 2008 e 2010 houve maior presença de

ministros/vice-ministros, secretários/subsecretários da cultura nas reuniões, e são justamente nesses anos que a análise categorial apresenta a maioria de planos, programas ou projetos que confluem nas propostas de participação social (ver matriz 1).

4. Algumas considerações finais

A partir da análise dos documentos das CSM e das RCM, observamos que no MERCOSUL não houve uma mudança significativa do lugar da cultura. Igualmente, percebe-se uma dificuldade em se avançar em consensos políticos sobre o setor cultural. Embora a cultura tenha ganhado espaço a partir dos anos 2000, o setor não é uma prioridade do bloco. Falta, por exemplo, construir uma estratégia de articulação das CSM e das RCM com outras instâncias do MERCOSUL e representantes dos países mercosulinos em espaços como o Parlamento do Mercosul (PARLASUL). Além disso, também carece articular estrategicamente os poderes legislativos e demais atores políticos nacionais. A agenda cultural deveria ser prioridade tanto dos órgãos executivos e legislativos dos Estados-membros, como do bloco como um todo.

Outrossim, com a ausência de um efetivo marco político-institucional de integração, houve um aprofundamento do déficit democrático, uma vez que foros como as CSM deixaram de existir e não foi possível alterar a institucionalidade focada nos poderes executivos dos Estados-membros dentro do bloco. Por isso é fundamental seguir demandando a construção de espaços e institucionalidades mais democráticas dentro do bloco com o objetivo de descentralizar o processo decisório, assim como o fortalecimento dos movimentos sociais e a criação de “mecanismos de resiliência” por todos os agentes não estatais (BAPTISTA; SIMAN, 2021, p. 256).

Por fim, para Valéria Graziano, o MERCOSUL segue “reproduzindo uma visão bastante limitada sobre o lugar da cultura para o desenvolvimento regional, restrita à promoção do bloco e à realização de eventos” (GRAZIANO,

2021). Assim, se faz necessário apreciar a cultura desde outra perspectiva, pois para além de uma categoria reduzida ao entretenimento, é necessário localizá-la como uma variante que influencia o desenvolvimento e a construção da integração regional.

5. referências

ALEMANY, Cecilia.; LEANDRO, Beatriz. **Análisis y propuestas para la participación ciudadana en el MERCOSUR**. Análisis y propuestas, Montevideo: Friedrich Ebert Stiftung Uruguay, 2006. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/uruguay/04479.pdf>. Acesso em: 19 nov.2021.

BAPTISTA, João Victor; SIMAN, Tainá Estanislau. Dimensão humana e social do MERCOSUL: da institucionalização ao esvaziamento. **Brazilian Journal of International Relations**, v. 10, n. 1, p. 253-276, jan./abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.36311/2237-7743.2021.v10n1.p253-276>. Acesso em: 19 nov.2021.

BENNETT, Andrew; CHECKEL, Jeffrey. Process tracing: from philosophical roots to best practices. In: BENNETT, Andrew.; CHECKEL, Jeffrey. eds. **Process Tracing in the Social Sciences**. From Metaphor to Analytic Tool. Nueva York: Cambridge University Press, 2015.

BORJA, Janira. **A retórica do silêncio: cultura no MERCOSUL**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília. Brasília, Brasília, DF, p. 160. 2011a. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8860/1/2011_JaniraTr%c3%adpodiBorja.pdf. Acesso em: 04 mar. 2019.

BORJA, Janira. Notas sobre o silêncio: cultura no Mercosul. In: **Anais do 3º Encontro Nacional da Abri: Governança Global e Novos Atores**. USP – SP, 2011b, IR2 p. 1-18. Disponível em: http://www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Integracao_Regional/IR%20_Janira%20Tr+%A1podi%20Borja%20Notas%20sobre%20o%20sil+%ACncio%20cultura%20no%20Mercosul.pdf Acesso em: 04.03.2021.

CAETANO, Gerardo; VÁZQUEZ, Mariana; VENTURA, Deisy. Reforma institucional del MERCOSUR. Análisis de un reto. In: CAETANO, G (coord.) **La reforma institucional del MERCOSUR**. Del diagnóstico a las propuestas, Montevideo: CEFIR, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CDC (COMISSÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL), II, 2014. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2014. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/61286_RMC-CDC_2014_ACTA01_ES.pdf. Acesso em: 09 nov. 2021.

DIZ, Jamile; OLIVEIRA Joaner. A integração regional sul-americana: um estudo do viés social e da participação popular no MERCOSUL e na UNASUL. **Revista Brasileira de Direito Internacional**: Porto Alegre, vol. IV, n° 2, p. 107 - 128, jul/dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0219/2018.v4i2.4908>. Acesso em: 19 mai. 2021.

GRAZIANO, Valéria. Pandemia, Emergência Cultural e a Resposta do MERCOSUL: Reflexões sobre o Lugar da Cultura na Integração Regional Sul-Americana. **Carta FoMerco**, v.1, n.7, jul, 2021.

MACHADO, Jessica; MARTINEZ, Elias. A dimensão social da integração Mercosulina: uma análise sobre o Projeto MERCOSUL Social. **Monções - Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 6, n. 12, p. 368-394, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30612/rmufgd.v6i12.7147>. Acesso em: 05 mai. 2021.

MARIANO, Karina; MENEZES, Roberto, **Três Décadas De MERCOSUL: Institucionalidade, Capacidade Estatal e Baixa Intensidade Da Integração**, Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p. 147-179, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-147179/112>. Acesso em: 25 abril 2021.

MARTINS, José Renato. MERCOSUL: a dimensão social e participativa da integração regional. **O Brasil e novas dimensões da integração regional**. Brasília (DF), IPEA, p. 101-144, 2014. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_brasil_novas_dimensoes.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.

MARTINS, José Renato; SILVA, Carolina. **As Cúpulas Sociais do MERCOSUL Vol. I - História e Acervo**. Assunção: Unidade de Apoio à Participação Social - ISM, 2016. Disponível em: <https://www.mercosur.int/documento/as-cupulas-sociais-do-MERCOSUL-i-historia-e-acervo/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

MERCOSUL (MERCOSUL/CMC/DEC). N° 02/95: **REUNIÓN DE MINISTROS DE CULTURA**. 1995. Disponível em: https://normas.mercosur.int/simfiles/normativas/25845_DEC_002-1995_ES_ReuMinCult.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

PALLINI, Verónica. **Mercosur cultural: reflexiones acerca de la dimensión cultural de la integración**. IDES. Buenos Aires, 2001. Disponível em:

http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/ar/ar-025/index/assoc/D4337.dir/Debate14_Pallini.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

RAMANZINI JÚNIOR, Haroldo; LUCIANO, Bruno Theodoro. **Regional (Dis)Integration Beyond Governments: A Comparison in Social and Civil Society Participation between Mercosur and SADC**. *International Area Studies Review*, vol. 24, no. 1, mar. 2021, pp. 18–34, doi:10.1177/22338659211005587.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXII. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2006a. Disponível em: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/1951>. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXIII. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2006b. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/23604_RMC_2006_ACTA02_PT.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXIV. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2007a. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/23602_RMC_2007_ACTA01_ES.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXV. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2007b. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/23590_RMC_2007_ACTA02_ES.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXVI. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2008a. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/23574_RMC_2008_ACTA01_ES.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXVII. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2008b. Disponível em: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/1999>. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXVIII. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2009a. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/13675_RMC_2009_ACTA01_ES.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXIX. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2009b. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/44887_2009_RMC_ACTA02.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXX. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2010a. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/37717_RMC_2010_ACTA01_ES-Corr1.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXXI. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2010b. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/38649_RMC_2010_ACTA02_PT-Corr1.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXXII. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2011a. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/40202_RMC_2011_ACTA01_ES_Acta.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXXIII. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2011b. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/42077_RMC_2011_ACTA02_ES.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXXIV. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2012a. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/45831_RMC_2012_ACTA01_ES.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXXV. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2012b. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/53226_RMC_2012_ATA02_PT.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXXVI. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2013. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/49194_RMC_2013_ACTA01_ES.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXXVII. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2014. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/61265_RMC_2014_ACTA01_ES.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXXVIII. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2015a. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/58450_RMC_2015_ATA01_PT.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RMC. REUNIÃO DE MINISTROS DA CULTURA, XXXIX. Ata... **Mercado Comum do Sul** – MERCOSUL, 2015b. Disponível em: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreuniones/59933_RMC_2015_ACTA02_ES.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, p. 61-77, 2006.

ROSA, Eliana Cristina. O conhecimento científico da metodologia: como olhar para o método hipotético dedutivo como ferramenta de pesquisa. **Iniciação & Formação Docente**, [S.l.], v. 2, n. 2, out. 2016. DOI: <https://doi.org/10.18554/i&fd.v2i2.1656>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SOARES, Maria Susana Arrosa. Balance y perspectivas del MERCOSUR Cultural: 20 años de existencia. In: BRICEÑO RUIZ, J. (Ed.). **El Mercosur y las complejidades de la integración regional**. Buenos Aires: Teseo, 2011.

VAZQUEZ, Mariana. (Org.). **As Cúpulas Sociais do Mercosul. Vol. II – Declarações e Documentos de Trabalho** – Jul. 2006/Jul. 2015. Assunção: Unidade de Apoio à Participação Social - ISM, 2016. Disponível em: <https://www.mercosur.int/documento/as-cupulas-sociais-do-MERCOSUL-ii-declaracoes-e-documentos-de-trabalho/>. Acesso em: 25 out. 2021.


WORTMAN, Ana; LESSA, Mônica. Ecos do Mercosul Cultural: políticas, ideias e práticas (2003-2015). **Sul Global**, v. 1, n. 2, p. 127-152, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/38327/pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.



A CULTURA NA AGENDA DA CELAC A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA TEÓRICA DESCOLONIZADORA

*LA CULTURA EN LA AGENDA DE LA CELAC A PARTIR DE UNA
PERSPECTIVA TEÓRICA DESCOLONIZADORA*

*CULTURE ON CELAC'S AGENDA FROM A DECOLONIZING THEORETICAL
PERSPECTIVE*

Carolina Albuquerque Silva¹ 
Universidade de Brasília, Brasil

Resumo: O artigo consiste em uma reflexão sobre o regionalismo pós-liberal ou pós-hegemônico surgido na América do Sul no começo do século XXI, com foco na agenda cultural da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), e tem por objetivo contribuir para o enriquecimento da análise das dimensões socioculturais da integração a partir da abordagem da geopolítica crítica, proposta por Jaime Preciado. O debate destaca o eurocentrismo que caracteriza o campo de estudos da integração e sua relação com a geopolítica do conhecimento. Enreda-se, desse modo, na questão das condições para pensar o mundo desde a América Latina, a partir de autores da região que se dedicam à produção de conhecimento em torno a temas prioritários e problemas cognitivos próprios. Construída a partir de revisão da literatura especializada e de pesquisa documental junto ao acervo da CELAC, a análise realizada indica que, para superar a reprodução da lógica da colonialidade nos projetos regionais da América Latina e Caribe, é necessário considerar, no debate teórico e na construção prática, os eixos epistemológico e cultural.

Palavras-chave: Integração regional; Regionalismo; CELAC; Cultura; Colonialidade.

Resumen: El artículo presenta una reflexión sobre el regionalismo post-liberal o post-hegemónico surgido en América del Sur en el comienzo del siglo XXI, con foco en la agenda cultural de la Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños (CELAC), y su objetivo es contribuir al análisis

¹ Doutoranda do Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Brasília, com bolsa do CNPq.
E-mail: carolina.albuquerque@gmail.com

de las dimensiones socioculturales de la integración, a partir de los enfoques de la geopolítica crítica de Jaime Preciado. El debate destaca el eurocentrismo que caracteriza el campo de estudios de la integración y su relación con la geopolítica del conocimiento. De esta manera, se enreda en el debate sobre las condiciones para pensar el mundo desde América Latina, a partir de autores de la región que se dedican a la producción de conocimiento en torno a temas prioritarios y problemas cognitivos propios. El texto fue construido a partir de revisión bibliográfica e investigación documental en el acervo de la CELAC. El análisis realizado sugiere que, para superar la reproducción de la lógica de la colonialidad en los proyectos regionales de América Latina y el Caribe, es necesario considerar, en el debate teórico y en la construcción práctica, los ejes epistemológico y cultural.

Palabras clave: Integración regional; Regionalismo; CELAC; Cultura; Colonialidad.

Abstract: This article analyzes the post-liberal/post-hegemonic regionalism that emerged in South America in the beginning of the XXI century, focusing on the cultural agenda of the Community of Latin American and Caribbean States (CELAC), and it is aimed to contribute to the analysis of the sociocultural dimensions of regional integration, based on the critical geopolitics theory proposed by Jaime Preciado. The debate highlights the Eurocentrism that characterizes the regional integration studies and its connection with the geopolitics of knowledge. Moreover, it also contributes to the debate about the conditions for thinking the world from a Latin American perspective, based on authors from the region who are dedicated to the production of knowledge around its own specific themes and cognitive problems. The methodology included desk research of relevant literature and official CELAC's documents. The analysis indicates that, to overcome the reproduction of the logic of coloniality in Latin American and Caribbean regional projects, it is necessary to include the epistemological and cultural dimensions, both in the theoretical debate and in its practical construction.

Keywords: Regional integration; Regionalism; CELAC; Culture; Coloniality.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.191234](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.191234)

Recebido em: 06/10/2021

Aprovado em: 30/06/2022

Publicado em: 03/07/2022

1. Apresentação

Este artigo propõe uma reflexão acerca das dimensões socioculturais do regionalismo pós-hegemônico, surgido na América do Sul no começo

do século XXI, a partir da abordagem da geopolítica crítica elaborada pelo sociólogo mexicano Jaime Preciado. A análise realizada parte do entendimento de que é necessário expandir o campo de estudos da integração e do regionalismo a partir dos aportes teóricos originados na própria região, de modo a superar os enviesamentos eurocêntricos de ordem epistemológica que estão muitas vezes presentes nas análises tradicionais. Como referência empírica deste debate, é apresentado o caso da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), com foco em sua agenda de cooperação regional na área das políticas culturais.

A CELAC, fundada em 2011, faz parte do regionalismo chamado de 'pós-liberal' ou 'pós-hegemônico', o qual inclui a criação da Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (ALBA), em 2004, e da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL), em 2008. O mesmo movimento abrangeu também o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), que teve sua agenda de negociações ampliada, com a intenção de adicionar conteúdo social e político a seu caráter original notadamente comercialista (SANAHUJA, 2009; PRECIADO, 2013). Ao envolver as dimensões sociais e culturais no debate sobre a integração, essas instituições se empenharam em estabelecer mecanismos de cooperação regional em áreas anteriormente pouco contempladas pelos organismos intergovernamentais regionais.

Esse fenômeno teve como centro propulsor a América do Sul e coincidiu com a eleição de governos de esquerda e centro-esquerda em diferentes países da sub-região², a chamada 'onda progressista', com projetos políticos direcionados, em diferentes graus, a enfrentar os impactos recessivos do neoliberalismo, do ponto de vista doméstico, e a aumentar a autonomia da região em relação ao sistema mundial, particularmente aos Estados Unidos (BARBOSA, 2019). Neste contexto, a CELAC significou a expansão dessas experiências que tiveram início na

² Considerando-se as eleições presidenciais na Venezuela (1998), Brasil (2002), Argentina (2003), Uruguai (2004), Bolívia (2005), Equador (2006) e Paraguai (2008).

América do Sul para a América Central, Caribe e México. Ou seja, representou um processo de reconfiguração do espaço latino-americano a partir de um eixo sul-americano.

Para Sanahuja (2009), essas iniciativas se caracterizaram por uma ênfase maior na agenda 'positiva' da integração, centrada na criação de instituições e políticas comuns e no aumento da cooperação Sul-Sul, e por uma maior preocupação com a dimensão da participação e da legitimação social dos processos de integração. Essa tendência foi nomeada como regionalismo 'pós-liberal' (SANAHUJA, 2009); 'pós-hegemônico' (RIGGIROZZI; TUSSIE, 2012) ou, ainda, 'contra-hegemônico' (FRIGGERI; RICOBOM, 2020). A utilização dos termos 'pós-liberal/hegemônico' por estes autores e autoras buscou evidenciar uma contraposição ao modelo de integração levado a cabo pelos organismos regionais na década anterior, uma etapa inspirada pelas estratégias do que foi denominado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) como 'regionalismo aberto', que compreendia a integração como um mecanismo comercial com vistas a melhorar a inserção da América Latina nos processos de globalização.

No entanto, apesar dos pontos positivos apresentados, o regionalismo pós-liberal/pós-hegemônico também levantou diferentes contradições. O fortalecimento da posição da China como parceira comercial da América Latina e, especialmente, da América do Sul, nos anos 2000, inscrito em um contexto de aumento dos preços internacionais das commodities, contribuiu para a persistência de uma orientação econômica centrada na exploração de recursos naturais. Não houve, assim, alteração no modelo extrativista que marcou a incorporação da região ao sistema-mundo capitalista enquanto fornecedora de matérias-primas, reforçando a trajetória de longa duração caracterizada pela inserção periférica da região no sistema mundial (SVAMPA, 2016).

Como recordam Porto-Gonçalves e Quental (2012), essa questão está associada ao debate sobre as grandes obras regionais de infraestrutura inseridas na Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional

Sul-Americana (IIRSA), posteriormente incorporada à UNASUL por meio do Conselho Sul-Americano de Infraestrutura e Planejamento (COSIPLAN). A partir de uma abordagem decolonial, os autores argumentam que esses grandes projetos regionais têm respondido a uma lógica territorial que concebe grandes áreas do espaço geográfico sul-americano, especialmente da Amazônia, como vazios demográficos. Reforçam, dessa forma, a anulação territorial da grande diversidade de populações que habitam essas áreas.

As expectativas dos projetos regionais pós-liberais/hegemônicos chocaram-se, finalmente, com a contraofensiva neoliberal-conservadora que implicou na ascensão de governos de direita em países-chave da região – concretizada com a vitória eleitoral de Mauricio Macri na Argentina, em 2015, e com o golpe parlamentar contra Dilma Rousseff, no Brasil, em 2016. A experiência do regionalismo pós-liberal/hegemônico foi, portanto, breve: acompanhando o ciclo progressista, durou aproximadamente entre 2003 e 2016.

Conforme Barbosa, um balanço da onda progressista explicita os limites para a mudança sem rompimento com a ordem herdada na América Latina: “O ensejo de modificar estas sociedades sem enfrentar a raiz dos problemas — que remete à articulação entre dependência e desigualdade legada do passado colonial — limitou a mudança à superfície da política” (BARBOSA, 2019, p. 15). A aposta em uma maior autonomia não logrou, sob essa perspectiva, romper com a colonialidade que marca a história de longa duração da América Latina. Temas como cultura, direitos humanos, questões feministas e o debate territorial proposto por indígenas e camponeses, que começavam a ganhar espaço nos documentos destes organismos regionais, foram deixados de lado, uma vez finalizado o ciclo do regionalismo pós-liberal/hegemônico.

Em consonância com o debate resumidamente apresentado, este artigo busca analisar o potencial emancipatório que a integração latino-americana e caribenha pode ter quando reivindicada desde um pensamento crítico original, aberto a incluir no debate sobre a identidade

regional e suas políticas de integração temas como a cultura, o meio ambiente, os direitos das minorias e os aportes indígenas. No que concerne aos projetos regionais intergovernamentais chamados de pós-liberais ou pós-hegemônicos, como a CELAC, é necessário explorar como foram tratados os temas inseridos em sua agenda de cooperação e se esse modelo abrangeu, além dos aspectos econômicos tradicionais, questões como os direitos culturais, sociais, humanos e étnico-raciais.

A confecção deste artigo baseou-se nesses dois elementos mencionados acima — a opção teórica por uma abordagem descolonizadora do regionalismo e da integração e, ainda, a intenção de analisar de que forma pode-se utilizar este arcabouço teórico para a análise de projetos regionais intergovernamentais como a CELAC. Para tanto, foi realizado estudo da bibliografia especializada sobre a descolonização na integração, complementado por pesquisa documental junto ao acervo da CELAC, especialmente as declarações conjuntas aprovadas pelos presidentes e primeiros-ministros dos países membros nas reuniões de cúpula da entidade, também chamadas de declarações políticas³. A proposta consistiu em analisar os conteúdos discutidos e os acordos estabelecidos por essas instituições em busca de menções à dimensão cultural da integração.

O texto está organizado em quatro seções, incluindo esta apresentação e as considerações finais. A segunda seção situa o debate sobre a produção teórica latino-americana acerca da integração regional, com foco na perspectiva da geopolítica crítica elaborada por Preciado. A terceira seção, por sua vez, aprofunda-se no caso da CELAC, com enfoque em sua criação e funcionamento. Essa seção inclui um resumo sobre como o tema da cultura foi tratado nos documentos principais da CELAC — aqueles firmados pelos presidentes e primeiros-ministros. Com isso, pretende-se ilustrar o papel do eixo cultural na concretização de processos de integração regional que se pretendam superadores da colonialidade.

³ As declarações foram publicadas em espanhol e inglês. Os trechos aqui citados são traduções da autora a partir das versões originais em espanhol.

2. Geopolítica crítica, colonialidade e integração regional na América latina

Em anos recentes, a hegemonia das abordagens eurocêntricas no campo de estudos da integração regional e do regionalismo vem sendo crescentemente questionada, bem como os pressupostos teóricos das duas principais correntes do circuito central de produção de conhecimento a respeito da temática, com origem, sobretudo, na Europa e nos Estados Unidos: as teorias da integração europeia e as teorias do novo regionalismo, mais comumente chamado na América Latina e no Caribe de regionalismo aberto. Essas abordagens tradicionais focam-se em três elementos centrais: a equiparação entre integração e cessão de soberania; a relação subordinada do político ao econômico e as ideias de convergência e homogeneidade entre os países envolvidos, que minimizam as diferenças culturais, estruturais e as divergências de poder intrarregionais (PERROTTA, 2018).

Os pressupostos e categorias dessas teorias, elaboradas a partir da conjuntura europeia do pós-guerra, não levam em consideração os contextos espaciais e temporais da América Latina — nem da África ou da Ásia — os quais estão relacionados a desafios próprios da inserção periférica no sistema mundial. A persistência do eurocentrismo epistemológico nas abordagens ortodoxas da integração também dificulta a inclusão, no debate teórico, de temáticas-chave no contexto atual das Ciências Sociais na América Latina, principalmente em suas vertentes críticas, que escapam dos limites formais e economicistas, ou direcionadas ao tema da guerra e da paz, das abordagens hegemônicas, tais como a superação da colonialidade em suas múltiplas formas, os direitos culturais dos povos indígenas, as abordagens feministas e as questões territoriais rurais e urbanas.

Por esse viés, o debate proposto está imbricado com as questões da

assimetria dos fluxos de conhecimento entre Norte e Sul, da dependência acadêmica e da delimitação de centros e periferias na produção de conhecimento, e com a forma como ela age em favorecimento da manutenção das condições de hegemonia no sistema-mundo e, portanto, da inserção periférica da América Latina nele. Trata-se do debate proposto por Quijano (2000) sobre a colonialidade do saber, a geopolítica do conhecimento e a pretensão de universalização das teorias e conceitos elaborados no centro do sistema a outros lugares e a outros contextos econômicos, sociais e políticos, sem considerar as especificidades das experiências históricas latino-americanas nem seus problemas cognitivos próprios.

Conforme Svampa (2016), essa discussão diz respeito aos problemas de acumulação na teoria social latino-americana, ou seja, à dificuldade de construir um legado teórico regional e aos processos de invisibilização e expropriação epistêmica a que as tradições teóricas latino-americanas foram historicamente submetidas. Para a autora, a superação deste quadro de dependência teórica implica em visitar tanto os clássicos do pensamento latino-americano quanto às perspectivas críticas atuais das Ciências Sociais na região. Essas abordagens críticas compartilham características como o questionamento dos paradigmas dominantes, o pluralismo epistemológico, a crítica aos dualismos e ao pensamento moderno e o compromisso com os setores subalternos. Nessa perspectiva estão inseridos autores e autoras que se dedicam ao desenvolvimento das teorias descoloniais, feministas, étnico-raciais e ambientais, entre outros.

Neste artigo, destacamos a contribuição da geopolítica crítica, cujas implicações para a América Latina e o Caribe têm sido objeto de trabalhos de Preciado, que argumenta que as representações espaciais tradicionais sobre a região são marcadas pelo eurocentrismo e fortalecem sua posição subordinada e dependente em relação ao sistema-mundo. Dentre essas práticas espaciais dominantes podemos enumerar: a construção de fronteiras estratégicas e de identidades supostamente homogêneas e monoculturais; a utilização de dicotomias baseadas em critérios

etnocêntricos de reconhecimento e anulação (civilização-barbárie, moderno-primitivo etc.); e a adoção de modelos de desenvolvimento e democracia específicos (PRECIADO, 2008; PRECIADO; UC, 2010).

A discussão da geopolítica crítica dialoga com a abordagem do sistema-mundo moderno colonial e da colonialidade do poder, tal como definida por Quijano (2000). Isto é, uma análise sobre como a classificação e hierarquização da população mundial a partir da ideia de raça, articulada ao controle das formas de trabalho, produziu uma hierarquização semelhante no campo das identidades territoriais e geográficas. Esse processo naturalizou a ideia de América, África e Ásia como territórios sob domínio europeu. Ademais, as práticas espaciais hegemônicas funcionam como mecanismo de controle frente à possibilidade de contrarrepresentações alternativas ao discurso geopolítico dominante e, assim, excluem espacialidades subalternizadas, como as dos indígenas e camponeses (PRECIADO; UC, 2010).

Um elemento fundamental da geopolítica crítica é, neste sentido, a consideração de que a reflexão espacial sobre as relações de poder não pode se limitar às relações existentes entre os Estados. É necessário incluir na análise sobre a integração regional as práticas e representações espaciais dos movimentos sociais e culturais, das organizações populares e de intelectuais dissidentes, também chamadas de 'antigeopolítica'. Esta imaginação geopolítica de resistência na América Latina tem, entre suas expressões específicas mais proeminentes, as práticas espaciais indígenas, afro-latinas, feministas e ecologistas (PRECIADO; UC, 2010).

Dentre as alternativas inovadoras que apontam para as potencialidades de uma integração autônoma latino-americana desde a alteridade, Preciado destaca o *Buen Vivir*, o Estado Plurinacional da Bolívia e as micro experiências autogestionárias de movimento sociais, como os *caracoles* zapatistas e as redes de Economia Social e Solidária baseadas no cooperativismo. Trata-se de expressões autônomas que abrem possibilidades para avançar não apenas no debate sobre o papel da sociedade civil na integração, mas também na discussão sobre a

interculturalidade e sobre a contribuição indígena para a construção de uma integração regional autônoma (PRECIADO, 2019).

No entanto, sob a perspectiva do debate proposto pela sociedade civil organizada, essa discussão não se restringe necessariamente às iniciativas sociais autônomas, pois a integração passa a ser entendida também como um mecanismo para a implantação de políticas sociais comuns direcionadas a melhorar os padrões socioeconômicos dos países da região e a fomentar a perspectiva dos direitos. Nesse sentido, o avanço da interdependência econômica requereria que as políticas públicas, e não só o capital, viessem a transcender os territórios nacionais. Sob essa perspectiva, projetos estatais de integração regional, como a CELAC, podem ser considerados como produtores de espacialidades que demandam maior autonomia da região frente aos processos do centro do sistema-mundo e, portanto, como prática espacial contra-hegemônica e anticolonial (PRECIADO; UC, 2010; PRECIADO; FLORIDO, 2013; PRECIADO, 2019).

Esse é um debate ainda por resolver quando se trata de analisar o regionalismo e a integração regional desde a abordagem descolonizadora proposta pela geopolítica crítica, dado seu distanciamento epistemológico em relação ao economicismo e ao estadocentrismo, que sustentam as referências intergovernamentais como único parâmetro para a integração. Sob esta perspectiva, pode parecer paradoxal defender a CELAC como prática espacial descolonizadora. O que se pode concluir a partir do debate teórico apresentado é que não é qualquer projeto estatal de integração que contribui para a superação da dependência e da colonialidade, mas apenas aqueles baseados em estratégias autonomistas, ou seja, que promovam uma identidade cultural regional com base na diversidade sócio-histórica que caracteriza a América Latina.

É a partir da perspectiva da adoção de estratégias autonomistas que se torna possível considerar o papel positivo que as propostas intergovernamentais podem ter na construção de uma integração regional que beneficie não apenas as grandes empresas nacionais e transnacionais,

mas também as camadas populares, que conformam a maior parte da população dos países latino-americanos e caribenhos. Esta é a visão que Preciado apresenta a respeito da CELAC como uma proposta regional potencialmente promotora de uma integração latino-americana autônoma e descolonizadora (PRECIADO; FLORIDO, 2013; PRECIADO, 2019).

Reflexos desse debate na agenda da CELAC podem ser encontrados na emissão de declarações conjuntas de apoio a demandas geopolíticas regionais autonomistas, tais como a descolonização de Porto Rico (CELAC, 2016a); o fim do embargo a Cuba e devolução da Baía de Guantánamo (CELAC, 2017); e a soberania argentina sobre as Ilhas Malvinas (CELAC, 2021). Outro exemplo de endosso formal a demandas descolonizadoras diz respeito à inclusão de temas étnicos nas pautas da instituição, incluindo menções aos aspectos epistemológicos deste debate, como no caso do parágrafo 22 da Declaração da Cúpula de Caracas:

Que, tendo em conta a diversidade dos processos formação da identidade latino-americana e caribenha, a CELAC se converta em um espaço que reivindique o direito à existência, preservação e convivência de todas as culturas, raças e etnias que habitam nos países da região, bem como o caráter multicultural do nosso povo, e plurinacional de alguns dos nossos países, especialmente das comunidades originárias que promovem e recriam a memória histórica, os saberes e conhecimentos ancestrais (CELAC, 2011).

Apesar de essas menções configurarem apenas ‘reconhecimentos’, ou seja, de não serem objeto de nenhum encaminhamento prático obrigatório, ainda assim configuram uma ruptura com os discursos e conteúdos comercialistas e tecnicistas do regionalismo aberto. Por meio de iniciativas como essas, projetos relacionados ao regionalismo pós-liberal/contra-hegemônico, como CELAC, UNASUL e ALBA, ilustram de que modo uma instituição regional pode ser considerada como uma prática espacial questionadora da representação tradicional sobre a América Latina e o Caribe e, desse modo, contra-arrestar a permanência do eurocentrismo teórico e da prática da colonialidade nos projetos regionais.

3. A CELAC e a construção de uma identidade latino-americana a partir da diversidade cultural

No contexto do regionalismo pós-liberal/hegemônico dos anos 2000, a especificidade da CELAC consistiu em ser a primeira organização, em 200 anos de história independente, a reunir todos os países soberanos da América Latina e do Caribe, sem a participação dos EUA ou de países europeus. A iniciativa representou, assim, uma “notável exceção” (ESTAY, 2013, p. 210) na história da integração regional latino-americana e caribenha, tradicionalmente protagonizada pelo panamericanismo estadunidense.

Quando de sua criação, em 2011, o organismo reunia os 33 países soberanos que compõem a América Latina e o Caribe: Antígua e Barbuda, Argentina, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Costa Rica, Colômbia, Cuba, Dominica, El Salvador, Equador, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai e Venezuela. Em 2020, o governo brasileiro anunciou sua retirada oficial da organização.

O processo de criação da CELAC teve início em 2008, com a I Cúpula da América Latina e do Caribe sobre Integração e Desenvolvimento (CALC), realizada em Salvador, Bahia, e concluiu-se com a realização conjunta da III CALC e da XXII Reunião de Cúpula do Grupo do Rio, em 2011, em Caracas.

A CELAC foi, na prática, a fusão dessas duas iniciativas até então independentes, a CALC e o Grupo do Rio — nome pelo qual ficou conhecido o Mecanismo Permanente de Consulta e Concertação Política, estabelecido no Rio de Janeiro em 1986. Os antecedentes do Grupo do Rio foram os Grupos de Contadora (Colômbia, México, Panamá e Venezuela) e de Apoio a Contadora (Argentina, Brasil, Peru e Uruguai), criados durante a Guerra Fria com o intuito de obter uma solução negociada para as guerras civis na América Central, sem a participação direta dos EUA e da URSS. Os

fundadores do Grupo do Rio resolveram delimitar seu escopo de atuação a reuniões de caráter informal, destinadas a servir como espaço de articulação política, apropriado para consultas, troca de informações e eventuais iniciativas conjuntas, decididas sempre por consenso. Em 2011, quando deixou de existir para dar passo à CELAC, o Grupo do Rio congregava 22 países da região e o CARICOM como membros (SILVA, 2017).

O encontro de 2011 na capital venezuelana resultou na “Declaração de Caracas no bicentenário da luta pela independência em direção ao caminho de nossos libertadores”, que listou os temas de cooperação, princípios políticos e parâmetros de funcionamento da CELAC, os quais definiram uma institucionalidade mínima, típica do intergovernamentalismo: a instância suprema é a Cúpula de Chefes de Estado, que toma as decisões políticas e decide a evolução do organismo.

As decisões adotadas nas Cúpulas não possuem caráter vinculante em termos jurídicos, de modo que sua validade reside em sua conotação política, que lhes confere legitimidade. A CELAC foi, portanto, concebida como foro de concertação política e de articulação e promoção da cooperação Sul-Sul. Em relação ao sistema internacional, a posição adotada correspondia a uma irrestrita adesão ao multilateralismo, ao direito internacional e à carta das Nações Unidas.

O organismo constituiu-se, assim, como um foro intergovernamental para a discussão de temas políticos, sociais e culturais. Isso ocorreu porque a diversidade territorial dos países da região e a político-ideológica de seus governos demandaram um funcionamento com base no pragmatismo, na flexibilidade quanto à adoção de medidas consensuadas e na participação voluntária nos projetos de cooperação adotados (CELAC, 2010; ARAVENA, 2012). A questão econômica recebeu menor atenção, com exceção da cooperação para o desenvolvimento Sul-Sul.

Entre 2013 e 2017, foram realizadas reuniões anuais da Cúpula da CELAC. Após um período de três anos de paralisia, o governo mexicano de Andrés Manuel López Obrador, na qualidade de presidência *pro tempore*,

anunciou a realização da VI Cúpula do organismo, que teve lugar na capital do país, em setembro de 2021 (Quadro 1).

Quadro 1: Cúpulas da CELAC e documentos aprovados pelos chefes de estado e de governo

Reunião	Local	Ano	Documentos aprovados
I Cúpula CELAC	Santiago, Chile	2013	- Declaração de Santiago - Nove declarações e comunicados especiais - Plano de Ação da CELAC 2013
II Cúpula CELAC	Havana, Cuba	2014	- Declaração de Havana - 20 declarações e comunicados especiais - Plano de Ação da CELAC 2014
III Cúpula CELAC	Belén, Costa Rica	2015	- Declaração Política de Belén - 26 declarações e comunicados especiais - Plano de Ação da CELAC 2015
IV Cúpula CELAC	Quito, Equador	2016	- Declaração Política de Quito – Metade do Mundo - 21 declarações e comunicados especiais - Plano de Ação da CELAC 2016
V Cúpula CELAC	Punta Cana, República Dominicana	2017	- Declaração Política de Punta Cana - 20 declarações e comunicados especiais - Plano de Ação da CELAC 2017
VI Cúpula CELAC	Cidade do México, México	2021	- Declaração Política da Cidade do México

Fonte: Elaboração própria (2021).

A análise das declarações presidenciais aprovadas nas reuniões de cúpula realizadas até 2017 revela dois objetivos preponderantes: 1) a CELAC deveria constituir-se como um ator internacional relevante, levando aos foros multilaterais posições construídas a partir da identidade histórica e cultural da América Latina e Caribe; e 2) a multidimensionalidade da agenda de integração.

O primeiro aspecto mencionado diz respeito à pretensão da organização em consolidar-se como um instrumento de construção identitária, com efeitos políticos independentes de suas capacidades executivas, um “[...] dispositivo retórico coletivo que gera imagens e identidades, a partir das quais se ordenam vários processos de tomada de decisão na América Latina e no Caribe” (BONILLA; ÁLVAREZ, 2013, p. 8, tradução da autora). A CELAC poderia, sob essa perspectiva, contribuir para a superação do fracionamento prevalecente na América Latina e Caribe,

que tem historicamente limitado o reconhecimento internacional da região como um ator coeso⁴.

O segundo elemento a ser destacado a partir da leitura das declarações políticas aprovadas (Quadro 1) se refere à diversidade dos temas discutidos nas Cúpulas, os quais constituíram uma ampla agenda de trabalho, abarcando: (i) temas econômicos como a crise financeira internacional, comércio, integração física, trabalho e emprego; (ii) temas ligados à agenda de segurança, drogas e terrorismo; (iii) temas do âmbito social como migrações, erradicação da pobreza, segurança alimentar, educação e saúde; (iv) temas ambientais; e (v) temas transversais, como cultura, gênero e direitos humanos.

No entanto, as mudanças políticas vivenciadas a partir de 2015 por diferentes países da região, com a ascensão de governos de direita, levaram ao abandono de projetos regionais pós-liberais, causando uma reconfiguração da integração de tipo subordinada, em detrimento das estratégias regionais autonomistas. Os projetos políticos dos novos governos demonstraram outras prioridades para a região, incluindo a volta do exclusivismo da agenda comercial e da preferência a articulações externas com os Estados Unidos e a Europa, em detrimento das relações intrarregionais. Sob a perspectiva das relações inter-regionais com a Europa, as articulações realizadas no âmbito da Cúpula CELAC-UE perderam importância, e privilegiaram-se as negociações com a sub-região do Cone Sul, resultando na aprovação do Acordo Mercosul-União Europeia, cujos termos são alvo de críticas diversas, em função de seu caráter assimétrico, por reforçar a inserção internacional da região sul-americana como exportadora de matérias-primas e por que, de qualquer modo, enfrenta um difícil processo de ratificação por parte dos governos europeus.

Como consequência, as agendas culturais, sociais e participativas

⁴ O principal resultado do relacionamento externo da CELAC foi a aproximação com China e União Europeia (UE), que demonstrou uma disposição destes atores em reconhecer a Comunidade como interlocutor legítimo. As negociações resultaram na constituição da Cúpula CELAC-EU (2013) e do Foro CELAC-China (2015), espaços que implicaram em encontros bilaterais periódicos realizados até, pelo menos, 2018.

foram esvaziadas e os organismos criados pelos governos progressistas nos anos 2000 foram desmontados ou relegados a um segundo plano, como nos casos da UNASUL e da CELAC, respectivamente. Ainda que a CELAC não tenha sido desmantelada formalmente, como foi o caso da UNASUL, o fim da onda progressista e o ascenso dos governos de direita levou a uma interrupção do funcionamento normal da organização — a principal instância decisória da CELAC, a reunião de Cúpula, foi interrompida após a Cúpula de Punta Cana. Finalmente, em janeiro de 2020, o governo brasileiro anunciou sua saída do acordo, o que contribuiu ainda mais para a paralisia das agendas da CELAC, dada a importância do país nos processos regionais de integração, em função de suas dimensões territoriais, demográficas e econômicas.

No entanto, a possibilidade de uma aliança entre os governos progressistas eleitos no México (em 2018) e na Argentina (em 2019) voltou a sinalizar alguma esperança em uma retomada da organização comunitária (FRIGGERI; RICOBOM, 2020). De fato, o governo mexicano logrou, em setembro de 2021, após um hiato de três anos, realizar a VI Cúpula da entidade, ainda que com menor presença de presidentes e primeiros-ministros e com a ausência do Brasil. A declaração política da Cidade do México teve como novidade a inserção de temas que cobraram relevância no cenário regional no período 2018-2021, especialmente o combate conjunto à pandemia de Covid-19, além de reiterar a maioria dos princípios e propostas apresentados nos documentos anteriores — em que pese a ausência de um parágrafo específico sobre cultura, à diferença das cinco declarações políticas que a antecederam (CELAC, 2021).

3.1 A cultura na agenda da CELAC

O tema da cultura como dimensão do projeto integracionista aparece já na Declaração de Caracas, quando da criação da CELAC, sob a perspectiva do fortalecimento da identidade cultural latino-americana sem

recair, contudo, em homogeneizações — ou seja, uma ideia de defesa da diversidade. No parágrafo 21, os chefes de Estado e de Governo dos 33 países se declararam convencidos da importância de que:

[...] a Celac avance no processo de integração política, econômica, social e cultural, fazendo um sábio equilíbrio entre a unidade e a diversidade de nossos povos, para que o mecanismo de integração regional seja o espaço ideal para a expressão de nossa rica diversidade cultural e, ao mesmo tempo, para reafirmar a identidade da América Latina e do Caribe, sua história comum e suas contínuas lutas por justiça e liberdade. (CELAC, 2011).

Em encontro realizado no Suriname, em março de 2013, foi constituída a Reunião de Ministros de Cultura da CELAC. A cooperação multilateral regional no âmbito da cultura já tinha, contudo, um longo histórico antes da criação da comunidade e a Reunião de Ministros foi, na prática, a sucessora do Fórum de Ministros da Cultura e Responsáveis pelas Políticas Culturais da América Latina e do Caribe, criado em 1989, em Brasília, com o apoio do Escritório Regional de Cultura para a América Latina e o Caribe da UNESCO, como espaço de troca de experiências e formulação de iniciativas conjuntas entre as principais autoridades governamentais do setor cultural da região. Com mais de vinte anos de antecedência à constituição da CELAC, os documentos oficiais do Fórum já registravam o debate sobre o papel da cultura para a integração e o regionalismo:

A dimensão cultural é um fator indispensável para o processo de integração política e econômica da América Latina e do Caribe, na medida em que é o âmbito em que se concretiza a identidade comum e a consciência solidária. Estes são elementos necessários para o fortalecimento dos valores democráticos, do regime das liberdades, da busca da paz e da defesa dos direitos humanos (UNESCO, 1989, tradução da autora).

Em 2013, a 19ª reunião do Fórum de Ministros da Cultura e Responsáveis pelas Políticas Culturais da América Latina e do Caribe foi realizada de forma conjunta com a 1ª Reunião de Ministros de Cultura da CELAC, momento em que ficou definido que que ambos se integrariam em um único mecanismo, conforme assinalado na Declaração de Suriname

(CELAC, 2013). A partir de então, a Reunião de Ministros de Cultura passou a ser responsável pela construção dos documentos setoriais da CELAC.

Como resultado da segunda cúpula da entidade, realizada em Havana, em 2014, foram divulgados o Plano de Ação Cultural da CELAC 2015-2020 e a Declaração Especial sobre a Cultura como Promotora do Desenvolvimento Humano, documento composto por dez parágrafos, cujos elementos centrais sintetizamos no quadro (Quadro 2) abaixo:

Quadro 2: Declaração especial da II cúpula da CELAC sobre a cultura como promotora do desenvolvimento humano: características principais

1	CELAC como espaço de expressão da diversidade cultural dos povos da ALC.
2	Pleno acesso aos bens culturais como direito humano.
3	Papel da cultura para o desenvolvimento sustentável dos países membros e para a integração de seus povos, com base na promoção de seu caráter multiétnico, multicultural e plurilíngue. Respaldo às resoluções das Nações Unidas sobre Cultura e Desenvolvimento e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).
4	Papel da cultura na diminuição da pobreza e das desigualdades sociais.
5	Desenvolvimento coletivo de ferramentas de avaliação e sistemas de informação cultural que apoiem as decisões de políticas públicas dos países membros.
6	Elaboração de projetos regionais na área da cultura, incluindo parcerias entre instituições públicas e privadas.
7	Elaboração de esquemas de apoio e financiamento para projetos culturais envolvendo pequenas e médias empresas culturais, cooperativas e associações de artesãos.
8	Salvaguarda dos saberes tradicionais.
9	Combate ao tráfico ilícito de bens culturais na região e proteção do patrimônio material e imaterial dos países membros.
10	Cooperação com a Unesco para manutenção do Portal de la Cultura de la América Latina y Caribe (https://www.lacult.unesco.org).

Fonte: Elaboração própria com base na Declaração Especial sobre a Cultura como Promotora do Desenvolvimento Humano (CELAC, 2014).

A cooperação na área da proteção ao patrimônio material, mencionada no item 9 da Declaração Especial sobre a Cultura como Promotora do Desenvolvimento Humano, foi o tema que ganhou maior impulso na agenda da CELAC, tendo sido objeto de dois outros documentos setoriais firmados pelos chefes de Estado e de governo do organismo, a Declaração Especial nº 25, assinada na cúpula da Costa Rica (CELAC, 2015), e a nº 8, emitida no ano seguinte, na cúpula do Equador

(CELAC, 2016b). Esses documentos tratam da preservação do patrimônio cultural material dos países membros, com foco no estímulo à cooperação internacional, regional e bilateral para a recuperação de bens culturais objetos do tráfico ilícito.

Até a celebração da IV Cúpula da CELAC, realizada na República Dominicana, em 2017, o tema da cultura manteve centralidade nas declarações presidenciais resultantes dessas reuniões. A Declaração Política de Punta Cana reserva toda uma seção à temática, sob o título 'Cultura', composta por três parágrafos: O parágrafo 36 fala da “[...] importância de promover o direito à cultura, seu valor para a concretização de sociedades mais equitativas e a responsabilidade dos Estados em adotar as medidas necessárias para a plena realização deste objetivo.” No parágrafo 37, os mandatários parabenizam a ONU pela proclamação de 2019 como o Ano Internacional das Línguas Indígenas e se comprometem a implementar programas de recuperação, preservação e difusão dos diferentes idiomas indígenas latino-americanos. O parágrafo 38, por fim, trata da adoção de medidas para proteger as expressões culturais e menciona o Projeto de Diretrizes Operacionais para a implementação, no ambiente digital, da Convenção da Unesco de 2005 sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (CELAC, 2017).

Esse conjunto de declarações revela, em resumo, dois tipos de tratamento dado à questão cultural: algumas menções abordam a questão geral da identidade/diversidade cultural na região e apresentam, portanto, um caráter eminentemente discursivo. Um segundo conjunto de declarações busca, por sua vez, estabelecer os parâmetros para a construção de agendas comunitárias de cooperação Sul-Sul na área das políticas públicas de cultura, com foco na recuperação de bens culturais. Nesse sentido, uma continuidade da agenda de pesquisa proposta neste artigo demandaria o prosseguimento da investigação, com fins a verificar como estes documentos se desdobraram em políticas públicas nos países membros.

4. Considerações finais

O regionalismo que emergiu na América Latina nos anos 2000, chamado de pós-liberal ou pós-hegemônico, consolidado em experiências como a da UNASUL e a da CELAC, formou parte de um conjunto de ideias alternativas e novas motivações políticas na região, que coincidiu com um redescobrimto do espaço regional como espaço para o exercício de maiores níveis de autonomia da região em relação às imposições dos países centrais do sistema internacional. Essa agenda potencialmente geradora de direitos esteve articulada politicamente com a 'onda progressista', em defesa de uma agenda positiva, ainda que por vezes contraditória, para a integração.

A CELAC representou a extensão da experiência pós-liberal sul-americana ao restante da América Latina e do Caribe. O fim da onda progressista implicou, contudo, no abandono desse conjunto de iniciativas. Entretanto, mesmo em face da paralisia sofrida e das incertezas quanto a seu futuro, a CELAC representou uma novidade no cenário regional tradicional, ao vincular as disputas pelo modelo de desenvolvimento regional às questões da dimensão cultural, dos direitos regionais, da abordagem territorial e do debate étnico. Desse modo, permanece a relevância de pesquisar as propostas de integração autonomistas, de modo a contribuir para o debate sobre os múltiplos modelos de integração que podem ser concebidos em realidades específicas, em contraposição ao entendimento de que existe um só caminho, de caráter marcadamente comercialista e eurocêntrico, para a construção de acordos e organismos regionais.

Nesse sentido, trata-se de resgatar, a partir da análise crítica das abordagens tradicionais no campo de estudos do regionalismo, desde uma postura teórica descolonizadora, uma outra perspectiva de integração, que

seja capaz de situá-la como um elemento-chave do processo de transformação sócio-histórica regional. Para tanto, é essencial considerar o potencial emancipatório que a incorporação da dimensão cultural aporta ao projeto integracionista latino-americano e caribenho, contribuindo para o fortalecimento de uma identidade regional, desde a diversidade, que possa dar suporte e legitimidade às instituições regionais em momentos de crise como o atualmente atravessado por instituições como a CELAC.

É preciso ressaltar, finalmente, que a proposta de analisar a dimensão cultural da CELAC com base em uma abordagem descolonizadora, que dê espaço aos atores sociais invisibilizados pelas práticas regionais hegemônicas, deixa em aberto uma agenda de pesquisa ainda pouco explorada. Trata-se, por um lado, de investigar se houve algum processo de difusão efetiva da cooperação técnica entre os países membros da instituição a partir da agenda cultural acordada. De outro lado, é necessário verificar de que maneira os grupos sociais demandantes de territorialidades específicas, como os povos indígenas, afro-latinos e afro-caribenhos, estiveram presentes na elaboração dessa agenda no âmbito da CELAC — e, caso tenha de fato havido a participação desses grupos, de que modo avaliam como a instituição pode contribuir em suas lutas em prol da manutenção de seus territórios e garantia de sua autonomia em suas dimensões política, social e cultural.

5. Referências

ARAVENA, Francisco Rojas. La Celac y la integración latinoamericana y caribeña - Principales claves y desafíos. **Nueva Sociedad**, n. 240, p. 16-28, jul./ago. 2012. Disponível em: https://static.nuso.org/media/articles/downloads/3877_1.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

BARBOSA, Fábio L. S. **Uma história da onda progressista sul-americana (1998–2016)**. Texto atualizado e ampliado. São Paulo: Elefante, 2019.

BONILLA, Adrián; ÁLVAREZ, Isabel. Introducción: La Diplomacia de Cumbres frente al contexto internacional del nuevo multilateralismo político latinoamericano y del Caribe. In: BONILLA, Adrián; ÁLVAREZ, Isabel (Eds.). **Desafíos estratégicos del regionalismo contemporáneo: CELAC e**

Iberoamérica. San José: Flacso, 2013. p.7-10. Disponível em: <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/53935.pdf>. Acesso em 26 jun. 2022.

CELAC (COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS). **Declaração da Cúpula da Unidade da América Latina e do Caribe.** Riviera Maia, México: CELAC, 2010. Disponível em: https://www.minrel.gob.cl/minrel_old/site/artic/20100426/asocfile/20100426124725/declaracion_cumbre_unidad_alc_pt.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

CELAC (COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS). **Declaración de Caracas “En el bicentenario de la lucha por la independencia hacia el camino de nuestros libertadores”.** Caracas, Venezuela: CELAC, 2011. Disponível em: <https://revistas.uasb.edu.ec/index.php/comentario/article/view/68>. Acesso em: 7 fev. 2022.

CELAC (COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS). **Declaración de Surinam.** Paramaribo, Suriname: CELAC, 2013. Disponível em: http://www.lacult.unesco.org/docc/Declarac_XIX_Foro_Esp.pdf. Acesso em: 19 mai. 2022.

CELAC (COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS). **Declaración especial sobre la cultura como promotora del desarrollo humano.** La Habana, Cuba: CELAC, 2014. Disponível em: <http://celac.cubaminrex.cu/es/categoria/documentos>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CELAC (COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS). **Declaración Especial 25:** sobre la recuperación de bienes culturales. Belén, Costa Rica: CELAC, 2015. Disponível em: <https://www.cancilleria.gob.bo/celac/sites/default/files/2019-01/25.%20DE%20BIENES%20CULTURALES%20-ES.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

CELAC (COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS). **Declaración Política de Quito – Mitad del Mundo.** Quito, Equador: CELAC, 2016a. Disponível em: <http://s017.sela.org/media/2088261/iv-cumbre-celac-declaracion-politica.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2022.

CELAC (COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS). **Declaración Especial 8:** sobre recuperación de bienes culturales. Quito, Ecuador: CELAC, 2016b. Disponível em: <http://s017.sela.org/media/2088308/declaracion-8-bienes-culturales.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

CELAC (COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS). **Declaración Política de Punta Cana.** Punta Cana, República Dominicana: CELAC, 2017. Disponível em:

<https://celac.rree.gov.sv/documento-oficial/declaracion-politica-de-punta-cana-v-cumbre-de-la-celac-25-de-enero-de-2017/>. Acesso em: 7 fev. 2022.

CELAC (COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO-AMERICANOS E CARIBENHOS). **Declaración de la Ciudad de México**. Cidade do México, México: CELAC, 2021. Disponível em: https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/668541/Celac_2021_Declaracion_de_la_Ciudad_de_Mexico_18sep21.pdf. Acesso em: 19 mai. 2022.

ESTAY, Jaime. La Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños: una revisión inicial de sus potencialidades y límites. In: MARTINS, Carlos Eduardo (Coord.). **Los retos de la integración y América del Sur**. Buenos Aires: CLACSO, 2013. p. 190-214. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20130920035225/GT-RetosIntegracion.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

FIGUEROA, Oneida A. La CELAC: Nuevo actor regional en América Latina y el Caribe: avales y obstáculos para lograr su consolidación. In: Coordinadora Regional de Investigaciones Económicas y Sociales (CRIES). **Anuario de la Integración Regional de América Latina y el Gran Caribe 2012**. SERBIN, Andrés; MARTINEZ, Laneydi; RAMANZINI JR., Haroldo Júnior. Buenos Aires: CRIES, 2012. p. 177-205. Disponível em: <http://www.cries.org/wp-content/uploads/2013/03/anuario2012.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

FRIGGERI, Felix Pablo; RICOBOM, Gisele. CELAC y el Grupo de Puebla: ¿Se retoma la integración latinoamericana y caribeña? **Sul Global**, v. 1, n. 2, p. 153-171, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/36383/pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) Encuentro de Ministros de Cultura y encargados de Políticas Culturales de América Latina y el Caribe. n. 1, 10-12 ago. 1989, Brasília, **Declaración Final**, 1989. Disponível em: http://www.lacult.unesco.org/encuentros/showitem.php?uid_ext=&getipr=&id=1&tipo=16&lq=1. Acesso em: 19 mai. 2022.

PERROTTA, Daniela V. El campo de estudios de la integración regional y su aporte a las Relaciones Internacionales: una mirada desde América Latina. **Relaciones Internacionales**, n. 38, p. 9-39, 30 jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.15366/relacionesinternacionales2018.38.001>

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; QUENTAL, Pedro de Araújo. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. **Polis (Santiago)** v. 11, n. 31, p. 295-332, abril, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682012000100017>.

PRECIADO, Jaime. América Latina no sistema-mundo: questionamentos e alianças centro-periferia. **Caderno CRH**, v. 21, n. 53, p. 253-268, mai/ago. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000200005>.

PRECIADO, Jaime; UC, Pablo. La construcción de una geopolítica crítica desde América Latina y el Caribe. Hacia una agenda de investigación regional. **Geopolítica(s): Revista de Estudios sobre Espacio y Poder**, v. 1, n. 1, p. 65-94, nov. 2010. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/GEOP/article/view/14275>. Acesso em: 7 fev. 2022.

PRECIADO, Jaime; FLORIDO, Ángel. La Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños (CELAC): integración postneoliberal, neoliberal ortodoxa y contrahegemónica. *In*: FLORES, Consuelo S.; MARTINS, Carlos Eduardo (Coords.). **Nuevos escenarios para la integración en América Latina**. Buenos Aires: Arcis; CLACSO, 2013. p. 187-214. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20131016025228/NuevosEscenarios.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

PRECIADO, Jaime. Sentido de la investigación sobre la integración autónoma de la integración de América Latina y el Caribe. Fundamentos teóricos y metodológicos. *In* PRECIADO, Jaime (Coord.) **Dimensiones, estrategias y alternativas de la integración autónoma para América Latina y el Caribe**. Desafíos para el caso mexicano (2010-2015) Tomo I Historia, economía y políticas exteriores. Jalisco (México): Universidad de Guadalajara, 2019. p. 27-89.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 122-151. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100708034410/lander.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

RIGGIROZZI, Pía; TUSSIE, Diana. The Rise of Post-Hegemonic Regionalism in Latin America. *In*: RIGGIROZZI, Pía; TUSSIE, Diana. **The Rise of Post-Hegemonic Regionalism: the case of Latin America**. Londres: Springer, jan. 2012. p. 1-16. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/978-94-007-2694-9>.

SANAHUJA, José Antonio. Del “regionalismo abierto” al “regionalismo post-liberal”. Crisis y cambio en la integración regional en América Latina. *In*: **Anuario de la Integración Regional de América Latina y el Gran Caribe 2008-2009**. Coordinadores: Laneydi Martínez Alfonso, Lázaro Peña y Mariana Vázquez. Buenos Aires: CRIES, 2009. p. 11-54. Disponível em: <http://www.cries.org/wp-content/uploads/2010/05/anuario-integracion-2008-2009.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2022.

SILVA, Carolina A. **A CELAC e o regionalismo na América Latina e Caribe no século XXI: entre a autonomia e contra-hegemonia**. Orientador: Dr. Martín-León-Jacques Ibáñez de Novión, 2017. 117p. Dissertação de Mestrado; Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24306>.

Acesso em: 20 jun. 2022.

SVAMPA, Maristella. **Debates latinoamericanos**: indianismo, desarrollo, dependencia y populismo. Buenos Aires: Edhasa, 2016.



CIRCULACIÓN DE PERSONAS Y PATRIMONIO CULTURAL EN EL MERCOSUR COMO DIMENSIONES PARA LA CONSOLIDACIÓN DE UNA COMUNIDAD REGIONAL

*CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E PATRIMÔNIO CULTURAL NO MERCOSUL
COMO DIMENSÕES PARA A CONSOLIDAÇÃO DE UMA COMUNIDADE
REGIONAL*

*CIRCULATION OF PEOPLE AND CULTURAL HERITAGE IN MERCOSUR AS
DIMENSIONS FOR THE CONSOLIDATION OF A REGIONAL COMMUNITY*

Giulia Barão¹ 

Universidade de Brasília, Brasil

Marysol Rodríguez² 

Universidad de Salamanca, España

Resumen: Desde una perspectiva teórica institucional-constructivista, el presente trabajo pretende brindar nuevos aportes al estudio del Mercosur en tanto proceso de consolidación de una comunidad regional, analizando las propuestas institucionales y los cimientos de una narrativa cultural común impulsados durante el ciclo progresista de América Latina en el siglo XXI en dos campos de políticas asociados, aunque no usualmente estudiados en conjunto: la circulación de personas y el patrimonio cultural. El abordaje metodológico es cualitativo, con base en la revisión de artículos académicos y documentos oficiales, la consulta a funcionarios públicos brasileños y argentinos y la observación directa de reuniones del Mercosur. Nuestro argumento es que las políticas de circulación de personas y los trabajos de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur contribuyen a consolidar la existencia de una comunidad regional a través de la construcción de un espacio cultural común y a la profundización de la interdependencia cognitiva entre los ciudadanos del bloque. Estas esferas de la integración deben afrontar los desafíos y condicionamientos propios del intergubernamentalismo y del modelo moderno de Estado-nación, como la persistencia de ciertos aspectos de la dicotomía

¹ Licenciada en Relaciones Internacionales (UFRGS), Magíster en Letras (PUCRS), Magíster en Estudios Latinoamericanos (USAL), Doctoranda en Ciencias Sociales, Estudios Comparados sobre las Américas (PPGECsA, UnB). Correo electrónico: giulia.barao@gmail.com

² Graduada en Abogacía (UBA), Magíster en Estudios Latinoamericanos, Universidad de Salamanca (USAL). Correo electrónico: marysolrodriguezara@gmail.com

nacional-extranjero; situación a superar en pos de la construcción de una ciudadanía e identidad en clave regional, que tengan por base el interés y el involucramiento de los ciudadanos en el proceso de regionalización.

Palabras clave: Constructivismo; Mercosur; Circulación de Personas; Patrimonio Cultural; Comunidad Regional.

Resumo: A partir de uma perspectiva teórica institucional-constructivista, este artigo visa trazer novas contribuições para o estudo do Mercosul como processo de consolidação de uma comunidade regional, analisando as propostas institucionais e os fundamentos de uma narrativa cultural comum promovidas durante o ciclo progressista da América Latina no século XXI em dois campos políticos associados, embora não usualmente estudados em conjunto: a circulação de pessoas e o patrimônio cultural. A abordagem metodológica é qualitativa, baseada na revisão de artigos acadêmicos e documentos oficiais, consulta a funcionários públicos brasileiros e argentinos e observação direta das reuniões do Mercosul. Nosso argumento é que as políticas de circulação de pessoas e o trabalho da Comissão de Patrimônio Cultural do Mercosul contribuem para consolidar a existência de uma comunidade regional, por meio da construção de um espaço sociocultural comum e do aprofundamento da interdependência cognitiva entre os cidadãos do bloco. Essas esferas de integração devem enfrentar os desafios e constrangimentos inerentes ao intergovernamentalismo e ao modelo moderno de Estado-nação, como a persistência de certos aspectos da dicotomia nacional-estrangeiro; situação a ultrapassar na prossecução da construção da cidadania e da identidade numa chave regional, assente no interesse e envolvimento dos cidadãos no processo de regionalização.

Palavras-Chave: Constructivismo; Mercosul; Circulação de Pessoas; Patrimônio Cultural; Comunidade Regional.

Abstract: From an institutional-constructivist theoretical perspective, this article aims to bring new contributions to the study of Mercosur as the process of consolidating a regional community through the analysis of institutional proposals and the foundations of a common cultural narrative promoted during the progressive cycle in Latin America in two associated political fields, although not usually studied together: circulation of people and cultural heritage. The methodological approach is qualitative, based on the review of academic articles and official documents, consultations with Brazilian and Argentine public authorities and direct observation of Mercosur meetings. The results found in the analysis of the politics of circulation of people and the activities of the Mercosur Cultural Heritage Commission allow us to state that both contribute to the deepening of cognitive interdependence between authorities and citizens across Mercosur's countries and to the construction of a common socio-cultural space. The integration process, however, faces the challenges inherent to the intergovernmentalism and the modern model of the Nation-State, such as the dichotomy foreigner-national, as a condition to be overcome in

order for a regional citizenship and identity to be built, one that should be based on social interest and engagement of citizen in the regionalization process.

Keywords: Constructivism; Mercosur; Circulation of People; Cultural Heritage; Regional Community.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.190610](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.190610)

Recebido em: 13/09/2021
Aprovado em: 29/06/2022
Publicado em: 03/07/2022

1. Introducción

El sueño de habitar una América Latina unida e integrada ha enfrentado, a lo largo del tiempo, diversos obstáculos que, aún hoy, dificultan la continuidad y profundización de algunos avances alcanzados hacia ese fin. Factores como el dominio-atracción geopolíticos de y hacia Estados Unidos o Europa, los intereses de las élites locales asociadas al capital extranjero, las desigualdades y asimetrías entre los países de la región y al interior de cada uno de ellos, la fragilidad de estructuras institucionales y ciertos condicionamientos del intergubernamentalismo han persistido en distintas etapas del proyecto integracionista, contribuyendo a la idea de un propósito sin rumbo.³

A pesar de ello, prácticas humanas concretas en la región cotidianamente entretejen redes de relaciones e intercambios entre quienes habitamos este territorio. Estas experiencias constituyen el verdadero sustrato social y cultural de la integración, y sus protagonistas (comunidades fronterizas, movimientos sociales con vocación transnacional, partidos de base popular, redes culturales, grupos académicos progresistas, proyectos de coproducción artística, entre otras formas de organización social), en ocasiones conquistan visibilidad en la agenda de la política institucional formal, especialmente cuando hay administraciones públicas que reconocen su valor y contribución para el fortalecimiento regional.

³ Al respecto, Sanahuja (2012, p. 22) señala que “[...] América Latina afronta un permanente ‘trilema’ entre el Estado-nación y la defensa de la soberanía, las aspiraciones de una integración regional eficaz, y la búsqueda de autonomía en el plano internacional”.

El ciclo de gobiernos progresistas de América Latina en el siglo XXI generó el escenario favorable a la expresión, atención y acogida de estas prácticas, realidades y demandas sociales y culturales en las agendas políticas a nivel nacional y en los procesos de construcción regional, contribuyendo desde la región sudamericana al avance del proyecto de integración de América Latina. Sobre este ciclo se han efectuado diferentes periodizaciones. SÁEZ (2016) lo enmarca entre los años 1991 y 2015, y SANTOS (2018) lo delimita entre 1998 y 2016. En común, reconocen al cambio de siglo como marco de una renovación de los proyectos de la izquierda latinoamericana.

Las nuevas tendencias políticas impactaron en la agenda del Mercosur ampliando el proceso hacia otras dimensiones y consolidando espacios de participación de actores sociales. Para Caetano (2011, p. 22) comienza a hablarse de un Mercosur “[...] de una agenda más integral [...] que se hace cargo con igual centralidad de las implicaciones políticas de su proyecto histórico”.⁴ Como señalan Vieira Martins, Albuquerque y Gomensoro (2011, p. 137-138), se observa un pasaje de mecanismos de participación social de primera generación a mecanismos participativos de segunda generación⁵: “[...] en medio del clivaje político entre el agotamiento de políticas neoliberales hegemónicas de los noventa, la asunción al poder de partidos de centro-izquierda y la emergencia de movimientos sociales en el escenario político regional”.⁶

Nuestra hipótesis consiste en que el área de políticas de circulación de personas y del patrimonio cultural presentan crecientes grados de regionalidad, como procesos de construcción social que expanden los objetivos comercial-económicos originales del Mercosur, contribuyendo a la consolidación de una comunidad regional (HETTNE, 2002; HETTNE; SÖDERBAUM, 2000). No obstante, aún son campos que se abordan de

⁴ En la literatura más escéptica, se entienden los fenómenos del período como discursos e instituciones vacías (Lessa, 2010), que no llegan a tener traducción en acciones concretas de integración.

⁵ Sobre mecanismos de primera generación de participación social, los autores refieren al Foro Consultivo Económico-Social, establecido en el año 1994. Respecto a los de segunda generación mencionan “Somos Mercosur”, lanzado en el 2005 y las Cúpulas Sociales del Mercosur, realizadas a partir de 2006.

⁶ Traducción propia.

manera relativamente aislada, siendo necesario instrumentar mayores mecanismos de convergencia, y complementariedad. Así, con este artículo buscamos no sólo presentar nuestros argumentos sobre las relaciones entre la circulación de personas y el patrimonio cultural, sino contribuir a su acercamiento concreto, reconociendo que “[...] observar y describir la regionalización también es participar en la construcción de regiones”. (HETTNE; SÖDERBAUM, 2000, p. 36, traducción nuestra)⁷.

Siendo así, el objetivo general de esta investigación es identificar la contribución de estas dos dimensiones del Mercosur para el incremento de regionalidad, en camino a la consolidación de una comunidad regional (HETTNE, 2002; HETTNE; SÖDERBAUM, 2000). El primer objetivo específico es analizar las políticas de circulación de personas adoptadas en el bloque regional durante el período señalado centrándonos, especialmente, en el Acuerdo sobre Residencia para Nacionales de los Estados Partes del Mercosur, el Estatuto de Ciudadanía del Mercosur y el Plan para Facilitar la Libre Circulación de Trabajadores en el Mercosur. El segundo objetivo específico es evaluar el estado del arte del área de patrimonio cultural del bloque, indagando sobre la narrativa cultural y los símbolos de pertenencia que construye. En las conclusiones, retomamos los hallazgos identificados en cada parte, subrayando su relación, a fin de responder al objetivo general de este trabajo. El abordaje metodológico es cualitativo, con base en la revisión de artículos académicos y documentos oficiales, la consulta a funcionarios públicos brasileños y argentinos y la observación de reuniones del Mercosur.

2. Apuntes teóricos sobre región, integración regional, regionalización y regionalismo

Conocer el significado de las palabras no sólo nos ayuda a comprender sus alcances sino también a evaluar y proyectar las políticas que pueden adoptarse en función de él. Por ello, iniciamos este trabajo de

⁷ En el original: “[...] to observe and describe regionalisation is also to participate in the construction of region”.

investigación presentando sucintamente algunas nociones teóricas desarrolladas sobre “región”, “integración regional”, “regionalización” y “regionalismo”, dado que constituyen el marco y escenario donde se desarrollan las políticas cuyo estudio abordaremos aquí.

En este trabajo nos inclinamos por la definición de la región como un espacio físico donde se producen interacciones entre distintos actores. Constituye un lugar geográfico en el que se desarrollan actividades y relaciones humanas con alcances políticos, sociales, económicos, culturales y ambientales. Desde una perspectiva internacional, la región es el territorio que comprende a un conjunto de países. Murillo Zamora (2004, p. 15) destaca que:

El establecimiento de una región no significa ni la desaparición de la unidad estatal – como ocurre con el Federalismo – ni una ‘feudalización’ de la comunidad internacional. Lo que sí implica es la existencia de una ‘conciencia regional’ y de una ‘identidad regional’. En definitiva, la región constituye una dimensión espacial en el contexto de las relaciones internacionales que ha adquirido una identidad propia y constituye el escenario del regionalismo y de la cooperación regional.

Deutsch (1974, p. 189) manifiesta que la integración “[...] es una relación entre unidades en la cual éstas son mutuamente interdependientes y juntas producen propiedades de sistema de las que carecen por separado [...]”. Finalmente, por “integración regional”, Bergamaschine Mata Diz y Ribeiro Volpini Silva (2011, p. 93) señalan que “[...] debe ser vista como parte de una nueva estructura organizacional de los Estados, en el cual nuevas formas de relaciones internas y externas surgen en un marco común – espacio integrado”. Para Caballero (2011, p. 29):

Una de las variables que impulsará, por tanto, la integración y que nos explica la mayor o menor cohesión de una región, será la sensación fundada y duradera de pertenencia a una comunidad con responsabilidades comunes y confianza compartida, o lo que algunos han venido a llamar una “interdependencia cognitiva”.

A su vez, Hettne y Söderbaum (2000) proponen el concepto de regionalización como el proceso de construcción social de las regiones, que extravasa su dimensión formal-institucional. Explican que la regionalización

supone un proceso de creciente regionalidad⁸, basada en la agencia de diferentes actores (estatales y no estatales) en la generación de “[...] patrones de cooperación, integración, complementariedad y convergencia dentro de un espacio geográfico transnacional particular” (HETTNE; SÖDERBAUM, 2000, p. 34, traducción nuestra)⁹.

Los autores elaboran una tipología de procesos de regionalización donde cada categoría representa un grado mayor de regionalidad, en el siguiente orden: espacio regional, complejo regional, sociedad regional, comunidad regional y Estado-región. La sociedad regional se caracteriza por “[...] la emergencia de una variedad de procesos de comunicación e interacción entre una multitud de actores estatales y no estatales y a lo largo de varias dimensiones, económicas, así como políticas y culturales” (HETTNE; SÖDERBAUM, 2000, p. 41, traducción nuestra)¹⁰. Se trata de una regionalización multinivel (ibid.), pautada por la participación de actores no estatales, en la que, sin embargo, la lógica estatal todavía predomina, de modo que el avance en la regionalización depende fundamentalmente del deseo de cooperar de los Estados asociados. En este grado de regionalización, hay variaciones visibles en la regionalidad de distintos sectores, que avanzan conforme los intereses y aportes de los actores ligados a ellos.

Por su parte, la comunidad regional supone que las relaciones entre sus miembros no se reduzcan a los intereses del desarrollo nacional y estén previstos mecanismos para compensar efectos de asimetrías y garantizar el equilibrio y el bienestar social de todos (HETTNE; SÖDERBAUM, 2000). A la consolidación de la región formal (el bloque de integración), se suma una sociedad civil regional transnacionalizada y se fortalece una identidad colectiva regional (ibid.). Como en el caso del Estado-nación, subrayan Hettne y Söderbaum (2000), esta comunidad regional también es

⁸ En el original: “regioness”.

⁹ En el original: “[...] patterns of cooperation, integration, complementarity and convergence within a particular cross-national geographical space”.

¹⁰ En el original: “[...] the emergence of a variety of processes of communication and interaction between a multitude of state and non-state actors and along several dimensions, economic as well as political and cultural”.

imaginada, creada y resignificada constantemente, a partir de una base mutuamente identificada de valores culturales compartidos.

Así, entre la sociedad y la comunidad regional, una de las principales diferencias consiste en que, en la última, hay mayor convergencia, refuerzo mutuo y acción complementaria entre la “[...] gran diversidad de procesos en varios niveles (es decir, macro-micro) y en varios sectores [...]” (HETTNE; SÖDERBAUM, 2000, p. 42, traducción nuestra)¹¹, que ya existen en la sociedad regional. De manera análoga, el ámbito formal-institucional de la región y su existencia real como proceso de construcción social por actores situados ganan mayor convergencia en la comunidad regional, inclusive y de manera fundamental, en lo relativo a la narrativa sociocultural y los significados compartidos por ciudadanos regionales.

Bajo esta lente, se percibe que Mercosur puede también ser estudiado como sociedad regional, si miramos su agenda expandida a lo largo de treinta años de existencia, compuesta por una compleja red de políticas públicas regionales, que ponen en contacto y en cooperación a funcionarios públicos y sociedad civil de los países miembros. Además, Mercosur presenta avances hacia la consolidación de una comunidad regional si analizamos el desarrollo institucional y la labor continuada de actores en campos específicos que, como argumentamos, se presenta en el caso de las políticas de circulación de personas y del patrimonio cultural.

Es valioso el aporte que Hettne (2002) realiza en lo que refiere al regionalismo y los criterios con los que tradicionalmente se lo ha clasificado. El autor argumenta sobre la necesidad de matizar la dicotomía entre el viejo y el nuevo regionalismo, sobre todo en lo que se refiere al contraste entre los aspectos políticos y económicos. Según esta dicotomía, el viejo regionalismo se sitúa históricamente en la Guerra Fría, y da cuenta de los procesos regionales de constitución política “desde arriba”; con políticas económicas proteccionistas; objetivos específicos y delimitados (políticos o económicos); y el predominio casi absoluto de las relaciones y dinámicas entre Estados-Nación (HETTNE, 2002, p 955). Por su parte, el

¹¹ En el original: “[...] the great diversity of processes at various levels (i.e. macro-micro) and in various sectors”.

nuevo regionalismo se refiere a las formaciones regionales típicas de la última década del siglo XXI, insertadas en el nuevo orden mundial de la post Guerra Fría y la globalización, constituídas por procesos más voluntarios, en los que diferentes actores plantean la necesidad de acordar y articular acciones; políticas económicas abiertas, no proteccionistas, propias de un escenario interdependiente; con múltiples niveles y temáticas de regionalización (HETTNE, 2002, p 955.).

Hettne (2002) destaca que esta dicotomía exagera los factores de determinación endógenos del viejo regionalismo y exógenos del nuevo regionalismo. De tal modo que los análisis de los procesos regionales catalogados dentro del nuevo regionalismo quedan sobredeterminados por los factores económicos y sistémicos de la globalización, sobresaliendo la búsqueda de los Estados y empresarios por una inserción más ventajosa en el mercado mundial. Debido a esta limitación de la categoría “nuevo regionalismo”, diferentes teóricos entendieron la necesidad de desarrollar otros conceptos para describir la novedosa faceta de los procesos de regionalización perceptible a partir de la década del 2000, especialmente en el contexto latinoamericano.

Autores como Caetano (2011, p. 41) señalan que a comienzos del 2000 se inició una nueva etapa en el proceso de integración sudamericano. Sanahuja (2012, p. 26) sostiene que los gobiernos que entraron en el escenario político en la segunda mitad de los años 2000 “[...] inauguraron un intenso debate acerca de los intereses, racionalidad y objetivos de la integración regional”. En esa misma línea, Ayuso (2016, p. 46) señala que a comienzos del siglo XXI se observa una tercera ola de iniciativas regionales que se alejan del patrón tradicional e intentan afrontar el nuevo escenario multipolar y de creciente interdependencia.

De allí que se comience a hablar de regionalismo heterodoxo, “regionalismo post-liberal”¹² (SANAHUJA, 2021) o de regionalismo

¹² Refiriéndose a la experiencia de UNASUR, Sanahuja (2012, pp. 32,33) menciona las características del regionalismo post-liberal: “el retorno de la política, de la agenda de desarrollo y del Estado a la política, particularmente, en las relaciones externas y el desarrollo económico y social, la búsqueda de mayor autonomía, la agenda “positiva” de la integración, las preocupaciones por los factores condicionantes del desarrollo, la

post-hegemónico, como etapa posterior a la del “nuevo regionalismo” o “regionalismo abierto” (GARRIDO CARRASCO, 2008)¹³. Ferrer (2013) se refirió a las tendencias que fueron ganando espacio hacia los primeros años del siglo XXI en América Latina y en especial en Sudamérica, destacando: 1) la cuestión social, con el reconocimiento de las desigualdades que caracterizan a la región; 2) la calidad de los liderazgos, con la llegada al poder de gobiernos que se enfocaron en la resolución de la problemática social; 3) la estabilidad institucional, a raíz de la consolidación del sistema democrático; 4) la renovación de ideas sobre el desarrollo económico y las relaciones internacionales que retomaron algunos preceptos cepalinos y; 5) la revalorización de la integración regional.

Si bien concordamos con la periodización propuesta por los autores citados, al destacar el siglo XXI como marco temporal del relanzamiento de los procesos regionales latinoamericanos y su coincidencia con el ciclo político progresista, adoptamos la perspectiva teórica social-constructivista de Björn Hettne y Fredrik Söderbaum, que nos invita a pensar a los proyectos regionales como procesos de construcción social de largo plazo, con intencionalidad política variable, sujeta a cambio y evolución, con avances y retrocesos simultáneos dependiendo del ámbito de regionalización desde dónde se miren.

Hettne (2002) destaca que un punto común a las diferentes manifestaciones del regionalismo contemporáneo es “la ambición política de establecer una identidad y una coherencia regionales (en una comunidad regional ideal)” (HETTNE, 2002, p. 956). Por ende, en la evaluación del grado de regionalidad de un determinado conjunto de países son fundamentales la coherencia e identidad regional, conformadas a través de “un proceso histórico endógeno de largo plazo y que con el paso

atención a los temas sociales, y la búsqueda de fórmulas para promover una mayor participación de actores no estatales y la legitimación social de los procesos de integración”.

¹³ Garrido Carrasco (2008, p. 5) manifiesta que “el regionalismo abierto comprendía la liberalización comercial intrarregional, la apertura comercial selectiva hacia el exterior, el fortalecimiento de la base institucional y la participación de los actores públicos y privados, además de una armonización de normas comerciales, regulación interna, normas laborales y de migración, mecanismos rápidos de consulta y resolución de conflictos, entre otros”.

del tiempo pasó de la coerción, la edificación de imperios y naciones, a una cooperación más voluntaria” (ibid.).

En esta línea constructivista de interpretación de la realidad histórica, las interacciones sociales son consideradas agentes transformadores del medio (estructura social), del mismo modo que el medio transforma a las sociedades en su interior (TAH AYALA, 2018).

Caballero (2011, p. 28) destaca que el constructivismo:

[...] puede ser entendido como un enfoque metateórico, en el que hay que resaltar principalmente tres elementos. En primer lugar, epistemológicamente, el saber es socialmente construido; en segundo lugar, ontológicamente, el mundo es socialmente construido; en tercer lugar, el proceso de vinculación entre los dos primeros elementos es un proceso reflexivo, que hace que nos cuestionemos cómo la construcción social de conocimiento puede afectar a la construcción de la realidad social y viceversa.

Este enfoque nos ayuda a comprender la interrelación entre la dimensión sociocultural y la dimensión política del proceso de integración: las experiencias socioculturales inciden en la elaboración de las políticas y estas en la construcción de la identidad de las comunidades y en la configuración de los intereses de los actores.¹⁴ De esta manera, argumentamos que las prácticas y experiencias concretas en materia de circulación de personas y patrimonio cultural protagonizadas por los funcionarios públicos y ciudadanos del Mercosur conquistan visibilidad en la agenda regional de principios del siglo XXI, con la elaboración de políticas regionales que contribuyen al sentido de pertenencia y la cohesión social y, por tanto, a la profundización de regionalidad como camino para la consolidación de una comunidad regional (HETTNE, 2002; HETTNE; SÖDERBAUM, 2000). En otras palabras, la conexión entre las políticas de circulación de personas y del patrimonio cultural está en los sujetos sociales como agentes de construcción de región.

¹⁴ Wendt (1999, p. 231) destaca que “Los intereses se refieren a lo que los actores quieren. Ellos designan motivaciones que ayudan a explicar el comportamiento. (Digo ‘ayuda’ porque el comportamiento también depende de las creencias sobre cómo darse cuenta de los intereses en un determinado contexto.) Los intereses presuponen identidades porque un actor no puede saber lo que quiere hasta que sepa quién es, y dado que las identidades tienen diversos grados de contenido cultural también lo harán los intereses [...] Sin intereses las identidades no tienen fuerza motivacional, sin identidades los intereses no tienen dirección”. El original en inglés. Traducción propia.

Al reflexionar sobre los procesos de regionalización en América Latina, Canclini (2000) trae argumentos alineados con los aportes teóricos de Hettne (2002) sobre la regionalidad. Afirma que América Latina y Caribe no debe ser vista como consecuencia automática de la existencia de una comunidad histórica o cultural basada, por un lado, en la herencia colonial ibérica, y, por otro, en semejanzas originadas de procesos resistencia y recreación de comunidades - indígenas, afrodescendientes, rurales, autonómicas - históricamente marginadas de las identidades nacionales. En las palabras del autor, (Canclini, 2000, p. 86) “[...] la integración latinoamericana no es una identidad preexistente, sino un espacio a ser ocupado e interconectado”. La base sociocultural, histórica y geográfica común existe, pero solo se actualiza y se fortalece a partir de un proyecto político deliberado. Este proyecto político es “la búsqueda de la regionalidad” (HETTNE, 2002, p. 956).

Proponemos que, en Mercosur, la búsqueda de regionalidad se percibe en la consecución de políticas que fortalecen la conformación de un espacio físico (circulación de personas) y simbólico (patrimonio cultural) compartido, contribuyendo cada cual a su modo con el fortalecimiento de las redes regionales de pertenencia simbólica (FRANCO; DI FILIPPO, 1999), constitutivas de una comunidad regional (HETTNE, 2002; HETTNE; SÖDERBAUM, 2000). Ponderamos que, el campo del patrimonio cultural de Mercosur aporta a la construcción de una comunidad regional desde la perspectiva simbólico-cultural, pero su consolidación no es posible concretamente, en el ejercicio situado de la vida de las personas, sin la igualdad de tratamiento entre los ciudadanos de los diferentes países de la región, por lo que son también fundamentales los avances en el campo de la libre circulación de personas. El patrimonio vivo, el patrimonio que se quiere regional y compartido, es narrativa y vivencia que se realiza a través de la agencia de sujetos concretos en el desarrollo de su existencia social.

La libre circulación de personas es una condición esencial para conocer y reconocerse en el patrimonio cultural compartido, disfrutarlo, resignificar su valor y garantizar su perpetuidad; teniendo en cuenta que el

patrimonio cultural no se limita únicamente a un aspecto material (monumentos, colecciones de objetos, etc.) sino que, comprende las expresiones vivas heredadas de nuestros antepasados, como tradiciones orales, artes, usos sociales, rituales, actos festivos, conocimientos y prácticas relativos a la naturaleza y el universo, y saberes y técnicas vinculados a la artesanía tradicional (UNESCO, 2022). De allí la importancia de que la libre circulación de personas se torne una política consolidada en el bloque, en virtud del rol fundamental de los habitantes de la región como portadores y practicantes del patrimonio vivo.

En las próximas páginas presentamos los avances en materia de circulación de personas y del patrimonio cultural durante el ciclo progresista de América Latina en el siglo XXI, procurando demostrar que, en ambos campos, hay intencionalidad política de profundizar la regionalidad y elementos para interpretar el movimiento de Mercosur hacia su consolidación como comunidad regional. También argumentamos sobre la complementariedad de las dos áreas, de modo que se reconozca, por un lado, la dimensión sociocultural inherente a la circulación de personas y, por otro, que el sentido de las narrativas culturales emanadas del sector patrimonial depende de la acción concreta de las personas a lo largo la región.

3. La circulación de personas en el MERCOSUR para la construcción de una región con rostro humano

El movimiento de personas ha sido un elemento constante en la historia de la región. Constituye una realidad compleja y multidimensional de trascendencia social, cultural, política, económica y jurídica, tanto en el país de origen como en el de tránsito y de destino de las personas que se desplazan por este territorio. Los países que hoy forman parte del Mercosur integran un sistema migratorio desde antes de su conformación como Estados independientes, de modo tal que:

Las fronteras nacionales delineadas por el proceso independentista, en muchos casos, dividieron regiones económicas y culturales que

tenían vínculos históricos importantes, y los movimientos de poblaciones se convirtieron entonces en migraciones internacionales. (Pellegrino, 2009, p. 17).

En esa perspectiva, los Estados del bloque conforman un sistema migratorio, entendiéndolo por ello un espacio caracterizado por:

[...] la asociación relativamente estable de una serie de países receptores con un número determinado de regiones de origen. Tales asociaciones no son mero resultado de las corrientes migratorias, sino que se ven reforzadas por conexiones y vínculos de distinta naturaleza [...]. (Arango, 2000, p. 42).

El Tratado para la Constitución de un Mercado Común (MERCOSUR, 1991b.), más conocido como Tratado de Asunción, dispone en su artículo 1º que la libre circulación de factores productivos constituye un requisito esencial para lograr el establecimiento de un mercado común, lo que implica que, inicialmente, la dimensión migratoria fue concebida desde una perspectiva que sólo tenía en cuenta la libre movilidad de trabajadores y trabajadoras. En el “Estudio sobre experiencias en la implementación del Acuerdo de Residencia del MERCOSUR y Asociados” (CSM; OIM, 2014, p. 8) se señala que:

La libre circulación suele ser interpretada en dos sentidos, sea ésta como mecanismo que habilita a sus beneficiarios a entrar, transitar y salir del territorio de los países que la implementan, sin controles físicos que restrinjan la circulación, o como una modalidad que permite no sólo ingresar y egresar sin necesidad de visa o autorización previa de ingreso, sino que también implica el derecho a permanecer o establecerse en cualquier lugar de los territorios incluidos en dicho régimen. Esta última modalidad se acerca, en mayor medida, a lo que podría ser luego el germen de una ciudadanía ampliada, donde todos tengan la posibilidad de entrar, salir y permanecer dentro del espacio regional que se constituye a partir del Tratado de Asunción con igualdad de derechos y acceso a los mismos servicios sociales.

El objetivo de la libre circulación derivó, progresivamente, en una serie de declaraciones, propuestas y medidas que fueron instalándose en la agenda del Mercosur. La dimensión migratoria fue abordada mediante dos canales institucionales al interior del bloque. Por un lado, en el entonces Subgrupo de Trabajo N.º 11, actual Subgrupo de Trabajo N.º 10 “Relaciones Laborales, Empleo y Seguridad Social”; por el otro en la Reunión de Ministros del Interior y Seguridad que, si bien en los comienzos trató la

temática migratoria con los temas de seguridad, con el tiempo creó ámbitos diferenciados y especializados para trabajar cada una de estas dos dimensiones, lo que le dio una nueva impronta a la materia¹⁵.

Además del Tratado de Asunción, las primeras referencias a la temática las encontramos en la Decisión del CMC N° 12/91¹⁶ en la que se reconoce que la integración implica un espacio regional donde pueden circular libremente los ciudadanos y residentes de los Estados Partes del Mercosur (MERCOSUR, 1991a.) y las Decisiones CMC Nros 1/92 (MERCOSUR, 1992a.), 1/93 (MERCOSUR, 1993) y 9/93 (MERCOSUR, 1994a.) que establecieron cronogramas de medidas para el cumplimiento de los objetivos del Tratado de Asunción, entre las que se encuentran la armonización de la legislación migratoria y la presentación de propuestas para lograr la libre circulación de trabajadores.

Asimismo, cabe recordar el comunicado conjunto del 17 de enero de 1994 en el que los presidentes de los países del Mercosur destacaron la relevancia que para la construcción del mercado común adquieren las cuestiones relacionadas con las migraciones (MERCOSUR,1994b.), la Decisión CMC N° 9/95 “Programa de Acción del Mercosur hasta el año 2000” en donde se señala que el avance del proceso de integración requerirá un tratamiento creciente del tema de las migraciones en sus diferentes aspectos (MERCOSUR, 1995a) y la Carta de Buenos Aires sobre compromiso social en el Mercosur, Bolivia y Chile del año 2000 en la que los presidentes coinciden en fortalecer la cooperación entre los países de la región en materia migratoria y asegurar a los migrantes el pleno ejercicio de los derechos humanos (entre los que, claro está, se encuentran los derechos culturales) y un trato digno, justo y no discriminatorio (MERCOSUR, 2000).

A partir del 2002, podemos observar un salto cualitativo en el abordaje de la materia.¹⁷ Durante ese año no sólo se suscribió el Acuerdo sobre

¹⁵ Sobre el asunto, ver el documento informativo Mercosur (2007).

¹⁶ Al momento, no posee registro de entrada en vigencia. Cfr. <https://documentos.mercosur.int/public/normativas/12>

¹⁷ Además de las que se abordan detalladamente en este apartado, en el ámbito del Mercosur se han impulsado medidas que contribuirían positivamente a la facilitación de la circulación de personas en la región. Por

Regularización Migratoria Interna de Ciudadanos del Mercosur, Bolivia y Chile, sino que en el mes de octubre, durante la reunión del Grupo de Trabajo Especializado Migratorio de la Reunión de Ministros del Interior, Argentina presentó un anteproyecto de Acuerdo sobre Residencia para Nacionales del MERCOSUR y Estados Asociados que fue suscrito, finalmente, en diciembre de 2002 por los Primeros Mandatarios; instrumento multilateral que actualmente se encuentra en vigencia para Argentina, Brasil, Paraguay, Uruguay, Bolivia, Chile, Perú, Colombia y Ecuador

El Acuerdo sobre Residencia para Nacionales del Mercosur (MERCOSUR, 2002) constituye un adelanto en la política migratoria de la región, dado que facilita el acceso al estatus migratorio regular al establecer el criterio de nacionalidad de uno de los Estados Partes o Asociados del Mercosur como requisito para acceder a la residencia en alguno de los países donde se aplica. En su Preámbulo, los Estados plasman su deseo de fortalecer el proceso de integración, reconociendo que la implementación de una política de libre circulación de personas resulta primordial para el cumplimiento de ese objetivo. Así también, asumen el compromiso de armonizar sus legislaciones para lograr el fortalecimiento del proceso, tal como fuera dispuesto en el artículo 1º del Tratado de Asunción.

El artículo 1º dispone que los nacionales de un Estado Parte que deseen residir en el territorio de otro Estado Parte podrán obtener una residencia legal en este último mediante la acreditación de su nacionalidad y presentación de los requisitos previstos en el Acuerdo.¹⁸ A quienes hayan obtenido su residencia, el instrumento les reconoce los siguientes derechos: 1) Igualdad de derechos civiles, sociales, culturales y económicas

limitaciones de espacio sólo mencionaremos algunas de ellas: documentos válidos para viajar (Decisiones CMC Nros. 18/08, 14/11, 37/14, 46/15), registración migratoria electrónica (Decisiones CMC Nros. 53/15 y 20/17), gratuidad de visa para estudiantes y docentes de los Estados Partes del Mercosur (Decisión CMC N° 21/06), canales privilegiados de entrada en aeropuertos para ciudadanos del Mercosur (Decisión CMC N° 46/00, vigente desde el año 2012), reconocimiento de estudios académicos (Decisión Nros 4/94, 7/95, 8/96, 26/02, 06/06, 15/08, 21/10), y el Plan de Funcionamiento del Sistema Integrado de Movilidad del Mercosur (Decisión CMC N° 16/14).

¹⁸ El artículo 2 del Acuerdo sobre Residencia define que los "Nacionales de una Parte" son las personas que poseen nacionalidad originaria de uno de los Estados Partes o nacionalidad adquirida por naturalización y ostentan dicho beneficio desde hace cinco años.

de los nacionales del país de recepción, 2) Reunión familiar, 3) Trato igualitario con nacionales, 4) Derecho a transferir remesas, 5) Derecho de los hijos de los inmigrantes.

En el año 2003 nos encontramos con una medida de trascendencia institucional: la creación del Foro Especializado Migratorio (FEM) en el ámbito de la Reunión de Ministros de Interior y Seguridad del Mercosur que tiene a su cargo el tratamiento de la movilidad humana en la región. La importancia del FEM no solo radica en las contribuciones que realiza en el estudio de las migraciones y el desarrollo de proyectos, sino que viene a cumplir un rol importante en la construcción del Estatuto de Ciudadanía Mercosur, cuyo plan de acción se estableció en el año 2010 mediante Decisión CMC 64/10, actualizada por Decisión CMC 32/17, que tiene como objetivo la implementación de una política de libre circulación de personas.

Es en el marco del Plan de Acción del Estatuto de Ciudadanía donde debemos ubicar el Plan para Facilitar la Libre Circulación de Trabajadores en el Mercosur (Resolución GMC N° 21/15) elaborado en el ámbito del Subgrupo de Trabajo N° 10 "Relaciones Laborales, Empleo y Seguridad Social" con la convicción de que constituye un paso sustantivo para la identidad laboral del Mercosur y una hoja de ruta para generar un mercado de trabajo regional, propiciando mejores condiciones de inserción laboral para los trabajadores, garantizándoles igualdad de trato y oportunidades en el territorio de los Estados Partes, y propiciando el diálogo social junto a los actores sociales del mundo del trabajo. A tales fines, el plan se desarrolla sobre dos ejes temáticos: la "Libre Circulación de Trabajadores del MERCOSUR" y la "Libre Circulación de Trabajadores del MERCOSUR en zonas de frontera", lo que da cuenta, en este último eje, de las particularidades de estos territorios de la región.

El documento contiene las dimensiones para su la concreción de la libre circulación: 1) Normativa, 2) Cooperación Interinstitucional, 3) Empleo, 4) Seguridad Social¹⁹, 5) Trabajos temporarios en los Estados Partes,

¹⁹ Sobre esta dimensión, resulta pertinente traer a consideración el Acuerdo Multilateral de Seguridad Social del Mercosur (MERCOSUR, 1997) mediante el cual se reconocen los derechos de Seguridad Social a los trabajadores que presten o hayan prestados servicios en cualquiera de los Estados Partes reconociéndoles, así como a sus

6) Rol de los actores sociales y, 7) Difusión, sensibilización y concientización de los derechos de los trabajadores del Mercosur. Lo que necesariamente debemos destacar de este plan es que ha sido el resultado del ejercicio colaborativo de los gobiernos y los actores sociales a través de talleres donde se generó el espacio para compartir experiencias y propuestas; siendo, entonces, un ejemplo de construcción participativa. En este sentido, la sexta dimensión del plan busca fortalecer esos espacios de diálogo social regional, promoviendo las diversas formas de participación de los actores sociales para lograr la facilitación de la circulación de trabajadores del Mercosur.

El primer taller “Libre circulación de trabajadores y la integración fronteriza en el Mercosur: desafíos, realidades y perspectivas” (Buenos Aires, 2008) se desarrolló bajo dos temáticas: la libre circulación de los trabajadores en general y la integración fronteriza en particular. El segundo taller (Montevideo, 2011) abordó la formación y certificación de competencias laborales a nivel regional. El tercer taller “La libre circulación de trabajadores y Trabajadoras en el Mercosur con énfasis en la zona de Frontera” (Capitán Miranda, 2011) reflexionó sobre la circulación de trabajadores en zonas de frontera a fin de fomentar una mayor integración entre las comunidades de esos territorios.²⁰

Por su parte, la Declaración Sociolaboral del MERCOSUR (2015) establece que los Estados Partes se comprometen a adoptar y articular medidas tendientes al establecimiento de normas y procedimientos comunes relativos a la circulación de los trabajadores en las zonas de frontera y a desarrollar acciones coordinadas en el campo de la legislación, de las políticas laborales, de las instituciones migratorias y en otras áreas afines, con vistas a promover la libre circulación de los trabajadores.

Finalmente, debemos mencionar un documento de valor político para el Mercosur y de relevancia para nuestra investigación: la Declaración de

familiares y asimilados, los mismos derechos y estando sujetos a las mismas obligaciones que los nacionales de dichos Estados Partes

²⁰ Documento preliminar. Plan Regional de Facilitación de la Circulación de Trabajadores en el Mercosur. XXXVI Reunión del Subgrupo de Trabajo N° 10 (MERCOSUR, 2012).

Santiago sobre Principios Migratorios. En ella se reconoce, entre otras cuestiones, la necesidad de abordar la temática migratoria a través de mecanismos de diálogo multilateral, la importante contribución de los migrantes en la formación de los Estados del bloque, como así también que la dimensión cultural de la migración es un valioso aporte en la transculturización de los pueblos (MERCOSUR, 2004). Esta declaración expresa claramente la interrelación que existe entre las políticas de circulación de personas y la dimensión cultural²¹

De la breve reseña aquí efectuada podemos concluir que, si bien la libre circulación de personas entre los países del bloque aún es un objetivo por concretar, las medidas analizadas constituyen importantes avances en esa dirección. A través de ellas, no sólo se institucionaliza una realidad preexistente a la creación del Mercosur, sino que se dota al proceso de una identidad social sustentada en la igualdad de derechos y oportunidades de los y las habitantes de este suelo, garantizando así que quienes se desplazan de un Estado a otro puedan ser miembros activos de la construcción del proceso, independientemente del lugar de la región en el que se encuentren temporaria o permanentemente. La verdadera integración social, política, económica y cultural del Mercosur sólo puede concretarse en el marco de un proceso dinámico. La libre circulación de personas, no sólo reconocidas como factores productivos, sino como sujetos sociales, portadores del patrimonio cultural vivo y constructores de región, otorga dinamismo al proceso y lo revitaliza con nuevas formas de expresión cultural.

²¹ Esta interrelación también se identifica con claridad en el Protocolo de Integración Cultural del Mercosur. Al destacar que la cultura constituye un elemento primordial de los procesos de integración, y que la cooperación y el intercambio cultural generan nuevos fenómenos y realidades, el Protocolo establece que las acciones culturales contemplarán, entre otras iniciativas, el intercambio de artistas, escritores, investigadores, grupos artísticos e integrantes de entidades públicas o privadas vinculadas a los diferentes sectores de la cultura.

4. La Comisión de Patrimonio Cultural del MERCOSUR y su aporte a la consolidación de una comunidad regional

En el 2021, se celebraron los 30 años del Mercosur y los 25 años del Mercosur Cultural. La segunda efeméride se refiere a la firma, en 1996, del Protocolo de Integración Cultural del Mercosur. En efecto, la identificación del interés regional por agregar una dimensión cultural al bloque vino poco después de la firma del Tratado de Asunción, en agosto de 1992, cuando los Secretarios y Autoridades de Cultura del Mercosur se reunieron para “examinar los mecanismos a través de los cuales puede iniciarse el proceso de consultas periódicas relacionadas con la coordinación e integración de las Políticas Culturales de estos Países” (MERCOSUR, 1992b).

Es notable que en este documento ya aparecen líneas temáticas que estructurarán la cooperación cultural en el bloque, como “actividades y estudios de preservación y protección de los bienes culturales y del patrimonio histórico y cultural de la región” (ibid.), además de un artículo específico destinado al estudio, preservación y valorización del patrimonio de las misiones jesuíticas guaraníes. Entre 1992 y 1995 se observan idas y vueltas en la institucionalización de la temática cultural, decidiendo finalmente llevar sus debates a un “foro negociador de alto nivel”, con el establecimiento de la Reunión de Ministros y Autoridades de Cultura - RMC (MERCOSUR, 1995b), ocasión en que también se acordó que cada país analizaría el proyecto de Protocolo de Integración Cultural preparado por la Secretaría de Cultura de Argentina. Así, en 1996, uno de los primeros resultados concretos del trabajo de la RMC fue la aprobación del referido protocolo, firmado en Fortaleza, Brasil.

El documento incluye un artículo específico sobre el patrimonio cultural. Sin embargo, su propuesta todavía se limita a impulsar el conocimiento mutuo sobre los distintos patrimonios de los Estados Partes

y su armonización operativa, sin referencia al reconocimiento de un patrimonio cultural común en clave regional:

Los Estados Partes impulsarán la cooperación entre sus respectivos archivos históricos, bibliotecas, museos e instituciones responsables de la preservación del patrimonio cultural, con el fin de armonizar los criterios relativos a la clasificación, catalogación y preservación, con el objeto de crear un registro del patrimonio histórico y cultural de los Estados Partes del Mercosur (MERCOSUR, 1996).

Con el tiempo, el reconocimiento de la narrativa cultural común se va fortaleciendo como uno de los ejes impulsores del trabajo colaborativo en el Mercosur Cultural, paralelamente al esfuerzo de armonizar normativas y construir instrumentos regulatorios comunes. De modo que el campo del patrimonio cultural mercosureño contribuirá desde dos dimensiones a la conformación de una comunidad regional: la simbólica o ideacional, con el reconocimiento del patrimonio cultural compartido; y la institucional, por el emprendimiento de normas y proyectos compartidos. A lo largo de los años 2000-2009, el área patrimonial del Mercosur se reunió en un Comité Técnico, cuya relevancia política no se correspondía con la poca visibilidad que la temática recibía bajo el abanico de la Reunión de Ministros de Cultura. Por eso, buscando fortalecer el carácter institucional del área, el Comité Técnico se transformó en Comisión del Patrimonio Cultural del Mercosur, CPC, en 2009 (CPC, 2009). Desde las primeras actas de esta instancia (entre 2009 y 2014) ya se pueden diferenciar los ejes temáticos estructurantes de su labor.

Tres de estos temas fueron priorizados al punto de constituirse en Comités Técnicos específicos dentro de la CPC: la prevención y combate al tráfico ilícito de bienes culturales, la relación entre patrimonio y turismo y los museos. El debate en torno al primero es encabezado por Argentina, pero su conformación en instancia técnica permanente en la CPC fue una propuesta de Venezuela durante su Presidencia Pro Tempore de 2013 (CPC, 2013b). Constituye uno de los campos de intercambio técnico más intenso, con activa participación de los Estados Asociados, en especial Perú, Chile y Colombia, destinado a intercambiar conocimiento y buenas prácticas y

coordinar posiciones comunes en los órganos de la Convención Unesco de 1970 (CPC, 2013; 2019). A su vez, el Comité Técnico de Patrimonio y Turismo fue una propuesta brasileña (CPC, 2013a) y tiene como principal acción la realización del SEMPAT – Seminario Internacional de Patrimonio y Turismo del Mercosur -, que busca reunir especialistas y gestores de la región para debatir posibilidades y disyuntivas de la asociación entre la explotación turística y la preservación y salvaguardia del patrimonio cultural²². Los sectores museales se reúnen en un Comité Técnico desde 2013, y sus actividades se centran en la capacitación y visibilización de las instituciones y colecciones de la región, manteniendo diálogo con el programa Ibermuseos (CPC, 2016)²³.

La conformación de Comités Técnicos revela la voluntad de los Estados Parte y Asociados del Mercosur en fortalecer el marco institucional para su acción coordinada y generar conocimiento mutuo. En conjunto, establecen líneas de continuidad institucional y contenidos identificados como prioritarios para el desarrollo de cada Estado Parte y Asociado y el avance de la región, conforme palabras del representante de Colombia en la XI CPC (2015), en que expresa haber la CPC “generado procesos de desarrollo de políticas y capacidades frente a la gestión del Patrimonio Cultural y de los retos comunes a los países” (CPC, 2015). Además, son espacios de intercambio técnico y aprendizaje entre funcionarios y especialistas, que, desde sus instituciones nacionales tienen papel directo en la planificación y ejecución de políticas públicas del campo patrimonial.

Los esfuerzos más significativos hacia la consolidación del espacio cultural o comunidad regional se revelan en la creación de una categoría de reconocimiento patrimonial propia del Mercosur. En la III reunión de CPC, en Buenos Aires, se estableció que Brasil y Uruguay desarrollarían un

²² La tercera edición del SEMPAT se organizó bajo la Presidencia Pro Tempore de Brasil en el segundo semestre de 2021, y reveló una importante dialéctica en curso entre la perspectiva económico-empresarial de lo cultural, asociada a conceptos como la Economía Creativa y la Economía Naranja; y la perspectiva de la cultura como eje del desarrollo y justicia social, enfocada en la participación ciudadana y las políticas públicas. Es observable el esfuerzo de negociar la perspectiva preservacionista del patrimonio con los objetivos económicos del sector turístico, sobre todo desde la integración del IPHAN en la estructura del Ministerio de Turismo, pero también presente en el actual escenario político de otros países de la región, como Colombia y Uruguay.

²³ Merece mención especial el hecho de que en julio de 2016 Venezuela había asumido la coordinación del Comité Técnico de Museos (CPC, 2016), antes de su suspensión del bloque.

estudio de caso sobre la Puente Internacional Barón de Mauá²⁴, como proyecto piloto para el establecimiento de una categoría mercosuriana de reconocimiento patrimonial (CPC, 2010). En la V CPC, 2011 (en Montevideo), se aprobó la propuesta técnica que, además de acoger la Puente Barón de Mauá²⁵ como primera postulación a la Lista del Patrimonio Cultural del Mercosur (LPCM), definió sus criterios y procedimientos básicos (CPC, 2011). En la misma ocasión, Argentina y Paraguay propusieron la inscripción del Chamamé y del Mate. En los tres casos de inscripción, prevalecía la lógica regional, del patrimonio que se reconoce común y se busca visibilizar como símbolo de dinámicas históricas y prácticas sociales de cercanía entre las sociedades más allá de las fronteras nacionales. A partir de entonces, se percibirá un gran trabajo en la CPC para lograr la incorporación de la LPCM en la estructura normativa de Mercosur, así como una adhesión creciente de los países a la perspectiva del patrimonio cultural compartido.

En el 2012, el Consejo Mercado Común aprueba la creación de la categoría “Patrimonio Cultural del Mercosur” y su respectivo reglamento propuestos por la CPC (CPC, 2012). Allí aparecen los criterios de inscripción que seguirán vigentes hasta el presente y reiteran la comprensión consensuada por los Estados Parte y Asociados de que el patrimonio cultural debe contribuir para los esfuerzos de integración regional. Entre 2013 y 2014, Brasil y Colombia trabajaron en la elaboración de una propuesta técnica destinada a detallar los procedimientos para postulación a la LPCM, aprobados en la X reunión de la CPC e incluidos en la nueva versión del Reglamento aprobado por la Decisión CMC N° 21/14 (MERCOSUR, 2014). Este también fue el año en que quedó formalizada la estructura orgánica y el reglamento interno del Mercosur Cultural. En cada proceso de reconocimiento, la participación de los Estados Asociados es clave. Cuando uno o más países presentan un Dossier de Candidatura a la

²⁴ Entre los municipios fronterizos de Jaguarão (Brasil) y Río Branco (Uruguay)

²⁵ En mayo de 2013, las delegaciones aprobaron el modelo de Certificado propuesto por Brasil para otorgar a las autoridades competentes por los elementos culturales incluidos en la LPCM (CPC, 2013a). En 2015, durante la XI CPC, en Jaguarão, la Puente Barón de Mauá, las autoridades brasileñas y uruguayas fueron las primeras a recibir el Certificado, en ceremonia en que también se inauguró la señalización del puente, se lanzó el Dossier de candidatura del bien y se presentaron los primeros resultados de los estudios de gestión compartida entre los países.

LPCM, se conforma un Comité Técnico *Ad Hoc*, compuesto por especialistas de tres países, los cuales deben analizar el documento y emitir un informe técnico consensuado recomendando o no su inscripción. Como el país postulante no puede, al mismo tiempo, ser parte del Comité que lo evalúa, en su gran mayoría estos Comités están conformados por al menos dos Estados Asociados.

El Reglamento establece que:

Podrá ser reconocido como Patrimonio Cultural del MERCOSUR (PCM) cualquier bien cultural, de naturaleza material y/o inmaterial, que: **a)** manifieste valores asociados a procesos históricos vinculados a movimientos de **autodeterminación** o **expresión común** en la región ante el mundo; **b)** exprese los esfuerzos de **unidad** entre los países de la región; **c)** esté directamente relacionado con **referencias culturales compartidas** por más de un país de la región; **d)** constituya un factor de **promoción de la integración** de los países, con miras a un **destino común**. (MERCOSUR, 2014) (destaque nuestro).

A diferencia de la Lista Representativa del Patrimonio Mundial, de la Convención Unesco de 1972, que busca singularizar determinados bienes por su valor monumental excepcional, reconocido por el concepto de VUE²⁶, la LPCM se destina a reconocer elementos patrimoniales significativos para las relaciones históricas, presentes y futuras de la región en su afirmación en tanto espacio cultural común. Es notable, además, la decisión de considerar los elementos materiales e inmateriales en condición de igualdad bajo los mismos criterios de validez y significancia cultural. Vale decir, el reglamento del Mercosur ya surge alineado con los debates y perspectivas más actuales en el campo del patrimonio cultural, resultado de debates y resignificaciones en curso desde al menos la mitad del siglo XX, cuando los países latinoamericanos, liderados por Bolivia, registraron sus críticas a los criterios de monumentalidad y excepcionalidad del patrimonio a ser reconocido en el ámbito de la Convención Unesco de 1972 (MINC, 2006).

²⁶ Valor Universal Excepcional (VUE) es la base del reconocimiento internacional de bienes culturales regido por la Convención UNESCO de 1972 para la Protección del Patrimonio Mundial, Cultural y Natural. Según las directrices de la Convención, el VUE significa que un elemento natural o cultural posee características extraordinarias, cuya importancia trasciende las fronteras nacionales y las diferentes generaciones, siendo su preservación un beneficio y un compromiso del conjunto de la comunidad internacional. Para más detalles sobre los criterios de inscripción en la Lista del Patrimonio Mundial, véase <http://whc.unesco.org/en/list/>.

Ya en aquella segunda mitad del siglo XX, se mencionaba la necesidad de valorar las manifestaciones y expresiones culturales transmitidas de generación en generación, vivenciadas en el cotidiano de las comunidades, resignificadas por su profunda imbricación social. A ello denominamos patrimonio cultural inmaterial - conforme plasmado en la Convención Unesco de 2003 para la Salvaguarda del Patrimonio Cultural Inmaterial (UNESCO, 2003) - o patrimonio vivo, sinónimo utilizado en documentos de la propia UNESCO²⁷. La importancia de estos conceptos radica no solo en la valoración social de las dimensiones intangibles de la cultura, sino en su capacidad de resignificar las interpretaciones tradicionales del patrimonio dicho material: porque todo patrimonio material tiene dimensiones intangibles, no está ajeno a los significados y prácticas sociales, del mismo modo que todo patrimonio inmaterial tiene su materialidad (objetos, espacios, técnicas, etc). Así, la idea de patrimonio puede acercarse a la realidad social y la experiencia cotidiana, en que la ciudadanía no suele compartimentar su patrimonio en la dicotomía tangible/intangible (WIJESURIYA, 2015).

La adopción de esta noción ampliada del patrimonio cultural en el Mercosur se da en contexto de gobiernos progresistas y de amplia movilización social en las políticas nacional e internacional de la región, coincidentes también con el desarrollo de nuevas vertientes críticas en el campo de las Ciencias Sociales Latinoamericanas (WORTMAN; LESSA, 2020). Así, la consolidación de la categoría patrimonial mercosureña va a reflejar no solo el desarrollo teórico de la noción de patrimonio vivo, sino su correspondencia con el alzar de voces sociales históricamente marginadas - como pueblos originarios y comunidades afrodescendientes - que reclaman protagonismo y reconocimiento en el albor del siglo XXI.

Resultados de ello son el diálogo establecido con CRESPIAL²⁸, acerca del proyecto de salvaguardia llamado “Universo Cultural Guaraní” (CPC, 2010), y la propuesta paraguaya de trabajar en esta línea para una

²⁷ Ver por ejemplo: <https://whc.unesco.org/en/faq/40>

²⁸ Centro Regional para la Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial de América Latina

candidatura transnacional a la LPCM (CPC, 2012)²⁹. De igual manera, se ubica la candidatura de los “Senderos del Cimarronaje: Cumbes, Quilombos y Palenques”, que planteaba la elaboración de una cartografía de estos espacios libertarios en la región, a fin de salvaguardar las experiencias de resistencia de las comunidades de afrodescendientes, visibilizándoles como una ruta que enlaza a todas las naciones del continente más allá de las relaciones comerciales (CPC, 2013b). En 2016, Venezuela, Brasil y Ecuador (CPC, 2016) postularon esta propuesta a la LPCM. Los Dossiers de postulación de Ecuador y Brasil fueron aprobados en 2018³⁰, titulados, respectivamente, “Cimarronaje Cultural – El patrimonio Cultural Inmaterial del Pueblo Afrodescendiente en el Ecuador” y “Serra da Barriga, parte más acantilada, Quilombo dos Palmares” (CPC, 2018). La fecha de reconocimiento es destacable, por la capacidad del sector patrimonial de mantener aún activas las perspectivas críticas sobre la cultura y la representatividad del patrimonio cultural, mientras se fortalecían las fuerzas políticas conservadoras en la región.

Desde entonces la situación cambió. La propuesta más progresista presentada a la LPCM fue de Argentina, vinculando patrimonio cultural y derechos humanos. Se trata del “Museo Sitio de Memoria ESMA”, definido como testimonio y símbolo de la represión ilegal ejecutada por las dictaduras de la región, así como de la capacidad de las sociedades para sobreponerse a las memorias traumáticas y construir nuevos valores. En sus instalaciones se ubica el IPPDH, además de diversas organizaciones de derechos humanos argentinas e internacionales. El Dossier fue aprobado por la CPC, pero no recibió la homologación de la Reunión de Ministros y Autoridades de Cultura³¹, reflejo de las disyuntivas crecientes entre las perspectivas integracionistas del sector patrimonial y las disonancias políticas en las cumbres del Mercosur. Merecen destaque también las

²⁹ La iniciativa terminó siendo encabezada por Brasil, quién propuso en 2017 una postulación colectiva de lugares de referencia para las comunidades guaraní de Argentina, Paraguay y Uruguay (CPC, 2017).

³⁰ Venezuela no llega a entregar el Dossier de candidatura.

³¹ De hecho, el Acta de la XXIII Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur fue aprobada el 13 de mayo de 2021, pero aún no está publicada en la página del Mercosur. Tampoco fue divulgada el Acta n. 01/21 de la XLIX Reunión de Ministros de Cultura del Mercosur, que ocurrió el 23 de junio de 2021. Ambos documentos ya fueron aprobados por todos los países participantes y están circulando para firmas por medio digital.

recientes contribuciones de Colombia a la revisión del Reglamento de la LPCM, destinadas a dar mayor visibilidad al patrimonio inmaterial, con la inclusión del término “manifestaciones culturales” al lado de “bienes” a lo largo de todo el texto del Reglamento.

En lo que hemos analizado, esta instancia del bloque revela un trabajo continuado, de largo plazo, con resultados concretos. Sin duda hay proyectos que quedaron solo en las intenciones, como el “Inventario del Patrimonio Cultural de la Frontera” entre Brasil y Uruguay (CPC, 2015) o la “Capital del Patrimonio Cultural del Mercosur” (CPC 2019). Desde el 2018, debido a las referidas disyuntivas y la pandemia de la COVID-19, el ritmo de trabajo disminuyó. Se mantuvieron acciones en curso, como los Grupos de Trabajo de candidaturas a la LPCM³², pero sin la proposición de iniciativas nuevas. La postura común en el campo patrimonial parece ser de cautela, para evitar la pérdida de los logros obtenidos hasta el momento.

Si miramos de manera panorámica estos 25 años de Mercosur Cultural, las conclusiones son más positivas. Está vigente el proyecto de valorización y consolidación de una narrativa regional común, que tiene por base la solidaridad y la diversidad cultural, el reconocimiento de una matriz sociocultural e histórica común y la intención política de construir un futuro interdependiente. Al analizar el recorrido de la CPC, no prevalecen los excesos de retórica y las afirmaciones vacías, sino el ritmo propio de las transformaciones culturales y la cooperación internacional, que dependen de la adhesión social y de la acción coordinada de muchos actores, propios de la construcción de una comunidad regional.

5. Conclusiones

En las anteriores páginas presentamos avances en las políticas de circulación de personas y del patrimonio cultural del Mercosur como

³² Hay dos Grupos de Trabajo (GT) vigentes, escribiendo colectivamente los Dossiers de Candidatura a la LPCM, el GT “Remanentes de las Fortificaciones de la Cuenca del Plata”, formado por Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay” y el GT “Teatros del Mercosur”, compuesto por Argentina, Brasil, Colombia, Ecuador, Paraguay y Uruguay.

elementos centrales para la consolidación del bloque como un espacio cultural (CANCLINI, 2000) compartido física y simbólicamente y su avance hacia la consolidación de una comunidad regional (HETTNE; SÖDERBAUM, 2000). Debemos tener presente que muchas de estas iniciativas no partieron exclusivamente del posicionamiento político-ideológico de los gobiernos del período analizado, sino que respondieron a la incorporación en la oficialidad de los Estados de debates o propuestas preexistentes en la acción coordinada de diferentes fuerzas sociales de la región.

Entendemos que las órbitas aquí analizadas son centrales en la configuración de estructuras político-institucionales convergentes con la realidad social concreta de las poblaciones regionales, junto a otras esferas, en especial el trabajo y la educación, que buscan integrar la diversidad inherente a la región en un mismo proyecto de coherencia regional frente al resto del mundo. A pesar de que cada una de las dimensiones estudiadas constituye una agenda particular dentro de las estructuras institucionales de los Estados y del Mercosur, en la práctica están asociadas y son interdependientes y, en consecuencia, requieren de la profundización de un abordaje convergente y complementario.

El patrimonio cultural es la expresión narrativa, simbólica y material de la memoria de un pueblo (CHOAY, 2006), de la identidad que se construye, se representa y se proyecta como propia de un grupo social. Cuando el Mercosur, a través de su CPC, crea una categoría propia de patrimonio cultural, presupone la existencia de una región como ente histórico determinado; al mismo tiempo en que la construye y reconstruye, por medio de dispositivos institucionales y narrativos. Pero, ¿cómo podrían los ciudadanos y las ciudadanas del Mercosur sentir como propio el patrimonio cultural regional si ciertos elementos de la lógica nacional condicionan la posibilidad de conocerlo, vivenciarlo, disfrutarlo y difundirlo? Es en este punto donde la libre circulación de personas - interpretada como se señala en CSM; OIM (2014, p.8) como la posibilidad de entrar, transitar y salir del territorio, permanecer o establecerse en cualquier lugar del territorio - puede marcar la diferencia y contribuir al sentido de

pertenencia regional y su ejercicio concreto en cualquier localidad de la región.

Es la libre circulación de personas la que puede democratizar el acceso a las diferentes manifestaciones del patrimonio cultural regional, y a la vez, promover su difusión, toda vez que son las personas que circulan por el territorio regional las portadoras y transmisoras del patrimonio vivo. Se trata de promover la diversidad cultural de la región consolidando un espacio común para garantizar la protección y ejercicio de los derechos de todos los y las habitantes de la región desde una perspectiva intercultural.³³ Por ello destacamos la trascendencia de documentos tales como la Declaración de Santiago sobre Principios Migratorios, dado que reconoce que la dimensión cultural de la migración es un valioso aporte en la transculturización de los pueblos (MERCOSUR, 2004).

En efecto, cada sujeto que se desplaza por el territorio mercosureño no sólo cuenta con la posibilidad de tomar contacto con el patrimonio cultural material e inmaterial del bloque sino que, como portavoz de los valores culturales propios de su comunidad de origen, favorece la difusión, el conocimiento y reconocimiento mutuo y el intercambio de experiencias vitales con otros sujetos de la región. La libre circulación implica un modo diferente de habitar culturalmente el espacio regional y favorece la creación de redes transnacionales culturales en los diferentes campos - académicos, activistas, artistas, productores. De ahí que la integración de las personas, en concreto la posibilidad de que puedan circular y residir en los distintos territorios del Mercosur, constituya una necesidad simultánea al reconocimiento y valoración del patrimonio cultural común en la consolidación de una comunidad regional, “[...] caracterizada por una relación de refuerzo mutuo entre la región ‘formal’, definida por la comunidad de estados, y la región “real”, en la sociedad civil regional

³³ Sobre este punto, un precedente interesante es el programa “Iber-rutas: Fortalecimiento de rutas de derechos e interculturalidad en la migración iberoamericana”. Véase: <https://www.iberrutas.org/>

transnacionalizada también tiene un rol a desempeñar” (HETTNE; SÖDERBAUM, 2000, p. 43)³⁴.

Ante lo señalado, entendemos la importancia de promover agendas de trabajo que confluyan en acciones coordinadas entre la libre circulación de personas y el patrimonio cultural. El Estatuto de la Ciudadanía del Mercosur, por ejemplo, es una gran oportunidad para avanzar en esa dirección y minimizar la moderna dicotomía del Estado-nación, que promueve la diferenciación legitimada entre lo nacional y lo extranjero (HINDESS, 2000): mientras las políticas de circulación de personas están destinadas a los “extranjeros”, la política cultural es por excelencia, constituida para los “nacionales”. Si el objetivo es el incremento de regionalidad, se impone la necesidad de trascender esta dicotomía y fundamentar otro tipo de ciudadanía e identidad, en clave regional, para las cuales el Acuerdo de Residencia, el Plan para Facilitar la Libre Circulación de Trabajadores en el bloque y el Estatuto de Ciudadanía del Mercosur, junto con los trabajos de la CPC sientan las bases.

Hemos visto que, en los dos ámbitos, se consolidaron políticas que redefinen intereses estatales y de los ciudadanos sobre la base regional, conformando un discurso de solidaridad y unidad y la capacidad de elaborar colectivamente políticas destinadas a poner a las sociedades en contacto y relación. Queda por delante avanzar en al menos dos objetivos. El primero, la necesidad de continuar y profundizar el diálogo entre las políticas de circulación de personas y las culturales. así como la acción coordinada entre organismos gubernamentales de los Estados Partes - en sus distintas competencias vinculadas a estas materias y niveles de gobierno -, así como entre los órganos y foros de la estructura institucional del Mercosur que aborden estas temáticas, como dimensiones asociadas de una misma comunidad regional en construcción. El segundo, ampliar la difusión y el conocimiento de los avances alcanzados, así como de los

³⁴ En el original: “A regional community is characterised by a mutually reinforcing relationship between the ‘formal’ region, defined by the community of states, and the ‘real’ region, in which a transnationalised regional civil society also has a role to play”.

mecanismos y canales desarrollados, buscando ampliar el involucramiento social en el proceso de regionalización. Aún hoy los resultados obtenidos por las agendas y grupos de trabajo no son del todo conocidos por un número importante de ciudadanos y ciudadanas del bloque. Coincidimos con Cohen Orantes (1981, p. 157) cuando destaca que el conocimiento de los avances permitiría a “[l]os participantes [...] considerar su contribución desde los beneficios que se derivarán de ella, en vez de evaluar el proceso según la distancia que falte por recorrer hasta la meta final en un futuro relativamente lejano”.

A través de este artículo, esperamos haber contribuido a la meta de visibilización de los logros en Mercosur y, a la vez, logrado generar interés por una agenda de investigación y de políticas que ponga en convergencia la circulación de personas y el patrimonio cultural, como ejes necesarios para el ejercicio de la ciudadanía en el Mercosur ampliado. Sólo así los y las habitantes del bloque harán propio el proceso de integración y se fortalecerá la conciencia de que son nuestras prácticas concretas las que constituyen el sustrato primordial de la regionalidad.

6. Referencias

ARANGO, Joaquín. Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración. **Revista internacional de ciencias sociales** - Las migraciones internacionales n.165, p. 33-47, set. 2000. Disponible en: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001238/123852s.pdf>. Consultado en: 17 ago. 2021.

AYUSO, Anna. El espacio iberoamericano en el orden global. In: **Iberoamérica y el nuevo regionalismo. Segib, Flacso y Ministerio de Asuntos Exteriores y Cooperación de España**, p. 35-59 2016. Disponible en: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Costa_Rica/flacso-cr/20170706052209/pdf_1275.pdf. Consultado en: 15 ago. 2021.

BERGAMASCHINE MATA DIZ, Jamile; RIBEIRO VOLPINI SILVA, Carla. El regionalismo y la integración en el MERCOSUR. **Revista Ética e Filosofía Política** n.13, v. 2, p. 90-109, jun. 2011. DOI: [10.34019/2448-2137.2011.17771](https://doi.org/10.34019/2448-2137.2011.17771)

CABALLERO, Sergio. **El proceso de integración del MERCOSUR a través de las teorías de la integración regional**. Documento de trabajo 012. Montevideo: CEFIR, 2011. 42p. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/255997253_El_proceso_de_integr

[acion_del_Mercosur_a_traves_de_las_teorias_de_integracion_regional.](#)

Consultado en: 05 ago. 2021.

CAETANO, Gerardo (coord.). **MERCOSUR. 20 años.** Montevideo: Cefir, 196p. 2011. Disponible en: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/uruguay/07904.pdf>. Consultado en: 14 jul. 2021.

CANCLINI, Néstor G.. Políticas culturales: de las identidades nacionales al espacio latinoamericano. In: CANCLINI, Néstor; MONETA, C. (comps.) **Las industrias culturales en la integración latinoamericana.** México: Grijalbo, 2000. p. 67-94.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Ed. UNESP, 2006. 282p.

COHEN ORANTES, Isaac. El concepto de integración. **Revista Cepal.** n. 15. p. 140-160, dic. 1981. Disponible en: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/10232>. Consultado en: 27 feb. 2018.

CSM; OIM (CONFERENCIA SUDAMERICANA DE MIGRACIONES; ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DE LAS MIGRACIONES), **Estudio sobre experiencias en la implementación del Acuerdo de Residencia del MERCOSUR y Asociados**, n. 14, 16-17 oct. 2014. Lima (Peru). Documento de Referencia. Lima: CSM/OIM, 2014, p. 1-46, Disponible en: https://csmigraciones.org/sites/default/files/2021-02/6_doc_ref_-_estudio_sobre_experiencias_en_la_implementacion_del_acuerdo_de_residencia_del_mercosur_y_asociados.pdf. Consultado en: 14 sept. 2021.

DEUTSCH, Karl W. **El análisis de las relaciones internacionales.** 2ª ed. Buenos Aires: Paidós, 1974. 189p.

FRANCO, Rolando; DI FILIPPO, Armando (comps.). **Las dimensiones sociales de la integración regional en América Latina.** Santiago de Chile: Cepal, 1999. 223p. Disponible en: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/2190/S9860431_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Consultado en: 25 jun. 2022.

FERRER, Aldo. Transformaciones en América Latina. **Diario Página 12.** 27 ene. 2013. Disponible en: <https://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-212708-2013-01-27.html>. Consultado en: 05 ago. 2021.

GARRIDO CARRASCO, Jannete. El nuevo regionalismo. Características y diferencias. **Informe Integrar**, n. 47, fev. 2008. Disponible en: <https://www.iil.jursoc.unlp.edu.ar/textos/informe/integrar47.pdf>. Consultado en: 02 ago. 2021.

HETTNE, Björn. El nuevo regionalismo y el retorno a lo político. **Comercio Exterior**, v. 52, n. 11, p. 954-965, nov. 2002. Disponible en:

<http://revistas.bancomext.gob.mx/rce/magazines/5/2/hett1102.pdf>.

Consultado en: 25 jun. 2022.

HETTNE, Björn; SÖDERBAUM, Fredrik. Theorising the rise of regionness. **New political economy**, v. 5, n. 3, p. 457-472, dic. 2000. Disponible en: https://papers.ssrn.com/sol3/Delivery.cfm/SSRN_ID2398942_code2188316.pdf?abstractid=2398942&mirid=1. Consultado en: 25 jun. 2022.

HINDESS, Barry. Citizenship in the international management of populations. **American behavioral scientist**, v. 43, n. 9, p. 1486-1497, 1 jun. 2000. DOI: [10.1177/00027640021956008](https://doi.org/10.1177/00027640021956008)

IBER-RUTAS. **Fortalecimiento de rutas de derechos e interculturalidad en la migración iberoamericana**. Disponible en: <https://www.iberrutas.org/>. Consultado en: 8 abr. 2022.

LESSA, Mônica Leite. Mercosul Cultural: desafios e perspectivas de uma política cultural. **Mural Internacional**, v. 1, n. 2, pp. 50-58, nov. 2010. DOI: [10.12957/rmi.2010.5322](https://doi.org/10.12957/rmi.2010.5322)

MINC (Ministério da Cultura do Brasil), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **O Registro do Patrimônio Imaterial** (Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial). Brasília: MinC/IPHAN, dic. 2006. 139p. Disponible en: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImaDiv_ORegistroPatrimoniomaterial_1Edicao_m.pdf. Consultado en: 7 abr. 2022.

MURILLO ZAMORA, Carlos. Aproximación a los regímenes de integración regional. **Revista Electrónica de Estudios Internacionales**. n. 8, p. 1-31, 2004. Disponible en: <http://www.reei.org/index.php/revista/num8/articulos/aproximacion-regimenes-integracion-regional>. Consultado en: 25 ago.2021.

PELLEGRINO, Adela. Las migraciones entre los países del Mercosur: tendencias y características. In: NAVARRETE, Margarita; ROSA, Tania de; LOURTET, Rodolfo (Comp.) **Las migraciones humanas en el Mercosur. Una mirada desde los derechos humanos. Uruguay**: Observatorio de Políticas Públicas de Derechos Humanos en el Mercosur. p. 17-26, 2009. Disponible en: [http://www.iin.oea.org/boletines/boletin4/Publicaciones/Migraciones_en_el_Mercosur-livro_nov09\[1\].pdf](http://www.iin.oea.org/boletines/boletin4/Publicaciones/Migraciones_en_el_Mercosur-livro_nov09[1].pdf). Consultado en: 30 jul. 2021.

SÁEZ, Manuel Alcántara. Los ciclos políticos en América Latina (1978-2015). **Sistema: Revista de Ciencias Sociales**, n. 242-243, p. 5-22, 2016. DOI: [10.15446/frdcp.n13.70491](https://doi.org/10.15446/frdcp.n13.70491)

SANAHUJA, José Antonio. Regionalismo post-liberal y multilateralismo en Sudamérica: El caso de UNASUR. In: SERBIN, Andrés; MARTÍNEZ, Laneydi; RAMANZINI J., Haroldo. **El regionalismo “post-liberal” en América Latina y el Caribe: Nuevos actores, nuevos temas, nuevos desafíos. Anuario de la Integración Regional de América Latina y el Gran Caribe 2012**. Bs.

Aires: Cries, pp. 22-33, 2012. Disponible en: <http://www.cries.org/wp-content/uploads/2013/03/anuario2012.pdf>. Consultado en: 25 jul. 2021.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. **Uma história da onda progressista sul-americana** (1998-2016). São Paulo: Elefante, 2018.

TAH AYALA, Einer David. Las Relaciones Internacionales desde la perspectiva social. La visión del constructivismo para explicar la identidad nacional. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. 63, n. 233, mayo/ago. 2018. Disponible en: <https://doi.org/10.22201/fcpys.2448492xe.2018.233.62593>. Consultado en: 12 jul. 2021.

UNESCO (Oficina Regional de Educación para América Latina y el Caribe y Oficina Nacional en Chile). **Patrimonio Cultural**. Santiago: UNESCO. Disponible en: <https://es.unesco.org/fieldoffice/santiago/cultura/patrimonio>. Consultado en: 03 abril 2022.

VIEIRA MARTINS, José Renato; ALBUQUERQUE, Carolina; GOMENSORO, Federico. MERCOSUL social e participativo: a ampliação da esfera pública regional. In: CAETANO, Gerardo (Comp.), **MERCOSUR. 20 años**. Centro de Formación para la Integración Regional (Cefir), Montevideo, 2011. pp. 137-160. Disponible en: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/uruguay/07904.pdf>. Consultado en: 25 jul. 2021.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. England: Cambridge Studies in International Relations, 1999. 452p. DOI: [10.1017/CBO9780511612183](https://doi.org/10.1017/CBO9780511612183)

WIJESURIYA, Gamini. Living Heritage: A summary. In: ICCROM, **Engaging Communities in the Conservation of Nature and Culture** – PCA15. ICCROM: 5-16 oct. 2015. Disponible en: https://www.iccrom.org/wp-content/uploads/PCA_Annexe-1.pdf. Consultado en: 9 abril 2022.

WORTMAN, Ana; LESSA, Mônica Leite. Ecos do Mercosul cultural: políticas, ideias e práticas (2003-2015). **Sul Global**, v. 1, n. 2, pp. 127-152, 2020. Disponible en: <https://revistas.ufrj.br/index.php/sq/article/view/38327/pdf>. Consultado en: 05 ago. 2021.

Fuentes documentales

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la II Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Asunción (Paraguay), 26 - 28 mayo 2009. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/6207>. Consultado en: 7 feb. 2022.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la III Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Buenos

Aires (Argentina), 22 - 23 jun. 2010. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/5026>. Consultado en: 7 feb. 2022.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la V Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Montevideo (Uruguay), 26-28 oct. 2011. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/6208>. Consultado en: 7 feb. 2022.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la VI Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Córdoba (Argentina), 29-30 mayo 2012. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/6209>. Consultado en: 8 feb. 2022.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la VIII Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Montevideo (Uruguay), 29-30 mayo. 2013a. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/6210>. Consultado en: 8 feb. 2022.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la IX Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Caracas (Venezuela), 30-31 oct. 2013b. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/5927>. Consultado en: 8 feb. 2021.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la X Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Buenos Aires (Argentina), 17-18 nov. 2014. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/5827>. Consultado en: 8 feb. 2022.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la XI Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Rio Grande do Sul (Brasil), 27 - 29 mayo 2015. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/5600>. Consultado en: 8 feb. 2022.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la XIII Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Colonia del Sacramento (Uruguay), 1 - 4 mayo 2016. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/6211>. Consultado en: 8 feb. 2022.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la XVII Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Montevideo (Uruguay), 30 - 31 oct. 2018. Disponible en:

<https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/7327>. Consultado en: 9 feb. 2022.

CPC (Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur). **Acta de la XVIII Reunión de la Comisión de Patrimonio Cultural del Mercosur**. Buenos Aires (Argentina), 28 - 29 mayo 2019. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/7130>. Consultado en: 9 feb. 2022.

MERCOSUR. CMC/DEC N° 12/91. **Facilitación para los ciudadanos del Mercosur**, Brasilia (Brasil), 17 dic. 1991a. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/normativas/12>. Consultado en: 8 feb. 2022.

MERCOSUR. **Tratado para la Constitución de un Mercado Común**. Asunción (Paraguay), 26 mar. 1991b. Disponible en: <https://www.mercosur.int/documentos-y-normativa/textos-fundacionales/> Consultado en: 8 feb. 2022.

MERCOSUR. CMC/DEC N° 1/92. **Cronograma de medidas para el cumplimiento de los objetivos del Tratado de Asunción**, 1992a. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/normativas/1519>. Consultado en: 8 feb. 2022

MERCOSUR. REC. **Acta de la Reunión de los Secretarios de Cultura y Autoridades Culturales del Mercosur**, Brasilia (Brasil), 25 ago. 1992b. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/4305>. Consultado en: 27 jun. 2022.

MERCOSUR. CMC/DEC. N° 1/93. **Ajuste al Cronograma de medidas de Las Leñas**, Asunción (Paraguay), 1 jul. 1993. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/4>. Consultado en: 8 feb. 2022.

MERCOSUR. CMC\DEC. N° 9/93. **Modificación cronograma de las Leñas**, Colonia (Uruguay) 17 ene. 1994a. Disponible en: https://documentos.mercosur.int/simfiles/normativas/19860_DEC_009-1993_ES_Ajuste%20Cronograma%20Med.Las%20Le%C3%B1as.pdf. Consultado en: 8 feb. 2022.

MERCOSUR. **Comunicado conjunto de los presidentes de los países del Mercosur**. Colonia (Uruguay), 17 dic. 1994b. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/573>. Consultado en: 27 jun. 2022.

MERCOSUR. CMC/DEC N° 9/95. **Programa de acción del Mercosur hasta el 2000**. 1995a. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/normativas/1908>. Consultado en: 8 feb. 2022.

MERCOSUR. REC. **Acta de Asunción. Acta de la segunda Reunión Especializada de Cultura**, Asunción (Paraguay), 2 ago. 1995b. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/4304>. Consultado en: 9 feb. 2022.

MERCOSUR. CMC/DEC N° 11/96. **Protocolo de Integración Cultural**, Fortaleza (Brasil), 17 dic. 1996. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/normativas/2057>. Consultado en: 9 feb. 2022.

MERCOSUR. **Acuerdo Multilateral de Seguridad Social del Mercosur**, Montevideo (Uruguay), 15 dic. 1997. Disponible en: https://www.mre.gov.py/tratados/public_web/DetallesTratado.aspx?id=XdcOFlqCvDYVPBvaoxgXlq%3d%3d. Consultado en: 8 feb. 2022.

MERCOSUR. **Carta de Buenos Aires sobre compromiso social en el Mercosur, Bolivia y Chile**, Buenos Aires (Argentina), 30 jun. 2000. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/545>. Consultado en: 8 feb. 2022.

MERCOSUR. **Acuerdo sobre Residencia para Nacionales de los Estados Partes del Mercosur y Asociados**, Brasilia (Brasil), 06 dic. 2002. Disponible en: https://www.mre.gov.py/tratados/public_web/DetallesTratado.aspx?id=vS9Y Cmsb5ME0ka7tbsNj6Q%3d%3d. Consultado en: 8 feb. 2022.

MERCOSUR. **Declaración de Santiago sobre Principios Migratorios**, Santiago de Chile (Chile) 17 mayo 2004. Disponible en: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2013/9083.pdf>. Consultado en: 8 feb. 2022.

MERCOSUR. **Tratamiento de la Temática Migratoria en la RMI y Estados Asociados**, RMI 01/07, 2007. Disponible en: <https://documentos.mercosur.int/public/reuniones/doc/1710>. Consultado en: 8 feb. 2022

MERCOSUR. **Documento preliminar. Plan Regional de Facilitación de la Circulación de Trabajadores en el Mercosur**. XXXVI Reunión del Subgrupo de Trabajo n. 10, Porto Alegre (Brasil), 28 nov. 2012. Disponible en: https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreunionanexos/47969_SGT10_2012_ACTA02_ANE05_PT_PlanRegionalCirculacionTrabajadores.pdf. Consultado en: 8 feb. 2022

MERCOSUR. CMC/DEC. n. 21/14. **Patrimonio Cultural del Mercosur**, Paraná (Argentina), 16 dic. 2014. Disponible en: <https://normas.mercosur.int/public/normativas/3035>. Consultado en: 27 jun. 2022.

MERCOSUR. **Declaración Sociolaboral**, Brasilia (Brasil), 17 jul. 2015. Disponible en:

https://documentos.mercosur.int/simfiles/docreunionanexos/58000_ATTB27UU.pdf. Consultado en: 5 abril 2022

UNESCO. **Convención para la Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial**. MISC/2003/CLT/CH/14. Paris: UNESCO, p. 1-13, 17. oct. 2003. Disponible en: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_spa. Consultado en: 03 abr. 2022.



LA POLITIZACIÓN DE LO ÉTNICO: LAS CULTURAS INDÍGENAS DEL ABYA YALA COMO BASE DE LA SUPERACIÓN DEL CAPITALISMO

*A POLITIZAÇÃO DO ÉTNICO: AS CULTURAS INDÍGENAS DO ABYA YALA
COMO BASE PARA A SUPERAÇÃO DO CAPITALISMO*

*THE POLITICIZATION OF THE ETHNIC: ABYA YALA INDIGENOUS CULTURES
AS THE BASIS FOR OVERCOMING CAPITALISM*

Felix Pablo Friggeri¹ 

Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Brasil

Resumen: Retomando el concepto de politización de lo étnico propongo en este trabajo a las culturas formadas en la praxis de la lucha por la vida, principalmente a las indígenas del Abya Yala, como base de búsqueda de una propuesta propia de nuestra región de la superación del capitalismo colonial y como inspiradora de una integración contrahegemónica en América Latina y el Caribe. Para esto analizo el proceso de politización de lo étnico en su construcción y contenido desde las praxis y reflexiones de los movimientos indígenas de la región. Relaciono esto con la reflexión de Mariátegui sobre los “elementos de socialismo práctico” presentes en estos pueblos y con el concepto de exterioridad de Dussel. Analizo el carácter de “subtopía” de la propuesta del Buen Vivir como fruto de estos procesos y replanteo la problemática de la integración latinoamericana desde el concepto de Plurinacionalidad y desde una reconceptualización de la Soberanía Popular. Concluyo destacando la relevancia de la propuesta político y epistémica, como aspectos indisolublemente unidos en este proceso, para reformular tanto la praxis política como la creación de conocimiento en nuestra región.

Palabras clave: Politización de lo étnico; Movimientos Indígenas; praxis de lucha popular por la vida; Buen Vivir; Soberanía Popular.

¹ Doctor en Ciencias Sociales por la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana. Correo electrónico: fpfriggeri@hotmail.com

Resumo: Voltando ao conceito de politização do étnico, proponho neste trabalho as culturas formadas na práxis da luta pela vida, principalmente os povos indígenas do Abya Yala, como base para a busca de uma proposta própria de nossa região de superação do capitalismo colonial e como inspirador de uma integração contra-hegemônica na América Latina e no Caribe. Para isso, analiso o processo de politização do étnico em sua construção e conteúdo a partir da práxis e reflexões dos movimentos indígenas da região. Relaciono isso à reflexão de Mariátegui sobre os “elementos do socialismo prático” presentes nessas cidades e ao conceito de exterioridade de Dussel. Analiso o caráter de “subtopia” da proposta do Bem Viver como resultado desses processos e repenso o problema da integração latino-americana a partir do conceito de Plurinacionalidade e de uma reconceitualização da Soberania Popular. Concluo destacando a relevância da proposta política e epistêmica, como aspectos indissociáveis desse processo, de reformulação tanto da práxis política quanto da criação de conhecimento em nossa região.

Palabras chave: Politização do étnico; Movimentos indígenas; práxis de luta popular pela vida; Bom Viver; Soberania popular.

Abstract: Returning to the concept of the politicization of the ethnic, I propose in this work the cultures formed in the praxis of the struggle for life, mainly the indigenous peoples of Abya Yala, as a basis for the search for a proposal of our region to overcome capitalism colonial and as inspiring of a counter-hegemonic integration in Latin America and the Caribbean. For this I analyze the process of politicization of the ethnic in its construction and content from the praxis and reflections of the indigenous movements of the region. I relate this to Mariátegui's reflection on the “elements of practical socialism” present in these towns and to Dussel's concept of exteriority. I analyze the “subtopia” nature of the Good Living proposal as a result of these processes and rethink the problem of Latin American integration from the concept of Plurinationality and from a reconceptualization of Popular Sovereignty. I conclude by highlighting the relevance of the political and epistemic proposal, as aspects inextricably linked in this process, to reformulate both the political praxis and the creation of knowledge in our region.

Keywords: Politicization of the ethnic; Indigenous Movements; praxis of popular struggle for life; Good living; Popular sovereignty.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.186694](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.186694)

*Recebido em: 09/06/2021
Aprovado em: 29/06/2022
Publicado em: 03/07/2022*

1. Introducción

En este trabajo propongo, retomando el concepto de politización de lo étnico, a las culturas, a las praxis de lucha por la vida indígenas del Abya Yala como base de la búsqueda de una propuesta propia de nuestra región para la superación del capitalismo colonial -como economía y como civilización- y como inspiradoras de una integración contrahegemónica de América Latina y el Caribe.

En la fundamentación y caracterización de esta propuesta comienzo trabajando, en la segunda sección, el concepto de politización de lo étnico y el camino de su construcción desde las luchas y reflexiones de los movimientos indígenas. Resalto, luego, el aporte indígena en cuanto a la indisolubilidad del planteo político y el étnico/epistémico, lo cual desafía toda la producción de conocimiento latinoamericano-caribeño, en su capacidad creativa, en su búsqueda de originalidad y en su compromiso transformador de la realidad. Tomo, enseguida, los aportes de José Carlos Mariátegui, sobre todo en su propuesta de asumir los “elementos de socialismo práctico” del mundo indígena como “factor fundamental” para la superación del capitalismo en la región. Desde ahí propongo a la praxis popular de lucha por la vida como núcleo de la propuesta liberadora y como lugar epistémico-político de la construcción de conocimiento propio en la región. Hago un análisis, luego, del concepto de exterioridad en Enrique Dussel y de su relación con la “positiva exterioridad cultural” indígena como alternativa/otredad frente a la conformación capitalista.

En la tercera sección tomo la propuesta del Buen Vivir en cuanto horizonte y “subtopía” con capacidad de ser base en la superación del capitalismo. Analizo su potencialidad para un Diálogo de Saberes con todas las otras propuestas que, en nuestra región, se proponen esa superación en una búsqueda de articulación política y epistémica. Destaco aquí el camino del Nuevo Constitucionalismo Latinoamericano.

En la cuarta sección presento elementos que entiendo claves para una integración contrahegemónica latinoamericana-caribeña con identidad.

Trabajo allí la proyección de la Plurinacionalidad al ámbito de la Transestatalidad, entendida como pensar la Soberanía Popular -repensada desde el protagonismo popular- por encima de la Soberanía Estatal. Además, retomo a Mariátegui en cuanto a un traspaso a lo epistémico de su propuesta de “Creación heroica” como camino político del Socialismo indoamericano que no sea “calco y copia” en la búsqueda de la superación del capitalismo y la colonialidad.

El trabajo, realizado desde una base bibliográfica, concluye resaltando la potencialidad en creatividad y originalidad que tienen las praxis culturales indígenas para ser base en torno a la cual articular propuestas originales y descolonizadoras tanto a nivel político como en la construcción de conocimiento.

2. El concepto de politización de lo étnico

En principio propongo entender, desde su camino histórico en nuestra región, que este concepto

[...] expresa el proceso de los movimientos indígenas por el cual organizaron y formularon sus propuestas políticas desde sus propias cosmovisiones superando las limitaciones de propuestas anteriores que acentuaban separada y unilateralmente la dimensión política o la dimensión cultural (FRIGGERI, 2021b, p. 88).

Constituye, básicamente, una respuesta a dos tendencias de comprensión de las praxis indígenas que, acentuando unilateralmente la dimensión cultural o la dimensión política, no terminaban de configurar una expresión adecuada ni de la realidad ni de las luchas que movimientos y comunidades indígenas emprendían.

La acentuación de la dimensión política dejaba, muchas veces, de lado - y hasta a veces menospreciaba - los principios cosmovisionales, la espiritualidad, la articulación de lo comunitario y lo ecológico con lo político, el potencial revolucionario de la identidad. Terminaba imponiendo

lecturas de la realidad y principios políticos que respondían a una mirada importada y, muchas veces, elitista, aún presentándose con características revolucionarias. Esto pasó predominantemente desde una visión eurocéntrica del clasismo de algunas izquierdas y también en posturas nacionalistas que privilegiaban el enaltecimiento de un mestizaje homogeneizante. Uno de los elementos comunes a estas dos visiones fue el encubrimiento de la realidad indígena bajo la denominación de “campesinos”, unos resaltando su papel -subordinado, generalmente- en la lucha de clases y otros su incorporación a una identidad nacional imaginada y una ciudadanía formalista -aún con ciertos avances en su materialización- en el afán de consolidar los Estados-Nación de una forma que entendían como “inclusiva”.

La acentuación unilateralizada de lo étnico insistía en el valor de las diferencias culturales, lo cual, en principio constituía algo valioso en cuanto a la clarificación de las identidades de los pueblos y nacionalidades. La dificultad estaba en el hecho de ocultar o secundarizar los elementos comunes de los pueblos indígenas favoreciendo así una tendencia a la atomización política. En sus versiones más superficiales podía existir un riesgo -a veces materializado- de folklorización de sus caracterizaciones dejando de lado la conflictividad política y social que son elementos fundamentales en la interpretación de la problemática indígena (SARANGO, 2018, p. 49).

En general, me animaría a decir que el concepto de politización de lo étnico se ha utilizado mucho, pero se ha definido poco. Este es uno de los motivos que me impulsaron a escribir este trabajo. El otro motivo, más importante, es que entiendo que tiene una potencialidad para expresar lo central del proceso político de los movimientos indígenas y de su aporte a la democratización profunda de la región tanto en lo político como en lo epistémico.

Si bien, elementos de este proceso han estado presentes en todas las luchas históricas de los movimientos indígenas de América Latina y el Caribe se pueden destacar como decisivos los hechos que se fueron dando

en torno al final del siglo XX y el comienzo del XXI. El contexto de estos hechos estuvo marcado por dos acontecimientos claves. El primero tiene que ver con los eventos y espacios que se forjaron en torno a los quinientos años de la invasión europea en nuestro continente y a la reflexión y las acciones que se gestaron en torno a ese hecho tan controvertido y tan opuestamente interpretado (SIMBAÑA, 2020, p. 82-83; KOWII, 2020, p. 32-33; RODRÍGUEZ CAGUANA., 2020, p. 95; BENGOA, 2009, p. 8-9). Este hecho posibilitó una mayor atención, sobre todo en los organismos internacionales, a la visión indígena sobre este evento, lo cual fue acompañado de posibilidades de encontrarse, articularse y difundir sus visiones sobre el mismo y sobre la historia y la actualidad de los pueblos originarios en la región. El segundo tiene que ver con los procesos de organización de la contestación al neoliberalismo y a sus políticas en nuestra región (PACARI, 2020, p. 15; BECKER, 2020, p. 197). Esto se da sobre todo en el período en que la implementación del neoliberalismo -realizada inicialmente, en gran parte, por dictaduras militares- tiene como una segunda etapa afirmativa dentro de los procesos de transición democrática, los cuáles al estar signados por expectativas de respuesta a las demandas populares, evidenciaron aún más el carácter antipopular de estas políticas (GROS, 2008, p. 114). Entiendo estos dos como los factores más importantes, aunque, por supuesto, existen otros también y algunos de ellos operaron en una localización más restringida².

El proceso de politización de lo étnico se fue expresando, por un lado, en la praxis de lucha política: movilizaciones, tomas de tierras, ocupaciones de espacios gubernamentales, resistencias a proyectos empresariales extractivistas en sus territorios, diálogos con instancias estatales, articulaciones con otros movimientos y organizaciones, etc. (SIMBAÑA, 2020). Y también, la reflexión sobre este proceso se expresó en declaraciones, discursos, publicaciones. Tanto la determinación y organización de la praxis como la reflexión tienen una base asamblearia,

² Zamosc (2008, p. 23) en lo que llama "politización de la cuestión indígena", apunta las negociaciones de paz dadas en Guatemala, México y Colombia. Bengoa (2009, p. 9) también destaca, para lo que denomina "emergencia indígena", el proceso de paz guatemalteco.

considerando a la asamblea como un espacio sagrado de intercambio y de toma comprometida de decisiones (BENITES, 2014, p. 30).

Para caracterizar su contenido -sin pretensión de exhaustividad- podemos comenzar primero por destacar el proceso organizativo con direccionalidad política. Hay que destacar, primero, que este proceso organizativo “se basa en una experiencia milenaria de los pueblos originarios” (TENESACA CAGUANA, 2013, p. 9) y que implicó un ejercicio profundo de diálogo dentro y fuera de las comunidades, realizando esa reconstrucción politizada de la identidad étnica en relación a un Estado que representaba lo colonial bajo la forma neoliberal. Este camino de organización y diálogo se realizó también con los que acompañaban las luchas indígenas. La organización incluyó un importante proceso de creación y fortalecimiento de redes de comunidades, de organizaciones regionales y de organizaciones que transbordaban los Estados-Nación (BRETÓN SOLO DE ZALDIVAR; MARTÍNEZ MAURI, 2015, p. 37).

Otro elemento característico es la convicción de continuidad histórica como colectivos, como pueblos. Recordando la lucha de Mama Dolores Cacungo que afirmaba que “Si muero, muero, pero uno siquiera ha de quedar para seguir, para continuar”, sostiene Nina Pacari (2018, p. 21-22) -primera canciller indígena del continente- que “uno se podrá ir, dos se podrán ir, pero siquiera uno ha de quedar, siquiera uno continuará y lo que marca esta expresión son las raíces, la continuidad, la fortaleza como pueblos, y que el pueblo no es uno, el pueblo somos muchos”.

Otra característica fue la articulación de la movilización con los logros legales (GONZÁLEZ, 2010, p. 124-126), en una dialéctica que intenta ir ampliando los objetivos de la misma movilización. Desde la ancestralidad se impulsaron elementos “novedosos” (YASHAR, 2008, p. 430) para el ámbito jurídico dominado abrumadoramente por una conformación moderna / liberal. La expresión privilegiada de esta impronta de lo jurídico, fueron las reformas constitucionales, muy especialmente las de Ecuador y Bolivia, donde el protagonismo indígena fue evidente (SCHAVELZON, 2018). Una característica de este activismo en lo jurídico es que hay una

predominancia del camino que va de lo internacional al Estado-Nación. Evidencia de esto es la importancia que tiene el Convenio 169 de la Organización Internacional del Trabajo, en 1989 (YASHAR, 2008, p. 406), seguida unos años después por la Declaración Internacional sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas de la Asamblea General de Naciones Unidas en 2007 (BENGOA, 2009, p. 9; TENESACA CAGUANA, 2013, p. 19). Las determinaciones internacionales fueron claves para poder alcanzar logros jurídicos en los Estados-Nación.

También puede apuntarse que estuvieron presentes, en general en forma conjunta, propuestas de autonomía en relación al Estado-Nación junto a demandas de una reformulación de éste que se expresaron en los principios políticos de Plurinacionalidad e Interculturalidad. El logro de la materialización de la Plurinacionalidad implica una “refundación” del Estado y su plasmación jurídica solamente puede concretarse por la praxis de lucha popular, “desde el contrapoder”, por esto sigue constituyendo “un reto” que se entiende como una “construcción que nos dejaron como tarea nuestros ancestros, al amparo del principio de continuidad histórica” (PACARI, 2020, p. 16). Implica articular la efectivización de autonomías territoriales con la transformación de la sociedad y del Estado (CARTUCHE VACACELA, 2020, P. 42).

La expresión electoral de esta politización no se da por “partidos étnicos” sino más bien por “vehículos electorales” (VAN COTT, 2007, p. 7), instrumentos para la participación electoral que están subordinados a los movimientos. Esto porque la democracia es entendida en un sentido que supera profundamente cualquier impronta procedimentalista: “Luchamos por erradicar las impostoras ‘democracias terroristas’ e instaurar democracias con posibilidades de vida digna para las mayorías” (CHANCOSO, 2007).

El proceso tuvo una importante dedicación al diálogo y la reflexión intracomunitaria (MAMANI CONDORI, 2007, p. 302) y a la transmisión de éstos en la educación indígena. A la vez estimuló fuertemente la formación de sus jóvenes en la academia institucionalizada primero, y luego, comenzó

a luchar por forjar instituciones propias de enseñanza superior. Así fue logrando dar un monumental aporte a la consolidación de una “matriz autónoma de pensamiento propio latinoamericano” que expresa el “potencial teórico inmerso en las experiencias históricas y en las fuentes culturales de las clases sometidas, que constituyen más de la mitad de la población del continente” (ARGUMEDO, 2004, p. 18).

En la proyección política de sus praxis culturales, el Movimiento Indígena gestó un “biocentrismo ancestral” (FRIGGERI 2021a) que coincide con elementos que venían siendo trabajados por la Ecología Profunda europea, pero que cuenta con la enorme ventaja de ser una praxis milenaria, arraigada culturalmente y existente, viva, lo cual le da un enorme salto de calidad al llamado “Paradigma Biocéntrico” y, a la vez, una “ventaja epistémica” en la potencialidad de su profundización. Este importantísimo aspecto de su planteo llevó a la enorme innovación jurídica que resultó plasmada en la Constitución Ecuatoriana de 2008 en lo que se denominó “Derechos de la *Pachamama*” que incluye el derecho a su restauración. Políticamente, esto posibilitó diálogos y articulaciones con los movimientos ecologistas y, quizás principalmente, con los ecosocialistas. Es que “la defensa de la Madre Tierra siempre ha estado en el eje de las preocupaciones y demandas de los pueblos y nacionalidades” (TENESACA CAGUANA, 2013, p. 12), siempre se ha buscado transitar este *Qhapaj Ñan*, este camino que se centra en el cuidado de la vida y la biodiversidad que es también camino de la verdad (LAJO, 2007), porque el *Kawsay* indica una convivencia abarcativa de “las personas, tanto como ... de las plantas, animales, cerros o manantiales” (CHURUCHUMBI, 2014, p. 64).

Con todos estos elementos -y otros más- que caracterizan la praxis de lucha indígena en sus procesos de politización de lo étnico, los movimientos indígenas fueron expresando esta experiencia de lucha proponiendo, quizás con más claridad que nadie, que los cambios políticos tienen que realizarse junto a cambios epistémicos. Planteado más radicalmente: que no puede pensarse una revolución política sin crear juntamente una revolución epistémica. Esto lo deja bien claro Luis Macas

(2005) en un trabajo señero. Y queda expresado también cuando Evo Morales y el Movimiento al Socialismo-Instrumento para la Soberanía de los Pueblos (MAS-IPSP) en Bolivia plantean una revolución democrática y cultural. La propuesta, que se basa en una actitud descolonizadora, es replantear la política desde las mayorías que históricamente no participaron del poder, o lo hicieron mínimamente, y también “replantear el problema del pensamiento desde el subsuelo” de América Latina (KUSCH, 1978, p. 73). Desde el principio de la relacionalidad (PACARI, 2018, p. 21; AMAWTAY WASI, 2004, p. 75), predominante en los planteos que tienen su sustento en cosmovisiones ancestrales reconstruidas permanentemente, podemos decir que lo político y lo epistémico actúan en una especie de interacción dialéctica. Esa interacción es una reflexión sobre la praxis, que es reconocida como camino metodológico de los movimientos (TENESACA CAGUANA, 2013, p. 5).

Pero este doble movimiento indisoluble, debe esclarecer su sujeto y aquí entiendo importante rescatar, sobre todo, la reflexión mariáteguiana sobre el proletariado latinoamericano y la reflexión de Enrique Dussel sobre la “positiva exterioridad cultural” de nuestro pueblo.

Mariátegui (2010, p. 308) entiende que el “factor fundamental” para crear un Socialismo Indoamericano son los “elementos de socialismo práctico” que están vivos en las comunidades indígenas³. Esto le lleva a replantear la pregunta por el proletariado y a proponer el sujeto de esta “búsqueda” referenciándose en lo indígena que es “la fuente principal de la energía revolucionaria” (FLORES GALINDO, 2008, p. 262.371), y que posee el “germen del socialismo” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 70). Desde esta referencialidad fundamental concibe la alianza obrero-campesina como base de la construcción de ese proletariado propio de nuestra realidad entendido como un sujeto articulado y articulador con la característica central de que esta articulación debe darse justamente en la praxis de lucha concreta y postergar y secundarizar las “divagaciones teóricas”

³ La centralidad de esta noción de “elementos de socialismo práctico” en la obra de Mariátegui es destacada en forma eminente por Miguel Mazzeo (2009).

(MARIÁTEGUI, 2010, p. 141-142). Se puede sostener que proponía una politización de lo étnico cuando sostiene que es necesario “acentuar el carácter económico-social de las luchas de las masas indígenas o negras explotadas” superando “un sentido exclusivamente racial” y “orientándolas a sus reivindicaciones concretas y revolucionarias” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 111) y a la vez reivindica revolucionariamente la tradición incaica no como “inmóvil y acabada”, sino como “siempre en crecimiento” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 343-345) y que en este dinamismo cultural y económico está el socialismo en germen abriendo la posibilidad de “creación de una nueva cultura americana” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 69-70). Estos son elementos nucleares de su planteo de una “filosofía de la revolución” (MARIÁTEGUI, 2017, p. 29).

A su vez, Enrique Dussel (1985, p. 69) realiza el planteo de “la exterioridad” del pueblo, del pobre, del indio, sosteniendo que allí existe una “positiva exterioridad cultural” al sistema capitalista y que esta condición da la capacidad de alternatividad, de creatividad y de potencialidad revolucionaria a lo que se consideraba como un ámbito social atrasado, inmóvil, rémora para el desarrollo. La “positividad” le viene de ser “distinto del sistema” (DUSSEL, 1990, p. 18). La categoría de exterioridad es considerada por Dussel como la más importante de la Filosofía de la Liberación y, también, como “la categoría por excelencia de Marx” (DUSSEL, 1990, p. 11). Dussel resalta, especialmente, como el mundo indígena, al no ser reconocido como Otro “es reducido a nada” (DUSSEL, 1985, p. 38), esto además de justificar para los sectores poderosos el genocidio y el etnocidio, anula cualquier posibilidad de valoración y cualquier comprensión de la alternatividad positiva que ese mundo contiene. Destaca como “en la política” ese mundo de exterioridad “se retrotrae míticamente al origen” contraponiéndose así a “la estructura del sistema”, a “la totalidad dominadora” (DUSSEL, 1977, p. 36). La praxis popular de lucha por la vida, a la que podríamos traducir por “cultura”, o quizás mejor “cultura popular”, sería la que posee esa “positiva exterioridad cultural”: “La exterioridad del pobre en su realidad práctico-poética (posibilidad de nueva política y

tecnología) lo constituye en la época de crisis como el 'sujeto histórico' por excelencia" (DUSSEL, 1977, p. 79-80). Es una "praxis-servicial" (ibid, p. 27), una "praxis desde la exterioridad" (ibid, p. 80).

[...] la esencia del pueblo es la "exterioridad escatológica" que hace que vea el sistema y diga "¡Ellos!", pero no se siente identificado con dicho sistema. El pueblo en un cierto nivel está fuera del sistema, y al estar fuera del sistema está en el futuro: al estar en el futuro es ya un hombre nuevo. El hombre nuevo es el pueblo oprimido, pero no en tanto alienado, sino en tanto exterior al sistema, sabiendo que tiene otras tradiciones, otra lengua, otra cultura, pero que es considerada por la "cultura ilustrada" como incultura, como analfabetismo, como no-palabra; porque la cultura ilustrada no tiene oídos para oír, y por ello, entonces, cree que el Otro guarda silencio. [...] si es verdad que el oprimido no domina una gran cantidad de categorías económicas y políticas del sistema, tiene otras categorías que el sistema no tiene, que son "el punto de apoyo" de la liberación. Son sus tradiciones concretas por donde la historia se cumplirá; lo que debemos hacer es potenciarlas. (DUSSEL, 1977, p. 215).

Aquí hay varios elementos que lo unen a Mariátegui. Por un lado, la conexión del pueblo como exterioridad con el "hombre nuevo", una categoría que propone Mariátegui -y que retomará luego fuertemente Ernesto "el Che" Guevara. En segundo lugar, muestra que, justamente, allí donde se ubicaba lo despreciable, lo inútil, la rémora del "desarrollo", estaba justamente la respuesta superadora del capitalismo. Tercero, la exterioridad epistémica: el pueblo como exterioridad "tiene otras categorías que el sistema no tiene" las cuales vienen de "tradiciones concretas".

3. El Buen Vivir: Superación del capitalismo desde la politización de la praxis cultural

Las propuestas de Buen Vivir representan, entonces, una politización de la praxis de lucha por la vida, una politización de las culturas indígenas que se convierten así en una potente alternativa a la civilización capitalista: a su forma de validar el conocimiento, a su forma de producir lo necesario para la vida, a su forma de organizar la convivencia común. Es una praxis cultural

hecha proyecto político subversivo, revolucionario en un sentido poderosamente fecundo, en lo político y en lo epistémico. Desde su nuclearidad dada por el sentido comunitario de lo humano y por su indisoluble unidad con la naturaleza, puede abarcar los principios cosmovisionales fundamentales de los pueblos y naciones indígenas latinoamericanas e impregna fuertemente las culturas populares, sobre todo las campesinas. El planteo indígena del Buen Vivir propone una praxis cultural, como praxis de lucha por la vida, como proyecto político positivamente distinto, exterior al capitalismo, y por eso plantea su superación, desde una temporalidad que rescata revolucionariamente la tradición comunitaria, los “elementos de socialismo práctico” de los pueblos para crear heroicamente, agónicamente, un Socialismo Indoamericano. Y plantea también otras categorías para entender la realidad popularmente, otras categorías (MACAS, 2005, p. 41) que el mundo eurocéntrico de la academia -de derecha y, muchas veces, de izquierda- deberá aprender como discípulos de un Pueblo Sujeto político y epistémico de la liberación latinoamericana. Desde el lugar social atrasado, viene la alternativa y el Buen Vivir es la expresión más fuerte en nuestra región de esa realidad.

La pregunta es si esa capacidad alternativa del Buen Vivir -producida por los procesos de politización de lo étnico- tienen una potencialidad suficiente como para representar una superación del capitalismo opresor, colonial, moderno, eurocéntrico. Es difícil pensar en una inmediata suplantación cultural, económica y política del predominio capitalista por esta propuesta comunitaria y ecológica que viene de los pueblos indígenas. Es difícil, porque al ser politización de una praxis cultural es imposible pensar en un proceso idéntico en aquellos que nunca tuvieron esa praxis o que la fueron abandonando. Sin embargo, en un mundo que se golpea contra sí mismo, que se ha mostrado incapaz de vencer algo tan fundamental como es el hambre, que se muestra incapaz de superar la dinámica violenta de la dominación y la explotación, que destruye día a día la naturaleza comprometiendo la vida de todas las “especies”, el clima del

planeta, y la vida actual -y mucho más todavía- la vida de los que nos sucederán, el Buen Vivir aparece sí como un horizonte superador.

No es precisamente una utopía. Y esto es algo que le da un valor singular. No es una utopía, si entendemos la utopía etimológicamente como algo que no tiene lugar. No proviene de la idea de un intelectual, de un libro, como algo teórico o abstracto a realizar. Es algo que existe. Que existe hace miles de años, y que, aunque lastimado y muchas veces acorralado, y hasta herido, sigue vivo. Está vivo, no hay que inventarlo, en todo caso hay que pensar como fortificarlo y expandirlo, como traducirlo en la vida de otras culturas. Es algo vivo que no viene de intelectuales burgueses, viene de abajo, del subsuelo popular, Por eso, entiendo que, en lugar de utopía, habría que hablar de subtopía, aun cometiendo la “aberración” de mezclar el griego y el latín en una palabra.

La propuesta implica un avance de un proceso intercultural basado en el Diálogo de Saberes. Pero es necesario:

[...] armar, crear, construir los espacios necesarios y propicios para hacer realidad el diálogo de saberes, el diálogo con equidad epistémica, el diálogo intercivilizatorio, el *Tinkunakuy* de los diferentes para establecer lo justo, lo necesario para resolver los problemas de la vida. No para encontrar la verdad única que dice poseer el paradigma civilizatorio occidental. (SARANGO., 2018, p. 57)

En este diálogo es muy importante una actitud de “discipulado” de parte de las personas provenientes de ambientes más occidentalizados hacia los saberes provenientes de la praxis de lucha popular.

La interculturalidad es la expresión cotidiana del principio central de la refundación del Estado-Nación latinoamericano: la Plurinacionalidad. También Albó (2021, p. 154-155) desarrolla esas relaciones entre “lo pluri” y “lo inter” en su análisis del *Suma Qamaña* aymara. Así “la nueva sociedad, la sociedad intercultural sin clases, fraterna y comunitaria que se rija por el principio de la relacionalidad horizontal, será producto de la vigencia plena del Estado plurinacional” (SARANGO, 2018, p. 50).

La base de la plurinacionalidad es la interculturalidad, que no es sino el reconocimiento y conocimiento pleno del otro, de su visión, de su historia, de su conocimiento, de su filosofía, de sus normas, de sus instituciones, de sus prácticas, de sus propuestas, de su aporte,

de sus sueños. No hay Estado plurinacional, sin sociedad intercultural. (TENESACA CAGUANA, 2013, p. 20).

4. La Integración contrahegemónica con identidad

Si proyectamos la comprensión de que nuestros históricos y actuales Estados-Nación, desde una mirada fundamentada en la politización de lo étnico, son y deberían ser reconocidos como Estados Plurinacionales y eso tiene repercusiones sobre las relaciones que trascienden a los estados. También repercute sobre el conocimiento que se produce sobre estas relaciones, las tradicionalmente llamadas “relaciones internacionales” que, vistas desde la Plurinacionalidad, no serían tales (GULLO, 2017, p. 13), lo que analizamos con ese nombre podrían llamarse “relaciones transestatales” (FRIGGERI, 2019, p. 129).

En la reconstrucción de las teorías de las llamadas “relaciones internacionales” también necesitamos rever, en relación a nuestra historia regional concreta, las llamadas “teorías de la integración”. Es un hecho claro y continuo en la historia de las relaciones transestatales de nuestra región que solamente hubo procesos de integración latinoamericana en la medida en que estos hayan tenido un carácter o, por lo menos, elementos contrahegemónicos.

El aporte de la Plurinacionalidad y de la propuesta del Buen Vivir brinda también, a una integración latinoamericana entendida como contrahegemónica y popular, la posibilidad de consolidar la búsqueda de una proyección Sur-Sur. Uno de los elementos es el diálogo entre principios ancestrales que comparten sus elementos fundamentales constitutivos como sería el caso del Buen Vivir y el Ubuntu africano (ALBÓ, 2021, p. 170-171; PEREIRA DA SILVA, 2020).

Si, al analizar la realidad latinoamericana, se entiende como sujeto político y epistémico fundamental a este “proletariado” pensado desde la praxis popular de lucha por la vida, tenemos que repensar la categoría

clave de las ciencias políticas -y que repercute inmediatamente en las llamadas “relaciones internacionales”- que es la de Soberanía Popular. Si pensamos a qué se dirige primordialmente la praxis de lucha popular por la vida podríamos afirmar que apunta a tres cosas:

1) A poder comer, y mejor, a poder comer lo que le gusta, a poder comer sano, a poder comer lo que acostumbra en su propia cultura. Más todavía, a poder producir su comida o, por lo menos, a saber de dónde proviene y poder confiar en los que la producen y en cómo está producida, a todo eso podríamos llamar Soberanía Alimentaria. Esta Soberanía Alimentaria, pensada desde el Buen Vivir, replantea en forma renovada el viejo y largamente pendiente tema de la tierra (HIDALGO FLOR, 2011).

2) A poder estar sano, poder cuidar de su salud, de la salud de su familia, de la de sus comunidades. A poder tratarse y curarse, en el caso de que le toque afrontar la enfermedad, recibiendo dedicación, respeto, seguridad. A tener las condiciones para poder ejercer el cuidado sobre sus seres queridos y a poder ser cuidado concreta y eficientemente. A ser profundamente respetado y apoyado en los momentos de dolor. A poder practicar las propias prácticas ancestrales de atención a la salud. A todo eso podríamos llamar Soberanía Sanitaria. Este tema ha tomado especial relevancia con la pandemia del Covid-19

3) A poder vivir y ejercitar su propia cultura, viviendo todo lo valioso que le ha sido transmitido ancestralmente y pudiendo conducir comunitaria y autónomamente el sentido de los cambios que implica la dinámica cultural. A poder transmitir esta cultura a sus hijos y descendientes, con orgullo, a poder darles una educación de calidad para enfrentar el mundo afirmado en su propia cultura. A todo ésto podríamos llamar Soberanía de Saberes. Recordando que “al hablar de educación nos estamos refiriendo también al territorio, a la producción, a la espiritualidad, a la relación con la naturaleza, a lo cognitivo” (PACARI, 2020, p. 22). En la soberanía de saberes existe un lugar de “portador” de saberes que hace que se sostenga que “la mujer, más que el varón, es la guardiana de la cultura y la identidad indígena” (CHOQUE QUISPE; MENDIZÁBAL RODRÍGUEZ, 2010, p. 92) y su

papel es clave en la transmisión de la lengua y en la educación (RODRÍGUEZ CAGUANA, 2020, p. 93).

Si repensamos la Soberanía Popular desde la praxis de lucha popular por la vida podemos así centrarla en estas tres dimensiones: la Soberanía Alimentaria, la Soberanía Sanitaria y la Soberanía de Saberes. Esto sería el núcleo de la Soberanía Popular como concepto político fruto de la politización de lo étnico. En estas tres dimensiones nucleares de la soberanía, el papel de las mujeres en las organizaciones populares es central (CHOQUE QUISPE, 2014, p. 163). lo cual constituye una oportunidad para el crecimiento paritario (LAJO, 2007, p. 9) del papel político y epistémico de las mujeres populares.

Pero el problema es que, tanto en la praxis política como en la teorización de la misma, la Soberanía Popular ha sido sustituida por la Soberanía Estatal. Bajo el imaginario de los Estados-Nación, la mediación de esta sustitución la hizo la difusa noción de Soberanía Nacional. Lo que propongo aquí es la retomada de la centralidad de la Soberanía Popular para pensar la política y la afirmación de su preeminencia sobre la Soberanía Estatal, esto tanto al interior de nuestros países como en el ámbito transestatal. Resignificado desde la praxis de lucha popular por la vida, la centralidad y preeminencia de este concepto en la práctica política y en las relaciones entre los países, puede ayudar a procesos de democratización profunda y materializada en la justicia y la igualdad; a pensar la integración latinoamericana-caribeña sobre todo como una integración desde los pueblos, superando el estadocentrismo vigente; a dar pasos de Soberanía Compartida como fortalecimiento de la soberanía de los propios países que integran la región.

La creación heroica del Socialismo Indoamericano, entendida desde esta unidad necesaria de lo político y lo epistémico, es, entonces, también traducible a la creación de conocimiento propio latinoamericano, en cuanto crítico y superador del capitalismo, y en cuanto propuesta de una Ciencia Otra, de una Ciencia Popular, que no sea ni calco ni copia, anticapitalista y descolonizadora por la exterioridad de lo popular.

5. Consideraciones finales

América Latina y el Caribe se debe a sí misma propuestas políticas que partan de la praxis popular de la lucha por la vida y configuren respuestas alternativas y, a la vez, revolucionarias a su histórica injusticia, racismo de clase y colonialidad. Así, también, se debe la potenciación de propuestas originales de construcción del conocimiento, de un quehacer científico entrelazado indisolublemente a las praxis, sabidurías y luchas populares.

El proceso de politización de lo étnico que realizan los movimientos indígenas de la región aporta una propuesta política y epistémica que ayuda y empuja a repensar originalmente la configuración del Estado, los modelos económico-sociales, la práctica y el pensamiento ecológico, la descolonización del derecho y las bases epistémicas de la construcción del conocimiento. Más todavía, empujan a repensar nuestra vida comunitaria y personalmente.

En nuestras culturas populares existe una respuesta que no podemos seguir minimizando, ojalá la academia asume con humildad y compromiso este desafío.

6. Referencias

ALBÓ, Xavier. Suma Qamaña: vivir bien y más allá. Pistas hacia otro mundo posible/deseable. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; EXENI RODRÍGUEZ, José Luis (eds.), **Estado Plurinacional y Democracias. Alice en Bolivia**. La Paz: FES/Plural, p. 149-173, 2021.

AMAWTAY WASI (Universidad Intercultural Amawtay Wasi). **Sumak Yachaypi, allá Kawsaypipash Yachakuna**. Quito: Mariscal, 2004.

ARGUMEDO, Alcira. **Los silencios y las voces en América Latina. Notas sobre el pensamiento nacional y popular**. Buenos Aires: Ed. del Pensamiento Nacional / Colihue, 2004.

BECKER, Marc. Levantamientos. In: SIMBAÑA, Floresmilo; RODRÍGUEZ CAGUANA, Adriana (comp.), **¡Así encendimos la mecha! Treinta años del levantamiento indígena del Ecuador: una historia permanente**. Quito: Abya Yala, p. 195-219, 2020. Disponible en <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/7866/1/Simba%c3%b1a-Rodr>

[iguez-Martinez-Asi%20encendimos%20la%20mecha.pdf](#). Consultado en: 7 mayo 2022.

BENGOA, José. ¿Una segunda etapa de la Emergencia Indígena en América Latina? **Cuadernos de Antropología Social**, n. 29, p. 7-22, 2009.

BENITES, Tónico. **Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha**. Director de Tesis: João Pacheco de Oliveira. 2014. 270 p. Tesis doctoral presentada en el Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2014. Disponible en: https://minerva.ufrj.br/exlibris/aleph/u22_1/alephe/www_f_por/icon/f-tn-link.jpg. Consultado en: 7 mayo 2022.

BRETÓN SOLO DE ZALDÍVAR, Víctor; Mónica MARTÍNEZ MAURI. Identidad, autonomía y soberanía indígena en Panamá y Ecuador: una mirada comparativa desde la antropología jurídica. In: MARTÍ I PUIG, Salvador; BRETÓN SOLO DE ZALDÍVAR, Víctor; MARTÍNEZ MAURI, Mónica; WILHELMI, Marco Aparicio. **La sobirania dels pobles**. Tarragona (Italia): U. Rovira i Virgili/Lleida/Girona, p. 33-80, 2015. Disponible en: <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/7866/1/Simba%c3%bla-Rodríguez-Martinez-Asi%20encendimos%20la%20mecha.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

CARTUCHE VACACELA, Inti. De la plurinacionalidad del Estado a los gobiernos comunitarios. In: SIMBAÑA, Floresmilo; RODRÍGUEZ CAGUANA, Adriana (comp.), **¡Así encendimos la mecha! Treinta años del levantamiento indígena del Ecuador: una historia permanente**. Quito: Abya Yala, p. 25-46, 2020. Disponible en <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/7866/1/Simba%c3%bla-Rodríguez-Martinez-Asi%20encendimos%20la%20mecha.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

CHANCOSO, Blanca. **Constitución de Estados plurinacionales y sociedades interculturales. III Cumbre Continental de los Pueblos Indígenas del Abya Yala**. América Latina en Movimiento, mar. 2007. Disponible en: <https://www.movimientos.org/pt-br/node/9591>. Consultado en: 7 mayo 2022.

CHOQUE QUISPE, María Eugenia. Género desde las experiencias de investigación del PIEB. **Tinkazos**, n° 35, p. 155-164, 2014. Disponible en: <http://www.scielo.org.bo/pdf/rbcst/v17n35/v17n35a10.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

CHOQUE QUISPE, María Eugenia; MENDIZÁBAL RODRÍGUEZ, Mónica. Descolonizando el género a través de la profundización de la condición sullka y mayt'ata. **Tinkazos**, n. 28, p. 81-97, 2010. Disponible en:

<http://www.scielo.org.bo/pdf/rbcst/v13n28/v13n28a05.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

CHURUCHUMBI, Guillermo. **Usos cotidianos del término Sumak Kawsay en el territorio Kayambi**. Director de tesis: Pablo Enrique Ospina Peralta. 2014. Tesis de Maestría en Estudios Latinoamericanos. Cayambe: Universidad Andina Simón Bolívar – Ecuador, 2014. Disponible en: <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/4055/1/T1449-MELA-Churuchumbi-Usos.pdf>. Consultado en: 7 maio 2022.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía Ética Latinoamericana 6/III. De la Erótica a la Pedagógica**. México: Edicol, 1977.

DUSSEL, Enrique. **Introducción a una Filosofía de la Liberación latinoamericana**. Buenos Aires: Colección Latinoamérica, 1985.

DUSSEL, Enrique. La “exterioridad” en el pensamiento de Marx. In: AGUIRRE, José María e INSAUSTI, Xavier (ed.), **Pensamiento crítico, ética y Absoluto**. Vitória-Gasteiz: Ed. Eset, p. 11-19, 1990.

FLORES GALINDO, Alberto. Escritos 1977.1982 (tomo V). In: FLORES GALINDO, Alberto. **Obras completas**. Lima: Sur, 2008.

FRIGGERI, Félix Pablo. **Bem Viver e Direitos da Natureza**. Portal NFL, 15 mayo 2021a. Disponible en: <https://www.portalnfl.com.br/social/bem-viver-e-direitos-da-natureza>. Consultado en: 6 jun 2021.

FRIGGERI, Félix Pablo. Mariátegui: Socialismo y Buen Vivir. **Latinoamérica. Revista de estudios latinoamericanos**. n. 72, p. 81-106, 2021b. DOI: [10.22201/cialc.24486914e.2021.72.57245](https://doi.org/10.22201/cialc.24486914e.2021.72.57245)

FRIGGERI, Félix Pablo. Hacia un ñandereko latinoamericano: identidad de resistencia e integración contrahegemónica. **Relaciones Internacionales**, n. 39, p. 121-145, 2019. DOI: [10.15366/relacionesinternacionales2018.39.007](https://doi.org/10.15366/relacionesinternacionales2018.39.007)

GONZÁLEZ, Catherine. La política alternativa del Movimiento Indígena Caucaño. In: ARCHILA NEIRA, Mauricio; GONZÁLEZ, Nidia Catherine. **Movimiento Indígena Caucaño: Historia y Política**. Tunja: Universidad Santo Tomás, p. 121-198, 2010. Disponible en: <http://publicaciones.ustatunja.edu.co/ebook/indegenacaucaño/HTML/files/assets/common/downloads/Movimiento%20ind.pdf>. Consultado en: 7 maio 2022.

GROS, Christian. Nacionalizar al indio, etnizar la nación: América Latina frente al multiculturalismo. **Revista Sociedad y Economía**, núm. 9, p. 107-118, 2008. Disponible en: <https://marcalyc.redalyc.org/articulo.oa?id=99620854006>. Consultado en: 7 mayo 2022

GULLO, Marcelo. Los problemas básicos de las Relaciones Internacionales como disciplina de estudio. **Diplomatize**, Vol. 5, n. III, p. 1-39, 2017. Disponible en: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/breviariorrii/article/view/20402>. Consultado en: 7 mayo 2022.

HIDALGO FLOR, Francisco. Tierra: Soberanía Alimentaria y Buen Vivir. In: HIDALGO FLOR, Francisco; LAFORGE, Michel (eds.), **Tierra urgente**, Quito: SIPAE, p. 145-160, 2011. Disponible en: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Ecuador/sipae/20170627061308/pdf_429.pdf. Consultado en: 7 mayo 2022.

KOWII, Ariruma. **Abyabilizar América, un reto, un derecho de los pueblos originarios**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2020. Disponible en: <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/7781/1/CON-PAP-Kowii%20A-Abyabilizar.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

KUSCH, Rodolfo. **Esbozo de una Antropología Filosófica Americana**. Buenos Aires: Castañeda, 1978.

LAJO, Javier. **Qhápaq Kuna ... más allá de la civilización. Reflexiones sobre la filosofía occidental y la sabiduría indígena**. Cusco: Grano de Arena, 2007. Disponible en: <http://emanzipationhumanum.de/downloads/Capac-Cuna.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

MACAS, Luís. La necesidad política de una reconstrucción epistémica de los saberes ancestrales. In: DÁVALOS, Pablo (ed.), **Pueblos indígenas, Estado y Democracia**. Buenos Aires: CLACSO, p. 35-42, 2005. Disponible en: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/davalos/Indice4.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

MAMANI CONDORÍ, Carlos. Memoria y reconstitución. In: ZAPATA SILVA, Claudia (ed.), **Intelectuales indígenas piensan América Latina**. Quito: Abya Yala, p. 285-310, 2007. Disponible en: <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/7119/1/Zapata%2c%20C.-Intelectuales%20ind%20adgenas.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Defensa del marxismo y otros escritos**. Caracas: El perro y la rana, 2017.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Ideología y política y otros escritos**. Caracas: El perro y la rana, 2010.

MAZZEO, Miguel. **Invitación al descubrimiento. José Carlos Mariátegui y el socialismo de Nuestra América**. Buenos Aires: El Colectivo, 2009.

PACARI, Nina. Dolores Cacuango, la mujer poeta y filósofa. In: CEVALLOS, Belén (comp.), **El legado de Dolores Cacuango**. Quito: Fundación Rosa

Luxemburg, p. 19-22, 2018. Disponible en: <https://www.rosalux.org.ec/pdfs/D-Cacuango.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

PACARI, Nina. Reflexiones sobre el proyecto político de la CONAIE: logros y vigencia. In: SIMBAÑA, Floresmilo; RODRÍGUEZ CAGUANA, Adriana (comp.), **¡Así encendimos la mecha! Treinta años del levantamiento indígena del Ecuador: una historia permanente**. Quito: Abya Yala, p. 13-24, 2020. Disponible en: <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/7866/1/Simba%c3%bla-Rodriguez-Martinez-Asi%20encendimos%20la%20mecha.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

PEREIRA DA SILVA, Fabricio. Comparando conceitos da periferia global: por uma tipologia dos sentidos de ubuntu e de bem viver. **Revista Izquierdas**, n. 49, p. 3524-3544, 2020. Disponible en: http://www.izquierdas.cl/images/pdf/2020/n49/art167_3524_3544.pdf. Consultado en: 7 mayo 2022.

RODRÍGUEZ CAGUANA, Adriana. El Movimiento Indígena en la Educación Intercultural Bilingüe: Treinta años de historia y reivindicación. In: SIMBAÑA, Floresmilo; RODRÍGUEZ CAGUANA, Adriana (comp.), **¡Así encendimos la mecha! Treinta años del levantamiento indígena del Ecuador: una historia permanente**. Quito: Abya Yala, p. 91-102. 2020. Disponible en: <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/7866/1/Simba%c3%bla-Rodriguez-Martinez-Asi%20encendimos%20la%20mecha.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

SARANGO, Luis Fernando. Interculturalidad y acceso a la Universidad. **Cuadernos Americanos**, n. 163, p. 45-58, 2018. Disponible en: <http://www.cialc.unam.mx/cuadamer/textos/ca163-45.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

SCHAVELZON, Salvador. **¿Puede un silencio ser constituyente? Una lectura sobre el constitucionalismo indígena-comunitario de Bolivia**. in: Boaventura de Sousa Santos. (Org.). Estado Plurinacional y democracias ALICE en Bolivia. 106ed. La Paz: Plural, 2018, v. 1, p. 25-61. Disponible en: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/bolivien/17741.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

SIMBAÑA, Floresmilo. Memorias del primer levantamiento indígena de 1990. In: SIMBAÑA, Floresmilo; RODRÍGUEZ CAGUANA, Adriana (comp.), **¡Así encendimos la mecha! Treinta años del levantamiento indígena del Ecuador: una historia permanente**. Quito: Kitu Kara / Abya Yala / UASB. p. 77-90, 2020. Disponible en: <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/7866/1/Simba%c3%bla-Rodriguez-Martinez-Asi%20encendimos%20la%20mecha.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

TENESACA CAGUANA, José Delfín. **Proceso organizativo de la Ecuarunari: un análisis desde las Asambleas Plurinacionales 2009-2011**. Director de tesis: Pablo Ortiz T. 2013. 127 p. Tesis de Licenciatura en Gestión para el Desarrollo Local Sustentable. Universidad Politécnica Salesiana, Quito: 2013. Disponible en: <https://dspace.ups.edu.ec/bitstream/123456789/4678/1/UPS-QT03645.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.

VAN COTT, Donna Lee. **From Movements to Parties in Latin America. The Evolution of Ethnic Politics**. Nueva York: Cambridge University Press, 2007.

YASHAR, Deborah J. Política indígena en los países andinos: patrones cambiantes de reconocimiento, reforma y representación. In: MAINWARING, Scott; BEJARANO, Ana María; PIZARRO LEONGÓMEZ, Eduardo (eds.) **La crisis de la representación democrática en los países andinos**. p. 387-437, 2008. Disponible en: http://www.cieplan.org/wp-content/uploads/2019/12/Reforma-partidos-politicos_Capitulo_4_P4.pdf. Consultado en: 7 mayo 2022.

ZAMOSC, León. **Ciudadanía indígena y cohesión social en América Latina**. San Pablo / Santiago de Chile: iFHC / CIEPLAN, 2008. Disponible en: <https://red.pucp.edu.pe/ridei/wp-content/uploads/biblioteca/ciudadaniaindigenaycohesionsocialenamericalatinaleonzamosc.pdf>. Consultado en: 7 mayo 2022.



RIQUEZA E DESAFIOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA: O PROGRAMA CULTURA VIVA E OS DIÁLOGOS COM A AMÉRICA LATINA

*RIQUEZA Y RETOS DE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA: PROGRAMA
CULTURA VIVA Y DIÁLOGOS CON AMÉRICA LATINA*

*WEALTH AND CHALLENGES OF CULTURE PUBLIC POLICY- THE CULTURA
VIVA PROGRAM AND DIALOGUES WITH LATIN AMERICA*

Lia Calabre¹ 

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Resumo: O presente artigo pretende revisitar alguns dos elementos referentes aos dez primeiros anos do Cultura Viva (2004-2014) dentro do conjunto das políticas públicas de cultura brasileiras, assim como analisar parte dos processos de diálogo, “contaminação” e interação das ideias do Programa com outras políticas públicas de cultura da América Latina. Essa, certamente, pode ser apontada como uma das mais importantes experiências de diálogo e ação cultural que marca o início do século XXI nesse lado do hemisfério sul do planeta. O Programa nasce em 2004 com a ideia básica de fomentar por um determinado período iniciativas culturais já realizadas nas diversas comunidades, nas áreas periféricas ou, ainda, voltadas para o atendimento a grupos em situação de vulnerabilidade social. Em 2014, quando o Programa Cultura Viva completou dez anos, havia “transbordado” para além das fronteiras do país. Esta análise se dá a partir de uma série de relatórios e documentos disponíveis, que permitem a recomposição da trajetória trilhada nacional e internacionalmente.

Palavras-chave: Programa Cultura Viva; Pontos de Cultura; Cultura Viva Comunitária; Políticas Públicas de Cultura; América Latina.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo revisar algunos de los elementos relacionados con los primeros 10 años del Programa Cultura Viva (2004-2014) dentro del conjunto de políticas públicas culturales brasileñas, así como analizar parte de los procesos de diálogo, ‘contaminación’ y

¹ Doutora em história. Pesquisadora e professora do PPG Memória e Acervos – FCRB; professora do PPG Cultura e Territorialidades – UFF e do MBA de Gestão e Produção Cultural da UCAM. E-mail: liacalabre@gmail.com

interacción de las ideas del Programa con otras políticas pública de cultura en América Latina. Esta experiencia ciertamente puede señalarse como una de las más importantes de diálogo y acción cultural que marca el comienzo del siglo 21 en este lado del hemisferio sur del planeta. El Programa nace en 2004 bajo la idea básica de promover iniciativas culturales ya existentes en las diversas comunidades, en las zonas periféricas, o inclusive por colectivos en situación de vulnerabilidad social. En 2014, cuando el Programa Cultura Viva cumplió 10 años, ya se había “desbordado” más allá de las fronteras del país. Este análisis se basa en una serie de informes y documentos disponibles que permiten recomponer su trayectoria nacional e internacional.

Palabras clave: Programa Cultura Viva; Puntos de Cultura; Cultura Viva Comunitária; Políticas Públicas de Cultura; América Latina.

Abstract: This article aims to revisit some of the elements related to the first ten years of Cultura Viva (2004-2014) within the set of public policies for Brazilian culture, as well as analyze part of the process of dialogue and interaction of the Program`s ideas within other public policies of culture in Latin America. This, certainly, can be pointed out as one of the most important experiences of cultural action that marks the beginning of the 21st century in Latin America. The Program was created in 2004 with the basic idea of promoting a cultural initiative that has already carried out in different communities, in the peripheral areas, or aimed to assist groups in situations of social vulnerability for a certain period. In 2014, when the Cultura Viva Program celebrated its 10th anniversary, it had overflowed beyond the country`s borders. The analysis takes place from a series of documents available, which allow the reconstruction of the trajectory trodden nationally and internationally.

Keyword: Cultura Viva Program; Points of Culture; Community Living Culture; Culture Public Policies; Latin America

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.185303](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.185303)

Recebido em: 02/05/2021

Aprovado em: 29/06/2022

Publicado em: 03/07/2022

1. Introdução

Os olhares e as abordagens sobre o Programa Cultura Viva e, mais especificamente, sobre os pontos de cultura desenvolvidos no Brasil podem ser tão diversos quanto foram as ações desenvolvidas no âmbito do mesmo. Em sua natureza dinâmica, o Programa extrapolou as fronteiras do

país, dinamizando e ampliando uma série de diálogos, já existentes, entre os grupos culturais e artísticos da América Latina. O presente artigo pretende revisitar alguns dos elementos referentes aos dez primeiros anos do Cultura Viva (2004-2014) dentro do conjunto das políticas públicas de cultura brasileiras, assim como analisar parte dos processos de diálogo, “contaminação” e interação das ideias do Programa com outras políticas públicas de cultura da América Latina. Essa, certamente, pode ser apontada como uma das mais importantes experiências de diálogo e ação cultural que marca o início do século XXI nesse lado do hemisfério sul do planeta. Um conjunto significativo de estudos, pesquisas e artigos, originários de diversos países da América Latina, apontam o programa brasileiro como o indutor de um movimento de criação de políticas culturais de base comunitária, que envolveu tantos os grupos de cultura comunitária já existentes, quanto muitos dos governos da região. Para tanto, foram utilizados os documentos que deram origem e regularam o Programa;² depoimentos e declarações presentes nos anais dos diversos encontros e seminários nacionais e internacionais ocorridos,³ em especial, na Colômbia e na Bolívia; pesquisas de avaliação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA; e, alguns estudos já realizados sobre o Cultura Viva Comunitária em suas diversas versões e nacionalidades (BLANDÓN CARDONA, 2012; SANTINI, 2017; WORTMAN, 2017; SÁNCHEZ SALINAS; FERNÁNDEZ, 2021; FUENTES FIRMANI, 2018, CASTRILLÓN ROLDÁN, 2012). O início do governo do Presidente Luiz Inácio *Lula* da Silva, em 2003, é um marco na história da construção de políticas culturais democráticas no Brasil. O país vinha de um período de ditadura civil-militar (1964-1985), imediatamente seguido por mais de uma década de governos de tendência neoliberal, resultando no desmantelamento de projetos e de

² Os documentos que originaram o Programa são: Portaria de Criação do Programa Cultura Viva (nº156), Ministério da Cultura: Brasília, julho de 2004; Edital de divulgação nº1, Ministério da Cultura: Brasília, 16 de julho de 2004; Catálogo Cultura Viva. Ministério da Cultura: Brasília, 2005; e , Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania. Catálogo integrante do Projeto Memória Viva da Secretaria da Cidadania Cultural. Ministério da Cultura. Brasília, 2010.

³ *I Seminário do Programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura*. Rio de Janeiro: 2009. Fundação Casa de Rui Barbosa; ECO/UFRJ e SCC-Minc; *II Congresso de Cultura Ibero-Americana*. São Paulo. Ministério da Cultura; Sesc São Paulo, 2009; *1º Congresso Latinoamericano Cultura Viva Comunitária*. Bolívia. La Paz. 2013; e *Foro Nacional Cultura Comunitária*. Colômbia. Medellín, 2012.

instituições públicas, muitos deles, inclusive, criados nos períodos de exceção democrática.

Trajetória histórica muito semelhante foi vivenciada por alguns dos países vizinhos. A última década do século XX, foi um momento no qual a ação do Estado foi reduzida como um todo e a área da cultura duramente afetada, submetida – e mesmo relegada - às leis de incentivo regidas por lógicas mais afeitas ao mercado. Em 2003, com o início da gestão do Ministro Gilberto Gil, o país vivenciou a implementação de um projeto de construção de uma política cultural em bases democráticas e participativas, que contribuiria para colocá-lo em uma situação de destaque nos campos da democratização e da cidadania cultural. A noção de “cidadania cultural” adotada na gestão do Ministro e pelo Programa, com a qual o presente artigo dialoga, tem por base algumas das reflexões produzidas pela filósofa Marilena Chauí. A filósofa afirma que uma gestão baseada nos princípios da cidadania toma a cultura como direito dos cidadãos, mas sem os confundir com as figuras do consumidor e do contribuinte, se recusando a “divisão populista entre cultura de elite e cultura popular”, e, mais do que isso, “ênfatisando outra diferença, aquela entre a produção cultural conservadora, repetitiva e conformista [...] e o trabalho inovador, experimental, crítico e transformador”. (CHAUÍ, 2006, p. 68)

Nos anos 2000, o país passa a experimentar um movimento de incorporação efetiva da noção do direito à cultura pela gestão pública – como estava garantido na Constituição Federal desde 1988, e replicado em algumas constituições estaduais e em muitas das leis orgânicas municipais.⁴ Para tanto, desde 2003, foram sendo construídas ferramentas e instrumentos visando à efetivação de tal direito, entre os quais se pode destacar: o Sistema Nacional de Cultura (2012) e o Plano Nacional de Cultura (2010-2020).

⁴ Por exemplo: Constituição Estadual da Bahia, Art. 269; Constituição Estadual do Rio Grande do Sul, Art. 220; Lei Orgânica de Manaus, Art. 331; Lei Orgânica de São Paulo, art. 191; entre outros.

O Ministério da Cultura (MinC)⁵, logo em 2003, passou por uma forte reformulação em sua estrutura organizacional, tendo sido criadas secretarias destinadas a: diversidade e identidade cultural; articulação institucional; políticas culturais, financiamento à cultura; e programas e projetos culturais (logo transformada em Secretaria de Cidadania Cultural e, algum tempo depois em Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural). Esta última foi a responsável pelo lançamento do Programa Arte, Educação e Cidadania – Cultura Viva que obteve um grande destaque entre as ações do Ministério, em especial, por atender a uma parcela da população que, em sua grande maioria, nunca havia acessado recursos públicos.

Em 06/07/2004, foi estabelecida a Portaria Ministerial nº 156, que criou o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – CULTURA VIVA, com o objetivo de: “promover o acesso aos meios de fruição, produção e difusão cultural, assim como de potencializar energias sociais e culturais, visando à construção de novos valores de cooperação e solidariedade”. O Programa era destinado prioritariamente: à população de baixa renda; a estudantes da rede básica de ensino; a comunidades indígenas, rurais; a agentes culturais, artistas, professores e militantes que desenvolvem ações no combate à exclusão social e cultural, aos quais foram acrescentados, através da Portaria nº 82, de 2005, quilombolas, gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais. A forma de acesso aos recursos do Programa se daria através de: “editais de divulgação que convidem organizações privadas sem fins lucrativos e instituições públicas, legalmente constituídas que desenvolvam ações culturais e sociais, a apresentar propostas de participação e parceria nas diferentes ações do mesmo”. (MinC, Portaria nº 156) A Portaria é simples e sintética. A aplicação e os desdobramentos do Programa Cultura Viva, rapidamente, ganharam dimensões efetivamente nacionais.

⁵ O Ministério da Cultura do Brasil foi criado em 1985. Em 1990 foi transformado em Secretaria Especial de governo sendo recriado em 1982. Vivenciou um período de expansão das atividades e de abrangência das políticas implementadas. Com o golpe contra a Presidente Dilma Rousseff, em 2016, tomou posse Michel Temer que extinguiu o Minc, mas, devido às pressões da área artística e cultural, o recriou alguns dias depois. Com o início do governo Bolsonaro (2019-2022), o Ministério da Cultura foi imediatamente extinto, transformado em Secretaria Especial da Cultura. Inicialmente passou a integrar o Ministério da Cidadania e, em novembro de 2019, passou para a pasta do Turismo.

A ideia básica do Programa era a de fomentar por um determinado período iniciativas culturais já realizadas nas diversas comunidades, nas áreas periféricas ou, ainda, voltadas para o atendimento a grupos em situação de vulnerabilidade social. As instituições eram reconhecidas como “pontos de cultura” e, a partir de um edital, acessariam recursos públicos por um período de três anos. O Programa gerou um processo de reconhecimento de uma imensidão de atividades, saberes e fazeres, de certa forma, antes invisíveis para o governo. Porém o Cultura Viva também acumulou um conjunto de problemas gerados pela própria estrutura rígida da prestação de contas na utilização de recursos públicos e pela dificuldade de que, findo o prazo do convênio, o fluxo de recursos financeiros fosse mantido ou renovado.

Em 2014 o Programa Cultura Viva completou 10 anos e havia “transbordado” para além das fronteiras do país. Aquele era um momento no qual o continente vivenciava a presença de inúmeros governos de tendência à esquerda, mais progressistas e com visadas que buscavam minorar a situação de imensa desigualdade social existente na América Latina. Um momento de um olhar mais cuidadoso por parte dos que estavam no governo para a diversidade cultural da região e de ações de reconhecimento dos diversos saberes e fazeres culturais.

É importante ressaltar que o texto final da Convenção Sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da Unesco, de 2005, foi aprovada por todos os países da América Latina⁶. Ela representou um largo avanço na direção da consolidação dos direitos culturais e no compromisso dos países com o reconhecimento e o respeito à diversidade cultural – expressão potente nos movimentos ligados ao Cultura Viva no conjunto do continente. Segundo o estudioso de direitos humanos Meyer-Bisch:

A diversidade cultural não é um fim em si mesma, no entanto é um recurso a ser preservado. O exercício dos direitos e das liberdades e

⁶ Segundo o Observatório de Diversidade Cultural, em artigo de 2015 por ocasião dos 10 anos da Convenção, os únicos países que não ratificaram a assinatura da Convenção da Diversidade Cultural foram o Suriname, a Ilha de São Cristóvão e Nevis. Ver mais em: <https://observatoriodadiversidade.org.br/noticias/10o-aniversario-da-convencao-unesco-2005-sobre-diversidade-cultural-reflexoes-em-transicao-na-argentina/>. Acesso em: 20 jun. 2022

responsabilidade culturais constitui o fim e também o meio dessa preservação e desse desenvolvimento, pois significa que cada um pode participar dessa diversidade, dela extraindo recursos e contribuindo para seu enriquecimento. A proteção mútua da diversidade e dos direitos culturais, por e para os direitos culturais forma um novo paradigma político que permite reatar os recursos dispersos e, por isso, ele exerce um efeito desencadeador da paz e do desenvolvimento por meio da instauração progressiva de sociedades aprendedoras (sic). (MEYER-BISCH, 2011, p. 31).

2. O Programa Cultura Viva: trajetória e percalços

O Programa Cultura Viva tem a ação Ponto de Cultura como prioritária e central, mas é composto por um conjunto de ações. Originalmente o Programa foi construído contando com a ação Agentes Cultura Viva, o projeto Escola Viva e o programa Cultura Digital. A esses, se somaram a Ação Griot, os Pontões de Cultura, os Pontos de Memória e os Pontinhos de Cultura.

Ponto de Cultura era a denominação atribuída a organização e/ou instituição selecionada através de edital público e que assinava um convênio para o recebimento dos recursos⁷ – essa era a denominação e definição mais formal e burocrática, pois todos os que concorrem ao edital são, em sua essência, pontos de cultura, só não haviam recebido essa chancela do MinC⁸. No sentido mais filosófico do programa, o Ponto de Cultura é conceituado como “uma pequena marca, um sinal, um ponto sem gradação hierárquica, um ponto de apoio, uma alavanca para um novo processo social e cultural” (MINC, s.d., p. 20) e o documento complementa qual seria o papel do mesmo: “como um mediador na relação entre Estado e sociedade, e dentro da rede, o Ponto de Cultura agrega agentes culturais que articulam e impulsionam um conjunto de ações em suas comunidades, destas entre si” (p. 20).

O Ponto de Cultura não tem um modelo único, ou um conceito pré-determinado – a ser aplicado ou cumprido – seja no que tange às ações

⁷ Denominação que passou a ser utilizada também pelos programas de Cultura Viva Comunitária que se espalharam pelo Continente.

⁸ A Lei Cultura Viva (da qual falaremos mais à frente) vai permitir a autodeclaração dos pontos de cultura e o MinC, antes da sua extinção no governo Bolsonaro, havia começado a implementar um processo de reconhecimento desses pontos autodeclarados.

realizadas, seja na estrutura física, permitindo uma grande flexibilidade nos processos de seleção das instituições que vieram a ser contempladas pelo Programa. O critério de seleção está baseado na ação cultural já realizada por aquele que se candidata a ser um Ponto de Cultura conveniado com o governo e que vai integrar uma rede de criadores e gestores de cultura. Um elemento fundamental na base do Programa foi o da criação de redes entre os Pontos de Cultura – que de certa forma contribuiu e incentivou o diálogo com instituições da mesma natureza de outras regiões da América Latina. A Portaria Ministerial de criação do Programa previa, dentro do valor do repasse de recursos ao conveniado, a entrega de um *kit* de cultura digital – que é a segunda ação prioritária do programa, devendo o equipamento estar presente em todos os pontos. A ação da cultura digital enfrentou muita resistência de uma parte dos conveniados, dada a natureza do trabalho que desenvolviam. Segundo a avaliação realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), dos 100 Pontos de Cultura entrevistados em 2007 e em 2008, somente 61 aderiram à ação cultural digital. (SILVA; ARAÚJO, 2010. p.67). Porém, ao longo do tempo se mostrou indispensável para o processo de construção das redes, tanto para a atuação em nível federal, quanto para o transbordamento das fronteiras e limites geográficos vividos pelos Pontos de Cultura.

O Programa foi inovador no foco da ação e na abrangência, tornando-se uma espécie de laboratório de novas experiências de possibilidades de políticas públicas no campo da cultura, potencializando práticas culturais locais, criando possibilidades de ampliação das atividades, dos diálogos e intercâmbios tanto entre governo e sociedade civil quanto entre os próprios grupos da sociedade, estabelecendo, inclusive, relações com outras áreas de políticas públicas. A expressão ampliação, aqui utilizada, diz respeito tanto à intensidade da realização das ações culturais, quanto à participação do número de pessoas envolvidas nas atividades, chegando à questão da circulação dos produtos. É importante assinalar que a expressão produto aqui empregada respeita ao resultado de um trabalho ou atividade ao qual se pode, ou não, atribuir valor de mercado, um valor

monetário. O Cultura Viva, em geral, gerou o crescimento e o desdobramento das atividades das instituições conveniadas.

Dentro do conjunto dos Pontos de Cultura podem ser encontradas ações que envolvem as mais diversas linguagens artísticas – música, teatro, artes plásticas, dança, etc. – e os mais diferentes saberes e fazeres, trabalhados a partir de visões e lógicas operativas que vão desde as formas mais seculares dos fazeres culturais até às mais contemporâneas. O Maracatu e o coco convivem com o *hip hop* e o *street dance*; a banda de pífanos com a discotecagem; a xilogravura com o *e-text*⁹; as gravuras com os filmes feitos no celular; as aldeias com os centros urbanos; todos – ainda que com maior ou menor intensidade – participando tanto de redes virtuais quanto dos encontros presenciais, nas mais diversas regiões do país (e mesmo fora dele).

O Programa surgiu como uma excelente oportunidade de ampliação do campo de ação e de visibilidade de diversas dessas atividades culturais, além de gerar a possibilidades de novos diálogos e trocas de experiências em âmbito nacional e internacional. É um Programa de sucesso que revelou uma série de Brasis¹⁰ que não nunca estiveram “nas telas da tv” (ainda hoje o principal lugar através do qual parte significativa da população brasileira se conhece e se reconhece).

Um dos grandes desafios que se apresentava aos gestores públicos de cultura era o de como trabalhar com essa força criativa, que foi, até então, mantida fora do campo das políticas públicas¹¹. Em sua dissertação de mestrado, Deborah Lima (2013) nos alerta para o fato de que os documentos oficiais, produzidos pelo Estado, são insuficientes para se obter conhecimento mais aprofundado sobre as lógicas que regem o Programa Cultura Viva e que a “construção do ideário dessa política é baseada em diversos discursos: poéticos, políticos, acadêmicos e

⁹ Há disponível hoje na internet além dos antigos cordéis impressos - que vêm sendo digitalizados -, produções de cordel já realizadas no meio digital. Ver: BRANT (2013).

¹⁰ Uma alusão a um outro programa do Ministério da Cultura, no governo do Presidente Lula, chamado Revelando os Brasis. Uma iniciativa na área da produção audiovisual para municípios com menos de 20 mil habitantes.

¹¹ No tocante às manifestações tradicionais da cultura popular, muitos governantes mantiveram algumas práticas clientelistas de apoio às mesmas, inclusive fornecendo infraestrutura para as festas em troca de apoio político e eleitoral em meio a uma ausência de elaboração de políticas públicas de cultura efetivas para a área.

societários”. (LIMA, 2013, p. 72). O Programa traz em sua essência os conceitos de autonomia e empoderamento. Foi construído de maneira a permitir o livre gerenciamento das atividades pelos proponentes da sociedade civil¹². Vários autores e analistas (SILVA; ARAÚJO, 2010; IPEA, 2011; LIMA, 2013).chamam a atenção para um dos efeitos mais destacados do programa e que tem aspectos tanto positivos, quanto negativos: o do encantamento causado pelos discursos que envolvem e definem o Programa.

Os gestores do Ministério, com destaque especial para o Secretário Célio Turino, foram ousados e habilidosos no processo de construção das normativas do Programa pois havia uma série de riscos e desafios burocráticos a enfrentar. Fizeram isso envolvendo o processo em uma narrativa de potência, de reconhecimento da cidadania cultural, valorizando a diversidade, contribuindo para um processo de “proteção mútua da diversidade e do direito cultural, por e para o direito”, como afirmou Meyer-Bisch (2011).

Voltando para a operacionalização das atividades, nos editais do Programa está previsto como pré-requisito para a inscrição o desenvolvimento já efetivo de atividades culturais pelo candidato, sem pré-definir ou limitar as modalidades das mesmas. A forma da utilização dos recursos está diretamente vinculada à proposta de atividades apresentada no projeto.

Os maiores problemas para os gestores dos pontos de cultura surgem no final do convênio, ou nos momentos de prestação de contas, muitas vezes com a não aprovação destas, pois a ferramenta de conveniamento é pouco flexível a alterações na alocação de recursos após o início do projeto

Como nos conta Célio Turino¹³, havia “de um lado, uma parte do governo tentando abrir brechas de diálogo e parceria com as forças vivas

¹² Apesar de descontinuado pelo governo Federal, em alguns estados e municípios o programa ainda está em funcionamento, muito em função dos recursos que foram repassados para estados e municípios e ficaram por motivos diversos retidos e que estão sendo utilizados. Agora em 2020, o município de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, realizou um edital e conveniou novos Pontos

¹³ Célio Turino foi o idealizador do Programa Cultura Viva ao assumir a Secretaria de Programa e Projetos. Havia uma interação muito grande na equipe do Ministro Gil e um desejo de dar efetividade a imagem do Ministério aplicando seções de *Do-In* antropológico no conjunto do país visando a tratar das enfermidades históricas existentes.

da sociedade; de outro, parte do mesmo governo arraigada a velhos hábitos e preconceitos”. (TURINO, 2010, p. 161). O gestor alerta, ainda, para o fato de que o processo de tensão gerado pela elaboração de um programa que foge às regras da organização do Estado, a lógica daqueles que primeiro se apropriaram da máquina pública, terminou gerando tensões, que não foram resolvidas e que poderiam vir (como foi o caso)¹⁴ a comprometer a continuidade do Cultura Viva e de qualquer outro programa inovador.

Um outro elemento importante a ser levado em consideração no processo de elaboração de políticas e programas públicos não convencionais, ainda segundo Célio Turino (2010), é o fato de que “do mesmo modo que o Estado revela-se permeável (mas com muita resistência) aos movimentos sociais, a sociedade também enfrenta contradições, ela não é homogênea” (p. 161). Fazendo uma rápida digressão, assistimos no Brasil, e em vários países da América Latina, um movimento dos grupos sociais conservadores, de direita (e mesmo de centro), a partir de 2015, de busca pela retomada do controle completo do Estado. Tendo como consequência o desmantelamento de várias das políticas inovadoras e compensatórias – tanto daquelas construídas nos anos 2000, quanto algumas oriundas de históricas lutas e conquistas sociais do século anterior. As resistências a serem quebradas na implantação de programas inovadores voltados a parcelas da população secularmente subalternizadas, que nunca receberam recursos diretos, e com autonomia do Estado são inúmeras.

3. Transbordamento e resistência

Potencializar, valorizar, reconhecer publicamente a importância de uma dada atividade ou laboração são ações determinantes para a efetivação de mais um dos princípios básicos do Programa que é o do

¹⁴ O aprofundamento das discussões sobre a crise da gestão do Programa Cultura Viva não é objeto do presente artigo. Para mais informações ver autores como: Alexandre Barbalho e Jocastra Bezerra (2015); Albino Rubim (2021) e Célio Turino (2013).

empoderamento. Dentro de uma sociedade desigual, capitalista, na qual, cada vez mais, nos tornamos cidadãos a partir da nossa capacidade de consumo, como sugeriu Nestor Garcia Canclini (1992) há mais de duas décadas, ações que reconheçam o valor das atividades culturais ditas periféricas são fundamentais. Parte significativa das sociedades latino-americanas ainda está muito marcada, no plano das mentalidades, por uma herança colonial de dominação, na qual o externo, o “civilizado”, o desenvolvido, o outro, é melhor do que o nosso. A relação de centro / periferia se reproduz tanto nos micros quanto nos macroambientes ou regiões e, no caso das atividades culturais, o papel cumprido pelos meios de comunicação de cancelar o que deve ser valorizado e consumido tem um peso muito significativo. Existe um Brasil real e um outro que é fruto do discurso midiático que interfere nos processos de reconhecimento e valorização cultural.

O processo de reconhecimento do valor de uma atividade pelo Ministério da Cultura do Brasil, através da assinatura de um convênio ou da concessão de um prêmio, termina agregando um significativo simbólico que valoriza esse fazer. Os objetivos do Cultura Viva, sempre pretenderam ir muito além do fornecimento de chancelas de valor e reconhecimento. O Ministério da Cultura se impôs o desafio de contribuir para o processo de autorreconhecimento e autovalorização desses fazeres e saberes culturais, para o processo de “desesconder” o Brasil.

O Programa Cultura Viva muito cedo tornou-se um exemplo, uma referência sobre a qual se debruçaram tanto os gestores quanto os estudiosos nacionais e internacionais. A experiência se mostrava muito potente, capaz de mobilizar os mais diversos atores sociais e promover diálogos e intercâmbios, com um destaque especial para os países da América Latina (mas não só). Alguns Pontos de Cultura já mantinham articulações com as redes de cultura comunitária dos países vizinhos. Segundo Emiliano Fuentes Firmani, a iniciativa de fomentar uma política cultural regional baseada no Cultura Viva ganhou efetividade em 2009, em Belém, durante o Fórum Social Mundial. (FUENTES FIRMANI, 2018, p. 204).

No ano anterior, em 2008, em Brasília, durante o Festival Cena Contemporânea – um importante festival internacional de artes cênicas –, havia sido criada a Articulação Latino-americana de Cultura e Política (ALACP). Foi no encontro convocado pela Articulação, dentro das atividades do Fórum Social Mundial, que os pontos de cultura brasileiros ali presentes trocaram informações e experiências de trabalho com redes e organizações culturais de diversos países da América Latina. As articulações para a expansão de desenho do Programa Cultura Viva pela América Latina, também vinham ocorrendo nos encontros de Ministros e nas discussões do Mercosul (com um recorte para a cultura) (FUENTES FIRMANI, 2018, p. 204-208).

Retornando ao contexto histórico brasileiro, com o fim do governo do Presidente Lula e a eleição da Presidenta Dilma, o Programa Cultura Viva passou a vivenciar uma série de problemas dentro do próprio Ministério da Cultura. O Programa havia crescido muito e os recursos começaram a ser descentralizados para estados e municípios. Porém, alguns dos problemas surgidos desde seu início, ainda não haviam sido sanados. Tal conjuntura criou tanto uma série de entraves junto a área jurídica para aprovação de novos editais, quanto a ocorrência de uma sequência de incidentes entre os novos gestores do Ministério e os integrantes da Rede de Pontos de Cultura e da Comissão Nacional de Pontos de Cultura.

As avaliações sobre o Programa realizadas pelo Instituto de Políticas Econômicas Aplicadas – IPEA apontavam várias fragilidades na operacionalidade do mesmo. Nos dois últimos anos do governo Lula, com a gestão do Ministro Juca Ferreira, o Ministério acelerou o processo de federalização do Cultura Viva, além de também investir nas ações de internacionalização. Foram realizados convênios e repassados recursos especialmente para os estados, e também para alguns municípios, visando o lançamento de novos editais. Nessa fase, o Programa passa a ter parte

significativa de sua gestão sob a responsabilidade das secretarias estaduais e municipais¹⁵.

Em 2010, o Programa Cultura Viva já havia ultrapassado as fronteiras nacionais: era reconhecido internacionalmente, como afirmou Fuentes Firmani (2018). Desenhos de outros programas inspirados nele começavam a ser rascunhados pelos países da América Latina, como é o caso do programa argentino “Puntos de Cultura “

Uma das características estratégicas do Cultura Viva presente nos objetivos (e discursos) iniciais do governo era a de incentivo permanente para a construção e manutenção de redes que permitissem cooperação, trocas e aprendizagem (já nos referimos rapidamente às redes na seção anterior). Segundo Deborah Lima:

Dentro do Cultura Viva podemos falar de várias redes, ou várias faces de uma mesma rede. Para citar algumas: existe a rede formal de Pontos de Cultura vinculados ao Estado, existe a Teia como um encontro nacional (e também uma rede) que arregimenta e catalisa novas discussões e coloca a rede em movimento e também existe a rede virtual, que acalenta e alimenta a discussão cotidiana sobre os problemas dos pontos. (LIMA, 2013, p. 98).

Essas redes, desde cedo, extrapolaram os limites geográficos, as barreiras territoriais, independente tanto dos diálogos entre os governos, quanto da adoção do Programa pelos diversos países. Como afirma Alexandre Santini, o primeiro contato de “agentes culturais latino-americanos com o Programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura foi na primeira TEIA Nacional, em São Paulo, no ano de 2006” (SANTINI, 2017, p. 143), onde vários representantes de grupos teatrais ligados a Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade participaram do evento. Segundo Lima:

As Teias funcionavam como este espaço de interação entre os pontos, mas também como instância política. Afinal a Teia abriga o Fórum Nacional de Pontos de Cultura: um colegiado com um representante por cada Ponto de Cultura. No Fórum eles se reúnem em grupos temáticos de reflexão sobre o Cultura Viva e em cada

¹⁵ Dessa ação resultaram vários desdobramentos territoriais, pois diversos desses convênios tinham uma validade de quatro anos e muitos tiveram seus prazos de execução ampliados ou renovados.

um elegem os representantes a comporem a Comissão Nacional de Pontos de Cultura. A CNPdC é a responsável por fazer mediação entre Pontos e o Minc. (LIMA, 2013, p. 94)

A primeira Teia ocorreu no Pavilhão da Bienal de Arte de São Paulo, com atividades realizadas nos auditórios do Museu de Arte Moderna, do Museu de Arte Contemporânea e no SESC Vila Mariana. Foi considerada um marco na publicização do Programa (nacional e internacional) e na ativação das ações em rede¹⁶.

O programa gerava um encantamento muito grande (expressão presente em diversos estudos sobre o programa) entre aqueles que participavam, de alguma maneira, das ações desenvolvidas. Falava-se do empoderamento da sociedade civil, da garantia dos direitos culturais, do respeito à diversidade cultural, de gestão compartilhada, enfim, da construção de uma sociedade mais democrática, menos desigual.

No mesmo momento em que vários impasses dentro do governo brasileiro diminuía a capacidade de operação do Programa no âmbito do governo Federal, as relações e diálogos com o restante da América Latina se ampliavam. Segundo Albino Rubim:

Em contraste com a paralisia brasileira, floresceu na América Latina a partir de 2010 um movimento que foi denominado de Cultura Viva Comunitária. Já no ano de 2009, no III Congresso Ibero-Americano de Cultura, promovido pela Secretaria Geral Ibero-Americana (SEGIB), em São Paulo, aconteceram diálogos. Mas o marco inicial do processo ocorreu em Medellín, de 13 a 16 de outubro de 2010, no Encuentro de Redes Latinoamérica Plataforma Puente – 100 Organizaciones Socioculturales. [...] Neste mesmo ano, realizou-se uma marcha em Buenos Aires e a entrega na Casa Rosada de proposta de lei Cultura Viva. (RUBIM, 2017, p. 220).

Essa influência do Programa Cultura Viva sobre o cenário Latino Americano – descrita por alguns autores como filosófica ou quase espiritual – é ressaltada na publicação das Memórias do Fórum Nacional Cultura Viva Comunitária (CASTRILLÓN, ROLDÁN, 2012) ocorrido em Medellín, em 2012, em uma ação que envolveu as cidades de Cali, Bogotá e Medellín. Logo na

¹⁶ As Teias nacionais seguiram ocorrendo anualmente até 2008, depois ocorreu mais uma em 2010 e mais uma em 2014. No final de 2016 havia a previsão de mais uma edição em Salvador e da retomada das ações de implementação do Programa, mas o golpe contra a presidenta Dilma, que levou ao processo de *impeachment*, resultou no gradativo desmonte do MinC, programas, políticas e projetos que vinham sendo implementados.

apresentação, o organizador da publicação, Jairo Castrillón Roldán, relata que:

Este Foro se convocó a su vez en coherencia con procesos desatados en varios lugares de América Latina bajo el concepto de Plataforma Puente de Cultura Viva Comunitaria, inspirados en el modelo brasileño de los Puntos de Cultura y que busca articular las experiencias culturales con sentido comunitario de diversos países de América Latina. (CASTRILLÓN ROLDÁN, 2012, p. 7).

Castrillón Roldán chama a atenção para a existência, ou a persistência, de uma campanha que segue por toda a América Latina de valorização e visibilização de atividades culturais realizadas nos lugarejos, pelos povos tradicionais, pelas comunidades, pelos grupos periféricos. A esse conjunto de atividades que ocorrem (e sempre ocorreram) se denomina Cultura Viva Comunitária.

Jorge Iván Blandón Cardona, autor do primeiro artigo da publicação das Memórias do Fórum de Medellín, inicia seus escritos saudando o que ele considerava naquele momento como uma espécie de som que vinha, ou que ecoava, de todos os cantos da América Latina. Blandón Cardona recorda que o crescente movimento teve alguns momentos de fortalecimento e mobilização, em solo brasileiro, tais como o Fórum Social Mundial, ocorrido em Belém do Pará em 2009 (ao qual já nos referimos), e o II Congresso Ibero-americano, ocorrido em São Paulo no mesmo ano. Entre 2009 e 2012:

Fueron pasando distintas conversaciones que hoy nos permiten tener una versión que toma la esencia y espiritualidad del Programa Cultura Viva de Brasil (con lo “comunitario” como un elemento agregado en Colombia), como unidad de la gente en sus territorios, como espacio de realización y transformaciones. (BLANDÓN CARDONA, 2012, p. 12).

Os dois eventos ocorridos no ano de 2009 foram de especial importância para a articulação interna e para os desdobramentos das influências do Cultura Viva no cenário latino-americano. Alexandre Santini relembra que no Fórum Social Mundial em Belém houve também uma mesa realizada pelo Instituto Pólis, de São Paulo, na época um Pontão de Cultura, que reuniu “uma centena de participantes, entre representantes

de Pontos de Cultura do Brasil e de diversas organizações culturais comunitárias da América Latina, especialmente do Peru, Argentina e Colômbia”. (SANTINI, 2017, p. 145). O encontro fortaleceu um movimento intenso de diálogos e trocas entre diversos participantes no sentido da construção de uma articulação maior na direção da garantia dos direitos e da cidadania cultural das mais diversas iniciativas territoriais e comunitárias. Segundo Castrillón Roldán: *“Cultura Viva Comunitária es entonces una expresión nueva que nombra, da sentido y visibiliza estas prácticas culturales inventadas ya hace varias décadas en los barrios y poblados de nuestros países”*. (CASTRILLÓN ROLDÁN, 2012, p. 7).

Ainda em 2009, além da realização do II Congresso Iberoamericano em São Paulo, onde as questões da ampliação do Programa pelo continente foram tratadas, houve um esforço do legislativo brasileiro, através da Senadora Marisa Serrano, de inserir a questão da disseminação dos Pontos de Cultura nas discussões do Parlamento do Mercosul (Parlasul) – composto pela Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai.

Em 2010, ocorreu o Encontro Latino Americano Plataforma Puente, na cidade de Medellín, com a participação de mais de cem organizações culturais comunitárias e que resultou no lançamento da rede continental Plataforma Puente Cultura Viva Comunitária. A Plataforma Puente tem um papel fundamental de articulação da luta dos grupos e organizações de Cultura Viva Comunitária latino-americanos em torno de alguns pontos tais como: fazer com que os países do continente garantam a todos os cidadãos o pleno exercício dos direitos culturais; que os governo implantem modelos de gestão participativa que levem a construção da democracia cultura, ou ainda da garantia da destinação de 1% do orçamento nacional para a cultura e 0,1% para a cultura comunitária. O Instituto Pólis em seu site, define da seguinte maneira a Plataforma Puente:

É uma gestão conjunta entre redes que tratam de políticas de arte e cultura, arte e transformação social, arte como ponte para a saúde, arte e educação e da comunicação para o desenvolvimento da América Latina. Esta união continental se fundamenta no projeto Cultura Viva Comunitária e tem como fim o fortalecimento das

organizações comunitárias em toda a América Latina a partir do intercâmbio de experiências. (PÓLIS, s./d.)

Segundo Célio Turino (2015), ainda em 2010, ocorreu uma marcha, com aproximadamente 500 pessoas na Argentina, mais especificamente na cidade de Buenos Aires, que tinha como objetivo entregar na Casa Rosada (sede do governo) uma proposta de criação dos Pontos de Cultura. Ele relembra que, na ocasião, teve a oportunidade de conversar com deputados e senadores argentinos sobre o projeto¹⁷. No mesmo artigo, Célio Turino também rememora que na cidade de Guatemala, em agosto de 2011, ocorreu uma outra marcha pelas ruas da capital em defesa da Cultura Viva: “pessoas caminhando em pernas de paus gigantes, demonstrando uma habilidade ancestral que tem origem na cultura Maia, grupos de crianças, jovens, fanfarras, artistas de teatro, circo, dança, ativistas de direitos humanos defendendo a vida”. (TURINO, 2015, p. 46).

Um relatório da Municipalidade de Lima, por exemplo, nos informa que o programa Cultura Viva Comunitária foi implantado em 2011 na cidade, em um claro esforço de alterar o paradigma até então vigente na implementação de políticas públicas de cultura. Passando do centralismo para a descentralização, desistindo do projeto de “levar a cultura para a gente” e sim, fortalecendo os processos culturais existentes em cada comunidade. (MÉNDEZ, 2014, p. 1-2)

O movimento de “transbordamento” do Cultura Viva seguiu de maneira intensa pela América Latina. Em 2012, na Colômbia ocorreu o Fórum Cultura Viva Comunitária para a criação de uma política pública de Cultura Viva Comunitária, seguindo uma trilha aberta pelos Pontos de Cultura brasileiros, pelas experiências de Medellín e da implantação do programa na Argentina. (SIERRA VÁSQUEZ, 2012, p. 2).

Em 2013, ocorre em La Paz (Bolívia) o 1º Congresso Latinoamericano de Cultura Viva Comunitária. O documento de conclusão do Congresso, sistematizado pela Plataforma Puente, nos apresenta uma definição de Cultura Viva Comunitária.

¹⁷ Célio narra ter participado do movimento. Essa é a mesma marcha a que se referiu Albino Rubim em uma citação anterior.

- Somos expresiones comunitarias que privilegian en la cultura los procesos sobre los productos, los colectivos y las personas en la realización de la emoción y la belleza.
- es un movimiento continental de arraigo comunitario, local, creciente y convergente que asume a las culturas y sus manifestaciones como un bien universal y pilar efectivo del desarrollo humano.
- también es una lucha, un esfuerzo por el logro de políticas públicas construidas desde la gente. (PLATAFORMA PUENTE, 2013, p. 8).

Olhando para as discussões e definições que continuavam a ser elaboradas e desdobradas, podemos afirmar que em 2014, uma década após sua criação, o Programa Cultura Viva havia tanto extrapolou, definitivamente, as fronteiras nacionais, sendo apropriado por governos e movimentos culturais e sociais latino-americanos, quanto agregou internamente o conceito de comunitário herdado dos irmãos continentais.

4. Pontos de Cultura na Argentina: um exemplo complementar

Podemos dizer que a proposta da replicação do Programa Cultura Viva, realizada nos encontros do Parlamento do Mercosul, teve como um primeiro resultado a adoção do desenho do programa pela Argentina. Em 2011 foram realizados os primeiros editais do programa “*Puntos de Cultura*”. Segundo Sánchez Salinas e Fernández (2021), o lançamento do Programa no país foi fruto de um contexto influenciado por movimento em nível internacional, regional e local. Ou seja, no nível internacional havia um importante movimento que destacava o papel fundamental da cultura no processo de desenvolvimento dos países. Em termos regionais tínhamos a gestão do Presidente Lula e do Ministro Gilberto Gil com o programa Cultura Viva que financiava iniciativas de organizações culturais comunitárias, as integrava em rede, fortalecendo-as e valorizando os trabalhos territoriais. E em termos nacionais a participação de grupos e movimentos argentinos, em especial o do coletivo *Pueblo Hace Cultura*, no processo de criação e ativamento da *Plataforma Puente* (já tratada

anteriormente) e na luta por recursos para a cultura comunitária. (SÁNCHEZ SALINAS; FERNÁNDEZ, 2021, p. 108).

Segundo Diego Benhabib, coordenador do Programa “*Puntos de Cultura*” do Ministério da Cultura Argentino, o programa além de ter se inspirado na experiência brasileira, foi também uma readequação de vários programas de subsídio governamental vigentes. (BENHABIB, 2018, p. 232).

Ao recompor a trajetória dos programas e ações culturais implementados a partir de 2005 até a criação do Programa *Puntos de Cultura* (2011), Benhabib chama a atenção para o fato de que havia uma confluência em torno de alguns princípios sobre os quais se construía os conceitos de políticas culturais que iam sendo operados pelos diversos países da América Latina. Entre eles estavam o da valorização da cultura comunitária e o da construção de desenhos de gestão compartilhada. Ainda, segundo o gestor:

Desde mediados de 2010 se empezaron a realizar algunas reuniones con el colectivo Pueblo Hace Cultura, que estaba elaborando un proyecto participativo de Ley Nacional de Puntos de Cultura, sobre la base del programa homónimo de Brasil y en recomendación de norma del Parlamento del Mercado Común (MERCOSUR) de 2009. (BENHABIB, 2018, p. 239).

O Programa argentino talvez tenha sido aquele em que o desenho mais se aproximou do que vigorava no Programa Cultura Viva brasileiro. Havia linhas de apoio econômico, entrega de equipamentos para registro audiovisual das atividades, realização de capacitações de pessoal, interconexão entre os pontos de cultura, com previsão da realização de encontros nacionais e regionais (como as Teias brasileiras).

Um dos pontos centrais na Argentina (assim como no Brasil) foi o do estímulo à construção, assim como ao fortalecimento de redes de cultura comunitária a partir das organizações da sociedade civil. Cabia ao Estado o apoio financeiro e técnico para que esses objetivos fossem alcançados. Para o Programa:

Los Puntos de Cultura son espacios de construcción colectiva que expresan la identidad cultural de las comunidades en las que están insertos. Son lugares de integración social y producción de utopías, deseos de mundos posibles y planteo de alternativas para su concreción. Los Puntos de Cultura tienen una íntima relación con su entorno establecen articulaciones con otras instituciones y son sumamente significativos en tanto experiencia de desarrollo de una "cultura viva", en la búsqueda del "buen vivir en su horizonte. (BENHABIB, 2018, p. 242).

Segundo os estudos de Ana Wortman, uma das prioridades do programa argentino era a de promover a descentralização da cultura e a integração desses diversos atores espalhados pelo território. E, acrescenta que "los Puntos de Cultura funcionaban a partir de una gestión compartida entre el Estado y la comunidad para la articulación de acciones y proyectos ya existentes en el territorio." (WORTMAN, 2017, p. 149) Os pontos foram distribuídos por todas as províncias argentinas, buscando implementar um processo de descentralização cultural – ainda que, em 2015, 126 deles (dos 449 existentes) ficassem localizados na província de Buenos Aires, sendo que destes 64 na cidade especificamente (WORTMAN, 2017, p. 152). Na conclusão do artigo a autora reforça a noção de que o Programa Cultura Viva na Argentina, assim como em outros países latino-americanos, constituiu uma visão renovada de políticas culturais em estreito diálogo com ações anteriores que buscaram fortalecer a sociedade civil.

5. Reflexões finais

O Programa Cultura Viva abriu trilhas na direção de novos paradigmas no que tange a elaboração das políticas públicas de cultura. Porém, agora mesmo no ano de 2022, é muito necessário continuar o processo de pavimentá-las, fortalecendo os alicerces e acertando alguns desvios, para que estas se tornem uma verdadeira estrada cultural Brasil a dentro, ou melhor continente adentro, ultrapassando as barreiras andinas¹⁸. Os

¹⁸ Ainda que no momento da escrita do presente artigo o país vivencie um processo de perseguição e desvalorização do campo da cultura, em especial aquelas ligadas às matrizes africanas e indígenas. O atual

desdobramentos dos processos de disputas políticas no Brasil e na América Latina como um todo nesse final da segunda década do século XXI, resultaram em uma série de descontinuidades e retrocessos de projetos, programas e políticas que de alguma maneira pretendiam quitar algumas das dívidas históricas do continente latino-americano com diversos segmentos das nossas sociedades que sempre estiveram em posições subalternizadas, com seus direitos subtraídos, conhecendo ao Estado, muitas vezes, somente as ações de violência, de repressão. Em seu artigo escrito publicado em 2017, Ana Wortman (2017) conclui com a preocupação sobre os rumos que serão tomados pelas políticas culturais de base comunitária, assim como sobre o destino das instituições nelas envolvidas. A experiência do Programa Cultura Viva em um diálogo potente com os grupos, coletivos, territorialidades da América Latina resultou na formação de redes e intercâmbios como, por exemplo, a criação da Plataforma Puente. A capacidade de mobilização e de cooperação entre os grupos nas suas diversas nacionalidades e, mesmo, línguas, revelou uma pequena parte da riqueza e do vigor cultural do continente.

Este artigo escolheu o ano de 2014 como limite cronológico da abordagem a ser realizada, porém isso não significa que o Programa no Brasil e em suas versões da latino-americanas tenham desaparecido. A estruturação do Programa IBERCULTURA Viva, a realização dos congressos do Cultura Viva Comunitária, a realização de editais municipalizados e estadualizados do Programa Cultura Viva no Brasil, os fóruns e os encontros internacionais continuaram a ocorrer. Porém não podemos deixar de remarcar que a partir de 2016, ora com golpes contra a democracia (como foi o caso do *impeachment* da Presidenta Dilma), ora com manobras políticas, ora mesmo com a chegada de grupos conservadores e de direita ao poder através das eleições. Alguns dos avanços democráticos realizados desde o final do século XX e início do XXI vêm sofrendo duros ataques, chegando, muitas vezes, a um desmonte efetivo das ações, políticas e legislações.

governo brasileiro segue no desmonte das políticas e das iniciativas dos governos anteriores e da constante perseguição ideológica, política e moral ao conjunto das atividades artísticas e culturais.

A luta dos movimentos culturais de base comunitária torna-se ainda mais importante frente a essa conjuntura de franco ataque contra o conjunto das manifestações culturais que, em verdade, reconhece a potência, o poder da mobilização coletiva, a capacidade agregadora e transformadora da arte, a magia dos conhecimentos ancestrais que garantem a sobrevivência nos tempos difíceis. O movimento da Cultura Viva Comunitária é um elemento fundamental para a alimentação da luta e da esperança por melhores tempos.

6. Referências

BARBALHO, Alexandre; BEZERRA, Jocastra. As culturas populares nas políticas culturais: Uma disputa de sentidos. **PragMatizes Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**. Ano 5. n. 8. pp. 67-81. out. 14 / mai. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10402/7241>. Acesso em: 23 jun. 2022.

BENHABIB, Diego. Puntos de Cultura. Dinámica de lo impensado. In: PRATO, Anna Valeria; SEGURA, María Soledad. **Estado, sociedade civil y políticas culturales - Rupturas y continuidades en Argentina (2003-2007)**. Argentina: Caseros: REC Libros, 2018. pp. 231-256.. Disponível em: <https://rdu.unc.edu.ar/bitstream/handle/11086/14460/PratoSegura%20EstadoSociedadCivilyPol%C3%ADticasCulturales%202018%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BLANDÓN CARDONA, Jorge Iván. Hoy toda Latinoamérica “es un latir de bombo” que suena a cultura viva comunitaria. In: CASTRILLÓN ROLDÁN, Jairo Adolfo (Comp.). **La cultura es Viva y Comunitaria en los barrios y poblados de Nuestra América Latina** (Memorias del Foro de Cultura Viva Comunitaria). Medellín: Corporación Cultural Canchimalos; Ministerio de la Cultura de Colombia, 2012. p. 11-14. Disponível em: <https://ia600409.us.archive.org/0/items/MemoriaForoCVCMedellin/Memoria%20Foro%20CVC%20Medell%C3%ADn.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRANT, Kênia Faria. **O cordel na superfluidade do mundo contemporâneo**. Orientador: Dr. João Batista Santiago Sobrinho. 2013. 138f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos de Linguagens (POSLING) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Minas Gerais. 2013. Disponível em: https://www.ifmg.edu.br/governadorvaladares/pesquisa/teses-e-dissertacoes/kenia_brant.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos – conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1992.

CASTRILLÓN ROLDÁN, Jairo Adolfo (Comp.). **La cultura es Viva y Comunitaria en los barrios y poblados de Nuestra América Latina** (Memorias del Foro de Cultura Viva Comunitaria). Medellín: Corporação Cultural Canchimalos; Ministério da Cultura da Colômbia, 2012. 108p. Disponível em: <https://ia600409.us.archive.org/0/items/MemoriaForoCVCMedellin/Memoria%20Foro%20CVC%20Medell%C3%ADn.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2006.

FUENTES FIRMANI, Emiliano. IberCultura Viva: cooperación cultural, gobierno y organizaciones. In: PRATO, Anna Valeria; SEGURA, María Soledad. **Estado, sociedade civil y políticas culturales - Rupturas y continuidades en Argentina (2003-2007)**. Argentina: Caseros: REC Libros, 2018. pp. 201-230. Disponível em: <https://rdu.unc.edu.ar/bitstream/handle/11086/14460/PratoSegura%20EstadoSociedadCivilyPol%C3%ADticasCulturales%202018%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jun. 2022.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Cultura Viva: as práticas de pontos e pontões**. Brasília, DF: Ipea, 2011. 261 p. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3043/1/Livro-Cultura_viva-as_pr%C3%AAticas_de_pontos_e_pont%C3%B5es. Acesso em: 10 jun. 2022.

LIMA, Deborah Rebello. **As Teias de uma rede: uma análise do Programa Cultura Viva**. Orientador: Dr. Mario Grynszpan. 2013. 214 f. Dissertação (Mestrado). História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/11482>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MÉNDEZ, Gloria María Lescano. **Balance programa Cultura Viva Comunitaria**. Lima, DF: Municipalidad de Lima, 2014. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/handle/20.500.11997/16374>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MEYER-BISCH, Patrice. A centralidade dos direitos culturais, pontos de contato entre diversidade e direito. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 11, p. 27-42, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/revista-observatorio-ic-n-11-2>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MINC (Ministério da Cultura, Brasil). **Programa Nacional de Arte, Educação, Cidadania e Economia Solidária**. 3a. ed. rev. Brasília, DF: Ideal Gráfica e Editora, s.d. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/MinC-2010-Programa_Na

[cional_Arte_Educacao_Cidadania_Economia_Solidaria-3a_Edicao.pdf](#).

Acesso em: 10 jun. 2022.

PLATAFORMA PUENTE. Conclusiones, resoluciones y plan de trabajo. **Congreso Latinoamericano Cultura Viva Comunitaria**. 1. La Paz. 2013. Disponível em: <https://montevideo.gub.uy/sites/default/files/biblioteca/conclusiones-lapaz.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2022.

PÓLIS. **Plataforma Puente**. Disponível em <http://antigo.polis.org.br/acoes/plataforma-puente/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Veredas Abertas da América Latina. **PragMatizes: Revista Latinoamericana de Estudo em Cultura**, ano 7, n. 12, 217-224, out. 2016/mar. 2017. DOI: [10.22409/pragmatizes2017.12.a10455](https://doi.org/10.22409/pragmatizes2017.12.a10455).

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Apontamentos sobre cultura e política na América do Sul. In: Congresso Internacional FOMERCO, n. 18. 28-30 set. 2021 [online], **Anais**. Rio de Janeiro: FoMerco. 2021. pp. 1- 15. Disponível em: https://www.congresso2021.fomerco.com.br/resources/anais/14/fomerco2021/1635685035_ARQUIVO_ce83fad1d1fd67e73eed701f291efcc2.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022

SÁNCHEZ SALINAS, Romina; FERNÁNDEZ, Clarisa Inés. La política cultura en territorio: análisis de Puntos de Cultura desde la dimensión del reconocimiento. **Comunicación y Medios**, v. 30, n. 44, p. 106-117, 2021. DOI: [10.5354/0719-1529.2022.60975](https://doi.org/10.5354/0719-1529.2022.60975)

SANTINI, Alexandre. **Cultura Viva Comunitária**: políticas culturais no Brasil e na América Latina. Rio de Janeiro: ANF Produções, 2017.

SIERRA VÁSQUEZ, Juan Fernando. Hacia la construcción de una política pública de cultura viva comunitaria. Documento síntesis de las discusiones del Foro. **Foro Nacional Cultura Viva Comunitária**, Medellín, 26-28 set. 2012. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/handle/20.500.11997/16221>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SILVA, Frederico A. Barbosa; ARAÚJO, Herton Ellery (org.). **Cultura Viva: Avaliação do Programa Arte Educação e Cidadania**. Brasília, IPEA, set. 2010. Disponível em: https://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_cultura_viva.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022.

TURINO, Célio. **Pontos de Cultura**: o Brasil de baixo para cima. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010. Disponível em: <https://iberculturaviva.org/wp-content/uploads/2016/02/C%C3%A9lioTurino-04-A1-Final-Baixa.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

TURINO, Célio. Desmonte do Programa Cultura Viva e dos Pontos de Cultura sob o governo Dilma. **Portal Fórum** [online]. 7 jul. 2013. Disponível

em:

https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Turino-Desmonte_programa%20Cultura_Viva.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022.

TURINO, Célio. Cultura a unir os povos. **P2P & Inov**, v. 1, n. 2, p. 46-53, 2015. DOI: [10.21721/p2p.2015v1n2.p46-53](https://doi.org/10.21721/p2p.2015v1n2.p46-53)

WORTMAN, Ana. Políticas culturales y legitimidad, políticas culturales en tiempos de crisis: el caso del Programa Puntos de Cultura en Argentina. **Políticas Culturais em Revista**, v. 10, n. 1, p. 138-160, jan/jun. 2017. DOI: [10.9771/pcr.v10i1.22060](https://doi.org/10.9771/pcr.v10i1.22060)




O PAPEL DAS POLÍTICAS CULTURAIS NO PROJETO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL DOS GOVERNOS PROGRESSISTAS DO SÉCULO XXI: ALCANCES, LIMITES E HORIZONTES¹

*EL ROL DE LAS POLÍTICAS CULTURALES EN EL PROYECTO DE
INTEGRACIÓN REGIONAL DE LOS GOBIERNOS PROGRESISTAS DEL SIGLO
XXI: ALCANCES, LÍMITES Y HORIZONTES*

*THE ROLE OF CULTURAL POLICIES IN THE 21ST CENTURY PROGRESSIVE
GOVERNMENTS' REGIONAL INTEGRATION PROJECT: SCOPE, LIMITS AND
HORIZONS*

Entrevista a Juca Ferreira, sociólogo e político brasileiro. Foi Ministro da Cultura nos governos de Luiz Inácio “Lula” da Silva e Dilma Rousseff.

Raihana Falleiros² 

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Resumo: Juca Ferreira, sociólogo e político brasileiro, foi Ministro da Cultura do Brasil entre 2008 e 2011, durante a presidência de Luiz Inácio “Lula” da Silva, e entre 2015 e 2016, durante o segundo mandato de Dilma Rousseff. Antes, de 2003 a 2008, foi Secretário-Executivo da pasta durante a gestão de Gilberto Gil. Sua trajetória no governo marcou o campo das políticas culturais, a partir da visão da cultura em três dimensões norteadoras: simbólica, cidadã e econômica. Além disso, coincidiu com a emergência dos debates sobre integração cultural regional na América Latina e sua importância para a reconfiguração das relações de poder em espaços político-diplomáticos hegemônicos. Nesta entrevista, Juca Ferreira avalia os esforços empreendidos pelo Brasil durante o ciclo de governos progressistas na América Latina (2000-2015) no sentido de promover a

¹ Entrevista realizada na modalidade virtual em 08 de junho de 2021.

² Mestranda em Estudos Culturais da América Latina pela Universidade de Buenos Aires. E-mail: raihana.torres@gmail.com

integração regional e elevar a cultura ao centro da agenda política, econômica e social.

Palavras-chave: Cultura; Integração regional; Políticas culturais; Diplomacia cultural; América Latina.

Resumen: Juca Ferreira, sociólogo y político brasileño, fue Ministro de Cultura de Brasil entre 2008 y 2011, durante la presidencia de Luiz Inácio “Lula” da Silva, y entre 2015 y 2016, durante el segundo mandato de Dilma Rousseff. Antes, de 2003 a 2008, fue Secretario Ejecutivo del Ministerio de Cultura durante la gestión de Gilberto Gil. Su trayectoria en el gobierno marcó el campo de las políticas culturales, a partir de la visión de la cultura desde tres dimensiones rectoras: simbólica, ciudadana y económica. Además, coincidió con el surgimiento de debates sobre la integración cultural regional en América Latina y su importancia para la reconfiguración de las relaciones de poder en los espacios político-diplomáticos hegemónicos. En esta entrevista, Juca Ferreira evalúa los esfuerzos realizados por Brasil durante el ciclo de gobiernos progresistas en América Latina (2000-2015) para promover la integración regional y elevar la cultura al centro de la agenda política, económica y social.

Palabras clave: Cultura; Integración regional; Políticas culturales; Diplomacia cultural; América Latina.

Abstract: Juca Ferreira, Brazilian sociologist and politician, was Minister of Culture of Brazil between 2008 and 2011, during the presidency of Luiz Inácio “Lula” da Silva, and between 2015 and 2016, during the second term of Dilma Rousseff. Previously, from 2003 to 2008, he was Executive Secretary of the Ministry of Culture, during Gilberto Gil's administration. His career in government marked the field of cultural policies, establishing the vision of culture from three guiding dimensions: symbolic, civic and economic. In addition, it coincided with the emergence of debates on regional cultural integration in Latin America and its importance for the reconfiguration of power relations in hegemonic political-diplomatic spaces. In this interview, Juca Ferreira evaluates the efforts made by Brazil during the cycle of progressive governments in Latin America (2000-2015) to promote regional integration and raise culture to the center of the political, economic and social agenda.

Keywords: Culture; Regional integration; Cultural policies; Cultural diplomacy; Latin America.

Juca Ferreira, sociólogo e político brasileiro, foi Ministro da Cultura do Brasil entre 2008 e 2011, durante a presidência de Luiz Inácio “Lula” da Silva, e entre 2015 e 2016, durante o segundo mandato de Dilma Rousseff. Antes, de 2003 a 2008, foi Secretário-Executivo da pasta durante a gestão de Gilberto Gil. Sua trajetória no governo marcou o campo das políticas culturais, a partir da visão da cultura em três dimensões norteadoras: simbólica, cidadã e econômica. Além disso, coincidiu com a emergência dos debates sobre integração cultural regional na América Latina e sua importância para a reconfiguração das relações de poder em espaços político-diplomáticos hegemônicos.

Ainda que, no Brasil, o exercício dos direitos culturais tenha alçado reconhecimento pelo artigo 215 da Constituição Federal de 1988, as políticas culturais, no período anterior à atuação de Gil e Juca, ao menos desde a redemocratização, foram marcadas por abordagens estanques e desarticuladas em relação às demais políticas sociais. Até então, no âmbito do Governo Federal, essas políticas limitavam-se ao incentivo às manifestações artísticas, garantido pelo Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC, Lei nº 8.313, de 2 de julho de 1986). Pouco se discutia o caráter transversal das políticas culturais em relação a temas como educação, cidadania e meio ambiente, por exemplo, e menos ainda sua contribuição para o campo das relações internacionais.

Nesta entrevista, Juca Ferreira avalia os esforços empreendidos pelo Brasil durante o ciclo de governos progressistas na América Latina (2000-2015)³ no sentido de promover a integração regional e elevar a cultura ao centro da agenda política, econômica e social. Afirmo que houve,

³ Período marcado por sucessivas eleições de governos de esquerda e centro-esquerda na América Latina, iniciado com Hugo Chávez, na Venezuela (1998), seguido por Luiz Inácio “Lula” da Silva, no Brasil (2002); Néstor Kirchner, na Argentina (2003); Tabaré Vázquez e José Mujica, no Uruguai (2005 e 2010, respectivamente); Evo Morales, na Bolívia (2006); Rafael Correa, no Equador (2007); e Fernando Lugo, no Paraguai (2008).

efetivamente, um “sentimento de empoderamento da América Latina, de rebeldia contra papéis pré-definidos pelos centros de poder”, mas que, apesar dos avanços, não foi possível dar o “salto de qualidade”. O ex-Ministro avalia ainda que, em um próximo ciclo, o debate sobre a integração deverá passar, necessariamente, pelas universidades, pela produção científica da América Latina e pela criação de um “mercado cultural comum”.

No período em que estiveram à frente do Ministério da Cultura, Gilberto Gil e o senhor prestaram contribuições valiosas para a própria genealogia do campo das políticas públicas de cultura no Brasil. A partir da concepção tridimensional da cultura (simbólica, cidadã e econômica), estruturou-se o corpo daquelas que seriam as principais diretrizes e programas do Estado no campo da cultura: o Sistema Nacional de Cultura e o Plano Nacional de Cultura; os programas Mais Cultura e Cultura Viva, tendo este último alcançado o status de lei em 2014 (Política Nacional de Cultura Viva), a ampliação de instâncias colegiadas que viabilizaram maior participação social na formulação e implementação de políticas culturais, entre outras tantas ações. A efervescência de novas iniciativas para a cultura no plano nacional coincidiu, não por acaso, com o período de maior pujança dos governos progressistas na América do Sul na história recente e com a emergência de um novo paradigma sobre a integração regional. Tendo em vista, principalmente, a sua experiência à frente do Ministério da Cultura, quais foram, na sua opinião, os principais reflexos dessas mudanças políticas nacionais para os processos de integração cultural regional? Como o senhor avalia a influência das políticas culturais brasileiras criadas durante este período para o debate regional?

Juca Ferreira: Gostaria de começar um pouco antes. O governo Lula reorientou a diplomacia brasileira e a política internacional no sentido de propor um nível de integração maior com a América Latina, um nível de

respeito. O fato de nós sermos maiores não pode gerar uma atitude de superioridade, pelo contrário. Acho que um fato marcante foi quando a Bolívia nacionalizou o petróleo⁴. Os jornais “Estadão” [Estado de São Paulo] e Folha de S. Paulo induziram o governo Lula a concentrar tropas na fronteira para fazer pressão e o presidente Lula disse que não, que se nós tínhamos lutado e conseguido o monopólio do petróleo e a criação da Petrobrás, então a Bolívia também teria direito sobre os seus recursos naturais. Chamaram o Lula de “frouxo”, mas aquilo era parte de uma visão e de um esforço que foi feito por nossa diplomacia, pelo nosso chanceler Celso Amorim⁵, por Samuel Pinheiro Guimarães⁶ e outros, que viam na integração com a América Latina a grande saída para o desenvolvimento da região e do próprio Brasil. Eu tinha isso como referência, inclusive participava frequentemente de eventos organizados pelo próprio Itamaraty. Samuel Pinheiro Guimarães conduzia um processo de conferências e debates no plano interno do Ministério das Relações Exteriores e convidava ministros de outras pastas para falarem, exatamente para facilitar essa integração. Eu fui muitas vezes falar e era um processo em que nós tínhamos uma afinidade grande. Não foi sempre assim. Logo que chegamos, Gil ainda ministro, definimos que íamos ter uma atuação importante no exterior, não só com a América Latina, mas com a África, com a Europa e os países ibéricos. O Itamaraty ficou um pouco desconfiado porque nós estaríamos entrando na área deles. Falávamos que não, que nós tínhamos afinidade com eles, mas queríamos ter a possibilidade de desenvolver uma diplomacia cultural, ou seja, através da cultura você estabelecer relações profundas com outros povos, com os vizinhos latino-americanos, mas também com os africanos, que são muito caros para a gente. No discurso do governo, a África passou a ter uma importância que nunca teve, e outros países também, para os quais nossa

⁴ Em 2006, Evo Morales, então presidente da Bolívia, formalizou, por meio do Decreto Supremo “*Héroes del Chaco*” (nº 28.701), a nacionalização das reservas de hidrocarbonetos (petróleo e gás) no país e anunciou que 56 refinarias estrangeiras passariam ao controle estatal. Disponível em: https://www.iri.edu.ar/revistas/revista_dvd/revistas/cd%20ri%2030/30%20documentos/BOLIVIA-%20Decreto%20hidrocarburos.pdf (consulta em 23/06/2022).

⁵ Diplomata brasileiro e Ministro das Relações Exteriores nos períodos de 1993-1995 e 2003-2011.

⁶ Diplomata brasileiro e Secretário-Geral do Ministério das Relações Exteriores no período de 2003 a 2009.

cultura era um cartão de visita fantástico. Até pela diversidade do país ser oriunda de várias matrizes, praticamente todas as culturas mundiais têm representação no Brasil, todos os povos, de alguma maneira – Japão, Coreia, toda a América Latina, Europa – têm brasileiros que são descendentes destes países. Essa foi uma postura correta nossa.

Nas primeiras vezes que nos reunimos com o Itamaraty, havia uma grande dificuldade. O Itamaraty é muito cioso do seu papel, do seu espaço, e queria nos tratar com a ideia de nos enquadrar, de que só fizéssemos aquele trabalhinho que eles faziam de apoiar um ou outro evento que circularia pela Europa com um grupo musical de choro. A gente disse “Nada disso! Nós vamos botar a tropa na rua, vamos atuar internacionalmente, temos um trabalho a fazer”. Além do mais com Gilberto Gil. Gilberto Gil é um ícone mundial e eu tive ocasião de ver a importância dele na facilitação e na implementação dessa diplomacia cultural. O Brasil teve um papel fundamental na aprovação da Convenção da Diversidade Cultural⁷, no âmbito da UNESCO. Havia anos, acho que 16 anos, que o assunto não progredia. Estados Unidos, Israel, acho que a Austrália, havia ali uns 5 países que boicotavam⁸ a sua aprovação e Gilberto Gil teve um papel decisivo na negociação. Primeiro, na América Latina, depois na África e até na Ásia. Em algumas viagens que Gil fez à Ásia, ele defendeu a aprovação da Convenção, a importância do mundo se reconhecer diverso, afirmando que essa diversidade cultural da humanidade não era um problema, e sim uma riqueza. São complexidades que precisam ser transformadas em processos de interação, de troca. No dia em que a UNESCO ia votar a convenção, quando Gil chegou na sede da organização, foi aplaudido de pé pelos ministros. Começaram a falar: “É o ministro da diversidade”. O Ministro da Cultura da Jamaica pegou o

⁷ Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, adotada pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2005.

⁸ O processo de negociação da Convenção de 2005 foi marcado por controvérsias em relação ao possível papel de arbitragem que a nova normativa assumiria no comércio internacional de bens e serviços culturais, impactando, assim, acordos de comércio bilaterais e multilaterais (no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) e outros tratados de comércio). Ainda que reconheça a dimensão econômica da cultura, a Convenção não foi capaz de superar entraves para permitir o tratamento diferenciado de bens e serviços culturais nas trocas comerciais em nível global, de modo a garantir uma troca justa e equilibrada desses produtos. Até o presente momento, os Estados Unidos não ratificaram a Convenção.

microfone e cantou uma música de Bob Marley em homenagem a Gilberto Gil.

Na América Latina era muito mais, muito mais. Era impressionante a facilidade com que o diálogo se estabelecia. Não era só Gil, era Lula também. Lula era um ativo importantíssimo no nosso trabalho. Eu me lembro que, em uma dessas reuniões – em todas elas, mas em uma dessas reuniões – eu estava andando no centro de Buenos Aires e as pessoas tinham me visto falando na televisão, saiu uma reportagem de primeira página no “La Nación”... As pessoas me abordavam dizendo: “Lula! Lula! Queremos Lula presidente da Argentina!”. Era impressionante. Então, como ponto de partida, tinha a nossa base cultural, tinha Gilberto Gil como um ativo importante, tinha Lula e o que o Brasil representava naquele momento – um projeto de redefinição e ressignificação das nossas relações com os latino-americanos – e tinha uma construção que a gente precisava fazer. Eu, como Secretário-Executivo⁹, me dediquei muito a essa construção. Eu dedicava um carinho enorme a todas essas organizações – Mercosul, Unasul, OEA. Por isso, fortaleci a Diretoria de Relações Internacionais do Ministério e acho que a gente avançou muito em nossa atuação internacional. Mas a gente nunca avança mais do que é possível, mesmo que a gente faça um esforço grande.

Tinha o problema da retórica. Muitos dos nossos pares se satisfaziam com um nível de retórica. Muitos iam para as reuniões fazer uma política quase estudantil, de isolar Cuba, isolar a Venezuela, de defender questões circunstanciais. Poucas diplomacias tinham consciência da importância de construir a América Latina enquanto um espaço comum de articulação, principalmente no plano cultural. O México era um pouco ausente. O México corrigiu sua relação mais tarde, já no segundo governo Lula, quando houve lá uma eleição que implicou em uma mudança de postura. Eles viam o Brasil como concorrentes de venda de automóveis, por exemplo. Então, havia uma certa dificuldade. Como o México foi favorável à

⁹ Juca Ferreira ocupou o cargo de Secretário-Executivo do Ministério da Cultura durante a gestão de Gilberto Gil (2003-2008).

ALCA [Área de Livre Comércio das Américas] e tinha uma relação privilegiada com os Estados Unidos, eles olhavam a gente, a América Latina toda, de cima. Eu, inclusive, fiz um discurso em um evento empresarial mexicano, para o qual fui convidado, dizendo que no dia em que o México valorizasse a América Latina e desenvolvesse o sentimento de pertencimento – México, Brasil, Argentina, Colômbia... – nós criaríamos a possibilidade de a América Latina ter planos comuns de desenvolvimento. Engraçado é que minha fala foi bem recebida, mas os empresários, depois do intervalo, me diziam: “Ah, mas nós somos concorrentes”. Era uma ideia meio primária de concorrência capitalista por mercado, uma coisa absolutamente imprópria.

Já os cubanos sempre foram muito positivos, até para saírem do isolamento, mas tinham consciência do que estava acontecendo na América Latina e queriam dar força à construção de uma unidade. A diplomacia brasileira defendeu a integração com Cuba ferozmente. Inclusive, em alguns momentos em que as reuniões descambavam para a provocação, eu me ofereci para defender a participação de Cuba, enquanto outros países - El Salvador, antes da vitória da esquerda lá¹⁰ - queriam expulsar o país das reuniões com argumentos absolutamente frágeis. Os cubanos tinham uma noção de grandeza. Eles desenvolveram uma noção muito grande de como se relacionar com o mundo.

A Colômbia me impressionou muito, mesmo nos períodos mais reacionários, eles sinalizavam que eram um país que tem futuro. A Colômbia sempre entrou nessas conversas com um nível de grandeza e consciência da América Latina e uma simpatia pelo Brasil. Às vezes, éramos destoantes: eles, muito reacionários, e a gente, com o governo Lula, mas dava para dialogar.

A relação com o Chile¹¹ foi evoluindo. A *Concertación*¹¹, formada pelos social-democratas e democratas-cristãos, tinha uma noção muito grande

¹⁰ Em 2009, Mauricio Funes foi eleito presidente de El Salvador pelo partido de esquerda *Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN)*, após um período de 18 anos em que o partido de direita *Alianza Republicana Nacionalista (ARENA)* esteve à frente da presidência do país.

¹¹ “*Concertación de Partidos por la Democracia*”, coalização de partidos de centro-esquerda criada em 1988 para fazer frente ao regime ditatorial de Augusto Pinochet.

da importância da integração regional. Eu fui muitas vezes ao Chile, fiz palestras, contribuí com o processo de criação do Ministério da Cultura chileno. A ministra era uma artista¹², e a gente teve uma facilidade enorme no diálogo. Eles souberam que eu fui exilado no Chile, então isso facilitava. A Michelle Bachelet¹³ fala um português perfeito. Aprendeu para cantar as músicas de Chico Buarque, Caetano, Gil. Fala sem nenhum sotaque e tinha a maior deferência porque eu era Ministro da Cultura do Brasil. Me levou para falar em um ato público, uma feira do livro. Com o Chile havia uma facilidade enorme. E o Chile tem uma noção da dimensão cultural muito forte, mesmo com o governo democrata cristão, socialista, essa avaliação não diminuía a grandeza da compreensão deles a respeito da importância daquilo que a gente queria construir, que era um diálogo forte.

A Argentina variava muito, mas o diálogo foi bom. Eu tenho uma noção forte da importância da relação Brasil-Argentina, para além das relações econômicas e comerciais. Tive excelentes reuniões com eles, fizemos coisas juntos. Eles acompanham nossos programas. Com a Argentina começou um processo muito interessante. Os argentinos foram os primeiros a perceber que o nosso programa *Cultura Viva*¹⁴ não era só de interesse do Brasil e que estimular o protagonismo cultural da população, seja através de manifestações tradicionais, seja através de linguagens artísticas contemporâneas, tinha uma importância cultural enorme. Eles perceberam isso e se formou um trânsito direto, escapando inclusive do controle das relações institucionais. Isso acabou, depois, acontecendo com a Colômbia, Chile, Bolívia, Uruguai... Isso se propagou. Não era só o *Cultura Viva*. Na verdade, tinham reverberações de vários dos nossos programas, das nossas falas. E deles também. A Argentina era mais avançada do que a gente nas políticas cinematográficas, e a gente bebeu um pouco dessa fonte. Todo o sucesso das nossas políticas cinematográficas - e é um

¹² Paulina Urrutia, Ministra Presidenta do Conselho Nacional da Cultura e das Artes (atual Ministério das Culturas, Artes e Patrimônio) do Chile entre 2006 e 2010, durante o primeiro mandato presidencial de Michelle Bachelet. É também atriz.

¹³ Presidente do Chile por dois mandatos: de 2006 a 2010 e de 2014 a 2018.

¹⁴ Programa criado em 2004 pelo então Ministério da Cultura, com o objetivo de apoiar iniciativas culturais de base comunitária, reconhecidas como Pontos e Pontões de Cultura. Em 2014, foi sancionada a Lei 13.018/ 2014, conhecida como Lei Cultura Viva, que transformou o programa em política de Estado.

sucesso enorme - foi uma construção do nosso ministério: quando Lula assumiu, o Brasil fazia menos de dez filmes por ano e hoje está fazendo em torno de 150 filmes por ano. Em todas as capitais brasileiras, tem produtoras de cinema e audiovisual. Já conquistamos boa parte do público. Ganhamos prêmios em vários festivais.... Muitos dos nossos técnicos foram aprender com o Ministério da Cultura da Argentina como eles tratavam o cinema e percebemos algumas questões muito interessantes. Então, a troca, a partir de certo momento, passou de uma coisa puramente institucional para um diálogo direto de políticas culturais. Foram realizados muitos intercâmbios técnicos entre setores de audiovisual, de cultura popular, de museus, do IPHAN [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional]... E isso foi dando uma densidade gigantesca nas relações com os nossos vizinhos da América do Sul e com a América Latina toda. Éramos pioneiros em muitas coisas, éramos mais avançados no nível institucional. O México era mais avançado na incorporação dos ensinamentos da antropologia na gestão cultural, na museologia. A Argentina, na política cinematográfica. Mas a gente tinha um corpo complexo de formulação que orientava o que seria uma política contemporânea do estado democrático. E isso foi escorrendo, ganhando territórios novos, independente da gente.

Fizemos um evento inspirado nessa dimensão regional, o “Emergências”¹⁵, que aconteceu no Rio de Janeiro e foi a coisa mais linda. Planejamos um evento para 3 mil pessoas e chegaram 10 mil latino-americanos. Tivemos que abrir os parques para fazerem acampamentos. E os estudiosos e acadêmicos latino-americanos de olho na nossa experiência...

Eu fui em um evento em que o Enrique Iglesias¹⁶, com quem trabalhei depois na Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB)¹⁷, disse: “O

¹⁵ Encontro sobre cultura, ativismo e política promovido pelo Ministério da Cultura, no Rio de Janeiro, Niterói e Baixada Fluminense, entre os dias 7 e 13 de dezembro de 2015. O evento reuniu representantes de governos e da sociedade civil, atuantes das áreas política, econômica e artística, e sua programação abrangeu temas como ativismo, culturas indígenas, direitos dos povos, gênero, redes sociais, território e cidadania, crise migratória e fronteiras, aquecimento global, direito autoral, juventude, negros, transexuais e prostitutas, drogas, mulheres, segurança pública e democracia.

¹⁶ Secretário-Geral Ibero-Americano entre 2005 e 2014.

¹⁷ A Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB) é um organismo internacional que promove ações de cooperação nas áreas de educação, cultura e coesão social, no âmbito ibero-americano. Além disso, é responsável por

Brasil está desenvolvendo a política de gestão cultural mais avançada e mais interessante do mundo”. Eu, lá da minha cadeira, disse: “O homem exagerou”. Mas ele passou perto de mim e disse: “Você está pensando que eu exagerei?”. Parece que ele leu o meu pensamento. Aí, ele abriu a pasta e havia uma porção de documentos, escritos e falas minhas e de Gil, todos grifados. Ele tinha, de fato, pesquisado. Nesse discurso, ele disse: “As duas referências de política cultural são Brasil e França, sendo que o Brasil foi mais longe porque teve coragem de abrir espaços para o protagonismo da sociedade no fazer cultural”. Então, o ambiente era muito bom.

Depois, abrimos o diálogo com a África também, fizemos um esforço enorme, mas não é motivo da nossa entrevista, não vou desenvolver. Com a Europa, uma quantidade enorme de universidades europeias têm nossas experiências como objeto de estudo, de teses de mestrado, doutorado. Holanda, França, Inglaterra... Isso tudo de alguma maneira já reverberando e repercutindo. Intelectuais latino-americanos, como García Canclini e outros, também valorizando muito a nossa experiência.

Com a China foi um contato interessantíssimo. Com a África, com os países árabes, com a Argélia. A partir de um certo momento, Lula propôs que a diplomacia brasileira tinha que se relacionar com o mundo inteiro. Isso foi criando territórios e espaços de convergência e de articulação e criou-se um espaço com os países árabes¹⁸. A importância do Brasil era tão grande que qualquer reunião temática que houvesse, o ministro brasileiro codirigia a reunião com o ministro árabe. E eu, na Argélia, dividi a direção de cultura com a ministra argelina. Foi extremamente interessante ver como a diplomacia pode abrir novos espaços e territórios e como a cultura tem um papel importante neste processo.

coordenar as Cúpulas Ibero-Americanas de Chefes de Estado e de Governo. Em 2011, Juca Ferreira foi nomeado embaixador especial da SEGIB para a Comemoração do Ano Internacional dos Afrodescendentes.

¹⁸ A Cúpula América do Sul-Países Árabes (ASPAs) foi um mecanismo de cooperação inter-regional criado em 2005 por iniciativa brasileira. Entre 2005 e 2015, foram realizadas quatro Cúpulas de Chefes de Estado e de Governo. A ASPA era integrada por 34 países, além da Unasul e da Liga dos Estados Árabes, e contava com comitês temáticos, entre eles, um de cultura e educação.

Olhando em retrospecto, hoje percebemos ainda mais claramente que o período progressista foi marcado por um desejo de reconfiguração das relações de poder da América Latina com o resto do mundo. Ou seja, mais do que o reposicionamento individual de cada país no sistema-mundo, observou-se um esforço conjunto e bastante coeso, ao menos politicamente, de questionamento da lógica da globalização. No campo da cultura, essa disputa contra-hegemônica caracterizou-se, entre outras coisas, pela incorporação de novos conceitos na agenda da integração regional. Adquiriram destaque temas relacionados à descolonização, à diáspora, ao *buen vivir*, à promoção da diversidade cultural, à proteção dos direitos indígenas e à defesa dos direitos culturais na Internet. Qual a sua avaliação sobre estes esforços, considerando o momento atual em que se acentuam novamente as distâncias entre o centro e as margens do poder? Na sua visão, a articulação regional contribuiu para a inserção de países periféricos nas mesas de negociação internacional?

Juca Ferreira: Acredito que sim. Não era só a cultura isoladamente. Na verdade, todo esse clima do que chamam *onda rosa* conferiu uma potência nas relações internacionais para a América Latina. Lula era um líder respeitado no mundo inteiro. Evo Morales, Néstor Kirchner. A gente tinha o nosso amigo Mujica. Mujica era um ícone, que assumiu um significado parecido com o de Lula aqui no Brasil. Então, tudo isso implicou uma reverberação e uma possibilidade enorme, como a importância que a gente passou a ter na UNESCO.

Eu fui presidente do Comitê do Patrimônio Mundial em 2010, e consegui segurar uma movimentação contra o Equador¹⁹. Queriam tirar o caráter de Patrimônio Mundial do Arquipélago de Galápagos e eu fui lá, levei uma equipe do Ministério do Meio Ambiente para analisar, e eles

¹⁹ As Ilhas Galápagos (Equador) foram inscritas na Lista do Patrimônio Mundial em 1978. Em 2007, no entanto, foram incluídas na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo, que reúne bens em situação de risco à sua integridade e preservação, seja por ação humana ou natural. Já em 2010, organizou-se uma visita técnica ao local, chefiada por Juca Ferreira, que naquele momento assumia a presidência do Comitê do Patrimônio Mundial, a fim de que fossem avaliadas as condições de conservação do sítio e os esforços do governo equatoriano no sentido de reverter a situação. A visita técnica foi sucedida por negociações no âmbito da 34ª Sessão do Comitê do Patrimônio Mundial, realizada em julho de 2010, em Brasília, quando as Ilhas Galápagos foram finalmente retiradas da lista do Patrimônio Mundial em Perigo.

disseram: “80% tá corretíssimo, uns 15% precisa melhorar e só 5% está errado”. Então eu defendi, joguei meu peso de presidente do Comitê para manter Galápagos na Lista do Patrimônio Mundial. Isso só era possível porque estávamos empoderados por esse processo global, que acabou abrindo essas possibilidades. Acho que aquele foi um momento importante para a América Latina e que agora a gente está vendo um retrocesso com a tentativa de reenquadramento da região na geopolítica americana de uma forma passiva, apenas como agentes de uma política cujo centro e o interesse não são os nossos²⁰.

Mas, naquele momento, de fato, havia um sentimento de empoderamento da América Latina, de rebeldia contra papéis pré-definidos pelos centros de poder no mundo, a necessidade de ultrapassarmos os limites da geopolítica norte-americana. O esforço de nos constituir como uma unidade, uma articulação, foi grande, mas não chegou a um nível de articulação de uma série de propostas. Por exemplo, se você analisar o Mercosul, o bloco mostrou-se deficiente em muitos aspectos. Até no plano puramente econômico, que era o aspecto principal, avançaram as relações comerciais com a Argentina, com outros países, mas, na verdade, eu sentia e acho que em um novo ciclo, que se aproxima, a gente vai ter que pensar de uma forma mais profunda. Tínhamos que ter articulado mais as nossas universidades, criado revistas científicas em português e espanhol para que não fôssemos dependentes da publicação dos textos científicos dos latino-americanos em revistas inglesas, americanas e alemãs. O potencial de articulação das academias é enorme, mas, na realidade, ainda é muito pequeno.

A gente demonstrou ter muita dificuldade e, como eu disse no início, às vezes se perde um pouco na retórica ou no nível de uma política que não é estratégica. Defendi, já no final do mandato, a necessidade de criar mercados comuns e estabelecer um nível de coprodução cultural na América Latina muito maior do que atingimos, que sempre foi pequena,

²⁰ A entrevista com Juca Ferreira foi gravada durante o terceiro ano do mandato de Jair Bolsonaro, cuja presidência tem sido marcada por transformações significativas na política externa brasileira e pela retração da atuação do país em organismos internacionais.

exemplar, tanto no cinema quanto em outras áreas. Quanto a isso, eu só fui ter acolhimento quando já estava na SEGIB, quando o Enrique Iglesias me pediu para elaborar uma proposta para a Cúpula Ibero-Americana dos Chefes de Estado e de Governo. As autoridades aprovaram a proposta por unanimidade duas vezes, em Cádiz²¹ e, depois, na Cidade do Panamá²². Mas não houve encaminhamento, desdobramento. Escrevi recentemente um artigo sobre isso, sobre essa possibilidade de criar um mercado comum²³. Passaríamos a ser o terceiro maior mercado cultural do mundo. Então, entendo que faltava essa visão estratégica que daria uma concretude. Havia um ambiente muito favorável de aproximação, houve alguns desdobramentos importantes, mas não conseguimos, de fato, dar o pulo do gato, o salto em direção a uma nova qualidade nessas relações.

E até no sentido de garantir a institucionalização das políticas, o que dificultaria os retrocessos todos.

Juca Ferreira: É isso. Eu cheguei a propor que esse mercado comum e essa articulação, gerando coproduções, envolvesse os países de língua portuguesa da África, Portugal e Espanha, para ter uma potência que pudesse ter força para contra-arrestar os fluxos em uma direção só da globalização.

O consenso que se estabelece entre os governos da região a partir de 2003 sobre a centralidade das dimensões política e social para o aprofundamento da integração no âmbito do Mercosul impactou de maneira significativa os debates da Reunião de Ministros da Cultura do bloco, que passam a articular temas como cultura, cidadania, democratização e direitos humanos. Contudo, as soluções apresentadas pela Reunião de Ministros da Cultura aos problemas das nossas sociedades não ressoaram plenamente nas agendas política e

²¹ Declaração Final da XXII Cúpula Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo (Cádiz, 2012).

²² Declaração Final da XXIII Cúpula Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo e Declaração da XVI Conferência Ibero-Americana de Cultura (Cidade do Panamá, 2013).

²³ Juca Ferreira informou, na ocasião da entrevista, que o artigo ainda não tinha sido publicado, razão pela qual não foi possível citá-lo.

econômica das demais instâncias do bloco, tampouco no financiamento dos programas, projetos e ações propostos pela instância cultural do Mercosul. No plano nacional, observou-se processo bastante semelhante: os programas, projetos e ações da área cultural sofreram perdas orçamentárias graduais e expressivas; não foi possível suprir a contento a carência dos mecanismos de financiamento à cultura; o evidente potencial de participação das atividades e serviços culturais no PIB parece não ter sido suficiente para levar à prática o entendimento sobre a cultura como vetor de desenvolvimento sustentável e como resposta aos grandes desafios da sociedade (desafios de ordem ambiental, humanitária e, mais recentemente, sanitária). Diante desse cenário, como enfrentar a lógica dominante vigente tanto nos âmbitos político-diplomáticos do bloco quanto nas estratégias nacionais, que partem de uma concepção limitada sobre o lugar da cultura para o desenvolvimento? Como a cultura pode contribuir para a imaginação de horizontes civilizatórios alternativos à concepção de desenvolvimento e para a construção de projetos de integração regional propriamente latino-americanos, de caráter emancipatório e contra-hegemônico?

Juca Ferreira: O que vou dizer é fruto dessa experiência, porque eu me joguei nessas relações internacionais, entendi perfeitamente a importância relativa do Brasil para fortalecer esse processo de integração e compartilhar com os países vizinhos e com a América Latina uma visão democrática de relação do Estado com a cultura, de estímulo do protagonismo da sociedade, da importância da cultura para o desenvolvimento dos países. O discurso era sempre esse, eu insistia muito nisso, a cultura como uma questão central do desenvolvimento humano. Eu, inclusive, não sabia, depois que eu fui ministro é que eu descobri, que na Carta dos Direitos Humanos estão presentes os direitos culturais. A gente não dá muita importância no Brasil. A cultura é tratada como algo secundário. O Gil dizia que a cultura era vista como a cereja do bolo, algo para enfeite e como uma política setorial, quando, na verdade, o esforço

que a gente fez foi para transformá-la numa política central, norteadora do projeto de desenvolvimento. O nível de assimilação foi relativo. Vou dizer uma coisa que eu tenho perfeita consciência de que é verdade, que não estou cometendo nenhuma injustiça. No governo, quem melhor compreendia isso era o próprio Lula. Os ministros, a maioria, não tinham consciência da necessidade de fazer esse deslocamento. Para fazer esse deslocamento, tem que ter reforço orçamentário, valorização, desenvolvimento da dimensão transdisciplinar da cultura. Cultura tem a ver com saúde, com educação, com política internacional, com a economia, com tudo. Mas havia muita dificuldade, porque há um conceito de Estado que estanquiza essas dimensões e raramente se mostra de forma integrada.

Se um dia eu puder influenciar a constituição de governos democráticos, eu vou sugerir que, se por um lado essas políticas setoriais precisam ter seus ministérios, por outro, é preciso ter instâncias de articulação fortes dentro do governo para fazer o contraponto e possibilitar que não haja o esquiteamento da compreensão da função do Estado no desenvolvimento. A cultura, por exemplo, precisa disso, dessa interação com a educação e com outras áreas. Não pode ficar dependendo da compreensão e da boa vontade do ministro de plantão. É uma coisa mais profunda. E acho que depois da experiência Bolsonaro, que defende o conceito de guerra cultural, além dessas três dimensões que nós ressaltamos durante o governo – a dimensão simbólica, como um território capaz de gerar uma coesão nacional e garantir a diversidade; a dimensão cidadã, que é o direito de todos terem acesso à cultura; e a dimensão econômica – é preciso também instalar a dimensão da cultura no projeto de desenvolvimento humano do país. Parte dos problemas que a gente vive, como a regressão fantástica ao terraplanismo, o negacionismo da ciência, regredindo para uma fase pré-iluminista, tudo isso tem a ver com um baixo nível cultural. Porque se por um lado a cultura é complexa, diversa e tem muitas dimensões, inclusive algumas que não são escolarizáveis, frutos da complexidade da formação do país, com suas

diversas matrizes africanas, indígenas e europeias, por outro lado, é preciso estabelecer um processo de acesso igualitário a níveis de informação da dimensão da cultura, e isso cabe ao Estado. Aí é a escola, é a biblioteca, são os teatros, os centros culturais, é o desenvolvimento cultural contando com a contribuição do Estado democrático. Para isso, é preciso desenvolver a consciência: consciência de uma cultura democrática, consciência da importância da diversidade humana, de que ela não é uma ameaça à vida de ninguém, a importância de valorizar as raízes africanas, indígenas, europeias. Tudo isso são processos que exigem um nível de complexidade política maior. Então, eu acho que em um novo ciclo, vamos ter que pensar políticas que ultrapassem as três dimensões que nós colocamos e que aceitem esse desafio posto pela extrema direita de assumir, não uma guerra cultural, mas assumir, no plano da própria cultura, o enfrentamento de valores em construção das bases civilizatórias do Brasil. Acho que a gente chegou a sensibilizar a sociedade, sensibilizar as forças políticas e ideológicas, mas não conseguimos dar o salto de qualidade ainda, no sentido de incorporar a cultura como elemento central de um projeto de desenvolvimento do país. Acho que nesse próximo ciclo talvez seja o momento de consolidar esse processo.

No atual contexto de pandemia e de emergência cultural, as respostas mais contundentes de enfrentamento aos impactos da pandemia de Covid-19 para a cultura em nossa região emergem das mobilizações articuladas por artistas, trabalhadores da cultura, movimentos artísticos e culturais, e redes de cultura viva comunitária, tanto em lutas por garantias de direito por parte dos Estados quanto construindo estratégias de solidariedade transnacional. Como esses atores podem contribuir para a democratização e descolonização da integração regional latino-americana? Qual a importância dessa mobilização social transnacional para a construção de novos horizontes sociais, políticos e epistemológicos? Acredita que é possível imaginar um modelo de integração regional desde “abaixo”, desde os povos?

Como articular as lutas por direitos no âmbito estatal com as lutas por autonomia e construção de horizontes para além do atual Estado-nação? Qual o papel da cultura e, em particular, das políticas culturais na construção de utopias concretas, que façam frente ao processo de acentuação de desigualdades sociais e econômicas neste contexto de pandemia?

Juca Ferreira: Desde a década de 1960, participo dos processos políticos do Brasil e acompanho os fluxos ideológicos e políticos mundiais. Eu não me filiei, em nenhum momento, a uma tendência que é considerada autonomista, que é uma certa hipervalorização do protagonismo da sociedade e uma subestimação da instância política. Não dá em nada isso. Você esvazia a possibilidade de institucionalizar direitos, de constituir uma superestrutura desenvolvida, que incorpora, inclusive, esse fluxo que vem de baixo. Eu vejo mais como um processo interativo entre o desenvolvimento político da sociedade, que gera desenvolvimento institucional, que é capaz de institucionalizar direitos e incorporar demandas e necessidades da sociedade, que sempre é apresentada ou pelos movimentos sociais, ou pelos movimentos culturais ou pelos artistas. Então, esse processo social complexo é que gera a possibilidade de uma vida cultural saudável num país. Quando há essa vida cultural saudável – liberdade de expressão, desenvolvimento de linguagens e manifestações, protagonismo da sociedade como um todo, artistas criando e desenvolvendo seu papel específico –, a gente tem o melhor ambiente possível. Então, se você não dá importância ao desenvolvimento dessa estrutura, à institucionalização, a uma postura correta do estado democrático, você fecha uma dimensão que é fundamental. A energia que vem da sociedade tem que penetrar no tecido político e na estrutura do Estado e se converter em institucionalidade e políticas. Vejo essas duas coisas conectadas. Sem a sociedade não existe avanço. Esse é um erro de políticas culturais que eu vi na Europa e vi em alguns países latino-americanos: a falta de compreensão da importância desse processo cultural que a sociedade desenvolve em qualquer condição. Você vai a uma

favela, a população é açoitada pela miséria, pelo tráfico, pelas milícias, pela polícia, mas, mesmo assim, produzem cultura. E, muitas vezes, de excelente qualidade. Hoje não dá para falar de cultura em São Paulo sem falar do que é produzido nas periferias da cidade. Isso é uma realidade que você pode estender para praticamente todas as capitais do Brasil.

Então, eu vejo isso como um processo complexo e dinâmico. É preciso aprofundar cada vez mais o papel cultural do estado democrático, o papel do desenvolvimento cultural do país, o papel de criar as melhores condições para a criação artística, dando apoio, sustentação, financiamento, estímulo, liberdade de expressão, escola para formação. Para mim, é uma complexidade e é um sintoma importante de desenvolvimento civilizatório de um país.

Eu ainda não tenho muita reflexão sobre o que vai emergir no pós-pandemia. Percebo que a dimensão da cultura digital vai se fortalecer muito. Veio para ficar toda essa conversa digital: *lives*, conferências e debates... Ela é mais barata, principalmente em um país de dimensões continentais como o Brasil. Possibilita uma agilidade grande, uma mobilização de pessoas de qualquer parte do mundo, que confortavelmente participam de uma reflexão, de um evento. Mas acho que não virá para substituir as dimensões presenciais. Será um reforço muito grande. Teremos novas questões sendo colocadas, o mundo está avançando rapidamente. Por exemplo, a emergência das mulheres é irreversível. Não dá mais para pensar cultura em lugar nenhum do mundo sem uma reflexão que represente a ressignificação e o redimensionamento da relação entre homens e mulheres.

Quando eu era Ministro, passei quatro dias numa aldeia Ashaninka, dentro da Amazônia, na fronteira com o Peru. Tinha que ir de avião monomotor até uma cidade chamada Marechal Dalmaturo (Acre). Lá os índios me pegaram, me levaram de canoa, acho que durante duas, três horas, pelo rio até chegar à aldeia. Dois fatos significativos aconteceram lá e são significativos para essa conversa. Um dia eu fui até a beira do rio – a aldeia ficava no alto e, embaixo, à margem do rio, estavam umas seis ou

sete mulheres indígenas lavando utensílios de cozinha e falando mal do machismo. Elas diziam: “Esses homens... A gente precisa dar um ‘tranco’ nesses caras”. Pensei: “O discurso de igualdade de direitos das mulheres chegou aqui”. E se chegou lá, é um sinal do estágio irreversível dessa questão. Então, tudo será revisitado, há muitas possibilidades. Outro dia, eu vi um debate sobre a poesia de Vinícius [de Moraes]. Eu gosto muito de Vinícius, o acho um grande poeta, ao contrário de algumas pessoas que acham que ele é um poeta menor, porque é um poeta romântico. Mas tem algumas coisas que o Vinícius disse sobre a relação entre homem e mulher que não é mais possível serem ditas hoje. Você vê a música de Martinho da Vila também, que se presta a uma crítica das mulheres, apesar de ele ser um grande sambista, um grande letrista. Então, tudo será revisitado.

Os negros também já chegaram a um estágio de demandas, de questionamento do racismo e da desigualdade, que eu também acho que é uma questão cultural irreversível. No caso do Brasil, os povos indígenas também estão extremamente mobilizados. A sociedade democrática terá que garantir o espaço dos povos indígenas, sem serem molestados e atacados por esses setores mais “barra pesada” da sociedade: madeireiros, garimpeiros, agronegócio. Eu já vejo essa emergência. A periferia também. Não será mais possível no Brasil a aceitação ou a convivência com o morticínio das populações que vivem nas periferias das grandes cidades. A violência está sendo muito questionada no Brasil e é irreversível também. Nós somos uma sociedade muito violenta. É preciso reconstituir relações sociais de modo que essa violência seja reduzida e contida a uma dimensão mínima. Muita coisa vai acontecer. Os artistas captam esse universo complexo. Toda a comunidade LGBTQIA+ também já não vai voltar para o armário.

Em meio às dificuldades que estamos vivendo – pandemia, Bolsonaro, extrema direita, repressão – a sociedade está aflorando e continuando seu processo de explicitação de necessidades e demandas. Acho que isso é a base da continuidade do processo cultural. Fora isso, a manutenção das nossas tradições, o reavivamento dos vínculos com

matrizes culturais que a sociedade brasileira consegue, em meio a todo esse processo, manter. Outro dia, eu fui a um debate em que estavam vários pensadores latino-americanos. Eu não fiquei satisfeito com o que eles disseram sobre o futuro e eu também não me arrisquei muito porque, confesso, eu estou muito envolvido com o “aqui e agora” que está muito bravo no Brasil, de muitas incertezas e retrocessos.



**REDE LATINO-AMERICANA DE TEATRO EM COMUNIDADE:
REFLEXÕES SOBRE CULTURA VIVA COMUNITÁRIA E INTEGRAÇÃO
REGIONAL CONTRA-HEGEMÔNICA NA AMÉRICA LATINA
ENTREVISTA - ADRIANO MAURIZ, EDITH SCHER E LUIS VASQUEZ**

*RED LATINOAMERICANA DE TEATRO EN COMUNIDAD:
REFLEXIONES SOBRE CULTURA VIVA COMUNITARIA E INTEGRACIÓN
REGIONAL CONTRAHEGEMÓNICA EN AMÉRICA LATINA
ENTREVISTA - ADRIANO MAURIZ, EDITH SCHER Y LUIS VASQUEZ*

*LATIN AMERICAN NETWORK OF COMMUNITY THEATER:
REFLECTIONS ON COMMUNITY LIVING CULTURE AND
COUNTER-HEGEMONIC REGIONAL INTEGRATION IN LATIN AMERICA
INTERVIEW - ADRIANO MAURIZ, EDITH SCHER AND LUIS VASQUEZ*

Eduardo Salles Ulian¹ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Valéria Teixeira Graziano² 

Universidad de Salamanca, Espanha

Resumo: A entrevista tem como objetivo refletir sobre as experiências que emergem do movimento latino-americano *Cultura Viva Comunitária*, a partir das relações entre políticas culturais, integração regional e emancipação social. Dentre os atores que compõem o movimento, destacamos na presente entrevista a *Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade*. Para tanto, entrevistamos três gestores de espaços culturais que integram a Rede: Edith Scher, fundadora e diretora do grupo de teatro comunitário *Matemurga*, no bairro Villa Crespo, Buenos Aires, Argentina; Luis Vasquez (Tin Tin), coordenador do *Teatro Trono*, localizado em El Alto, La Paz, Bolívia; e Adriano Mauriz, membro fundador do grupo *Pombas*

¹ Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: eduardoulian@gmail.com

² Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidad de Salamanca, Espanha. Mestra em Estudos Culturais (USP). Mestra em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (UNB). Email: valeriagraziano@gmail.com

Urbanas, que atua em Cidade Tiradentes, São Paulo, Brasil. Por meio da visibilização de atores e temáticas tradicionalmente ignorados pelo campo teórico das Relações Internacionais, esperamos contribuir para o debate sobre a urgência de descolonizar os estudos de integração regional e para a imaginação de alternativas contra-hegemônicas.

Palavras-chave: Cultura Viva Comunitária; Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade; Integração Regional Contra-Hegemônica; Relações Internacionais Decoloniais; América Latina.

Resumen: La entrevista tiene como objetivo reflexionar sobre las experiencias que emergen del movimiento latinoamericano *Cultura Viva Comunitaria*, a partir de las relaciones entre políticas culturales, integración regional y emancipación social. Entre los actores que integran el movimiento, destacamos en esta entrevista a la *Red Latinoamericana de Teatro en Comunidad*. Para ello, entrevistamos a tres gestores de espacios culturales que forman parte de la Red: Edith Scher, fundadora y directora del grupo de teatro comunitario *Matemurga*, en el barrio de Villa Crespo, Buenos Aires, Argentina; Luis Vásquez (Tin Tin), coordinador del *Teatro Trono*, ubicado en El Alto, La Paz, Bolivia; y Adriano Mauriz, miembro fundador del grupo *Pombas Urbanas*, que actúa en Cidade Tiradentes, São Paulo, Brasil. A través de la visibilización de actores y temas tradicionalmente ignorados por el campo teórico de las Relaciones Internacionales, esperamos contribuir al debate sobre la urgencia de descolonizar los estudios de integración regional y a la imaginación de alternativas contrahegemónicas.

Palabras clave: Cultura Viva Comunitaria; Red Latinoamericana de Teatro en Comunidad; Integración Regional Contrahegemónica; Relaciones Internacionales Decoloniales; América Latina.

Abstract: The interview aims to reflect on the experiences that emerge from the *Latin American Community Living Culture movement*, based on the relationships between cultural policies, regional integration and social emancipation. Among the actors that make up the movement, we highlight in this interview the *Latin American Community Theater Network*. Therefore, we interviewed three managers of cultural spaces that are part of the network: Edith Scher, founder and director of the community theater group *Matemurga*, in the neighborhood of Villa Crespo, Buenos Aires, Argentina; Luis Vásquez (Tin Tin), coordinator of the *Teatro Trono*, located in El Alto, La Paz, Bolivia; and Adriano Mauriz, founding member of the *Pombas Urbanas*, from Cidade Tiradentes, São Paulo, Brazil. Through the visibility of actors and issues traditionally ignored by the theoretical field of International Relations, we intend to contribute to the debate on the urgency of decolonizing regional integration studies and to the imagination of counter-hegemonic alternatives.

Keywords: Living Community Culture; Latin American Community Theater Network; Counter-hegemonic Regional Integration; Decolonial International Relations; Latin America.

DOI:[10.11606/jssn.1676-6288.prolam.2022.193714](https://doi.org/10.11606/jssn.1676-6288.prolam.2022.193714)

Recebido em: 23/12/2021
Aprovado em: 30/06/2022
Publicado em: 03/07/2022

1. Introdução

Durante o chamado ciclo progressista latino-americano (2003-2015), as lutas articuladas por movimentos sociais compostos por grupos étnico-culturais historicamente marginalizados foram marcadas tanto por experiências inovadoras de diálogo e cooperação com atores governamentais e intergovernamentais, como por embates, tensões e desafios em torno dos distintos projetos políticos e civilizacionais em disputa. É neste período também que as políticas culturais são ressignificadas e ganham espaço nas agendas governamentais e nos projetos de integração regional, com destaque para a criação do *Programa Cultura Viva* e dos *Pontos de Cultura* pelo Ministério da Cultura do Brasil em 2004. Esta política pública pode ser considerada um marco na construção de um entendimento comum na América Latina sobre o lugar da cultura para o desenvolvimento regional e o papel do Estado como promotor de políticas culturais descentralizadoras e territorialmente localizadas, tendo inspirado legislações e iniciativas públicas em outros países da região, assim como projetos de cooperação em distintos espaços de integração.

Neste cenário complexo, contraditório e rico de intercâmbios, nasceu o movimento latino-americano *Cultura Viva Comunitária (CVC)*³, com o objetivo de fortalecer experiências comunitárias locais por meio da conformação de uma rede de solidariedade transnacional. Os grupos e coletivos culturais comunitários fazem parte da realidade social da América

³ Para saber mais sobre o CVC consultar o sítio disponível em: <https://culturavivacomunitaria.net/>. As atividades do CVC podem também ser acessadas na rede do facebook: <https://www.facebook.com/culturavivacomunitaria>

Latina por meio de inúmeros grupos de teatro, museus de bairro, bibliotecas populares, rádios comunitárias, circo social, grupos urbanos, entre outras manifestações e expressões culturais organizadas a partir de uma visão comunitária como projeto político e social (SANTINI, 2017). Desde o encontro desses atores sociais no Brasil em 2009 - primeiro no âmbito do Fórum Social Mundial de Belém do Pará, entre os dias 27 de janeiro e 1º de fevereiro desse ano, e, posteriormente, no II Congresso Ibero-Americano de Cultura, de 30 de setembro a 3 de outubro -, o movimento protagoniza disputas e experiências cooperativas fundamentais tanto para o fortalecimento de iniciativas culturais empreendidas por comunidades locais, como para a aprovação de políticas públicas de cultura na América Latina e, em especial, de políticas culturais de base comunitária.

Por meio de sua atuação em diferentes níveis – local, nacional, regional e global –, tais articulações têm contribuído para a criação e consolidação de redes de solidariedade, cooperação e intercâmbio de experiências entre artistas, gestores e demais atores culturais comunitários, assim como para a conquista de direitos culturais. Pode-se afirmar, ainda, que o movimento CVC tem contribuído para a construção, na prática, de novas relações entre Estado e sociedade. Dentre as iniciativas criadas pelo movimento regional, destacam-se a *Plataforma Puente Cultura Viva Comunitária*; o *Conselho Latino-Americano de Cultura Viva Comunitária*; e o *Congresso Latino-Americano de Cultura Viva Comunitária*, cuja primeira edição foi realizada em El Alto, Bolívia, em 2013. Ressalta-se, ademais, o protagonismo do movimento no processo de implementação do Programa Ibero-Americano de Cooperação *Ibercultura Viva*⁴, e a participação ativa em eventos internacionais como o Fórum Social Mundial, o Congresso Ibero-Americano de Cultura e a Cúpula dos Povos, celebrada no contexto da Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável em 2012 (Rio+20). Neste ano de 2022, o movimento CVC se prepara para a

⁴ IberCultura Viva é um programa de cooperação técnica e financeira entre governos países ibero-americanos, que tem como objetivo fortalecer as políticas culturais de base comunitária por meio do apoio tanto às iniciativas governamentais dos países membros como as desenvolvidas por organizações culturais comunitárias e povos originários em seus territórios. Para saber mais: <https://iberculturaviva.org/como-funciona/>.

realização da quinta edição de seu congresso regional, que ocorrerá em outubro, no Peru.

Dentre os múltiplos atores que compõem o CVC, destacamos nesta entrevista a *Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade*, a qual reúne grupos de teatro comunitário da região. Durante o II Congresso Ibero-Americano de Cultura, realizado em São Paulo, em setembro de 2009, com o tema *Cultura e Transformação Social*, a apresentação da peça teatral *El Quijote* **[FIGURA 1]** marcou oficialmente o nascimento da Rede. Na cena, onze Quixotes e Onze Sanchos, representando 16 grupos teatrais da América Latina, protagonizaram o sonho de Lino Rojas⁵ de formar uma *Pátria do Teatro*. Com o lema “nossa pátria é o teatro” e contando, desde sua criação, com mais de 40 grupos, a *Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade* estabeleceu como objetivos iniciais a promoção do apoio mútuo, a criação de mecanismos para intercâmbio de informações, a inter-relação do teatro com a comunidade, além da criação de programas de educação e formação.

⁵ Lino Rojas (1942-2005) foi ator e diretor peruano. Fundou em 1989 o grupo de teatro *Pombas Urbanas*, no bairro de São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo.

FIGURA 1: Ensaio de El Quijote no Centro Cultural Arte em Construção em São Paulo (Brasil) em setembro de 2009.



FONTE: FÓSFORO, 2009.

Desse modo, a presente entrevista com gestores de espaços culturais que compõem tal rede tem como objetivo refletir sobre as experiências que emergem do movimento *Cultura Viva Comunitária* e da *Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade*, discutindo a relação entre políticas culturais, integração regional e emancipação social. Ressaltam-se, neste sentido, as contribuições do teatro comunitário latino-americano para a criação de estéticas, metodologias e práticas que, a partir de perspectivas subalternas do Sul Global, (re)valorizam o indivíduo, o ser social e o comunitário. Para tanto, entrevistamos⁶ Edith Scher, fundadora e diretora do grupo de teatro comunitário *Matemurga*, no bairro Villa Crespo,

⁶ A entrevista foi realizada de maneira virtual, no dia 03 de junho de 2021. Neste momento, os países da região seguiam em confinamento imposto pela pandemia do Covid-19.

Buenos Aires, Argentina; Luis Vasquez (Tin Tin), coordenador do *Teatro Trono*, localizado em El Alto, La Paz, Bolívia; e Adriano Mauriz, membro fundador do grupo *Pombas Urbanas*, que atua em Cidade Tiradentes, São Paulo, Brasil. Para a seleção dos entrevistados, consideramos a diversidade geográfica dos grupos representados; o histórico da atuação dos respectivos grupos tanto no âmbito do CVC quanto da rede de teatro; assim como as experiências e atuação dos três representantes no que se refere aos temas abordados na entrevista.

Trata-se, portanto, da apresentação de visões plurais de um movimento que, desde a sua formação, estimula o desenvolvimento de projetos ético-político-pedagógicos baseados em cosmovisões diversas, tal como a concepção indígena andina do *vivir bien/ buen vivir*, e no fortalecimento de laços comunitários regionais. Para além de todos os desafios e contradições inerentes à construção de redes tão amplas e diversas, as práticas, conhecimentos e experiências comunitárias desenvolvidas por tais grupos, a partir de relações de cooperação, reciprocidade e horizontalidade, apontam a construção de caminhos possíveis e alternativos ao atual padrão civilizatório colonial capitalista patriarcal moderno. Desse modo, pode-se entender que tanto o movimento latino-americano *Cultura Viva Comunitária* quanto a *Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade* constituem iniciativas de integração regional contra-hegemônicas.

Assim, por meio da visibilização de atores e temáticas tradicionalmente ignorados pelo campo teórico das Relações Internacionais, esperamos contribuir para a reflexão sobre a urgência de descolonizar os estudos sobre integração regional e para a imaginação de outros mundos, tal como propõem os múltiplos *Quijotes* mencionados anteriormente. Diante de um projeto colonialista inacabado e que persiste na implementação de uma forma política de desencanto da vida, é preciso manter firmes os elos comunitários e, mais do que nunca, manter acesa a chama que nos une, nos integra e nos inspira a caminhar.

Para empezar, les pediríamos para contarnos un poco sobre el proceso de constitución de la red de teatro en comunidad y del movimiento latinoamericano *Cultura Viva Comunitaria* (CVC), que ocurrió en un contexto político en nuestra región marcado por el ascenso de gobiernos progresistas, los cuales, a pesar de sus límites y contradicciones, han propiciado la organización y fortalecimiento de los movimientos sociales, así como la ampliación del debate sobre derechos culturales y políticas culturales en América Latina.

Edith Scher: Creo que hay una larga historia en la que se fue construyendo, se fue conceptualizando y se fue pensando todo eso. Creo que hay una historia que encontró un momento histórico en el cual florecer, un contexto en el cual la población empieza a conquistar algunos derechos y a mejorar su situación económica, y a partir de eso se siente merecedora de más. La Cultura Viva comunitaria no aparece en esa década, es muy anterior. Lo que sí hay es una visión de la oportunidad histórica, y esto empieza a florecer. La *Red de Teatro Comunitario Argentino* también se consolidó en esos años. Antes de eso, existían el grupo *Catalinas del Sur* y el *Circuito Cultural Barracas*, que habían fomentado la creación de dos grupos en la provincia de Misiones, limítrofe con Brasil. Aquí en Argentina, el inicio de los años 2000 fue enmarcado por una crisis enorme que precedió al advenimiento del gobierno de Néstor Kirchner⁷ y es en ese contexto que empieza a nacer la red, y posteriormente, el movimiento CVC en Latinoamérica. Pero ya había antecedentes, ya se venían juntando personas de los diferentes grupos⁸. Creo que vale destacar también el antecedente de la *Red Latinoamericana de Teatro en Comunidad*, que ya

⁷ Néstor Kirchner assumiu a Presidência em 2003, logo depois da histórica crise de 2001-2002, quando cinco presidentes passaram pela Casa Rosada em poucas semanas. Néstor Kirchner pertencia ao Partido Justicialista ou Peronista e governou o país entre 2003 e 2007. Morreu subitamente no dia 27 de outubro de 2010, aos 60 anos.

⁸ A entrevistada elucida nesse trecho que já havia na Argentina um movimento anterior tanto ao surgimento do CVC, quanto em relação a Rede Latinoamericana de Teatro em Comunidade, realizado por alguns expoentes do teatro comunitário na Argentina, como Adhemar Bianchi do grupo Catalinas del Sur e Ricardo Talento do Circuito Cultural Barracas. Esses expoentes, tendo vivido o período de grande crise econômica e social na Argentina, já haviam plantado a semente para fortalecer a prática do teatro comunitário e, posteriormente, a implementação das políticas culturais advindas do CVC e para a formação da Rede de Teatro Comunitário Argentina e da Rede Latinoamericana de Teatro em Comunidade.

había realizado el famoso *El Quijote* en 2009⁹. Entonces lo que quiero decir es que había una historia muy fuerte que encuentra el momento histórico propicio para construir y visibilizar todo eso que se venía trabajando muchísimo tiempo antes.

Luis Vasquez (Tin Tin): El encuentro de *los quijotes* fue el semillero provocador para decir “ahí estamos”. Estábamos siempre, en diferentes países, en toda Latinoamérica, en todo el mundo, estábamos ahí. *El Quijote* ha sido una excusa para encontrarnos. Y entonces Iván Nogales¹⁰, nuestro hermano soñador, dijo: “si ya se dio este primer encuentro con nuestros hermanos y hermanas, ¿por qué no hacemos en el 2012 una caravana por la vida?”. Este concepto que nosotros manejamos en Bolivia, el *marchar por la vida*, tiene que ver con nuestras luchas sindicales, con nuestra historia, con la marcha organizada por los mineros en un periodo en que no había esperanza económica y política, y que vivíamos una crisis cultural. Reconociendo ese hito histórico en Bolivia, nosotros dijimos y, en este caso, Iván, el quijotesco, dijo: “nosotros vamos a hacer la caravana por la vida. ¿Para qué? Para reunir estos sueños quijotescos latinoamericanos y encontrarnos”. Entonces nosotros del *Teatro Trono*, con un camión y un pequeño bus donde vivían 25 actores y actrices, viajamos durante un mes y medio de *Copacabana a Copacabana*: de Copacabana, en el lago Titicaca, Bolivia, a 4100 m de altura del nivel del mar, hasta Copacabana, Río de Janeiro, Brasil¹¹. Mientras hacíamos esa travesía, recorrimos Puntos de Cultura¹², este concepto de Brasil que nosotros estábamos bien

⁹ *El Quijote* foi um espetáculo teatral construído coletivamente por 16 grupos de teatro da América Latina e apresentado durante o II Congresso Ibero-Americano de Cultura - Cultura e Transformação Social, realizado em São Paulo, em setembro de 2009, marcando o nascimento da Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade. Esta iniciativa-encontro inspirou também, posteriormente, a criação do movimento CVC. Ver a história no sítio do Iberculturaviva, disponível em: <<https://iberculturaviva.org/o-programa/historico/>>. Acesso em 21 jun. 2022.

¹⁰ Iván Nogales Bazan (1963-2019) desenvolveu seu trabalho na cidade de El Alto (La Paz, Bolívia), onde fundou o Teatro Trono em 1989 com um grupo de meninos de rua e desenvolveu a metodologia artística denominada “Descolonização do corpo”, a partir do teatro comunitário com temáticas educativas, sociais e políticas.

¹¹ A *Caravana pela Vida* foi uma jornada épica que teve como objetivo participar de encontros organizados pela sociedade civil durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 2012. O grupo tinha como lema a defesa da relação intrínseca entre cultura e natureza: cultura + natureza = cultura viva. Disponível em: <<https://iberculturaviva.org/caravana-pela-vida-a-aventura-missao-que-fez-historia-no-movimento-de-cultura-viva-comunitaria/>>. Acesso em 10 out. 2021.

¹² A Política Nacional de Cultura Viva (antigo Programa Cultura Viva), desde sua implementação em 2004, alcançou grande dimensão nacional e internacional, e atualmente é uma referência para políticas culturais em vários países da América Latina. A Política Nacional de Cultura Viva foi desenhada para valorizar a cultura de base

enamorados en ese tiempo, porque para nosotros no existe el lenguaje como límite, como barrera, y estas políticas famosas de los Puntos de Cultura para nosotros era cómo llegar a esos *niditos*, esos semilleros, para encontrarnos y conocer la realidad. Con la *Caravana por la Vida* **[FIGURAS 2 e 3]**, empezamos a encontrar no solamente Puntos de Cultura en Brasil, sino en nuestro propio país. Una excusa era Río + 20, que era una reunión de gamonales, pero nosotros, más anarquistas culturales, nos reunimos con los manifestantes y movimientos sociales. Me acuerdo de que habían hermanos de diferentes lugares, indígenas del Amazonas, grupos ecuatorianos... Entonces allí empezaban a germinar estos semilleros quijotescos. Siempre han estado, como explicó Edith, con la historia del teatro comunitario en Argentina, con el teatro de Centroamérica, con los Puntos de Cultura en Brasil, pero en este momento se ha dado un hincapié, y era como un desborde. Para mí, ahí está el origen de lo que hoy conocemos como Cultura Viva Comunitaria. Y ahora ya estamos entrando al quinto Congreso Latinoamericano de Cultura Viva Comunitaria.

comunitária, a articulação em rede e a gestão compartilhada, com base nos princípios da autonomia, protagonismo e empoderamento da sociedade civil, contemplando iniciativas ligadas aos povos indígenas, quilombolas, de matriz africana, economia solidária, produção cultural urbana e periférica, cultura digital, cultura popular, ao segmento da juventude, abrangendo todos os tipos de linguagem artística e cultural como música, artes cênicas, cinema, circo, literatura, entre outras. Para conhecer a Lei Cultura Viva e o contexto de criação, ver informações disponíveis em: <<http://culturaviva.gov.br/sobre-a-lei-cultura-viva/>>. Acesso em 21 jun. 2022.

FIGURAS 2 e 3: Caravanas por la Vida em Rio de Janeiro (Brasil). Caravana de Copacabana (Bolívia) a Copacabana (Rio de Janeiro) de 24 de maio a 29 de junho de 2012.



FONTE: Caravana por la Vida, 2012.

Adriano Mauriz: Eu vou retomar a história um pouco tomado de emoção ao lembrar da experiência do *El Quijote*. O *Pombas Urbanas* completou 31 anos e a nossa formação se deu a partir de um peruano chamado Lino Rojas¹³, então o nosso vínculo com a América Latina sempre foi muito grande. Estivemos no *Nuestra Gente*¹⁴, em Medellín, no encontro de teatro no Uruguai, em Cuba, na Venezuela, entre tantos outros espaços e países. O grupo nasceu na periferia de São Paulo, em São Miguel, e saiu da periferia pela ausência de espaços culturais. Sempre foi um desejo encontrar um lugar para criar uma sede própria, e a gente encontrou esse espaço em 2003, no bairro de Cidade Tiradentes, o maior conjunto habitacional da América Latina. Ocupamos um antigo galpão abandonado e começamos a criar o *Centro Cultural Arte em Construção*. Neste momento, apareceu por lá um representante do Ministério da Cultura (MinC) que nos disse o seguinte: “nós queremos fazer um Ponto de Cultura”. E começou a nos contar o que era o *do-in antropológico*¹⁵ e toda essa história dos Pontos de Cultura. Nesse período, os moradores do bairro e os representantes de

¹³ Lino Rojas (1942-2005), ator e diretor peruano que fundou o grupo *Pombas Urbanas*.

¹⁴ A *Corporación Cultural Nuestra Gente* nasceu em 1993, no bairro Santa Cruz, em Medellín, Colômbia, como um espaço cultural, social e comunitário. As informações de *Nuestra Gente* podem ser encontradas no sítio disponível em: <<https://www.nuestragente.com.co/>>. Acesso em 21 jun. 2022.

¹⁵ Conceito defendido pelo então Ministro da Cultura Gilberto Gil (2003-2008), o *do-in antropológico* prepara ambientes favoráveis à interação de agentes culturais; o fomento à pesquisa e aos processos criativos; a atuação e a viabilização das expressões culturais, sua difusão, acesso, participação e articulação entre todas as esferas da sociedade. Esse conjunto de fatores busca gerar um círculo virtuoso que garanta o desenvolvimento e a participação de toda a população nessa dinâmica. Disponível em: <<https://culturaemercado.com.br/do-in-antropologico/>>. Acesso em 10 out. 2021.

grupos culturais estavam indignados com o que tinha acontecido na Conferência Municipal de Cultura [2004]¹⁶. As pessoas tinham depositado nela muitas expectativas, e o governo não fez nada em relação às demandas apontadas durante a Conferência, aí chega alguém do MinC falando de Pontos de Cultura! Então “deram pedrada” no pessoal do MinC: “já fizemos discussões e vocês não fazem nada”. A gente estava chegando no galpão, eu fiquei quieto a reunião inteira, mas depois levantei a mão e perguntei: “aqui vai ter um Ponto de Cultura?” O representante do Ministério respondeu que sim. Então eu falei: “somos nós!” E fui correndo escrever o projeto. Eu não acreditava no que lia naquele edital e dizia: “se é isso aqui, reconhecer a cultura de baixo para cima, isso é a gente!” Sou de uma geração em que não existiam políticas culturais, então eu olhava aquilo desconfiado. Ainda assim, escrevemos um projeto e o *Pombas Urbanas* foi contemplado entre os primeiros cem Pontos de Cultura do Brasil. Conhecemos o Célio Turino¹⁷ e fui numa primeira reunião dos Pontos de Cultura com o Ministro Gilberto Gil, em Heliópolis. O presidente Lula estava presente. Depois que terminou a fala do presidente, o Gil falou assim: “vamos fazer uma roda, pois eu não vim para falar o que vocês têm que fazer, eu vim para vocês me dizerem o que eu tenho que fazer”. Então naquele momento entendi que a relação era diferente, que a gente ia ter um outro tipo de conversa que nunca havíamos tido para a construção das políticas. Nesse sentido, aprendemos a tecer uma rede que a gente nunca tinha tido antes. Eu inclusive falei: “nem quero ficar perto do pessoal de teatro, porque de teatro eu já conheço todo mundo, eu quero conhecer os povos de terreiro, de matriz africana, da cultura popular, de cultura digital”. Então a gente foi aprendendo e, nesse período, o *Pombas Urbanas* ganhou quase todos os editais de Pontos de Cultura. Ganhamos o Prêmio Asas, que era o reconhecimento das melhores iniciativas de Pontos de Cultura. O espetáculo *El Quijote*, apresentado no Congresso Ibero-Americano de

¹⁶ A Conferência Municipal de Cultural aconteceu no ano de 2004 com o tema: "A cultura em São Paulo: diversidade e direitos culturais", sob a gestão da prefeita Marta Suplicy (2001-2005) e Celso Frateschi como Secretário Municipal de Cultura.

¹⁷ Ex-secretário de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura e um dos idealizadores do programa *Cultura Viva*, lançado no Brasil em 2004.

Cultura de 2009, foi realmente um ponto de partida muito importante para a constituição do movimento latino-americano. Outro marco, que o Tin Tin lembrou e me emocionou tanto, foi o da *Caravana Cultura Viva*, em 2012. O primeiro Congresso de Cultura Viva Comunitária, realizado na Bolívia em 2013, organizado sem nenhum recurso, foi um outro momento muito importante. Ali eu acho que se teceu para além da rede de teatro comunitária: consolidou-se uma rede com os Pontos de Cultura de todos os segmentos, entendendo a cultura de uma maneira mais ampla. Acho que foi o ponto fundamental para a consolidação do movimento latino-americano.

Los procesos políticos experimentados por cada uno de los países en este periodo fueron marcados por contradicciones y límites relacionados a la no ruptura con el horizonte capitalista colonial moderno. ¿Sería posible afirmar que los procesos de negociación entre los movimientos culturales y los actores gubernamentales e intergubernamentales fueron influidos tanto por experiencias innovadoras de diálogo y participación democrática, como por tensiones y desafíos relacionados con los diferentes proyectos políticos, sus límites e intereses en disputa?

Edith Scher: Lo que sucedió en Argentina en esos años, desde nuestra perspectiva del teatro comunitario más específicamente, es que empezamos a hacer mucho. O sea, nació nuestra red. Nosotros tuvimos representantes que se formaron y fueron jóvenes en los años 1960 y comienzos de los 1970, como Adhemar Bianchi y Ricardo Talento, que estaban absolutamente atravesados por los ideales previos a las dictaduras, por la Revolución Cubana, por el Mayo francés, por el cordobazo, que fue algo muy importante que sucedió aquí en el año 69, y todo eso que quedó de alguna manera contenido en los años de la dictadura. Con la redemocratización, ellos empezaron a desarrollar sus proyectos, primero con *Catalinas del Sur* y después con el *Circuito Cultural Barracas*. En estos

años del ciclo progresista de América Latina, ellos deciden multiplicar estas experiencias y esto fue fundamental para el teatro comunitario argentino y para el nacimiento de la red de teatro comunitario, que creció muchísimo a partir de 2003. La red Argentina es hoy muy fuerte. Durante esos años de la década progresista, también se legitimó mucho aquí toda esta práctica, primero porque empezamos a hacer muchísimo más y segundo porque se empezó a escribir sobre estas experiencias. El primer texto lo escribe Marcela Bidegain, con el título *Teatro Comunitario - resistencia y transformación social*¹⁸, y luego empezaron a surgir otros libros. Yo misma escribí uno que publiqué en 2011, *Teatro de vecinos - de la comunidad para la comunidad*¹⁹. Entonces estos textos que empiezan a circular y se empiezan a leer, y todos estos cruces con otras expresiones culturales que no son solamente el teatro, empiezan a generar una conciencia muy grande del valor de lo que hacíamos, que como les dije antes, ya existía. Como decía Luis (Tin Tin), siempre estuvimos. En estos años nos enteramos que mucho antes de que naciera el grupo Catalinas, en Honduras había un señor llamado Rafael Murillo²⁰ que había hecho experiencias en lugares perdidos de su país y también en otros países latinoamericanos. Si mal no recuerdo, le llamaban “el Bolívar descalzo²¹”. Entonces se dieron una cantidad de factores, como les dije antes, un crecimiento de los derechos, una voluntad muy clara de multiplicación de parte del teatro comunitario específicamente, pero también de lo que empezaba a ser la Cultura Viva Comunitaria, que se consolidó especialmente después de 2013, con el primer Congreso Latinoamericano en Bolivia. Empieza a haber publicación y conceptualización, lo que da una legitimación. Aquí los grupos que ya existíamos hacía mucho tiempo empezamos a golpear la puerta de la legislatura de la ciudad de Buenos Aires: “bueno, escuche, nosotros existimos”. En este momento, en la ciudad de Buenos Aires, no sé si todos, pero la mayoría de los grupos de teatro comunitario fueron declarados de

¹⁸ BIDEGAIN, Marcela. *Teatro Comunitario – Resistencia y transformación social*. Buenos Aires: Atuel, 2007.

¹⁹ SCHER, Edith. *Teatro de vecinos de la comunidad para la comunidad*. Buenos Aires: Argentores, 2010.

²⁰ Rafael Murillo Selva, dramaturgo, ator e diretor teatral hondurenho.

²¹ Obra teatral de Rafael Murillo, encenada pela primeira vez em 1975.

interés cultural por la legislatura. Más allá de que esto es una formalidad y no implica recursos, habla de una legitimación de algo que tenía una historia muy larga. Entonces creo que son años en donde se empieza a reconocer el valor de estos proyectos que involucran a la comunidad de un modo mucho más fuerte, y que transforman desde sus prácticas. Porque creo que siempre se entiende que la cultura es una herramienta para otra cosa más importante que ella, y yo creo, personalmente, creo que la cultura en sí misma transforma, desde ya trae salud, trae vínculos, trae educación, trae muchas otras cosas, pero no es algo que se hace para transmitir contenidos de salud, de educación. No es un mero instrumento de contenidos. Es actuar lo que nos transforma, es cantar lo que nos transforma, hacerlo juntos, desde la comunidad y para la comunidad. Es un concepto muy importante que creo que hay que seguir peleando, porque la cultura en general, pero muy específicamente el arte, forma parte de la vida cotidiana de las personas, porque es lo que va a ensanchar su horizonte hacia un buen vivir.

Luis Vazquez (Tin Tin): Estamos los que siempre han sido *ninguneados*, los que vienen de abajo. En este sentido, los puntos de cultura son semilleros revolucionarios culturales que transforman estas sociedades *ninguneadas* y para nosotros, en Bolivia, ha sido un mensaje muy importante. En Bolivia nunca han dado importancia a los movimientos culturales. Siempre me dicen que el *Teatro Trono* es muy ácrata, muy anarquista en el sentido de que nunca hemos pedido algo a las autoridades. Con el Congreso Latinoamericano del 2013, una caravana multitudinaria de hermanos y hermanas llegó al corazoncito de Bolivia, que nunca ha existido en el marco histórico mundial. Entonces que el movimiento surja de un lugar *ninguneado*, en este caso Bolivia, es increíble. Surge para decir: “estamos aquí y no estamos solos, estamos tomando el ejemplo de nuestros hermanos *ninguneados* en Brasil, que por primera vez han establecido políticas culturales. Estamos aquí también con la experiencia de nuestros hermanos de Argentina, que han sobrellevado la carencia económica a

través del teatro para ayudarse”. No estamos solos y creo que ese ha sido el grito para los que siempre nos han *ninguneado*. Y eso, creo, es un claro ejemplo que nosotros hemos adoptado de los puntos de cultura en toda su ideología. Nosotros los llamamos *chaskas culturales*, que en nuestro idioma aymara quiere decir cabellos, o sea, todo desparramado. Son estos centros culturales que hasta ahora siguen en la resistencia por la transformación social a través del arte.

Adriano Mauriz: Eu realmente acho que foi um período cheio de contradições no que se refere à construção das políticas culturais. Nós nunca havíamos sido escutados, nunca tinha existido um espaço como esse que comentei. Eu tinha acesso ao Ministério da Cultura. Em outros períodos, como agora, sequer havia Ministério da Cultura e, naquele momento, nós tivemos acesso ao Ministério, com um olhar de uma política de baixo para cima, como naquele encontro com o Gilberto Gil em que ele diz “eu quero saber o que vocês esperam de mim”. E um olhar de reconhecimento da cultura local, de que ninguém vai ensinar nada para ninguém, e sim reconhecendo que todos produzimos cultura. Então era fabuloso. Essa possibilidade de diálogo, e uma intencionalidade da construção de políticas culturais como o Sistema Nacional de Cultura²², que a gente também participou da construção por meio da Comissão Nacional dos Pontos de Cultura. Participamos também da construção do Plano Nacional de Cultura²³. Realmente era muito grandioso o que estavam fazendo. Ao mesmo tempo, eu sinto que pelo tamanho do Brasil, pela diversidade que é, às vezes a gente não consegue nem mesmo identificar as nossas próprias pautas. A gente se sentia muito pautado pelo governo,

²² Segundo o art. 216-A da Constituição Federal, o Sistema Nacional de Cultura é um processo de gestão e promoção das políticas públicas de cultura democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da Federação (União, Estados, DF e Municípios) e a sociedade. O SNC é organizado em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, tendo por objetivo promover o desenvolvimento humano, social e econômico com pleno exercício dos direitos culturais. Ver o Portal do Sistema disponível em: <<http://portalsnc.cultura.gov.br/sobre/o-que-e-o-snc/>>. Acesso em 21 jun. 2022.

²³ O Plano Nacional de Cultura (PNC) é um conjunto de princípios, objetivos, diretrizes, estratégias, ações e metas que orientam o poder público na formulação de políticas culturais. Previsto no artigo 215 da Constituição Federal, o Plano foi criado pela Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Seu objetivo é orientar o desenvolvimento de programas, projetos e ações culturais que garantam a valorização, o reconhecimento, a promoção e a preservação da diversidade cultural existente no Brasil. As informações do Plano estão disponíveis em <<http://pnc.cultura.gov.br/>>. Acesso em 21 jun. 2022.

que queria avançar com as políticas culturais, e que tinha um discurso inclusive de reconhecimento das diversas culturas, mas que tinha pressa porque podia acabar em quatro anos. Eu não me esqueço do dia em que o Amir Haddad²⁴, diretor de teatro de rua, estava dirigindo um espetáculo com moradores de rua e ele falou assim: “se estão pedindo para avançarmos, vamos avançar. Vamos o mais longe que a gente puder, porque depois não vão conseguir nos empurrar para trás”. Então a gente foi caminhando na batida do Ministério. Mas, ao mesmo tempo, muitas pessoas que eram dos movimentos sociais estavam sendo cooptados pelo próprio Ministério. Era uma mistura muito grande. Num determinado momento, a gente não sabia quem era governo e quem era movimento social, tanto que o próprio gabinete do MinC no governo Dilma era conformado por integrantes do *Fora do Eixo*²⁵, que vem do movimento social. Tinha muita mistura e muito favorecimento também. E muitos equívocos. Além disso, percebíamos o crescimento desordenado dos Pontos de Cultura, somado ao contexto político daquele momento, o que resultou num total sucateamento do programa, inclusive a partir do próprio governo Dilma. Mas, olhando hoje, a gente nunca construiu tanto em termos de política cultural como naquele período. Então eu acho que foi extremamente produtivo e, com todos os erros, me sinto representado por aquele momento histórico no qual a gente tinha essa possibilidade de construir também. Como o Luís (Tin Tin) falou, ampliou-se a compreensão de cultura naquele contexto. Estávamos em um momento de aprofundamento dos debates em torno das políticas culturais. Acho que o último encontro que participei na gestão do Juca Ferreira²⁶ foi um evento chamado *Emergências* [2015], no Rio de Janeiro, que abordava as pautas culturais e identitárias emergentes. Nesse encontro discutimos a cultura de

²⁴ Amir Haddad (1937). Diretor e ator. Dados sobre o artista podem ser encontrados em: ENCICLOPÉDIA (2021).

²⁵ O *Fora do Eixo* é uma rede colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, da divulgação, da formação e intercâmbio entre redes sociais, do respeito à diversidade, à pluralidade e às identidades culturais, do empoderamento dos sujeitos e alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos sócio-culturais. As informações da rede estão disponíveis em <<https://foradoeixo.org.br/>>. Acesso em 21 jun. 2022.

²⁶ Foi Ministro da Cultura na gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva entre 2008 e 2010, e na gestão da presidenta Dilma Rousseff entre 2015 e 2016. Entre 2003 a 2008, foi Secretário-Executivo da pasta durante a gestão de Gilberto Gil. Em 2012, tornou-se Secretário Municipal de Cultura da gestão de Fernando Haddad em São Paulo, deixando o cargo para coordenar a área de cultura do programa de governo de Dilma Rousseff.

uma maneira expandida e, incrível, muito diferente do que até então eu compreendia em termos de nichos de linguagens artísticas. Para falar de Cultura Viva, acho que o Jorge Blandón²⁷ e sua atuação com relação à *Plataforma Puente* são fundamentais. A plataforma foi uma iniciativa para visibilizar justamente essa diversidade cultural latino-americana. Ao mesmo tempo que é um sonho da Pátria Grande, é também um desafio enorme.

Además de las luchas emprendidas con relación a los actores estatales nacionales, el movimiento originó un espacio de articulación de grupos, movimientos y redes artísticas y culturales que sigue actuando de manera activa en América Latina. ¿En este sentido, entienden que el movimiento ha contribuido a la creación y consolidación de una red de solidaridad transnacional? En un contexto como el nuestro, ¿cuál es la importancia de la construcción de articulaciones y consolidación de redes para los artistas, gestores, instituciones y grupos artístico-culturales comunitarios? ¿Cómo la articulación regional influye en las prácticas locales?

Adriano Mauriz: Estou muito mais próximo da Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade do que do movimento Cultura Viva Comunitária. Aqui no Brasil, tanto o movimento latino-americano quanto os Pontos de Cultura têm representações por estado, por meio da Comissão Nacional dos Pontos de Cultura, dos fóruns e dos movimentos estaduais e municipais. O que acontece é que essa representação já não dava conta. No estado de São Paulo, começamos a ter essa representação por participação. Fomos definindo o representante em cada momento para encabeçar as diferentes pautas, de acordo com o envolvimento e a proximidade com a temática. Mas depois do sucateamento do Programa

²⁷ É diretor da *Corporación Cultural Nuestra Gente*, artista e gestor cultural com experiência no desenvolvimento de projetos comunitários e na criação de políticas culturais. Jorge Blandón foi reconhecido em 2009 como um dos *Dez da Mudança na Colômbia* e em 2013 como o *Colombiano Exemplar em Cultura*. Publicou vários livros, entre os quais se destacam: "Teatro Jovem", "O teatro que tece esperança", "Pensar a cultura a partir do desenvolvimento local" e "Plano de cultura na perspectiva educacional".

Cultura Viva, foi acontecendo uma pulverização dos Pontos de Cultura. Então normalmente as tensões estão em torno de reativar a própria movimentação dentro do Estado, como as pautas relacionadas à Teia²⁸, aos editais. E algumas pessoas que têm mais identidade com a questão latino-americana acabam se aproximando mais do movimento regional. Mas, de maneira geral, não vejo os grupos aqui no Brasil abraçando a pauta latino-americana. Talvez por não terem pernas nem para dar conta das demandas e pautas daqui. Acho também que tem uma questão relacionada com o próprio conceito de *cultura comunitária*. Aqui em São Paulo, por exemplo, percebo que existe uma certa aversão à terminologia *comunitária*, que está muito ligada à questão religiosa das comunidades de igreja. Então aqui existe uma identificação maior com a noção de *periférico*. Mas acredito que a rede latino-americana sempre foi um espaço muito potente de troca de experiências e práticas. A gente aprende muito sobre como cada grupo cria soluções para seus desafios locais. Conhecer o *Nuestra Gente*, por exemplo, mudou muito do que o *Pombas Urbanas* faz. Saber da *Red Argentina de Teatro Comunitario*, esse teatro de vizinhos, foi um negócio potente também para nós. O teatro comunitário não é igual, a forma como é praticado em cada país tem suas diferenças. E isso tudo nos inspira muito. Atualmente a gente tem se falado muito mais pelas redes, e estamos tentando retomar algumas articulações políticas. Esse ano²⁹ [2021] o Jorge Blandón, da Colômbia, propôs retomarmos uma articulação regional política. Mesmo virtualmente, essa aproximação tem sido importante para acompanhar o que está acontecendo em cada território.

Edith Scher: Creo que la red de teatro comunitario está absolutamente compenetrada en el movimiento de Cultura Viva, más allá de las

²⁸ A Teia é o encontro nacional dos Pontos de Cultura, precedido por encontros regionais das entidades que integram o Programa Cultura Viva. No âmbito nacional, acumula quatro edições: Teia 2006: Venha Se Ver e Ser Visto, São Paulo (SP); Teia 2007: Tudo de Todos, Belo Horizonte (MG); Teia 2008: Iguais na Diferença, Brasília (DF); Teia 2010: Tambores Digitais, Fortaleza (CE).

²⁹ O segundo ano da pandemia de Covid-19, i.e. 2021, foi marcado por uma violenta segunda onda do novo coronavírus, pelo colapso do sistema de saúde em vários países, pelo surgimento de novas variantes do vírus SARS-CoV-2 muito mais transmissíveis, como gama, delta e a ômicron, mas, também pelo avanço da vacinação. A crise sanitária exigiu o confinamento da população, o que foi especialmente dramático para os artistas e para a articulação das suas redes.

particularidades y las realidades de cada persona y grupo. A respecto de los modos de construcción, creo que aprendimos mucho a partir de la necesidad de organización del congreso que se hizo. Ahí empezó a haber algo muy importante que es demostrar la enorme diversidad que esto implica. Nosotros del teatro estábamos muy acostumbrados a intercambiar con otros grupos de teatro comunitario, pero cuando empieza a florecer la red de Cultura Viva Comunitaria, empezamos a percibir la enorme diversidad que había, escuchar toda esta diversidad y los distintos puntos de vista. Creo que esto forma parte del aprendizaje que hubo que hacer y de cómo hacerlo. Me acuerdo de las larguísimas reuniones y de la cantidad de encuentros que hubo en diferentes ciudades para llegar al congreso. Entonces, fundamentalmente, hablaría de diversidad y de una escucha muy abierta como algo característico del movimiento, qué tiene que ver con esos modos de realización, donde no se baja líneas, sino que se escucha esta diversidad. Más allá de que yo creo que el teatro comunitario tiene algo muy fuerte para proponer como modo de organización, el modo de plantarse no es, cómo se dice aquí, bajar línea, sino de una escucha muy abierta. En cuanto a qué importancia tiene el intercambio, me parece imprescindible. En otra época que se podía viajar más, a mí me invitaron a Medellín, estuve tres semanas dirigiendo una experiencia y para mí eso fue un antes y un después. Vivir esa realidad, escuchar a las personas, hablar con quienes estaban a cargo de la tarea y cómo se organizaban, una cantidad de cosas que no quiero decir que aplicamos directamente, pero que nos abren el universo y muchas de ellas inciden claramente en nuestro hacer. Es más, yo creo que es tan importante todo eso que estoy muy interesada en escribir un libro, en varios tomos, sobre todas estas experiencias, sobre estos modos locales de encarar el teatro comunitario. Me parece fundamental el intercambio para crecer. En cuanto a la red latinoamericana, me parece que fue muy importante el año pasado retomarla, pensar su refundación, reescribir un documento a partir de esa diversidad y esa conciencia de que todos somos un mismo pueblo. Entiendo que esta mirada latinoamericana es importante tanto cultural y

artísticamente como para crecer políticamente. Y diría que incluso mundialmente.

Luis Vasquez (Tin Tin): Desde nuestra perspectiva aquí, en Bolivia, es de vital importancia. Los tejidos de Cultura Viva que se han articulado nos han abierto nuevos caminos de interacción con los demás hermanos y países. Eso nos ha ayudado a sobrellevar una dinámica comunitaria en la cual se comparte y se transmite. Ya sea ideológica, política, ya sea compartir hechos culturales. Hay algo muy importante que a mí me gustaría rescatar con respecto a qué semillero estamos creando con estas nuevas unificaciones. Esos nuevos encuentros son también como un semillero de la verdad. No conocemos verdades absolutas, no hay verdades absolutas, pero tenemos una verdad que puede trascender a través del respaldo de otros colectivos. Lo que está pasando en Colombia, por ejemplo. Les están sacando la mugre, y nosotros como tejido los apoyamos porque tenemos ahí embajadores culturales que respaldan la verdad ante los ninguneados. Así como también en el contexto del golpe reciente en Bolivia³⁰, cuando los hermanos de Argentina estuvieron con nosotros, porque no podíamos transmitir en videos lo que realmente estaba pasando. Aunque no crean, el tejido de Cultura Viva latinoamericano ha sido el colchón absoluto para transmitir la verdad y no entrar en confusiones de los medios de comunicación. Entonces, creo que ya es un portal que nos ayuda a articularnos y movernos a través de los hechos sociales que está viviendo cada uno de nuestros países. Creo que ya es una mayoría que representa, no estamos solos. Hemos dicho: “ni la pandemia, ni golpes militares, ni dictaduras fascistas van a poder detener este impulso latinoamericano de Cultura Viva”. Y eso, por ejemplo, para nosotros ya es una articulación total. Es muy peligroso para aquellos que siempre han querido *ningunearnos*. Pero para nosotros es un semillero contundente de transformación y, para mí, eso ya es un respaldo latinoamericano y también global, porque ya se

³⁰ Referência à ruptura da institucionalidade democrática na Bolívia com o golpe sofrido pelo então presidente Evo Morales em 2019, resultando numa profunda crise política, econômica e social. Nas eleições presidenciais de 2020, Luis Arce, do Movimento ao Socialismo (MAS), mesmo partido de Evo Morales, foi eleito em primeiro turno, marcando o retorno à normalidade democrática no país.

hace sentir todo este tejido hermoso de hermanos y hermanas que estamos intercambiando vidas y sueños. Creo que ese es el punto que nos transforma.

¿Cómo los cambios políticos post-2015 en la región impactaron el movimiento, tanto en su capacidad de incidencia en las políticas públicas de cultura cuanto en su actuación local y como red transnacional? ¿Cuáles son las perspectivas futuras y cuál es la importancia de este tipo de articulación para las luchas por la descolonización del poder en América Latina?

Edith Scher: En Argentina, empezamos a tener problemas más serios con los gobiernos que vinieron a partir de 2015³¹. Y eso coincide con un período donde empiezan a llegar gobiernos de derecha también en otros países, después tuvimos el golpe en Bolivia. En este período, volvimos a encontrarnos con la red. Nunca estuvimos separados, siempre trabajamos juntos, pero en esos años siento que nos volvimos a unir de manera más fuerte. Y aprovechando la desgracia de esta pandemia, en el sentido de que aparecieron estas plataformas - o que existían, pero no las usábamos -, empezamos a juntarnos mucho más. La red en Argentina el año pasado hizo reuniones prácticamente todas las semanas y pudimos vernos con un montón de gente que antes no nos veíamos porque sólo concebíamos las reuniones presenciales. Son irremplazables las reuniones presenciales, pero comenzamos a vernos y a conversar con compañeros de todo el país, y esto mismo sucedió con Latinoamérica. Yo hablé con Jorge Blandón, nos encontramos con otros compañeros que empezamos a reflatar la red latinoamericana. Creo que lo que sucedió este año fue muy importante. Hicimos una reunión con más de ochenta personas, habían representantes de organismos que tuvieron que escucharnos. Creo que cada vez hay más conciencia de este semillero, como dice Tin Tin, de esta fuerza que tenemos

³¹ O ano de 2015 é considerado o marco inicial de um novo ciclo político na América do Sul que ficou conhecido como *maré azul*, caracterizado pela ascensão de governos de direita em diversos países da região. Neste ano, Mauricio Macri foi eleito presidente na Argentina.

y de que nos tienen que ver, y que además podemos hacer más intercambios en este momento por esa vía virtual. No sé si lograremos organizar algún día otra caravana tan maravillosa como la que hicieron los compañeros del Teatro Trono, pero sí necesitamos viajar, compartir, vivir, mirar lo que hacen. Yo tengo mucha fe en ese intercambio, en la famosa escuela latinoamericana que quiere hacer Jorge Blandón, dónde podríamos compartir modos de hacer. Mientras tanto, y con nuestra capacidad de resiliencia, qué es enorme, hemos usado estas plataformas como estamos haciendo ahora en esta conversación para hablarnos, para vernos. En las reuniones virtuales, sentí que estábamos juntos. Es loquísimo, porque están todos en la pantalla, pero esa emoción se sintió, esa unidad. Yo creo que hay un calor y una fuerza tan grande que trasciende la adversidad que estamos viviendo. También compartir que están haciendo, cómo están sobrellevando la pandemia, hablar de esto todo fue muy importante y va a seguir siendo. Y, en este sentido, estamos hablando de una integración de los pueblos desde sus bases, ya que muchos de nosotros trabajamos desde un lugar muy genuino, desde la comunidad. No llegamos de un lugar del arte, desde una mirada iluminista o iluminadora, sino que formamos parte de la comunidad y desde ese lugar compartimos nuestros modos de hacer. Cada vez que se producen estos intercambios, se fortalece esa unidad de los pueblos desde un lugar muy de la base, eso quiero decir. Después, creo que políticamente tenemos que seguir golpeando las puertas, así como hicimos en el pasado. Tenemos que hacer valer lo que hacemos, nuestro modo de transformar, nuestro modo que es tan genuino y tan verdaderamente transformador.

Adriano Mauriz: Esse momento atual do Brasil é muito difícil³². No período em que houve um fortalecimento das políticas culturais, o *Pombas* chegou a ter o patrocínio da Petrobrás Social. Então conseguiu estruturar um trabalho comunitário de uma maneira que, inclusive, às vezes parecia não

³² Trata-se de um momento delicado não apenas pelas condições impostas pela pandemia da Covid-19, mas também pela sucessão de retrocessos nas políticas culturais durante a gestão do atual presidente Jair Bolsonaro, incluindo a extinção do Ministério da Cultura.

corresponder à nossa realidade. Era quase uma utopia. A gente conseguiu ter uma equipe contratada, com carteira assinada e direitos assegurados. E, de repente, isso tudo acaba. Acaba do dia para a noite. Ao longo desse período, a gente foi vivendo uma desconstrução de políticas públicas. São tantas crises, que parece ser uma estratégia mesmo. As crises vêm todas de uma vez e você não tem como reagir. Então a gente não sabe contra o que a gente luta primeiro. No ano passado [2019], a gente conseguiu um fomento à periferia, chegamos a reabrir o galpão, mas aí veio a pandemia. Eu acho importante ressaltar que é muito difícil construir um vínculo comunitário, porque é uma relação de confiança, é uma relação construída. Não é uma relação dada. Em Cidade Tiradentes, as pessoas desconfiam, assim como eu desconfiei quando o Célio [Turino]³³ chegou lá. Sempre desconfiam que vieram para tomar algo delas, que existe algum interesse. Então, imagina, chega o Pombas com o espaço e com o teatro. O que era teatro para elas antes da chegada do Pombas? Não era uma coisa próxima, e a gente conseguiu aproximar, debater sobre uma construção coletiva comunitária de teatro, de arte, e, de repente, fecha por tanto tempo. Então esses vínculos vão se perdendo. Temos tantas questões aí, tantas dimensões, inclusive o fato de a comunidade estar em uma situação mais vulnerável, de mais miserabilidade, de desemprego. E os evangélicos tomando esse campo cultural com toda a força. Então são muitas dimensões. A gente está perdendo espaço. Atualmente, toda atividade do Pombas tem sido virtual. Tenho alunos no meu curso de palhaço da Argentina, do México. Tive alunos de vários lugares fazendo aula em Cidade Tiradentes via internet. E eu tinha apenas quatro alunos de lá, porque os alunos de Cidade Tiradentes não têm equipamentos, conexão, não têm condições para acessar as aulas. E, às vezes, também porque não é o mais importante para ele naquele momento, que está correndo atrás de sobreviver. Então são muitos desafios. Acredito que seremos fundamentais para recompor esse tecido social quando pudermos sair de casa.

³³ Célio Turino foi Secretário da Cidadania Cultural do Ministério da Cultura entre 2004 e 2010, e esteve diretamente envolvido na criação do Programa Cultura Viva.

Acompanhamos muitas perdas, estamos agora vendo a situação no Peru, um dos países mais vulneráveis com relação à pandemia³⁴. Acabamos de perder o Fredy³⁵, um dos companheiros fundadores do *Nuestra Gente*, de Medellín. Eu fiquei em depressão quando soube da morte dele, fiquei uma semana sem conseguir levantar da cama. Eu não sei nem como o Jorge [Blandón] está, é muito difícil. Então nesse contexto presente, a gente tem [que] se manter vivos, para depois poder reconstruir nossas bases comunitárias. Vivemos uma geração de muita informação, mas pouco fazer. A gente precisa “fazer” na Cidade Tiradentes. Fazer junto com as pessoas a nossa arte. A arte é revolucionária, ajuda a pensar, criar, potencializar o reconhecimento da nossa identidade, dessa cultura que não é descartável. Temos muito a trocar e a aprender.

Luis Vasquez (Tin Tin): Adriano puntuó algo bien bonito: es bien difícil construir colectividades, pero eso no quiere decir que es imposible. Ya estamos entrando al quinto congreso de Cultura Viva, estamos diciendo que eso no es imposible. A veces tenemos mucho miedo en poder encontrarnos y decir que vamos a hacer a pesar de los lenguajes, a pesar de las fronteras, a pesar de todas esas falacias geopolíticas que nos imponen desde los Estados. Pero creemos y estamos convencidos de que en la actualidad hemos reforzado aún más nuestros lazos. Sé que a veces hay este impedimento de que no podemos tocarnos, no podemos abrazarnos, pero las redes ayudaron mucho para nuevamente reencontrarnos. En Bolivia, la articulación de Cultura Viva es algo importante para gestionar nuestros proyectos. Hemos podido abarcar toda Bolivia para hacer estos Puntos de Cultura y por lo menos una vez al mes nos reunimos para hablar de coyunturas y estrategias de encuentros y reencuentros. Estas reuniones nos han ayudado a crear colectividades, compartir momentos y sentimientos y reforzar todo eso para que cuando vengan estos congresos

³⁴ No período em que a entrevista foi realizada, o Peru registrava a maior taxa proporcional de óbitos por covid-19 do mundo. Estudos da universidade americana Johns Hopkins indicavam que o país havia atingido uma taxa de 583,6 mortes por grupo de 100 mil habitantes. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57534094>. Acesso em: 21 de junho de 2022.

³⁵ Jhon Fredy Bedoya Castaño (1971-2021). Actor, director, dramaturgo, pedagogo en la *Corporación Cultural Nuestra Gente*, Medellín, Colombia.

en donde nos reunimos entre todos nuestros hermanos y hermanas, acudamos con nuevas propuestas de intercambio. Nos encontramos todos los meses con diferentes grupos de teatro en Bolivia, así como con grupos comunitarios, para decidir cómo y qué hacemos en esta situación de pandemia. Pero también para reafirmar que, si nos detenemos, los fascistas siguen avanzando, ellos no duermen. Entonces tenemos que articularnos a pesar de todo, a pesar de las restricciones, a pesar de estos conflictos, y eso nos ayuda a tejer más lazos. Escuchar a Adriano sobre la experiencia vivida por el *Pombas Urbanas* para mí es algo caluroso, es hermoso, es lindo, me llena de esperanza. Creo que en la actualidad se está fortaleciendo nuestra red. A pesar de los pesares, estamos fortaleciéndonos y eso ya es un gran logro. Y para el futuro, creo que esto es, a pesar de todas las cosas que estamos viviendo, un semillero increíble. Para nosotros ya no somos Cultura Viva comunitaria latinoamericana, somos mundiales, somos un referente, porque los cuerpos de los *ninguneados* no solamente están en Latinoamérica, sino por todo el mundo. El futuro está siendo reconquistado por el pueblo de los *ninguneados*, y estamos ahí aprendiendo de esas colectividades. Gracias por el tiempo compartido, porque estos son semilleros de encuentros. Porque no sólo soy yo, Tin Tin. Aquí atrás están ochenta hermanos y hermanas que me están escuchando, con quienes voy a compartir este encuentro, entonces esto ya es un logro, ya es un semillero.

Adriano Mauriz: As histórias não têm começo, meio e fim. É começo, meio e começo. Então a gente está de novo no começo. Não tem fim isso aqui. A nossa luta é muito antiga, vem de muito longe, da nossa ancestralidade. E vai ter luta de novo. E vai ter festa de novo depois.

REFERÊNCIAS

BIDEGAIN, Marcela. **Teatro Comunitario – Resistencia y transformación social**. Buenos Aires: Atuel, 2007.

BRANT, Leonardo. Do-in antropológico. **Cultura e Mercado**. São Paulo, 05 jun. 2010. Disponível em: <<https://culturaemercado.com.br/do-in-antropologico> />. Acesso em: 10 out. 2021.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Amir Haddad**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa251213/amir-haddad> >. Acesso em: 07 de nov. de 2021. Verbetes da Enciclopédia.

SANTINI, Alexandre. **Cultura Viva Comunitaria**: políticas culturais en Brasil y América Latina. Caseros: RGC Libros, 2017.

SCHER, Edith. **Teatro de vecinos de la comunidad para la comunidad**. Buenos Aires: Argentores, 2010.

FOTOGRAFIAS

CARAVANA POR LA VIDA, **Cultura Viva Comunitaria La Paz**. 22 jun. 2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/CaravanaPromoVida/photos> . Acesso em: 27 jun. 2022.

FÓSFORO, El Quijote em São Paulo. **Fósforo** - Literatura, música e uma pitada do resto de tudo. São Paulo, 28 out. 2009. Disponível em <https://danbrazil.wordpress.com/2009/09/28/el-quijote-em-sao-paulo/>. Acesso em: 27 jun. 2022.



**Conferencia de David Choquehuanca Céspedes en el Primer
Conversatorio del Curso de Posgrado y Extensión
Universitaria Migración, Territorio y Derechos Humanos en
tiempos de incertidumbre: una mirada desde los sistemas
complejos, 1 de julio de 2020¹.**

*Conferência de David Choquehuanca Céspedes no Primeiro Diálogo do
Curso de Pós-Graduação e Extensão Universitária Migração, Território e
Direitos Humanos em tempos de incerteza: um olhar a partir de sistemas
complexos, 1º de julho de 2020*

*Conference by David Choquehuanca Céspedes in the First Conversation of
the Postgraduate Course and University Extension on Migration, Territory
and Human Rights in times of uncertainty: a look from complex systems,
July 1, 2020*

Presentación

Rodrigo Ávila Huidobro² 

Universidad Nacional de Avellaneda, Argentina

Tenemos el agrado de presentar la exposición que el recientemente electo Vicepresidente del Estado Plurinacional de Bolivia hiciese el 1 de Julio de 2020 en la Universidad Nacional de Avellaneda, de Argentina. La

¹La actividad fue organizada en conjunto por la UNDAV, presidida por el Rector Jorge Calzoni, a través de la Secretaría de Extensión Universitaria, a cargo de Liliána Elsegood, y su Programa Desarrollo de la Cultura Nacional y Latinoamericana, coordinado por Rodrigo Ávila Huidobro, y la Secretaría de Investigación y Vinculación Tecnológica e Institucional, a cargo de Patricia Domench, y su Escuela de Posgrado, coordinada por Leticia Marrone; la Red Nacional de Migrantes y Refugiados en la Argentina, coordinada por Lourdes Rivadeneyra y el Colectivo Pachakuti de Bolivia, con la articulación por parte de Rommel de Uño Martínez. El Curso de Posgrado y Extensión está dirigido por Giovanni Leal Roncancio.

² Antropólogo e docente en Ciencias antropológicas, Universidad Nacional de Avellaneda (Argentina). Correo electrónico: ravila@undav.edu.ar

misma fue posible gracias al trabajo mancomunado de la Red Nacional de Migrantes y Refugiados en la Argentina, la Universidad Nacional de Avellaneda y el Colectivo Pachakuti de Bolivia. Desde el 2015 venimos transitando con la Red un camino de aprendizaje, diálogo y construcción de conocimiento, siempre con el mismo horizonte, contribuir humildemente, desde nuestro lugar, a la construcción de una patria grande, libre, justa, plurinacional y soberana.

Además, esta actividad se organizó en conjunto entre dos áreas de la universidad: la Secretaría de Extensión Universitaria y la Secretaría de Investigación y Vinculación Tecnológica e Institucional. Hecho que podría parecer anecdótico, pero que expresa la potencia que tiene la organización popular cuando irrumpe en las “casas de altos estudios”. Es ése diálogo de saberes entre la universidad pública y las organizaciones del territorio el que nos exige y nos empuja a trabajar como un todo, superando los tradicionales “compartimentos estancos” que son tan habituales en las “casas de altos estudios”. Posibilitando, así, la construcción de conocimiento socialmente relevante.

La intervención de David Choquehuanca nos convoca a pensar y discutir en torno a preguntas de urgente actualidad: el devenir de los estados-nación, la plurinacionalidad, la crisis civilizatoria que es signo de la época, la cosmovisión de los pueblos indígenas del continente y sus aportes en la construcción de una forma de vida superadora, la relación de la humanidad con el mundo que nos cobija, y, por supuesto, las formas de hacer *política*. Imaginar la pospandemia, con la posibilidad de una nueva “normalidad” o bien la “transpandemia”, pensando que los escenarios venideros pueden estar signados por la reiteración de epidemias y aislamientos, y que ya venimos atravesando más de un año signado por la propagación del Covid-19. Una pandemia que devela dramáticamente la desigualdad estructural de las sociedades de nuestro continente. Y todos estos desafíos, en una América Latina asediada por un proceso de recolonización, con presencia abierta de una fuerza de ocupación en el

Atlántico Sur, en las Islas Malvinas. Pero también con otro tipo de intervenciones, que forman parte de la historia trágica de la Patria Grande.

David Choquehuanca es protagonista de uno de los procesos de cambio más profundos que se vivieron en la región, abruptamente interrumpido por un golpe de estado clásico, y que se debatía, en el momento que tuvo lugar este encuentro, entre la profundización de la deriva autoritaria y el retorno de la soberanía popular, vía que finalmente se ha recuperado formalmente en las jornadas del 18 de octubre de 2020. Nos parece valioso destacar que dicho pensamiento, dicha teoría y propuesta y acción política, es la síntesis de distintas trayectorias tanto personales como colectivas, con temporalidades complejas. Por una parte se expresa la experiencia de un dirigente político, que antes de ser funcionario y diplomático ha sido sindicalista, con la particularidad del sindicalismo campesino de Bolivia, que sabe mixturar, entrelazar, las resistencias y las formas de lucha tanto de su fuerte predominancia indígena como de las herramientas político gremiales occidentales. Una conjugación particular, pero que también -y tan bien- expresa esa complejidad y riqueza de nuestras sociedades latinoamericanas.

El desafío de encontrar lo común se pone de manifiesto y hace crujir las añejas aunque vivas identidades nacionales. En el caso boliviano, la sanción de una constitución que consagra la plurinacionalidad es seguramente la propuesta más superadora de unidad en la diversidad, de revitalizar el estado nacional, ahora plurinacional, como conjunto integrador de la diversidad que se expresa en los territorios. Claro que esta integración, que abandona la pretensión de amalgamar en una sola identidad indivisa, también muestra algunas limitaciones para incorporar plenamente a toda la ciudadanía, especialmente a aquellos grupos que se resisten a abandonar los privilegios heredados del sistema de castas colonial. Podemos discutir el peso que tienen las injerencias de poderes transnacionalizados en el estímulo de aquellas viejas divisiones, en la separación, o para tomar un concepto que expresa Choquehuanca, el “desmembramiento”. Estas injerencias o intromisiones se expresan tanto

con la provisión de financiamiento y logística como con la generación de unidades conceptuales, relatos e imágenes que posibilitan una acción política articulada en toda la región.

Atravesamos tiempos convulsionados, momentos de fragilidad de la vida y de fragilidad de los acuerdos que alguna vez supieron dar un horizonte de posibilidad para el desarrollo de una existencia digna y para la construcción de proyectos liberadores. Siempre es válido preguntarse sobre la validez o bien la universalidad de dichos presupuestos, y Choquehuanca sin dudas nos dará elementos para recuperar críticamente las experiencias de nuestra historia. Lo que podemos afirmar es que las democracias populares que dominaron los albores del siglo XXI, como resultado de procesos de emergencia de las clases populares y su persistencia en afirmarse cuando la hegemonía del neoliberalismo parecía absoluta, encontraron sus límites para afianzarse en la conducción del estado. En dichos procesos en donde los frentes nacional populares sufrieron un retroceso en el plano electoral o bien fueron apartados mediante golpes de estado de diversa intensidad e “institucionalidad”, fue puesta de relieve la “batalla cultural”. El plano de las representaciones sociales, de la comunicación mediática, de lo simbólico, pareció tener una centralidad decisiva. En dichas configuraciones de sentido, sin dudas las universidades han jugado un rol sustantivo, o bien, al menos, han sido parte orgánica de dichos procesos. Con esto queremos plantear la importancia de la distinción entre la posibilidad del ejercicio de la acción política como práctica planificada, coordinada, definida, consensuada; y la imbricación de la trama institucional universitaria en las distintas instancias de configuración de las representaciones sociales. Establecer esta distinción creemos que es fundamental, puesto que pone el eje, al menos en la realidad de muchas universidades de América Latina -atravesadas por la autonomía universitaria y el cogobierno de los estamentos que componen a la comunidad universitaria y por lo tanto una relativa capacidad de regular lo que se produce- en los espacios de construcción de las definiciones: los órganos de gobierno. ¿Cuáles son los procesos, los

intercambios, el ejercicio de la discusión política y de la construcción de consensos y de hegemonía que se dan en estos ámbitos? ¿Cuál es el diálogo o interrelación con el “afuera”?

La pregunta del “afuera” cobra una centralidad sustancial en la medida en que las universidades llevan sobre sus hombros el haber sido instrumentos de la colonización. En América Latina, tanto en la etapa colonial como republicana, han sido parte de un aparato de administración de la desigualdad. Por supuesto, también fueron y son escenarios de luchas e instituciones permeadas por los procesos sociales, por los *hechos malditos* que transformaron la región. Ese “afuera” que para Boaventura de Sousa Santos es el “abismo”, los saberes improductivos, los saberes de las mujeres, de los pueblos oprimidos. Y en América -en *Abya Yala*, nos dirá Choquehuanca- los saberes y experiencias de los pueblos indígenas. Que vienen compartiendo, para quien quiera escuchar, sus “universalidades”, o bien sus *pluriversos*. Sin dudas nuestras instituciones de educación superior son fuertemente interpeladas por este pensamiento vivo, por estas prácticas de resistencia, afirmación y construcción de comunidad. Esperamos entonces que la contagiosa vitalidad -el *ajayu*- que nos compartió David Choquehuanca se exprese en esta transcripción, y que sea insumo para esa orientación de la práctica científica, de la docencia, de la extensión, que en su entrelazamiento con las luchas por la vida, dignifica y honra el lugar de la universidad, contribuyendo al nacimiento de “ese otro mundo que es necesario”.

Avellaneda, Abril de 2021

Integración Latinoamericana en tiempos de crisis. Debates y desafíos desde el Buen vivir

David Choquehuanca Céspedes
Vicepresidente y Exministro de Relaciones Internacionales del Estado
Plurinacional de Bolivia

Buenas tardes, un *jallalla*. *Jallalla* significa “por la vida”. Todo lo que tenemos que hacer es en función de la vida. Un saludo, un abrazo a los hermanos de Argentina, a los uruguayos, a los chilenos, a los peruanos, a los ecuatorianos, a los hermanos del Paraguay, a los de Centroamérica. Un saludo a nuestros ex presidentes. Ellos tienen que saber que los tenemos presentes siempre, a nuestros ex presidentes. Un saludo a los hermanos que están en el exilio, hoy día, injustamente. Un saludo a los hermanos que están siendo perseguidos por defender la libertad de expresión, por defender los derechos humanos, nuestra soberanía. O por querer organizar a sus pueblos, hoy son objeto de persecución. Todas aquellas personas que buscan justicia, a todos ellos, queremos saludar.

Pero también nuestros abuelos nos han enseñado a saludar a los que están y a los que no están. Saludar también al hermano fuego, al aire, al agua, a nuestras montañas, a los niños, a los abuelos, a las mariposas. Porque no sólo nosotros existimos, no solamente los seres humanos existimos. Somos más que los seres humanos, y cuando estamos hablando de integración, no solamente tenemos que hablar de integración de los

seres humanos, sería excluyente todavía. Integración es para trabajar hermandad, integración es para trabajar unidad, integración es incluir, no excluir.

Nosotros tenemos una bandera de la integración, que no es precisamente bandera sino es un código. Lo llamamos *whipala*. Es un código de la integración que los pueblos indígenas empezamos a levantar frente a la crisis global del capitalismo. Muchos hermanos, muchas hermanas, generadores de opinión pública, políticos, científicos, dicen que “después del coronavirus nada ya va a ser igual”. Y nada tiene que ser igual. Nuestros hermanos, los que me antecedieron³, dijeron que “se tiene que gobernar ahora de manera diferente”. Hermanos, después del coronavirus nada tiene que ser igual, nada debe ser igual, nada va a ser igual. Y esto nos lleva a nosotros a retomar esta consigna que se ha trabajado en los foros sociales mundiales: “otro mundo es posible”. Tenemos que retomarla con fuerza desde nuestras organizaciones, desde los movimientos sociales, desde los gobiernos progresistas. Y algunos hermanos investigadores dicen que ese mundo ahora es necesario. “Ese otro mundo es necesario”. Y nosotros los pueblos indígenas decimos “ahora sí, nuestro mundo es necesario”. Decíamos “otro mundo es posible” -todos sabemos que así como estamos vamos al abismo-, que era necesario construir otro mundo, y que teníamos que ponernos de acuerdo todos, todas, tomando en cuenta al todo. Pero no sabíamos cómo tenía que ser ese otro mundo, ese otro mundo posible. Pero no sabíamos cómo, cómo teníamos que tejer ese “otro mundo es posible”. Ahora dicen que ese otro mundo es “necesario”. Ahora más que nunca, y nosotros decimos “nuestro mundo es posible”.

Nosotros en nuestra región tenemos identidad, y ese otro mundo, ese *nuestro mundo* lo debemos construir con pensamiento propio, con pensamiento descolonizado. Porque la colonización ha desintegrado a nuestro continente, hoy vivimos nosotros “des-integrados”. No estamos integrados, estamos divididos. Nuestro continente ha sido descuartizado.

³ Se refiere a Daniel Caggiani Gómez, diputado nacional de la República Oriental del Uruguay, y a Oscar Laborde, Presidente del Parlamento del Mercosur.

No solamente a nuestro Tupac Katari, también nuestro continente ha sido descuartizado, ha sido dividido, ha sido desintegrado. Hoy vivimos divididos, hoy vivimos desintegrados. Estamos descuartizados. Pero ese descuartizamiento, esa desintegración, esa división, ha llegado con el colonialismo. Por eso necesitamos hoy día descolonizar nuestra integración, con pensamiento propio. Donde los sujetos de esta construcción -de este otro mundo, cada vez más democrático, más participativo, sin racismo-, los actores, tienen que ser los líderes que vienen desde nuestros pueblos. Por eso nuestros presidentes. Daniel nos hablaba de hace diez años atrás donde teníamos presidentes, con compromiso con su pueblo, con compromiso con la unidad, con compromiso con la justicia, con compromiso con la integración. Con compromiso con nuestras democracias, con compromiso de defensa de nuestras soberanías. Estamos hablando de nuestro presidente Mugica, estamos hablando de nuestro presidente Lula, Correa, Kirchner, nuestro hermano Evo Morales. Todo el resto se ha puesto de acuerdo para construir nuevamente la integración. Para volver a nuestro camino, para construir nuevamente la unidad. Porque nos damos cuenta que nuestro continente ha sido descuartizado, ha sido dividido, y así divididos, así descuartizados no vamos a ningún lado.

Nos descuartizan, nos dividen, y se dedican a un saqueo sistemático de nuestros recursos naturales. Por eso estamos mal, no podemos nosotros seguir permitiendo este saqueo sistemático de nuestros recursos naturales, que no ha cambiado. Tal vez en algunas formas ha cambiado, pero sigue este saqueo sistemático de nuestros recursos naturales, siguen las invasiones. Todos los países que poseemos recursos naturales corremos el riesgo de ser intervenidos. El golpe de estado que hemos vivido nosotros el año pasado, en noviembre del año pasado [2019], ha sido organizado desde afuera. Es por nuestro litio. Sistemáticamente, han ido organizando. Hermanos, el camino después de esta crisis se llama integración. El camino para recuperar nuestras democracias y consolidarlas en nuestra región se llama integración. El camino para recuperar nuestra educación, nuestra salud, se llama integración. Porque los problemas que hoy tenemos son

globales, el problema de la pobreza es global, el problema de la migración es global. Necesitamos, hoy más que nunca, integrarnos.

Necesitamos integrarnos porque tenemos que reaccionar frente a esta crisis global, provocada por este modelo de desarrollo occidental capitalista. Hoy, nuestros pueblos, nuestros países, hoy el mundo vive las consecuencias de la aplicación de un modelo de desarrollo capitalista occidental. Y qué tenemos: pobreza, crisis, crisis energética, crisis ambiental. Que no es “cambio climático”, no es lo mismo decir “cambio climático” que decir “crisis ambiental”. Vivimos el “caosmos”, desorden global, incertidumbre. Y para enfrentar estas crisis, que son globales, necesitamos unirnos. Trabajar la unidad, volver a ese camino de la unidad, volver a nuestras raíces. Porque en el fondo de nuestros corazones todos queremos integración, todos queremos unidad. Queremos la paz. Buscamos la hermandad en el fondo de nuestros corazones. Y tenemos que trabajar para volver a nuestra casa grande a pesar de esta situación adversa. Nos recordaba nuestro rector de la universidad, nuestro hermano Jorge⁴, de Juan Domingo Perón. Que partió un día como hoy, que trabajaba la integración. Y que nosotros nunca nos hemos dejado por vencidos. Siempre hemos luchado contra el descuartizamiento de nuestro continente, siempre hemos luchado contra el colonialismo interno y el colonialismo externo. No nos hemos dejado por vencidos, sabemos que un día vamos a construir la integración. Y vamos a recuperar, vamos a reconstruir nuestra casa grande, y vamos a levantar nuevamente *códigos*. Ése es el camino. Vivimos una crisis sanitaria, alimentaria, hídrica, ambiental, financiera, energética, institucional. Crisis global del capitalismo. Y frente a la crisis global del capitalismo provocada por este modelo de desarrollo, que busca el “vivir mejor”, surge desde nuestras raíces, emergen desde las resistencias, valores, códigos, principios, que no sólo garantizaron la armonía entre los seres humanos, sino garantizaban la armonía con la vida.

Estamos en esos tiempos de cuestionar todo. De analizar todo, de

⁴ Ing. Jorge Calzoni, Rector de la UNDAV.

desglosar. Y empezar a tejer con la participación de todos. Y cuando estamos hablando de la participación de todos, estamos hablando de integración. Tenemos que construir espacios que puedan integrar, que puedan unir. Necesitamos escucharnos. Los médicos necesitan escuchar a los agricultores, los agricultores necesitan escuchar a los científicos. Tenemos que construir integración al interior de nuestras provincias, de nuestros países. Los mineros necesitan escuchar a los policías, los policías necesitan escuchar a los universitarios. Los profesores, los docentes de las universidades necesitan escuchar a los ancianos, necesitan escuchar a los constructores, a los artesanos. Necesitamos construir integración al interior de nuestras organizaciones, al interior de nuestros países. Y necesitamos construir integración, volver a construir esa integración. Volver a construir la unidad de nuestro continente. Necesitamos continentalizar la lucha.

Estamos en estos tiempos no solamente por coronavirus. Mira, Einstein, Albert Einstein, todos lo conocemos por sus aportes a la ciencia. Él decía... en sus últimos días se ha dedicado a estudiar la vida, a estudiar a las plantas. Y nos ha dejado algunos escritos, entre muchos de sus trabajos. Y entre ellos encontramos nosotros un mensaje de él. Seguramente para las futuras generaciones. Y él decía: “la muerte de esta civilización empieza con la desaparición de las abejas”. Por eso algunos dicen que la civilización está en crisis. *Esta* civilización ya está en crisis. Nos preguntaremos cuánto por ciento de las abejas han desaparecido en esos países llamados del primer mundo. Cuánto por ciento de las abejas han desaparecido en los EEUU, en Europa. Albert Einstein nos decía “la muerte de esta civilización empieza con la desaparición de las abejas⁵. Estamos en crisis no solamente por coronavirus sino por la crisis provocada por esta civilización. Este otro mundo ya es necesario.

Los hermanos indígenas que viven hoy día en Norteamérica, los hermanos Lakotas, sus ancestros, han dejado un mensaje. Y ese mensaje, los hermanos Lakotas de hoy, han venido a compartir con los hermanos. En

⁵No está corroborada la autoría de Albert Einstein sobre dicha frase, más allá de que en los últimos años se ha señalado la importante relación entre agricultura, polinización y biodiversidad.

los años noventa han venido a advertirnos, además, sobre nuestra responsabilidad. ¿Y qué dice ese mensaje? Dice: “cuando el mundo esté al borde del abismo, cuando haya caos en la humanidad, cuando haya crisis, desde el sur del continente emergerán, vigorosos, los guerreros del arco iris, quienes devolverán la armonía al planeta tierra”. ¿Y quiénes son los guerreros del arco iris? Estos hermanos Lakota han venido a advertirnos de nuestra responsabilidad con la vida. No solamente de nuestro continente. “Cuando el mundo esté en peligro, cuando haya crisis, desde el sur del continente emergerán, vigorosos, los guerreros del arco iris”.

La *whipala* es la codificación del arco iris, aquí están las exigencias de la vida. Por eso esto es más que bandera, más que un símbolo, nos está diciendo que tenemos que movernos de acuerdo a las leyes de la naturaleza. Todos los días nosotros desordenamos las leyes de la naturaleza. La *whipala* es la codificación del arco iris. Y el arco iris no es de nadie, el arco iris no tiene fronteras. El arco iris para nuestras comunidades, para los pueblos indígenas, para las culturas milenarias del mundo, es sagrado. Por eso decimos, es un código de la integración.

Nuestro continente ha sido descuartizado, ha sido dividido con banderas nacionales. Nuestro Abya Yala, así se llama nuestro continente, nuestro Abya Yala ha sido descuartizado. O sea, han querido silenciarnos, querían cortarnos desde nuestras raíces. Un árbol, una planta sin raíces, ¿muere o vive? Se muere. Por eso es importante recuperar nuestra identidad, nuestras raíces culturales, esa cultura de la vida, de la unidad, de la integración, la cultura de la paz, de la armonía, de la felicidad. Estamos en esos tiempos, somos guerreros del arco iris, por eso nuestra *whipala* no solamente nos ha movilizado en el golpe, en el golpe nos ha movilizado a todos los bolivianos. Pero no solamente en Bolivia, sino que ya levantan nuestra *whipala* en Argentina, en Paraguay, en todas partes. Porque es un código de la integración, es un código del consenso, es un código de la hermandad, de la complementariedad. Hermanos, estamos en esos tiempos. Y cuando muere nuestro abuelo Atahualpa, cuando muere nuestro abuelo Atahualpa nuestros yatiris estaban yendo a rescatarlo,

porque se han enterado que Atahualpa estaba preso, estaba en manos de los españoles. Y van a rescatarlo, pero a medio camino se enteran de que Atahualpa ha sido asesinado, que Atahualpa murió, antes de llegar a Cajamarca, 1532-1533. Y toman una decisión, nuestros abuelos, nuestros yatis, toman una decisión, y dicen: “entonces nos convertiremos en piedra y dentro de quinientos años volveremos a hablar”. 1532-1533, estamos cerca, 2032-2033 es mañana.

Y empezamos a hablar, poco a poco, nadie nos ha hablado de nuestra *whipala* en las escuelas, en los colegios, en los institutos, en las universidades, en los cuarteles. En ningún lugar nos han hablado de nuestra *whipala*, porque no les conviene. Porque no les conviene. Pero de pronto nuestra *whipala* ahora está en nuestra constitución política del estado, es que las cosas se están dando. Somos fuertes, somos piedra, somos de Tiwanaku. Cuando estamos hablando de la *whipala* estamos hablando de Tiwanaku. Cuando estamos hablando de la *whipala* estamos hablando de la complementariedad, estamos hablando de la inclusión, estamos hablando de la integración, estamos hablando de la armonía. Estamos hablando de la paz. Estamos hablando de ciudadanía universal. Estamos hablando de nuestra soberanía, porque ésta -nuestra *whipala*- nos dice “cada uno de nosotros somos del tamaño que somos, ni más ni menos”. Somos del tamaño que somos, no más, no hay superiores ni inferiores. El arquitecto no es superior al albañil, ni el ingeniero agrónomo es superior al agricultor. Se complementan. Nos complementamos, somos del tamaño que somos no más, ni más ni menos. Y nos necesitamos todos, por eso necesitamos integrarnos.

Hay un segundo momento en este Conversatorio⁶, en donde voy a hablar sobre el *vivir bien* y voy a compartir algunos códigos, que están en la *whipala*. La *whipala* está relacionada con el *vivir bien*. Con garantizar el estar bien individual y con garantizar el estar bien colectivo, comunitario. En esta segunda parte yo voy a compartirles estos códigos, estos valores

⁶ La exposición de David Choquehuanca estuvo dividida en dos partes, mediada por comentarios y preguntas por parte de referentes de organizaciones y medios comunitarios.

que están emergiendo frente a la crisis de valores del occidente. *Jallalla* hermanos y hermanas.

Voy a compartir algunos códigos. Cuando estamos hablando de “ese otro mundo es posible”, o “ese otro mundo es necesario”, o “nuestro mundo es posible”, estamos hablando de volver al camino de la integración. El “noble camino de la integración”. Orgullo de nuestra cultura, de esa cultura de la vida, no de la cultura de la muerte. Y cuando estoy hablando de volver a ser, estoy hablando de volver a ser *jiwasa*. Y no nos tenemos que preocupar de qué idioma es *jiwasa*, porque no tenemos fronteras. Estos códigos, como el *jiwasa* o la *pachamama*, han sido protegidos por las culturas milenarias. Pero no solamente para ellos, sino para todos. *Jiwasa* es un código que quiere decir “no soy yo, somos nosotros”. Y cuando estoy hablando de “volver a ser” estoy hablando de renunciar al individualismo, al egoísmo, la ambición personal. *Jiwasa*, “no soy yo, somos nosotros”. *Jiwasa* es la muerte del egocentrismo, *jiwasa* es la muerte del antropocentrismo, *jiwasa* es la muerte del eurocentrismo, *jiwasa* va más allá de cualquier etnocentrismo, “no soy yo, somos nosotros”. Volver a ese camino de la hermandad, de la integración.

Y cuando estoy hablando de levantar, con pensamiento propio, lo nuestro, estamos hablando de recuperar el código “*amuyu*”. Tampoco hay que preguntarse de qué idioma es, porque no tenemos fronteras. No somos de la cultura de la división. ¡*Oyuyay!* *Amuyu* igual “ideología”, *amuyu* igual “pensamiento propio”. Y tenemos que levantarnos, porque tenemos nuestro *amuyu*, somos personas. Y también estoy hablando de recuperar el código “*k'umara*”, tampoco hay que preguntarse qué idioma es, simplemente tenemos que anotarlo. Porque son códigos que emergen frente a la crisis de los valores, de los principios del occidente. *K'umara* significa “persona sana”. Y lo que queremos nosotros es volver a ser personas sanas, pero no solamente es “personas sanas” sino *k'umara* es “una vida sana”. Lo que buscamos nosotros es para construir, buscamos integrarnos, buscamos volver al camino de la unidad. Es para construir una vida sana, o recuperar una vida sana. Y cuando estamos hablando de una

vida sana no estamos hablando solamente del ser humano sano, sino que estamos hablando del aire sano. De nuestros ríos sanos, del agua sana. De la *pachamama* sana. Porque *pachamama* significa no solamente “madre tierra”. *Pachamama*, *pacha* es garantizar los equilibrios en todo tiempo y lugar. En todos los espacios. Eso es *pacha*, “garantizar equilibrios en todo tiempo y lugar”. *Mama*, “madre”. Y cuando estamos hablando de la *pachamama* no estamos hablando de la *pachamama* en desequilibrio, “*pachamama* herida de muerte”. Estamos hablando de una *pachamama* sana. *K'umara*.

Estamos hablando de nuestro *Qhapaq Ñan*. Cuando decimos nuestro mundo es posible estamos hablando de nuestro *Qhapaq Ñan*. *Qhapaq*, “persona que vive bien”. *Ñan*, “camino”. Tenemos nuestro camino. Tenemos nuestro *tape*, como dirían los guaraníes. Teníamos nuestro *saravi*, como dirían los aymaras. Tenemos nuestro *Qhapaq Ñan*, y ese *Qhapaq Ñan* en los últimos años está resurgiendo. Los hermanos argentinos, los hermanos chilenos, los hermanos colombianos, los hermanos peruanos, los hermanos bolivianos, hemos llevado una propuesta a las Naciones Unidas, a la UNESCO, para que nuestro *Qhapaq Ñan* no solamente pueda ser de nosotros, sino ofrecer al mundo, decir al mundo que tenemos nuestro *Qhapaq Ñan*. El *Qhapaq Ñan* está anotado en la UNESCO como el “sistema vial andino”⁷. Pero también está anotado como el “camino noble de la integración”.

Nuestro mundo sabe que hay otro camino, que no es solamente el camino del desarrollo que nos han impuesto en 1949, donde nos han dicho que “todos los países ahora van a caminar por una misma senda”, con EEUU por adelante. ¿Y cómo se llama esa senda? “Desarrollo”, nos han impuesto. Y cuando se trata de reconstruir lo nuestro con pensamiento propio, estamos hablando de recuperar lo que tenemos, tenemos nuestro *Qhapaq Ñan*. *Qhapaq Ñan*, “el camino noble de la integración”, y cuando estamos hablando del *Qhapaq Ñan* estamos hablando de otro código que es el “*tupu*”. Claro, esto no nos van a enseñar en las universidades, no

⁷ Para consultar la inscripción en UNESCO puede visitarse <https://whc.unesco.org/en/list/1459>.

conocemos, posiblemente están escuchando por primera vez. No nos tenemos que preocupar. “*Tupu*”. *Tupu* también es “medida”. Y qué nos están diciendo, el código *tupu* también nos está diciendo “caminar con medida”, “caminar con respeto”. Caminar con respeto a la lluvia, caminar con respeto al aire, al viento, con respeto a nuestras montañas. Caminar con respeto a nuestros abuelos, a nuestros niños, a nuestros semejantes y diferentes. Caminar con respeto a la soberanía de nuestros pueblos, caminar con respeto al fuego. Eso nos está diciendo, estamos hablando de volver a nuestro camino, tenemos nuestro camino.

Y también estamos hablando de otro código que es el “*chikka*”. ¿*Chikka* qué es? Verdad. Estamos planteando volver al camino de la verdad. No sólo es tiempos de incertidumbre, de “caosmos”, sino que vivimos quinientos años de engaño, de mentira. Necesitamos despertar, y cuando estamos hablando de volver a nuestro camino, de construir lo nuestro, “nuestro mundo es posible”, estamos hablando de volver a ser *iyambae*. ¿Y qué significa *iyambae*? Es otro código. Que lo protegen nuestros hermanos guaraníes, pero es de todos, no tenemos fronteras. *Iyambae* significa “persona que no tiene dueño”. Volver a ser *iyambae*. Nadie en este mundo tiene que volver a sentirse dueño de nadie y de nada. Y cuando estamos hablando de reconstruir ese otro mundo nuevo, estamos hablando de que sabemos qué es lo que queremos. Ahí están los códigos. Estamos hablando de recuperar el código “*tumpa*”, ¿*tumpa* qué significa? Significa “control obligado que tiene que existir entre todos nosotros”. Y cuando estamos hablando del *tumpa*, de ese “control obligado”, no solamente estamos diciendo... Ya nos tenemos que preocupar de cómo estarán nuestros hermanos en Brasil, nuestros hermanos en Argentina, en Palestina. Que están siendo agredidos en estos días, pero pareciera que no nos importa. Los hermanos que están luchando en Colombia. *Tumpa*. Control obligado que tiene que existir entre todos nosotros. Pero también tenemos que preocuparnos por cómo estarán nuestros ríos, nuestras mariposas, nuestras abejas. O sea va más allá, por eso *jiwasa* es la muerte del egocentrismo, del antropocentrismo, del

eurocentrismo, y va más allá de cualquier etnocentrismo. Volver a ser *jiwasa*, volver a ser *iyambae*.

Y cuando estamos hablando de “volver a nuestro camino”, estamos hablando de volver a nuestro *ayllu*. Conocemos modelos de sociedad hasta ahora, pero el *ayllu* no es solamente un modelo de sociedad. El *ayllu* es un sistema de organización de vida. Tenemos, hasta eso tenemos, tenemos un sistema de organización de vida. Por eso decimos “jallalla, jallalla”. *Jallalla* es “por la vida”. *Ayllu*, “sistema de organización de vida”, por eso nosotros buscamos armonía con la naturaleza, por eso hablamos del *pachakuti*. *Pachakuti*, *pacha*, “garantizar equilibrios en todo tiempo y lugar”, *kuti*, “retorno”. Retorno a esos tiempos del equilibrio de la complementariedad, del consenso. Volver al camino de la verdad, volver al camino donde tenemos que aprender a caminar con medida, con respeto a la soberanía de los pueblos. Con respeto al viento, a la lluvia, con respeto al prójimo. Con respeto a nuestras autoridades. Hoy estamos, no solamente es crisis ambiental sino también es crisis de valores. Ahí están surgiendo estas crisis.

Vamos ahora a ver cuál es el rol, así podemos seguir hablando, porque son quinientos años que han sido tapados éstos, nuestros códigos. Recién están emergiendo. ¿Cuál es el rol de la sociedad en la construcción de la integración? La integración tiene que estar construida por nuestros pueblos y para nuestros pueblos. El poder de cambiar las cosas no está solamente en los presidentes, en los ministros, en los parlamentarios. El poder de cambiar las cosas está fundamentalmente en manos de nuestros pueblos. Ellos son los que tienen el poder de cambiar las cosas. Yo recuerdo una marcha del Movimiento Sin Tierra, de los años 90. Empezó en Sao Paulo, empezaron a caminar, a reclamar sus derechos. Empezó la marcha, no eran muchos, pero a medida que iba avanzando esa marcha iba creciendo, y los gobernantes estaban preocupados. Y les han dicho “bueno, qué quieren”, “hay que atenderlos, porque esta marcha está creciendo”. Y publican en los periódicos, los ministros, les dicen “la marcha quiere esto, los vamos a atender favorablemente”. Y cuál era la respuesta de los hermanos que estaban en la marcha del Movimiento Sin Tierra de Brasil.

Ellos han dicho, y se me ha quedado, ellos han dicho “quién ha dicho que nosotros estamos yendo a hablar con los ministros, nosotros no estamos yendo a hablar con los ministros, nosotros estamos yendo a hablar con el pueblo, porque es el pueblo quien tiene el poder de cambiar las cosas”. Está en las manos de nuestros pueblos, la integración tiene que ser con plena participación de nuestros pueblos, y tiene que ser para los pueblos. Necesitamos despertar, necesitamos escucharnos. No solamente los mineros y con los médicos se tienen que escuchar; sino los argentinos con los bolivianos, necesitamos escucharnos con los brasileños. Necesitamos escucharnos, y a todo nivel. Es bien importante empezar a tejer entre todos, porque solos no vamos a... no existimos solos ya. Por eso el camino es integración.

La hermana migrante⁸, preguntó sobre la movilidad, “qué piensan, cómo tiene que ser...”. La migración es un problema global. Los migrantes, son víctimas de la pobreza. Hay migrantes por la pobreza, hay migrantes de guerras, millones. Hay migrantes del cambio climático, mejor dicho -se nos ha quedado-, no es “cambio climático”, es la crisis climática. Y son millones, y tenemos que trabajarlo de manera global. En Bolivia se ha organizado un evento que nosotros llamamos “Ciudadanía universal”, donde llegaron muchos que trabajan estos temas. Y las conclusiones de ese evento en Bolivia han sido: ya no más muros mentales, ya no más muros físicos, ya no más muros legales.⁹ Y no sólo es una lucha de los que se llaman “migrantes”, porque ya cuando decimos “migrantes” ya los consideramos inferiores a los demás ciudadanos, ya no son iguales. ¿Por qué deben llamarse “migrantes”? Tenemos que discutir. Y es un problema, por eso *tumpa*. “Control obligado que tiene que existir entre todos nosotros”. Por que a veces pensamos que los problemas de los mineros son solamente de los mineros, porque ellos nomás hacen sus congresos, ellos nomás hacen

⁸ Se refiere a Lourdes Rivadeneyra, Coordinadora de la Red Nacional de Migrantes y Refugiados en Argentina, espacio co-organizador junto a la UNDAV del Conversatorio.

⁹ Conferencia Mundial de los Pueblos por un Mundo sin Muros hacia la Ciudadanía Universal, encuentro realizado el 20 y 21 Junio de 2017, en el municipio de Tiquipaya, Bolivia. Entre sus conclusiones se planteó: “Superar la perspectiva hegemónica de política migratoria que plantea una gestión de las migraciones de manera ‘regular, ordenada y segura’, por una visión humanista que permita ‘acoger, proteger, promover e integrar’ a las personas migrantes”. Fuente: <https://www.cancilleria.gob.bo/webmre/node/2081> (consultado el 6 de Abril de 2021).

sus bloqueos. Pensamos que el problema de los maestros es solamente el problema de los maestros. No. Y pensamos que los migrantes... ellos nomás se reúnen en sus congresos, en sus cumbres... No.

Tumpa, “control obligado que tiene que existir entre todos nosotros”. Y cuando estamos hablando de “nosotros” no solamente hablamos de los seres humanos. Hablamos de todo lo que existe, no solamente nosotros existimos. Eso que dijo la hermana productora de Rosario¹⁰, que cuida de las semillas. Ahí hay una amenaza. El capitalismo es una amenaza que nos deja todos los días ruinas y ruinas y ruinas. Al capitalismo no le importa la vida. Para el capitalismo lo más importante es la plata, es el capital. La vida no le interesa, no le importa, por eso nuestra lucha contra el capitalismo. La salud no le importa, para el capitalismo... todo es negocio para el capitalismo. Hoy día están haciendo grandes negociados con este problema de la pandemia. Es que al capitalismo no le interesa la vida. Lo más importante para el capitalismo es la obtención de la plusvalía, de la ganancia; lo más importante es el capital, en función a eso se mueve. Por otro lado, para el socialismo lo más importante es la satisfacción de las necesidades, cada vez más crecientes, del ser humano, tanto materiales como espirituales. Busca satisfacer las necesidades del ser humano. Está en función del ser humano, el centro es el ser humano. Estamos de acuerdo nosotros con la lucha del socialismo. Buscamos satisfacer las necesidades, tanto materiales como espirituales, del ser humano. Pero nuestra lucha va más allá, la lucha de las culturas milenarias no solamente es por el ser humano.

Lo más importante para el capitalismo es la plata, para el socialismo es el ser humano y para nosotros lo más importante es la vida. Por eso el *ayllu* es un sistema de organización de vida, no solamente de sociedad. Va más allá. Y en eso está relacionado con nuestra *whipala*. El *ayllu* está relacionado con nuestra *whipala*, por eso buscamos armonía con la

¹⁰ En relación a la intervención de Félix García Colombi, periodista de *FM Aire Libre*, radio comunitaria de la ciudad de Rosario, provincia de Santa Fe, que reprodujo el testimonio de Roberta Valencia, migrante boliviana, horticultora, sobre la importancia del cuidado de las semillas y el intento de apropiación por parte de las empresas multinacionales.

naturaleza. Por eso hablamos de la *pachamama*, para nosotros la *pachamama* piensa, la *pachamama* siente. No estamos hablando del planeta solamente cuando estamos hablando de la *pachamama*. Estamos hablando de la madre tierra. Y felizmente, el mundo nos ha entendido, nos ha escuchado. 22 de abril, “Día Internacional de la Madre Tierra”. Entonces ya dejó de ser “planeta”; ya estamos avanzando, estamos tomando consciencia, de que no sólo somos nosotros los que tenemos derechos. Estamos tomando consciencia de la lucha por la vida. Que va más allá de la lucha de los derechos humanos solamente. El día que Naciones Unidas declara “Día Internacional de la Madre Tierra”, la Tierra dejó de ser objeto. Pasó a ser sujeto, sujeto de derecho, por eso estamos hablando de los derechos de la Madre Tierra. Y ese mismo día Naciones Unidas aprueba una resolución que le da un mandato al Secretario General de las Naciones Unidas. Y el Secretario General de las Naciones Unidas, ahora por resolución de las Naciones Unidas, tiene que elevar un informe anual en la Asamblea Ordinaria de las Naciones Unidas. Un informe sobre los avances de los derechos de la Madre Tierra. No solamente nosotros tenemos derechos.

Tenemos que unirnos, tenemos que integrarnos, por eso “con todos”. Ya no hay que hablar solamente de los derechos, del derecho que tenemos nosotros al agua, como derecho humano. Tenemos que seguir avanzando, el derecho humano va a venir de la naturaleza. Porque no solamente nosotros nos alimentamos con el agua, que es la leche de la Madre Tierra. El ser humano se alimenta con la leche de la Madre Tierra que es el agua. Los animales se alimentan con la leche de la Madre Tierra que es el agua. Las plantas se alimentan con la leche de la Madre Tierra que es el agua. Somos hermanos, somos criados por la Madre Tierra, por eso buscamos armonía con la naturaleza. Necesitamos cuidar nuestras semillas, nosotros mismos somos semillas. Somos semillas, somos agua, somos fuego, somos tierra, somos montaña que camina, somos brisa. Somos naturaleza. Es que el ser humano integral dejó de ser ese ser humano integral. Cuando estamos hablando de “volver al camino”, estamos hablando de todo eso.

Un hermano¹¹ preguntaba sobre la “post-pandemia” o “transpandemia”. Algunos dicen “plandemia”. Estamos analizando, hay varias versiones sobre esta crisis sanitaria. Ya sabremos la verdad y si los líderes estaban a la altura. Posiblemente a muchos de los líderes, alejados de sus pueblos, no les interesa la salud de sus pueblos. Por eso no hay que dejar de decir, los protagonistas, los que tienen que dejar los cambios necesarios, de que “este mundo ya no va más”. Los sujetos del cambio son los que sabemos cuáles son nuestras necesidades. Los que sabemos qué es acostarse con hambre. Muchas personas no saben qué es acostarse, no solamente un día, sino mañana, pasado... Acostarnos con hambre. Posiblemente muchos de estos líderes no saben qué es acostarse con hambre. Necesitamos otros líderes, tenemos que repensar nuestro mundo. Hay varias propuestas, ahora hay una propuesta de que si tiene que haber algo así como un bono universal para todos. La riqueza está concentrada en muy pocas manos. Estos líderes no están tomando responsablemente medidas frente a la crisis climática, y no están tomando medidas responsables contra todas las crisis. No las están tomando. Pero también es una oportunidad de la emergencia de nuevos líderes. Y sobre todo de los jóvenes, quienes tienen que asumir hoy día, no mañana. Porque no son el futuro. Claro, a los jóvenes les hemos hecho creer también, les hemos dicho “ustedes son el futuro”, y nos han creído. Han dicho “sí, nosotros somos el futuro...”. Y cuando mañana se dan cuenta, ya no son jóvenes. Es hoy, donde tienen que asumir su responsabilidad los jóvenes. Hay crisis de liderazgo, no solamente en nuestra región, en el mundo. En nuestras comunidades, en nuestras ciudades. Hay crisis de liderazgo, necesitamos trabajar nuevos liderazgos. Con pensamiento descolonizado, que sienta el orgullo de su identidad. Que sientan orgullo de ellos, que sepan que tienen raíces. Que sepan que tenemos filosofía.

Cuando nosotros nos hemos ido a las Naciones Unidas, hemos planteado, hemos dicho “nuestros pueblos tienen ciencia, no sólo son los saberes ancestrales”. No, es ciencia. En la plataforma intergubernamental

¹¹ Se refiere a Lucas Molinari, periodista del medio popular *FM Radiográfica*.

de diversidad biológica¹² logramos generar un espacio que se llama “diálogo intercientífico”. Tenemos ciencia. Y tenemos que ir nosotros a esos lugares, no conocemos... No solamente ir a las universidades. Está bien ir a las universidades. Pero hasta las universidades tienen que convertirse. Ahora bien, las universidades nos han encerrado, nos han enclaustrado en la “uni-versidad”. ¿Por qué no podemos tener después de la pandemia, “pluriversidades” o “multiversidades”? ¿Por qué no? Pero también tenemos que valorar éstos, nuestros lugares, los lugares energéticos donde nosotros nos juntábamos y nos cargábamos de energía. Y tenemos varios lugares, centros energéticos, en el planeta. Pero no nos van a mostrar, porque no les conviene que despertemos nosotros nuestra “*k’awana*”. Es otro código que ha existido, *k’awana*, ¿qué es? “Mirar más allá de lo que nuestros ojos ven”. Estamos durmiendo. Y cuando estamos hablando de la “diplomacia de los pueblos” estamos hablando de difundir, de hablar todo esto, con el pueblo.

La diplomacia antes era “manejo de unos cuantos”. Hasta se llaman “cuerpo diplomático”, así se llaman. Porque son un cuerpo, se defienden, se conocen todos. Están en Argentina, están en Paraguay. Es un cuerpo, “cuerpo diplomático” dicen. Como si nuestro pueblos no supieran de diálogo, como si no les interesara la construcción de puentes, de alianzas. Pero en función de los intereses de nuestro pueblos, de las mayorías. Entonces nosotros hemos decidido que los embajadores no solamente tienen que estar en estos lugares exclusivos y excluyentes. Siempre tienen cenas... las damas diplomáticas, los diplomáticos, el cuerpo diplomático. No, nosotros hemos dicho “no, nuestros embajadores tienen que hablar con el pueblo, con las organizaciones”. “Diplomacia de los pueblos”, ser parte nosotros de la construcción de la integración, de la construcción de alianzas, de la construcción de puentes. De tejer juntos cómo queremos vivir.

Hay muchos, muchas organizaciones, muchas personas, que son conservadores, pero tampoco tienen la culpa. Ellos son víctimas de un modelo de educación, de un sistema. Nosotros somos resultado, pues, de

¹² Plataforma Intergubernamental sobre Biodiversidad y Servicios de Ecosistemas, IPBES, <https://ipbes.net/es>

las universidades. Muchos de nosotros no hablamos aymara, es más, sentíamos vergüenza de nuestro aymara. Porque nos han hecho sentir vergüenza de lo que somos. La constitución política del estado hasta el 2009 no tomaba en cuenta a nuestros idiomas, porque el objetivo era silenciar a nuestros pueblos. Somos mayoría nosotros, los pueblos indígenas en Bolivia, y lo que querían era silenciarnos. Por eso no estaba reconocido nuestro idioma, no estábamos reconocidos en nuestra constitución política del estado. No existíamos, ¿por qué?, porque el objetivo era silenciarnos. Pero para las mismas Naciones Unidas, no existíamos. Recién en el año 2019 las Naciones Unidas declaran el “Año internacional de las lenguas milenarias, de las lenguas originarias, de las lenguas ancestrales...”¹³ ¿Por qué recién? Claro, ya no pueden ocultar. Pero nos han dicho que los derechos humanos son universales. ¿Cómo ese derecho va a ser universal si pisotea tu lengua? Pero estamos avanzando, nuestros pueblos están despertando, y un día nosotros mismos nos vamos a gobernar. Y no solamente nos van a escuchar sino que nos van a respetar.

Y para eso tenemos que unirnos, ningún país está en capacidad, ahora, de sentarse de igual a igual con la Unión Europea, por ejemplo, de nuestra región. O con la China, o con EEUU, o con la India. Pues, tenemos que pensar en nuestros pueblos. Y el cambio no es de la noche a la mañana. No tenemos que desesperarnos. Y nuestra lucha no es solamente de los que buscamos, de estos nuevos líderes... la lucha de los nuevos líderes, o de la “*panaka pachakuti*”: los que quieren volver al camino de la unidad, de la esperanza, de la felicidad, de la paz. Sentirnos bien, estar tranquilos. La lucha de esos hermanos, decimos nosotros, de la *panaka pachakuti*, hermanos del cambio. Decimos nosotros “la lucha de nosotros no solamente es por nosotros”. Es por nosotros pero no “contra ellos”, también “por ellos”. Buscamos hermandad, no somos de la cultura del enfrentamiento. No somos de la cultura de la guerra, no somos de la cultura de la dominación, no somos de la cultura del sometimiento. El *vivir bien* busca la hermandad, y el *vivir bien* lucha contra todo tipo de

¹³ Disponible en: <https://es.unesco.org/news/presentacion-del-ano-internacional-lenguas-indigenas-2019>.

sometimiento, venga de donde venga.

Hermanos, como estamos hablando castellano vamos a agradecer, pero en nuestros idiomas no existe la palabra gracias. Es responsabilidad de la Universidad Nacional de Avellaneda organizar este tipo de encuentros. Es responsabilidad del hermano diputado del Uruguay participar, aportar a ver cómo podemos construir integración. Es responsabilidad de cada uno de nosotros preocuparnos, ver cómo construimos la integración, la unidad, cómo salimos. Cómo enfrentamos juntos estos problemas globales, que nos ha generado este modelo de desarrollo capitalista occidental. Es responsabilidad mía estar aquí compartiendo, con todas las limitaciones. Es nuestra responsabilidad, y no estamos cumpliendo nuestras responsabilidades. No estamos asumiendo, como deberíamos asumir, nuestra responsabilidad. Será por eso que tampoco en portugués no hay la palabra “gracias”. Porque “obrigado” significa “obligado”. Es una “obligación” de la universidad, es obligación de nosotros. Es obligación de las hermanas que están aquí, de poder estar, de construir esperanzas. De soñar, juntos, compartir nuestros sueños individuales de manera colectiva. El *vivir bien* te dice: “seguir soñando”. Recuperar esa capacidad cuando estamos despiertos y cuando estamos durmiendo. Individualmente y colectivamente. Perder el miedo, perder el miedo a la claridad y a la oscuridad. Tenemos miedo a la oscuridad, pero también tenemos miedo a la claridad, tenemos miedo a ser transparentes. Hermanos y hermanas, no nos emocionaremos, un *jallalla*. Un *jallalla* para todas, para todos. Un *jallalla* para los que han organizado este Conversatorio¹⁴.

Recebido em: 16/11/2021
Aprovado em: 30/06/2022
Publicado em: 03/07/2022

¹⁴ El video completo del Primer Conversatorio del Curso de Posgrado y Extensión Universitaria Migración, Territorio y Derechos Humanos en tiempos de incertidumbre: una mirada desde los sistemas complejos-*Integración Latinoamericana en tiempos de crisis. Debates y desafíos desde el Buen vivir* puede verse en el Canal de YouTube oficial de la UNDAV: <https://www.youtube.com/watch?v=igEVETB2YT0&t=6412s>.



LA MEMORIA UTÓPICA DEL INCA GARCILASO

A MEMÓRIA UTÓPICA DO INCA GARCILASO

THE UTOPIAN MEMORY OF INCA GARCILASO

Edwin Cruz Rodríguez¹ 

Universidad Nacional de Colombia, Colombia

Resumen: “*La memoria utópica del Inca Garcilaso. Comunalismo andino y buen gobierno*” es un libro del filósofo colombo-francés Alfredo Gómez-Muller, publicado en Buenos Aires (Argentina) por la editorial Tinta Limón y LOM ediciones, dentro de su colección *Nociones comunes*, en 2021. La obra estudia la memoria utópica del Inca Garcilaso de la Vega expresada en los *Comentarios Reales* (1609) y sus resonancias en el pensamiento de los siglos posteriores en América y Europa. Esta reseña reconstruye los principales argumentos y aportes del trabajo.

Palabras clave: Inca Garcilaso de la Vega; Memoria utópica; Comunalismo andino; Buen gobierno; Modernidad.

Resumo: “*La memoria utópica del Inca Garcilaso. Comunalismo andino y buen gobierno*” é um livro do filósofo colombiano-francês Alfredo Gómez-Muller, publicado em Buenos Aires (Argentina) pela editora Tinta Limón e LOM ediciones, como parte da sua coleção *Nociones comunes*, em 2021. O trabalho estuda a memória utópica do Inca Garcilaso de la Vega expressa nos *Comentarios Reales* (1609) e as suas ressonâncias no pensamento dos séculos seguintes na América e na Europa. Esta revisão reconstitui os principais argumentos e contribuições do trabalho

Palavras Chave: Inca Garcilaso de la Vega; Memória utópica; Comunalismo andino; Bom governo; Modernidade.

Abstract: “*La memoria utópica del Inca Garcilaso. Comunalismo andino y buen gobierno*” is a book by the Colombian-French philosopher Alfredo Gómez-Muller. The work was published in Buenos Aires (Argentina) by the publishing house Tinta Limón and LOM ediciones, within its collection *Nociones comunes* in 2021. The book studies the utopian memory of Inca

¹ Doctor en Estudios políticos y relaciones internacionales de la Universidad Nacional de Colombia. Correo electrónico: ecruzz@unal.edu.co

Garcilaso de la Vega expressed in the *Comentarios Reales* (1609) and its resonances in the thought of subsequent centuries in America and Europe. This review reconstructs the main arguments and contributions of the work.

Key Words: Inca Garcilaso de la Vega; Utopian memory; Andean Communalism; Good governance; Modernity.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.193365](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.193365)

Recebido em: 12/11/2021
Aprovado em: 02/07/2022
Publicado em: 03/07/2022

El libro “*La memoria utópica del Inca Garcilaso. Comunalismo andino y buen gobierno*” del filósofo colombo-francés Alfredo Gómez-Muller (Buenos Aires, Tinta Limón-LOM, 2021, 409 p.) es una cuidadosa reconstrucción de la “memoria utópica” del Inca Garcilaso de la Vega, planteada en su obra *Comentarios Reales* (1609), y un análisis de su impacto en el pensamiento social y político posterior. La memoria utópica es un relato crítico del orden social vigente, reivindicado por los actores sociales que en un determinado momento aspiran a reemplazarlo, vinculando el pasado con el presente. En la obra del Inca Garcilaso la memoria utópica corresponde a la descripción del “buen gobierno” incaico, especialmente de sus mecanismos redistributivos capaces de inhibir la pobreza. Su fundamento es una ética social que reconoce el deber de atender la vulnerabilidad inherente a la vida humana, según la cual todos los miembros de la sociedad deben disponer de lo necesario para vivir humanamente, una concepción de la justicia más avanzada de la que en aquel momento dominaba en Europa.

Gómez-Muller, filósofo, latinoamericanista y actualmente profesor en la Universidad François Rabelais de Tours (Francia), demuestra que la obra del Inca Garcilaso jugó un rol fundamental en el pensamiento utópico. Entre los siglos XVI y XIX, los reformadores europeos² se interesaron por los

² En la categoría de reformadores sociales Gómez Muller incluye autores críticos del naciente capitalismo en Europa, fundadores de tradiciones de pensamiento como el socialismo utópico y el comunismo, entre los siglos XVII y XIX, algunos de los cuales se mencionan más adelante en esta reseña.

Comentarios para resolver los problemas sociales y la extrema pobreza producto del naciente capitalismo. Así mismo, la comparación entre el pasado del buen gobierno inca, garante de mínimos para la existencia humana, y el presente de violencia, explotación y expropiación, desestabilizó el relato legitimador del orden colonial según el cual la “conquista” había traído a América las luces y el progreso. Los *Comentarios* fueron leídos por el insurrecto Túpac Amaru II, a consecuencia de lo cual en 1782 el rey de España, Carlos III, prohibió la circulación de la obra en el territorio imperial y ordenó incautar todos sus ejemplares³.

El trabajo de Gómez-Muller se estructura en seis partes y trece capítulos. La primera parte estudia la auto-identificación del Inca Garcilaso como indio. La historiografía sobre los *Comentarios*, construida por los cultores del imaginario de nación mestiza⁴, concibe al Inca Garcilaso como mestizo, ignorando su propia identificación. Por el contrario, el nombrarse indio es un acto político, de agenciamiento de la identidad personal y crítica al orden colonial. El Inca Garcilaso era hijo de Chimpu Ocllo, sobrina del Inca Huayna Cápac y prima de Huáscar y Atahualpa, y del capitán español Garcilaso de la Vega. Pero era un hijo “natural”, no de derecho, pues su padre no quiso contraer matrimonio con una mujer india, prefiriendo una criolla. Chimpu Ocllo abandona el hogar, mientras el niño, llamado Gómez Suárez de Figueroa, vive en el hogar de su padre.

Poco a poco el Inca Garcilaso toma conciencia de que su nombre no corresponde a su identidad: es discriminado por ser hijo de una mujer india. Descubre así la humillación de su madre, la negación del mundo y la cultura incas. El escritor cuzqueño conservó su nombre de pila por más de 20 años, pero experimentó cierta crisis cuando sus labores de soldado no fueron reconocidas en España, por su condición de hijo “natural” de una mujer india, y emprendió su conversión en estudiante. El acto de

³ José Gabriel Condorcanqui Noguera (Surinama Cana 1782-Cuzco 1781), conocido como Túpac Amaru II, lideró entre 1780 y 1781 la principal rebelión anticolonial del siglo XVIII en el Virreinato del Perú, siendo finalmente capturado y ejecutado.

⁴ Se trata, fundamentalmente, de las élites, políticas, económicas y culturales que, imbuidos por las teorías europeas racistas y racialistas, vieron el mestizaje como un primer paso hacia el “blanqueamiento” y la “civilización” de las poblaciones indígenas. Ver: Larson (2002).

nombrarse está vinculado a su decisión de escribir otra historia, distinta al relato oficial de la “conquista” y de resistir la dominación colonial, para mostrar las grandes realizaciones de los incas previas a la invasión española. Su nombre definitivo, Inca Garcilaso de la Vega, reconoce su filiación india y española sin llegar a identificarse como mestizo.

La segunda parte examina la actitud del Inca Garcilaso frente a la “conquista”. Parte de la historiografía sostiene que sus *Comentarios* justifican la invasión colonial como designio divino: el cuzqueño escribe en castellano, menospreciando el quechua, y dedica sus obras a personajes poderosos del gobierno español. Sin embargo, entre líneas sus relatos historiales tienen una carga crítica: los *Comentarios* tienen como eje una división entre el antes y el después de la “conquista”, momentos a los que corresponden valoraciones éticas disímiles. La inca es descrita como una sociedad próspera y justa, con un gobierno preocupado por satisfacer las necesidades básicas de la población. En cambio, la “conquista” es presentada como el comienzo de un período de violencia e injusticia. Además, el Inca Garcilaso expresa indirectamente su pensamiento, el gobierno colonial como retroceso respecto a los principios del gobierno inca porque privilegia el interés privado sobre el bien común, valiéndose de personajes como Manco Cápac o Blas Valera⁵.

En el mismo sentido, el escritor cuzqueño cree que al momento de la “conquista” los indios no se encontraban en las tinieblas, pues el incario previamente había establecido una edad de luz. Así, incurre en una mirada etnocéntrica de las culturas preincaicas y contemporáneas a los incas, a las que desconoce todo aporte civilizatorio. Pero no concibe una ruptura entre el cristianismo y la religión solar de los incas, ambas son cultos de luz. Por eso identifica el Dios cristiano con Pachacámac, Sol de justicia, como expresiones de un “Dios no conocido”. El rastro conocido de Dios es el bien y la justicia. Por eso, la verdad de la tradición mítico-simbólica se define por

⁵ Gómez-Muller se refiere a las valoraciones críticas del gobierno colonial que el Inca Garcilaso pone en boca de Manco Cápac, considerado como fundador y primer gobernador de la sociedad Inca, en Cuzco, alrededor del siglo XII. Así mismo, resalta los razonamientos críticos del cronista español Blas Valera Pérez (1545-1597), retomados por el Inca en sus *Comentarios*.

su despliegue como justicia, no por el decir sino por el hacer. De ahí otra crítica al orden colonial: la inconsistencia entre el decir del mensaje cristiano y el hacer violento e injusto del gobierno español. De hecho, la ruptura del orden cultural incaico es contraria a los designios de Dios.

La tercera parte se concentra en el análisis del “buen gobierno” incaico. Según Gómez-Muller, la filosofía moral del Inca Garcilaso se erige sobre el saber representado por el mensaje y la obra de Manco Cápac, una ética basada en la reciprocidad y la redistribución. En el incario la tierra se concibe como un bien común y como parte de la república. Es distribuida de forma tripartita, al Inca, a los vasallos y para cubrir las necesidades del culto. Esta distribución impone un límite a la explotación definido por el deber común de asegurar a todos los miembros de la sociedad lo necesario para llevar una vida humana. Por tal razón, el Estado inca mantiene depósitos de alimento y vestido para distribuir entre los miembros de la sociedad que no pueden trabajar.

Este relato del Inca Garcilaso es utópico e idealiza el gobierno incaico para oponer con mayor eficacia sus principios éticos con la ruptura violenta de la “conquista”. Así arriba a una concepción estatista de las prácticas e instituciones de reciprocidad y redistribución incaicas, que desconoce el legado de las culturas preincaicas y de la comuna o *ayllu*. Gómez-Muller coteja el relato del cuzqueño con estudios históricos y antropológicos que desde finales del siglo XIX resaltan la centralidad de la comuna y el legado ético-político preincaico. La parte de la tierra correspondiente a los vasallos era periódicamente distribuida por el *ayllu*, para evitar la miseria, el hambre y la muerte. La tierra se medía en una unidad denominada *tupu*, que no designaba una extensión fija sino la necesaria para satisfacer las necesidades básicas de cada familia.

La cuarta parte estudia el impacto de los *Comentarios* en el siglo XVIII. En América, los principios de buen gobierno reconstruidos por el escritor cuzqueño sintonizaron con los anhelos de cambio de la población indígena, iniciando lo que el historiador peruano Alberto Flores Galindo (1949-1990) denominó “utopía andina” (FLORES GALINDO, 1986). Así mismo,

en la segunda mitad del siglo XVIII los *Comentarios* son usados por los criollos para fundamentar su patriotismo americanista y anticolonial. Por su parte, para los reformadores europeos la pregunta por el buen gobierno era fundamental ante una realidad de pobreza, hambre y violencia propia de la naciente modernidad capitalista. En la obra del Inca Garcilaso, los principios de “buen gobierno” y los mecanismos redistributivos de la sociedad inca, encuentran un modelo realizable de modernidad alternativa. Mediante contraste, comprenden que la pobreza en Europa no es resultado de catástrofes naturales causantes de malas cosechas, sino de un sistema socioeconómico basado en la apropiación acumulativa de bienes comunes como la tierra y un gobierno al servicio del interés privado. Por consiguiente, el relato del Inca Garcilaso se convierte en referencia no solo de la “utopía andina” sino de la utopía en general.

La quinta parte analiza el impacto de los *Comentarios* en la emergencia de las corrientes socialistas y anarquistas. El referente de buen gobierno incaico es usado por diversos autores en su crítica de la emergente modernidad capitalista. El concepto de “comunismo” estará ligado al sistema incaico de propiedad comunal y justicia redistributiva. La comunidad de bienes es reivindicada en el *Manifiesto de los Iguales* (1797). Muy probablemente su autor, Sylvian Maréchal, conocía la obra del Inca Garcilaso. Entre 1880 y 1930 surgen posiciones antagónicas sobre el comunismo inca, informadas en parte por la obra del Inca Garcilaso. De un lado, Raynal (1780), Genty (1788) y Scherr (1784), en defensa del capitalismo y la propiedad privada individual, conciben el comunismo incaico como un antimodelo para el presente. De otro lado, Morelly (1753), Carli (1822) y Cabet (1842) ven en el comunismo incaico un ejemplo fundamental para la construcción de una sociedad igualitaria, revalorizando lo arcaico contra la ideología eurocéntrica del progreso.

La discusión sobre el comunismo incaico motiva una crítica poscolonial del anarquismo en el Perú, apoyada en los relatos del Inca Garcilaso, en el periódico *La Protesta*, desde 1911. Así mismo, los *Comentarios* son fundamentales en la gestación del primer indigenismo.

Para el pensador anarquista peruano Manuel González Prada (1844-1918), la sociedad inca construyó una civilización que fue destruida por la “conquista”. Los criterios determinantes de la civilización no son la ciencia y el arte sino la moral y la justicia. Por lo tanto, una sociedad basada en la lucha de todos contra todos es bárbara (GONZÁLEZ PRADA, 1976). En la misma senda, el pensador socialista peruano José Carlos Mariátegui (1894-1930) descoloniza el marxismo. En su perspectiva, el comunismo incaico está basado en el *ayllu*, que antecede al Estado inca. Sus formas organizativas subsisten en el presente y sirven al indio de defensa frente a la sociedad individualista impuesta por la república. Por consiguiente, el comunismo incaico es esencial para el proyecto de un Perú socialista. Mariátegui rompe así con el colonialismo y el evolucionismo del marxismo. El comunismo primitivo no es una “etapa” a superar, sino la posibilidad de una alternativa en el presente. El sujeto revolucionario puede articularse por lo indígena, no necesariamente por un proletariado aún incipiente (MARIÁTEGUI, 1977).

Finalmente, la sexta parte examina las resonancias de la obra del Inca Garcilaso en el escritor peruano José María Arguedas (1911-1969). Los dos asumen la diversidad de orígenes que constituyen sus subjetividades sin identificarse como mestizos. Arguedas, hijo de mestizos, se identifica como “individuo quechua moderno”. En ambos casos se trata de un gesto personal contra la injusticia experimentada y percibida, en Arguedas como “hijo adoptivo” de la comunidad de Uteck en Lucanas. Pero es principalmente un gesto político, que subvierte el orden colonial de las identidades. La autoidentificación evidencia que la identidad es una construcción, no una esencia basada en la “raza”. En los dos casos la indianización se articula al proyecto de escritura, como contribución a la memoria en función del presente. Arguedas ve en los valores de reciprocidad y cooperación de la comunidad que lo acoge en su infancia y primera adolescencia la posibilidad real de una modernidad alternativa al modelo capitalista y colonialista hegemónico (ARGUEDAS, 1981).

A este respecto, Gómez-Muller realiza una esclarecedora lectura del relato de Arguedas “*El Zorro de arriba y el Zorro de abajo*” (ARGUEDAS, 1971), mostrando la actualización del horizonte mítico y mágico inserto en una memoria utópica de largo aliento. Arguedas encuentra la figura andina de los zorros dialogantes en un manuscrito quechua de finales del siglo XVI, traducido y publicado por él mismo como “*Dioses y hombres de Huarochiri*” (1966). Huarochirí es el dios pobre que subvierte la opresión humana. Los zorros, por su parte, poseen un saber de lo invisible y transmiten la memoria de este dios. Arguedas retoma la figura de los zorros en una crítica a la modernización capitalista de la industria pesquera en Chimbote, ciudad peruana ubicada en la costa pacífica, donde la vida (humana y no humana) se pone al servicio de la acumulación, dejando miseria y muerte. Los personajes que encarnan los zorros son portadores de una memoria utópica que hace visible la injusticia y la sinrazón ocultadas por la ideología del progreso capitalista.

El libro de Gómez-Muller constituye un aporte muy original a los estudios sobre la obra del Inca Garcilaso, el fenómeno colonial y la modernidad en América Latina. Rebate lugares comunes, como el supuesto carácter “mestizo” o la justificación de la conquista por parte del Inca Garcilaso, y despliega un esfuerzo por comprender la “memoria utópica” inserta en los *Comentarios*, deslindando lo imaginario de lo históricamente verificable. Por esa razón, Gómez-Muller crítica la concepción estatista del buen gobierno incaico plasmada por el cuzqueño, que desdeña el papel del *ayllu* en la construcción de los principios y mecanismos redistributivos, y su etnocentrismo, que omite los aportes civilizatorios de las culturas preincaicas.

Gómez-Muller desarrolla una hermenéutica rica en matices sobre el papel fundamental de las memorias utópicas americanas en la configuración del modelo de modernidad hegemónico y en sus alternativas utópicas, captando diversidad de expresiones tanto del fenómeno colonial como de lo moderno. Su análisis de la autoidentificación del Inca Garcilaso como “indio”, reconociendo al mismo tiempo sus

orígenes españoles, cuestiona las concepciones de la “colonialidad” que reproducen visiones esencialistas de la identidad, mostrando que el hecho colonial y las resistencias que suscita comprometen un rango más amplio de relaciones de poder y dominación que el ordenamiento racial. Una lectura racialista del Inca Garcilaso acepta que su memoria utópica es “mestiza”, como si las determinaciones estructurales del orden colonial fuesen absolutas, perdiendo de vista el devenir sujeto o agente del cuzqueño y las contradicciones que enfrenta en su resistencia a la dominación colonial. La resistencia no radica en que el Inca Garcilaso “sea” indio, sino en su hacerse indio. Lo definitivo es su identificación con el oprimido, pues identificarse como mestizo significaría reproducir el orden colonial.

Igualmente, el estudio de la recepción del Inca Garcilaso y de los principios de buen gobierno inca por el pensamiento utópico cuestiona los enfoques que suponen un vínculo necesario entre modernidad, universalidad y “colonialidad”. Esta perspectiva lleva implícito un rechazo de lo moderno y de lo universal, como la “otra cara” de lo colonial. En contraste, Gómez-Muller demuestra la existencia proyectos ético-políticos modernos y universalistas que, sin embargo, no fueron coloniales sino descolonizadores. En consecuencia, no todo lo moderno y lo universal soporta lo colonial. Existe un universalismo concreto en los principios andinos del buen gobierno, contrario al universalismo abstracto que justificó la “conquista” y la colonización. De hecho, el principio universalista de la ética social andina, “de cada quien según su capacidad, a cada quien según su necesidad”, mantiene su potencialidad emancipatoria en el presente.

Referencias

- ARGUEDAS, José María. **El zorro de arriba y el zorro de abajo**. Buenos Aires: Losada, 1971.
- ARGUEDAS, José María. **Formación de una cultura nacional indoamericana**. México: Siglo XXI. 1981.

CABET, Étienne. **Voyage en Icarie: roman philosophie et social**. Paris: J. Mallet, 1842.

CARLI, Gian Rinaldo. **Cartas americanas dirigidas por El Conde Gian-Rinaldo Carli a su sobrino el Marqués de Pietra-Pelosa, desde el año de 1777 al de 1779**. México: Imprenta de D. Mariano de Zúñiga y Ontiveros, calle del Espíritu Santo, 1822.

FLORES GALINDO, Alberto. **Buscando un inca. Identidad y utopía en los Andes**. La Habana: Casa de las Américas, 1986.

GENTY (L`Abbé). **L'influence de la découverte de l'Amérique sur le bonheur du genre humain**. Paris: Chez Nyon l'aîné & fils, 1788.

GÓMEZ-MULLER, Alfredo. **La memoria utópica del Inca Garcilaso - Comunalismo andino y buen gobierno**. 1a. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2021.

GONZÁLEZ PRADA, Manuel. **Páginas libres. Horas de lucha**. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1976.

LARSON, Brooke. **Indígenas, élites y Estado en la formación de las repúblicas andinas**. Lima: IEP, 2002.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Lima: Amauta, 1977.

MORELLY, Étienne Gabriel. **Naufrage des îles flottantes ou Basiliade du célèbre Pilpai: poëme héroïque traduit de l'indien**. París: Société des librairies-Messine, 1753.

RAYNAL, Guillaume Tomás. **Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes**. Ginebra: Chez Jean-Léonard Pellet, 1780.

SCHERR, Johannes. **Der letzte Sonnensohn. Die Geschichte hinter der Eroberung des Inkareiches**, 1784. Disponible en: https://de.wikisource.org/wiki/Der_letzte_Sonnensohn. Consultado en 1 jun. 2022.



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES